

**Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Ciências Sociais
Programa de Pós-Graduação em Sociologia-PPGS**

Vívian Silva

Guerra e Vida Errada:

Reflexões sobre representações (sociais) da
violência urbana, a partir dos relatos de jovens em
Santo Amaro.

Recife, 2014.

Vívian Silva

Guerra e Vida errada:

Reflexões sobre representações (sociais) da
violência urbana, a partir dos relatos de jovens em
Santo Amaro.

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Ratton

Tese apresentada à banca como requisito
complementar para a obtenção do grau de
Doutora em Sociologia, do Programa de
Pós Graduação em Sociologia da
Universidade Federal de Pernambuco.

Recife, 2014.

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

S586g Silva, Vívian.
Guerra e vida errada : reflexões sobre representações (sociais) da violência urbana, a partir dos relatos de jovens em Santo Amaro / Vívian Silva. – Recife: O autor, 2014.
234 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Ratton.
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós Graduação em Sociologia, 2014.
Inclui referências.

1. Sociologia. 2. Juventude. 3. Violência urbana – Santo Amaro (Recife, PE). 4. Representações sociais. 5. Subjetividade. 6. Medo. I. Ratton, José Luiz (Orientador). II. Título.

301 CDD (22.ed.)
UFPE (CFCH2014-25)

ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE TESE DE VIVIAN SILVA, DO CURSO DE DOUTORADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO.

Aos vinte e sete dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e quatorze, reuniram-se na Sala de Seminários do 12º andar do prédio do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, os membros da Comissão designada para a **Defesa de Tese de VIVIAN SILVA**, intitulada **GUERRA E VIDA ERRADA: Reflexões sobre representações (Sociais) da violência urbana, a partir dos relatos de jovens em Santo Amaro**. A Comissão foi composta pelos Professores: **Prof. Dr. José Luiz de Amorim Ratton Junior (Presidente/Orientador)**; **Profª. Drª. Michele Vieira Fernandez de Oliveira - Titular Externa (PPGCP/UFPE)**; **Prof. Dr. Herbert Toledo Martins – Titular Externo (UFRB)**; **Prof. Dr. Artur Fragoso de Albuquerque Perrusi – Titular Interno**; **Prof. Dr. Josimar Jorge Ventura de Moraes – Titular Interno**. Dando início aos trabalhos, o **Prof. Dr. José Luiz Ratton** explicou aos presentes o objetivo da reunião, dando-lhes ciência da regulamentação pertinente. Em seguida, passou a palavra à autora da Tese, para que apresentasse o seu trabalho. Após essa apresentação, cada membro da Comissão fez sua arguição, seguindo-se a defesa da candidata. Ao final da defesa, a Comissão Examinadora retirou-se para, em secreto, deliberar sobre o trabalho apresentado. Ao retornar, o **Prof. José Luiz Ratton**, presidente da mesa e orientador da candidata, solicitou que fosse feita a leitura da presente Ata, com a decisão da Comissão **aprovando a Tese por unanimidade, com indicação para publicação**. E, nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente Ata, que vai assinada por mim, secretário do Programa, pelos membros da Comissão Examinadora e pela candidata. Recife, 27 de fevereiro de 2014.

Vinícius Douglas da Silva Nascimento – Secretário

Prof. Dr. José Luiz de Amorim Ratton Junior

Profª. Drª. Michele Vieira Fernandez de Oliveira

Prof. Dr. Herbert Toledo Martins

Prof. Dr. Artur Fragoso de Albuquerque Perrusi

Prof. Dr. Josimar Jorge Ventura de Moraes

Vivian Silva

AGRADECIMENTOS...

Primeiramente, ao orientador desta tese, José Luiz Ratton, pela dedicação na orientação deste trabalho, sobretudo em momentos de desânimo, sempre tinha uma palavra de estímulo a ser dada, que tanto me ajudou neste difícil tempo da tese. Sem ele, estas linhas não estariam sendo lidas agora. Mais uma vez, agradeço muito especialmente, ao Ratton por “suportar” meus momentos de grande instabilidade e “turbulências” vivenciados ao longo do caminho.

A CAPES, que financiou esta pesquisa por quatro anos possibilitando sua realização.

Ao programa de Pós Graduação em Sociologia da UFPE e, a todos os professores e professoras integrados a ele. Especialmente, a professora Silke Weber, que esteve presente em momentos decisivos durante minha trajetória acadêmica no PPGS/UFPE, na ocasião das bancas de seleção e de qualificação do projeto de tese, sempre contribuindo com arguições pertinentes e importantíssimas que colaboraram com a realização e finalização deste trabalho. Agradeço também aos professores Alexandre Freitas, do Programa de Pós Graduação em Educação da UFPE e Russell Parry Scott, do Programa de Pós Graduação em Antropologia da UFPE que fizeram contribuições extremamente pertinentes a este estudo na defesa do projeto de tese. E, ainda agradeço aos professores, Jorge Ventura, Michelle Fernandez, Herbert Toledo Martins, Arthur Perrusi por gentilmente aceitarem compor a banca de defesa desta tese.

A Vinicius Douglas da Silva Nascimento, que sempre me auxiliou, com astúcia e atenção, na parte burocrática do curso de Doutorado. - Valeu, *Seu Vinícius!*

A toda equipe do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Criminalidade, Violência e Políticas de Segurança / NEPS. Desde o ano de 2008, a convivência neste espaço de efervescência intelectual proporcionou a aquisição de contribuições empíricas e teóricas que foram fundamentais para a elaboração, a construção e a finalização deste trabalho.

Aos colegas da minha turma do Doutorado, em especial a parceria de Joanna Lessa, Vamberto Spinelli, Klenio Veiga e a convivência animada com Daniela Martins que estiveram presentes em momentos de superação de etapas obrigatórias dentro do curso, nos momentos de lazer e das longas conversas informais em *mesas quadradas* nos bares da vida. E, aos colegas do PPGS/UFPE Ana Paula Portella, Marcela Vergara e Márcio

Abreu, com quem troquei algumas “figurinhas” sobre o tema da violência e do crime e que foram companheiros de inquietações e alegrias que fazem parte do processo da tentativa de escrever uma tese.

Ao Dr. Gilson Antunes, que há uma década tem sido companheiro em minhas trajetórias de vida e acadêmica, por suas contribuições valiosíssimas a esta tese e pelo apoio dado durante este (tortuoso) período. Sem palavras!

As (aos) amigos (as) Sorelli, Lourdinha, Priscilla e Ed pela paciência em ouvir, extra muro acadêmico, meus *aperreios*, que não foram poucos, durante o período da realização desta tese.

A minha mãe, que apesar dos 3.736 quilômetros de distância que nos separam geograficamente, está presente nesta jornada.

E finalmente, a todos (as) entrevistados (as), que permitiram que eu compartilhasse um pouquinho de parte de suas rotinas cotidianas nas ruas e esquinas do bairro de Santo Amaro e conhecesse um pouco sobre o que pensam sobre violência. Sem eles, esse trabalho não seria possível. A todos e todas, um salve!

RESUMO

O presente estudo foi realizado em territórios do bairro de Santo Amaro, situado na zona central da cidade do Recife. O trabalho de campo foi composto pelo material etnográfico que se refere aos diários de campo- produzidos a partir da *observação direta* e entrevistas *semiestruturadas*. Os sujeitos de pesquisa foram jovens na faixa etária dos 17 aos 33 anos. Esta tese buscou descrever e compreender a percepção sobre violência urbana construída por jovens *nascidos e criados* na unidade empírica pesquisada, considerada imaginariamente como *lócus* de comércio de drogas, homicídios, rixas, criminalidade, guerras entre gangues e, conseqüentemente um ambiente que pode gerar medo e insegurança. Com a intenção de acessar as percepções de jovens sobre violência urbana foi utilizada a noção de representações (sociais) para compreender este fenômeno em seu aspecto subjetivo. Sobretudo, quando a alteridade desses atores sociais é desconsiderada, esquecida e negada (PORTO: 2008). Optou-se pela utilização das representações (sociais) voltada aos estudos da violência urbana com destaque para a noção de *sociabilidade violenta* (MACHADO DA SILVA: 2011). Esta pesquisa tem como pano de fundo a atribuição de significados que os jovens imprimem às categorias nativas *guerra* e *vida errada*, entendidas como tipos de trajetórias juvenis (ZALUAR: 1999), subjacentes às suas identidades. Em Santo Amaro, os sujeitos sociais transitam frente às diferentes manifestações de violência (de natureza objetiva e/ ou subjetiva) constroem seus cursos de ação na vida cotidiana. Esta dimensão é tributária da preocupação de MOSCOVICI (1970) com a dinâmica das *representações (sociais)* entendidas como um conjunto de crenças partilhadas definida em um contexto situacional.

Palavras-chave: representações, *jovens da periferia*, violência urbana, subjetividade e medo.

ABSTRACT

The present study was carried out in the territory of Santo Amaro neighborhood, located in the central city of Recife. The field work was composed by ethnographic material that refers to everyday field-produced from direct observation and semi-structured interviews. The study subjects were young people aged 17 to 33 years. This thesis aims to describe and understand the perception on violence built by young people born and raised in the empirical unity researched, imaginatively considered as a locus of drug dealing, murder, strife, crime, gang warfare, and consequently an environment that can generate fear and insecurity. With the intention of accessing the perceptions of youth about urban violence the notion of representations (social) to understand this phenomenon in its subjective aspect was used. Especially when the otherness of these social actors is ignored, forgotten and denied (PORTO: 2008). We opted for the use of representations (social) turned to studies of urban violence with emphasis on the notion of violent sociability (MACHADO DA SILVA: 2011). This research has as a backdrop the attribution of meanings that young native categories to print war and wrong life, understood as types of juvenile trajectories (ZALUAR: 1999), underlying their identities. In Santo Amaro, social subjects pass against various manifestations of violence (objective and / or subjective in nature) build their courses of action in everyday life. This dimension is the concern of tax MOSCOVICI (1970) with dynamic representations of (social) understood as a shared set of beliefs defined on a situational context.

Key-words: representations, youths from the periphery, urban violence, subjectivity and fear.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 (1) TERRITÓRIO JOÃO DE BARROS.....	25
FIGURA02 (2) SOBRE O UNIVERSO PESQUISADO: PERFIL SOCIAL DESCRITIVO DOS (AS) ENTREVISTADOS (AS).....	68
FIGURA 03(2) TERRITÓRIO DE SANTO AMARO.....	85
FIGURA 04 (2) CENTRO DA JUVENTUDE	87
FIGURA 05 (2) MOCAMBO.....	102
FIGURA 06 (3) MAPA OS BAIRROS DO RECIFE.....	103
FIGURA 07 (3) RPA´s.....	105
FIGURA 08 (3) DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS PRINCIPAIS CRIMES CONTRA A PESSOA E CRIMES PATRIMONIAIS, DE ACORDO COM AS RPA´s DO RECIFE ENTRE OS ANOS DE 2004 E 2009.....	106
FIGURA 09 (3) DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS CRIMES CONTRA A PESSOA E CRIMES PATRIMONIAIS, CONSIDERANDO AS VÍTIMAS JOVENS, DE ACORDO COM AS RPA´s, ENTRE OS ANOS DE 2004 E 2009.....	107
FIGURA 10(3) MAPA DOS TERRITÓRIOS.....	110
FIGURA 11 (3) DISTRIBUIÇÃO DOS ATOS CRIMINAIS PRATICADOS EM RECIFE ENTRE 2004 E 2009 (em %)......	116
FIGURA 12 (3) DISTRIBUIÇÃO DAS ATIVIDADES CRIMINAIS PRATICADAS EM SANTO AMARO, POR SEXO (em %)......	117
FIGURA 13 (3) DISTRIBUIÇÃO DAS ATIVIDADES CRIMINAIS REGISTRADAS EM SANTO AMARO, ENTRE 2004 E 2010 (em %)......	117
FIGURA 14 (3) – HOMICÍDIOS EM SANTO AMARO.....	118
FIGURA15 (3) MOTIVAÇÕES DE HOMICÍDIO.....	119
FIGURA16 (3) TERRITÓRIO CAMPO DO ONZE.....	120

FIGURA17 (3) UPE.....	122
FIGURA18 (3) VIADUTO QUE SEPARA OS TERRITÓRIOS JOÃO DE BARRROS E SANTO AMARO.....	123
FIGURA19 (4) PERFIL DESCRITIVO PRODUTIVO DOS (AS) JOVENS ENTREVISTADOS (AS).....	159

LISTA DE SIGLAS

SV= Sociabilidade violenta

IBGE= Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INFOPOL=Sistema de Informações policiais

TRS= Teoria das representações sociais

RPA= Regiões político-administrativas do Recife

PPV= Pacto pela Vida

SECMULHER= Secretaria das Mulheres

SDS= Secretaria de Defesa Social

UPE= Universidade Estadual de Pernambuco

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
-----------------	----

CAPÍTULO I

REPRESENTAÇÕES (SOCIAIS), VIOLÊNCIA URBANA E SOCIABILIDADE VIOLENTA: CONSTRUINDO O MAPA TEÓRICO DA PESQUISA.....	19
--	----

1.1. TRS e o conceito de representações na literatura sociológica.....	31
1.2. As representações (sociais) são construídas em um vazio sociológico?.....	38
1.3. As interações sociais na vida cotidiana e o mundo intersubjetivo como base organizacional para a compreensão das representações (sociais).....	40
1.4. Estabelecidos / <i>Outsiders</i> como instrumento analítico possível á produção da reflexão sociológica acerca das representações (sociais).....	48
1.5. Como a teoria das representações (sociais) trata os estudos da violência urbana?.....	54

CAPÍTULO II

JUVENTUDE: BREVE BALANÇO DA LITERATURA SOCIOLÓGICA.....	65
---	----

2.1 <i>Juventude</i> como espelho de problemas sociais e como problema sociológico....	71
2.2 De que forma a juventude foi abordada na literatura sociológica.....	75
2.3 Sobre <i>jovens e periferia</i>	82
2.4 Um olhar sociológico acerca da <i>juventude</i> e violência.....	88

CAPÍTULO III

SANTO AMARO COMO UM CASO PARTICULAR PARA PENSAR A NOÇÃO DE SOCIABILIDADE VIOLENTA: CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS	
--	--

3.1 Estudo de caso etnográfico na Sociologia: desvendando representações (sociais).....	96
---	----

3.2	Algumas considerações históricas e geográficas de Santo Amaro.....	101
3.3	Experiência prévia de pesquisa em territórios de Santo Amaro.....	111
3.4	A escolha da unidade empírica da pesquisa.....	113
3.5	As representações (sociais) dos jovens.....	125
3.6	A técnica de observação direta.....	127
3.7	As entrevistas semiestruturadas e as abordagens aos entrevistados.....	131
3.8.	Os roteiros de pesquisa buscavam entender o quê?.....	132
3.9	Dificuldades encontradas.....	135
3.9.1	Categorias de análise.....	140

CAPÍTULO IV

	AS REPRESENTAÇÕES (SOCIAIS) DOS JOVENS ACERCA DOS ESPAÇOS DE SOCIALIZAÇÃO E SUAS TRAJETÓRIAS	146
4.1	Aspectos produtivos: escolaridade e educação	159
4.2	Sobre os territórios do bairro de Santo Amaro.....	167
4.3 .	Os laços de amizade construídos entre os territórios.....	172

CAPÍTULO V

	AS CATEGORIAS NATIVAS <i>VIDA ERRADA E GUERRA</i>: DIMENSÕES QUALITATIVAS DAS REPRESENTAÇÕES (SOCIAIS) DOS JOVENS SOBRE VIOLÊNCIA URBANA.....	182
5.1	O medo como um dos reguladores das relações sociais dos jovens da periferia.....	185
5.2	<i>Guerra</i>	188
5.2.1	Portadores da SV.....	189
5.3	A categoria nativa <i>vida errada</i>	194
5.4	N., uma trajetória na <i>vida errada</i>	196
5.5	O revés de uma trajetória	200
5.6	A emergência da violência via <i>da guerra e vida errada</i>	202
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	206

INTRODUÇÃO

Segundo dados do Censo de 2010, a população jovem do país situada na faixa dos 15 aos 24 anos é composta de 34.236.064 indivíduos, correspondendo a 17,95% da população total do país. Na região Nordeste, o percentual de jovens corresponde a 19,19%, do total, em Pernambuco é de 18,54% de jovens em relação à população total pernambucana. Em 2000, o percentual de jovens em Recife era de 20,1%, e em 2010 esses jovens representavam o percentual de 17,26% sobre o total da população recifense. A Secretaria Nacional da Juventude (SNJ) situa a juventude brasileira na faixa entre 15 aos 29 anos, totalizando 51.340.478 indivíduos, que corresponde a 26,91% da população total do país. Na região Nordeste, o percentual de jovens corresponde a 28,2% do total da população desta região; em Pernambuco, este percentual é de 27,40%, representando 27 jovens para cada 100 pernambucanos (as). Em 2000, o percentual de jovens em Recife era de 28,9%¹ em relação à população total da cidade, e em 2010 é de 26,4% de jovens, ou seja, praticamente 26 jovens para cada 100 habitantes no município. A partir de uma breve leitura dos dados descritos, que se referem às dimensões objetivas deste grupo social, percebe-se que houve redução no percentual de jovens em Recife de 2,75% em relação à população desta faixa etária na capital pernambucana.

Muitos estudos sociológicos vêm constatando que os jovens estão assumindo novos protagonismos no mundo contemporâneo, seja na condição de protagonistas ou vítimas da violência urbana. Observa-se ainda que a violência em suas dimensões objetivas e simbólicas incorporou-se à vida dos jovens das grandes cidades brasileiras. O fenômeno do crime e da violência é um problema social que provoca nas pessoas sentimentos de medo, de preocupação, de desconfiança e, assim todos parecem ter algo a dizer acerca desta temática; inclusive, os jovens sujeitos sociais desta pesquisa. O crime e a violência podem assumir significados distintos conforme o grupo social analisado. Dai emerge uma pluralidade de representações (sociais) acerca deste problema social dependendo de quais atores sociais nos referirmos.

No entanto, é justamente essa fluidez de sentidos que torna a violência um objeto social privilegiado a ser estudado através das teorias sociológicas que dirigem as suas atenções

¹ Dados do Censo de 2000 e 2010. Fonte: IBGE.

às representações (sociais). A partir da busca da compreensão das subjetividades, autores como PORTO (2008) e MACHADO DA SILVA (2011) identificam uma relação complexa entre a violência e as experiências prévias, as percepções e as interpretações que os atores sociais elaboram sobre este fenômeno social.

Em linhas gerais, são atribuídos a alguns grupos sociais como os policiais, os acadêmicos, os legisladores (dentre outros) a supremacia e a legitimidade nos discursos sobre o fenômeno da violência e do crime, e a outros grupos se impõe silenciamento. Em outras palavras, o imaginário social valoriza determinadas representações (sociais) sobre violência urbana tanto no âmbito acadêmico quanto do *senso comum*. Em geral minimizam-se as falas dos jovens *das periferias* acerca da temática da violência. Nos últimos dez anos, sobretudo nas periferias, surgiram um conjunto de estudos que dirigiu sua atenção aos relatos, às falas e aos discursos juvenis sobre violência. Cabe salientar, que de acordo com FELTRAN e NEIVA (2013) falar em periferia implica em direcionarmos nossa atenção sociológica para um cenário de deslocamentos, nos quais os jovens encontram-se no centro destas transformações. Para estes autores, ainda na década de setenta, a vida nas favelas e bairros populares brasileiros pautava-se em torno do mundo do trabalho caracterizado pela exigência de pouca especialização. No ano de 2000 esta demanda torna-se um desígnio por maior especialização. Se há algumas décadas, as famílias abandonavam os “rincões do Brasil” em busca de novas oportunidades nas cidades grandes, atualmente boa parte dos moradores pertence a uma geração de “*nascidos e criados*” nas periferias; inclusive quase todos os entrevistados deste estudo identificaram-se com esta proposição. Ou seja, neste estudo a noção de *periferia* está associada à polissemia desta palavra, aos conflitos e ao uso da força como constituintes das relações sociais estabelecidas e pouco estudadas no Recife. É justamente tendo como unidade empírica esse contexto situacional esta tese emergiu tendo como objeto de estudo *os jovens da periferia e a violência urbana*.

Importante destacar que tal panorama expresso através da noção de *periferia*, não incide somente sobre a vida cotidiana de parcela dos jovens moradores. O problema social do emprego/ desemprego/ inserção no mercado de trabalho também incide sobre a vida dos moradores de bairros populares independentemente da faixa etária que pertençam. Entretanto, admite-se que os jovens experimentam mais fortemente as consequências deste cenário, pois a eles se sobrepõe os conflitos característicos desta época da vida: conflitos que dizem respeito à construção de sua própria identidade. No

caso do fenômeno da violência, o processo é bastante semelhante, pois em espaços urbanos pobres os atores sociais mais jovens são os mais atingidos na condição de vítimas e/ou de autores que convivem com diversos eventos de práticas violentas. Assim, justifica-se a busca desta pesquisa em se somar a um conjunto de estudos sociológicos brasileiros, inaugurado por ZALUAR (1980), que vêm buscando valorizar e compreender as falas, as narrativas e os discursos sobre violência urbana dos sujeitos sociais nas periferias brasileiras.

A presente tese se enquadra neste heterogêneo e instigante campo de estudos. Todavia, percebe-se que boa parte da produção acadêmica está voltada para os grandes centros do país como São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Brasília, independente da área de investigação, são estas cidades que quase sempre são alvo das investigações de cientistas sociais. Assim, constrói-se uma explicação sociológica de natureza generalizante e homogeneizada acerca da violência enquanto objeto social. Em Recife, pouquíssimos trabalhos se preocuparam com as visões de mundo, percepções dos jovens da periferia pernambucana sobre a condição juvenil (FRANCH: 2008, LONGHI: 2008) e sobre a violência urbana.

Neste contexto, meu campo de pesquisa foi realizado em territórios do bairro de Santo Amaro, um espaço na zona central do Recife que há décadas é marcado, tanto no imaginário popular quanto através de um conjunto de indicadores sociais negativos, como uma localidade considerada socialmente violenta. Desta forma, definiu-se o objetivo geral desta tese em: analisar e compreender como os jovens moradores de um bairro popular, socialmente conhecido como violento, constroem suas representações (sociais) acerca do fenômeno da violência. Em consequência disso, emergiram os objetivos específicos: a) investigar e analisar as representações (sociais) que os jovens constroem a partir de relatos acerca dos espaços de socialização; a escola, as amizades, a situação ocupacional, a família e o bairro de moradia; b) analisar como a violência emerge nas falas dos jovens entrevistados; c) analisar e interpretar algumas categorias nativas e as práticas sociais que procuraram retratar.

Para atingir os objetivos propostos, foi adotada a perspectiva qualitativa de coleta e análise de dados. O trabalho de campo foi composto pelo material etnográfico que se

refere aos diários de campo, produzidos a partir da *observação direta*² e *entrevistas semiestruturadas*. A análise teórica sobre os dados empíricos foi sustentada tendo como referência trabalhos etnográficos realizados por FOOTE WHYTE (2005); ELIAS (2009); MACHADO DA SILVA (2011) ZALUAR (1999); MOSCOVICI (1960); PORTO (2010).

Esta pesquisa considera a categoria violência depositária de uma indefinição teórica que parece estar longe de ser sanada. No entanto, é necessário partir de alguma definição teórica (mesmo que provisória) desta categoria. Logo, admiti como uma delimitação possível de violência à classificação proposta por PORTO (2010): é verossímil falarmos em violência sempre que a alteridade for desconsiderada, “esquecida”, “desconhecida”, “negada” ou sempre que o outro for desconsiderado como sujeito e, em função disso, *tratado como objeto, inviabilizando, em última instância a interação social*.

Finalmente, esta tese é composta por quatro capítulos. O primeiro capítulo refere-se à construção do mapa teórico da pesquisa alicerçado na noção de representação social, através do viés sociológico, com destaque para a origem do conceito, suas relações com a subjetividade e as interações sociais. Ainda nesse capítulo se discute a teoria das representações (sociais) abordando-se estudos da violência urbana com destaque para a noção de SV³ (MACHADO DA SILVA: 2011). Discorre-se também sobre a polissemia da categoria violência e as fronteiras vazadas que se erguem entre as noções de crime e da violência.

O segundo capítulo deteve-se em apresentar o tema da juventude, abordando-o como reflexo de problemas sociais e como objeto de investigação sociológica. Dentre a diversidade de olhares sociológicos possíveis para a *juventude* optei pela utilização da categoria *jovens da periferia* (NOVAES: 2003) e a sua delimitação com enfoque de contextos de violência urbana.

² A observação direta (Zaluar:2009) consiste na participação em eventos sociais na comunidade, sem aceitar convites que impliquem em poder de decisão do (a) pesquisador(a). Implica também em movimentos de entrada e saída do bairro ao invés de constituir moradia no local.

³ Sociabilidade Violenta= SV.

O terceiro capítulo é o mais extenso da tese. Nele são apresentadas as considerações empíricas sobre os territórios do bairro de Santo Amaro como um caso *bom para pensar a SV* buscando descrever um pouco da história e particularidades da localidade pesquisada. Através de experiências prévias nos territórios investigados dissertei sobre a minha subjetividade e detive-me nos métodos e técnicas qualitativas utilizadas neste estudo; bem como, destaquei as dificuldades encontradas durante o período que estive no campo de pesquisa.

O quarto capítulo foi uma tentativa de compreender os jovens pesquisados a partir de caracterizações que expõem suas representações (sociais) acerca da família, da escola, do lazer, da ocupação e do bairro que eles são moradores em que pode emergir contextos de SV.

O quinto e último capítulo é uma exercício analítico das categorias nativas- *guerra e vida errada* - e das práticas sociais que elas procuraram retratar. Finalmente, algumas considerações adicionais sobre as representações (sociais) *guerra e vida errada* foram realizadas para contrastar duas trajetórias de vida: uma que busca superar a representação de *vida errada* de um jovem; a outra que procura situar contextualmente, e comparativamente, como se dá a manutenção da *vida errada* na construção da trajetória de vida de outro entrevistado. Seguem algumas considerações finais e os possíveis desdobramentos desta pesquisa a futuras investigações sociológicas.

CAPÍTULO I

**REPRESENTAÇÕES (SOCIAIS), VIOLÊNCIA URBANA E SV:
CONSTRUINDO O MAPA TEÓRICO DA PESQUISA.**

Ele era meu primo pro que der e vier
Está em nossos corações
Todo mundo bota fé
Mas sempre vou lembrar do tempo que “passamo” junto
Do que aconteceu, não acredito
Eu “tô” confuso
E, nós jogava bola junto com a rapaziada
O moleque solteiro, ele não era de nada.
Aonde ele chegava queria paz e união
Em vários cantos ele ia e não arrumava confusão
Era respeitado e tu mesmo tá ligado
Tocava num gato preto e era bem respeitado
Saudade do meu primo que andava lado a lado
Se foi mais um guerreiro
Mas sempre será lembrado
Eu peço a meu Deus que me guia pelo mundo
Sou o Boggi MC e relatei um fato triste
Solteiro está com Jesus
Esta com Jesuuuuus
Ele era meu primo pro que der e vier

Está em nossos corações e todo bota fé
Mas que fato triste que aconteceu
Quando rolo logo o boato que meu primo morreu
Não deu pra acreditar
Pessoas não acreditava
O moloque solteiro
Deixou lembrança na quebrada
No dia do enterro foi muita agitação
Muito choro e tristeza e dor no coração
Sua mãe dia e noite começa a chorar
Porque seu filho se foi pra nunca mais voltar
Pra mim ele não morreu (B, 19, M, Santa Teresinha).

Inaugura-se esta tese com uma estrofe de uma música *rap* composta por um dos meus entrevistados de dezenove anos, morador do território da *Ilha de Santa Teresinha* do bairro de Santo Amaro. Ele cantou esses versos durante a realização de sua entrevista. A canção é um relato e um lamento a morte de um primo que faleceu aos dezoito anos de idade em uma madrugada qualquer voltando de um baile brega. Ou seja, se refere às práticas sociais desenvolvidas na *periferia* que podem ceifar a vida de jovens envolvidos (ou não) com a violência urbana. Neste sentido, a violência emerge na letra da música como um problema social que atinge a sociedade contemporânea. Sociologicamente falando esta rima representa uma linguagem da violência urbana, que não é única, mas é uma representação social possível de um contexto situacional complexo que se configura em repertórios de ação na vida cotidiana do ponto de vista dos moradores mais jovens de Santo Amaro e, é a partir daí que a violência urbana pode tornar-se um problema sociológico.

Logo, esse estudo particular, diz respeito a uma tentativa de reflexão acerca dos processos de construção de *representações (sociais)* sobre a violência urbana, a partir das falas de jovens pertencentes ao universo das camadas de baixa renda na capital pernambucana. Suas *representações (sociais) da violência urbana* possibilitarão uma aproximação com um mosaico de significados (SILVA: 2009, p.123) que pode se tornar orientador de condutas na vida cotidiana. Com isto, buscarei a partir dos sistemas de

classificação e percepção da realidade, construídos por esses jovens atores sociais acessar os sentidos e os significados acerca da violência urbana em contextos sociais que apresenta semelhanças com a SV (MACHADO DA SILVA: 2010, p.13) na cidade do Recife. Portanto, nesta tese, *violência urbana não é necessariamente sinônima de crime comum* (MACHADO DA SILVA: 2010, p. 13) ⁴.

A afirmação supracitada proferida por MACHADO DA SILVA (2010) levanta um ponto importante que permanece cercado de indefinições na explicação sociológica: as possibilidades do estabelecimento de fronteiras entre as noções de crime e de violência. A seguir, as palavras de SOARES (2011) ilustram a condição de identidade multifacetada que cerca o fenômeno da violência.

A impressão que a gente tem, circulando pela cidade- praticamente qualquer cidade-, é que o tema predileto de quase todo mundo é a violência. Essa palavra meio maldita corre de lá para cá e ocupa lugar de destaque nas preocupações de adultos, dos idosos e, cada vez mais dos jovens. Pudera: a grande maioria dos que morrem vítima de violência tem entre 15 e 24 anos, ou 15 e 29 anos-dependendo da forma de fazer as contas. São, em geral, pobres, do sexo masculino, moram nos bairros menos valorizados e, frequentemente, são negros (...). Apesar de tamanha importância na vida e nas preocupações de tanta gente, e apesar de ser pronunciada em tom firme pelos que as empregam, será que sabemos do que estamos falando, ou melhor, será que falamos todos a mesma “coisa” – quando usamos a palavra “violência” (SOARES: 2011, p.20)?

Isto significa que nem todos estão falando sobre coisas semelhantes quando se referem à categoria violência. No entanto, neste estudo é preciso buscar algum recorte possível entre as fronteiras (ainda que vazadas) entre o crime e a violência para delimitar o uso destas noções. Creio que problematizar as possíveis fronteiras entre as noções de crime e violência tornará mais claro ao leitor os significados aqui atribuídos à noção de violência. Ou seja, quais são os pontos de partida defendidos nesta tese para refletir sobre este fenômeno. Para isso se retoma alguns usos da categoria crime e da violência na Sociologia.

⁴ A noção de *contiguidade territorial* formulada por Machado da Silva (2008) refere-se experiências vivenciadas em um contexto de SV em espaços de favelas. A SV se constituiria em dois elementos fundamentais; por um lado, a *violência criminal* traria como consequência à sociabilidade dos moradores de favelas a desestabilização de sociabilidades, dificuldade de interações sociais que afetaria a confiança interpessoal entre os indivíduos; por outro lado, o *medo e a desconfiança* expressados pelas camadas mais abastadas da população fariam com que os moradores (especialmente os mais jovens) tenham que se mostrar como “do bem” no contexto do que o autor chama de *limpeza simbólica*.

A tradição sociológica desde a Teoria Funcional- Estruturalista, de DURKHEIM e MERTON até as Teorias Críticas, de FOUCAULT, construíram diferentes interpretações sobre a emergência do comportamento criminoso. No entanto, esse debate teórico fornece pistas de que estamos falando de processos pouco similares quando nos referimos ao crime e a violência. Das leituras procedidas, a emergência do comportamento criminoso já foi entendida como resultado da competição individual em sociedades industriais; como algo aceitável em certas circunstâncias; como resultado de uma fraca socialização familiar; como falha nas agências do controle social que geram a emergência de carreiras criminosas dentre outras explicações recorrentes na Sociologia. Em comum, essas distintas perspectivas teóricas atribuíam um peso maior as dinâmicas dos meios de controle social diante da transgressão as normas socialmente estabelecidas na sociedade do que as modalidades que se referem à organização das experiências de sociabilidade dos atores sociais. Embora o significado da noção de crime seja passível de atribuições de significados distintas dependendo do tipo de sociedade enfatizada, quase sempre decorre de definições legais. ADORNO (1999) descreve a *criminalidade urbana violenta* em nossa sociedade: as ocorrências de crimes contra o patrimônio (roubos e latrocínios); contra a vida (homicídios dolosos); contra a saúde pública (tráfico e uso de drogas); contra os costumes (estupros), além das contravenções penais (porte ilegal de armas). Incluem-se nesta categoria tanto as tentativas quanto os atos consumados.

Por conseguinte, o caráter normativo vinculou-se rapidamente a noção de crime na Sociologia norte americana. A saber, os estudos de KATZ e JACKSON JACOBS (2001) comprovam através de investigações sobre as gangues juvenis a ênfase da dimensão normativa e explicativa do crime. Ademais, os autores afirmam que os criminologistas que abordam o crime produziram um padrão em relação origem dos dados sobre crimes e criminosos repletos de lacunas, já que a princípio a ideia de que gangues causam crime parece óbvia. No entanto, na perspectiva fenomenológica de KATZ (2001) esta proposição torna-se altamente suspeita. Isto porque, em geral o sistema de justiça criminal disponibiliza dados sobre uma variedade de crimes como um subproduto de sua rotina diária. Embora esses dados sejam importantes para a explicação do crime, terminam auxiliando de maneira limitada a explicação sociológica das gangues juvenis. Logo, com raras exceções, a utilização de categorias legislativas que definem crimes associados às detenções somadas ao tratamento das ocorrências

policiais, descreveria mais sobre as ações infratoras às leis do que as dinâmicas de sociabilidade que estão para além destas classificações. Para a teoria da Anomia, também integrante da Perspectiva da Estrutura Social, destacam-se DURKHEIM e MERTON (Dias e Andrade: 1997) como ícones da Sociologia do Crime que se afastam do caráter jurídico de compreensão do crime através do compromisso empírico e sociológico. De acordo com o sociólogo francês, a gênese do desvio está associada a um estado de inexistência ou desorganização das regras sociais (anomia), quando o Estado e as instituições de controle tradicionais (família, escola, religião) mostram-se incapazes de impor um poder moral ordenador e delimitador do nível de bem-estar que cada classe social pode ambicionar (DURKHEIM: 1995; 2000). Logo, é possível dizer que o caráter normativo do crime preponderante na explicação sociológica (do final do século XIX e início do século XX) está relacionado ao argumento teórico do desenvolvimento do *status* de frustração, especialmente no segmento juvenil menos favorecido frente à ênfase no papel do sucesso atribuído pela sociedade americana.

Dessa forma, é possível afirmar que a noção de crime é proveniente de definições legais e isso tem implicações em diferentes campos do conhecimento. Neste caso, o exemplo supracitado da categoria explicativa *ganges juvenis* torna-se pertinente para ilustrar algumas consequências limitadoras da ênfase exacerbada da dimensão criminal que deixa escapar um arranjo de linguagens em que ordenam as posturas individuais, físicas, mentais e as disposições subjetivas (SOARES: 2009) dos atores sociais.

Refletir acerca do crime exclusivamente em sua dimensão de infração das leis ou rompimento das normas inviabiliza a reflexão acerca das sociedades que não possuem um código escrito que defina os atos socialmente considerados criminosos. Só para ilustrar, no antigo Egito inexistia um código de leis escritas sobre crime, e assim prevaleceria a ausência do cometimento de crime. Certamente que não! A existência de crime está presente mesmo em sociedades que não possuem uma legislação específica. Conforme mostra o argumento durkheimiano inexistia *sociedade sem crime*.

No entanto, é importante ressaltar que a noção de crime se aproxima das dinâmicas nitidamente reguladas pelas instâncias do sistema de justiça penal ou dos seus significados tradicionalmente jurídicos. Portanto, pensar o crime remete as dimensões do Estado e suas diferentes instâncias em que os sujeitos encontram-se enredados nas

malhas das instituições governamentais, prisionais ou de ressocialização já que em algum momento de suas trajetórias houve um rompimento com as normas sociais. Entretanto, nem todos os indivíduos que estabelecem rupturas com as leis são capturados pelo sistema de justiça criminal. Isso significa que existe uma lacuna no sentido de captar as percepções, as representações (sociais) de jovens que se encontram fora dos muros institucionais, mas sofrem as consequências das ações do sistema de justiça criminal como se tivessem cometido algum ato passível de sanção penal. Em outras palavras, muitos estudos sociológicos enfatizam a noção de crime privilegiando um conjunto de implicações presentes no plano macrossocial que pode favorecer o cometimento de crimes ou o comportamento criminoso. É importante esclarecer que o ponto de partida desta tese não é o cometimento de crime e, sim captar outras dimensões simbólicas e sociais. Conforme SOARES (2011) é preciso compreender os sistemas de interação que os indivíduos (particularmente os jovens) estão colocados em um plano micro social.

No entanto, a sociedade é signatária da perpetuação de uma ideia-chave que parece aproximar o campo acadêmico e o denominado senso comum: a violência é uma prática essencialmente destrutiva (DIÓGENES: 2008, p. 76). Assim qualquer tentativa de definição deve considerar o caráter multifacetado que a violência pode assumir. DUBET (2006), estudioso das gangues francesas, listou a existência de inúmeros tipos específicos de violência. Ela pode ser *individual, coletiva, organizada, imprevisível, instrumental, “irracional” ou ritualizada*.

Neste sentido, a violência emerge como uma forma de conhecimento compartilhada pelos atores sociais, inclusive como uma representação social. Indubitavelmente, ao sublinhar as possíveis fronteiras entre as noções de crime e de violência não pretendo reduzir estas categorias analíticas a uma simples associação do plano macro com a dimensão legal e do plano micro social com os sistemas de interação social. Mas, assinalar um desafio que está posto a Sociologia delimitar conceitualmente a categoria violência.

Concordando com PORTO (2010), é possível acrescentar que a violência e o crime não são estéreis e se constituem através de dimensões objetivas e subjetivas. As dinâmicas objetivas podem ser identificadas como um complexo de práticas no qual a força é um

dos elementos fundamentais que pode ser representado em ações criminosas como homicídios, conflitos e disputas de grupos de jovens por territórios. No plano subjetivo, a maneira como os atores sociais representam a violência e o crime é transversalizada por elementos como a mídia, a comunicação entre os vizinhos dentre outros. Falar da violência em seu aspecto subjetivo, sobretudo, quando a alteridade for desconsiderada, “esquecida” e “negada” implica considerar efetivamente a dimensão do contexto situacional. Logo, admite-se a existência de múltiplos significados da violência a depender de quem a nomeia. Em virtude disso, o ponto de partida deste estudo considera que a noção de violência é multifacetada e é percebida de maneiras distintas de acordo com o ponto de vista dos grupos sociais abordados.



FIGURA 01 Território Ilha João de Barros- Bairro de Santo Amaro

São justamente essas dimensões simbólicas acerca do fenômeno da violência urbana que ainda carecem de investigações sociológicas, especialmente em localidades consideradas pelo imaginário social e midiático como um *lócus* privilegiado de práticas como comércio de drogas, marginalidade, assaltos, guerras entre gangues, homicídios (mesmo que os indicadores revelem queda nos números destes eventos) e, conseqüentemente em sua dimensão subjetiva geraria medo e insegurança para a cidade (MACHADO DA SILVA: 2011).

Reinserir a outrora recorrente questão das crenças e dos valores nos dispositivos disponíveis à explicação sociológica, por meio da Teoria das Representações sociais, significa, igualmente, reinserir a discussão acerca do papel do lugar da subjetividade na teoria, em sua relação como também recorrente requisito da objetividade, como condição para a produção de conhecimento válido e relevante para a compreensão sociológica PORTO, 2010, p. 63-64.

A preocupação teórica manifestada na citação de PORTO (2010), em relação à posição que crenças, valores e as ideias devem ocupar na explicação sociológica, norteou as distintas concepções sobre *representações* entre os clássicos da Sociologia, focados especialmente nas categorias *trabalho* e relações de produção como base para análise da realidade social. Assim, a literatura sociológica clássica revelou através de distintas conceituações, que ora enfatizavam aspectos estruturais, ora dimensões simbólicas e a intersecção entre estes, as primeiras reflexões sobre representações (sociais) dos fatos e ações sociais.

Em Santo Amaro, a emergência de algumas representações (sociais) da violência pode ser observada em diversos eventos institucionais. A seguir, através do diário de campo identifiquei algumas representações (sociais) recorrentes que permeiam o imaginário social de jovens e moradores do bairro tido como *violento* reveladas em uma reunião rotineira realizada entre moradores e integrantes do governo do Estado de Pernambuco. As primeiras falas proferidas pelos moradores nesse evento fizeram referência a episódios de práticas de violência ocorridos de forma inusitada nas ruas do bairro. Primeiramente, um representante da igreja católica manifestou-se. O padre iniciou sua fala se referindo a *gangues de crianças*. Outro morador que se manifestou foi uma liderança do território da *Ilha do Joaneiro*. Este sujeito chamava atenção para a importância da identificação exata das diferentes áreas que compõe o bairro de Santo

Amaro. O rapaz alegou que a *Ilha* (como os moradores chamam a localidade) faz parte de Santo Amaro, mas não é contemplada de maneira satisfatória pelas ações de um programa estadual de prevenção à violência chamado *Polícia Amiga*. Ele relatou que no último final de semana que antecedeu a reunião supracitada uma mulher levou três tiros sem vir a óbito. No entanto, ele chamou a polícia, mas não teve sucesso na investida. O sujeito contou que informou a equipe da central telefônica da Polícia Militar todos os dados referentes à localização geográfica daquele episódio de violência para a atendente, mas até às 23 horas a polícia estava ausente da localidade. Da mesma forma, outros moradores interferiram na fala desse rapaz e disseram que a polícia só aparece quando tem corpo caso contrário não há atendimento. Por isso, alguns moradores da *Ilha* acreditam que o Programa *Polícia Amiga* estava funcionando de forma precária. Por fim, o rapaz utilizou seu espaço de fala para informar que a própria comunidade mapeou os lugares críticos da *Ilha* e entregou a polícia. Disse também que a comunidade fez pesquisas com os jovens do bairro para saber quais suas reais demandas de emprego. Porém, naquela ocasião relatada inexistiu algum retorno por parte das instituições de controle social.

É importante ressaltar que no final de outubro de 2010, ocorreram dois homicídios no bairro de Santo Amaro, fato que quebrou um período de cinco meses (150 dias) sem Crime Violento Letal e Intencional (CVLI). Esses episódios geraram medo e estiveram presente em boa parte das falas dos moradores que compareceram a esta reunião. Ademais, o padre falou que os tiroteios que antecederam essas mortes vinham acontecendo há semanas. Ele alegou: - *O bairro não está tranquilo coisa nenhuma!* Ressaltou a presença de crianças que andam armadas nos territórios da localidade. Segundo o frei, as crianças “*mal podem sustentar o peso das armas*”, mas circulam pelas ruas exibindo este objeto. A questão que ele colocou para a mesa de debate foi: *como desarmar as crianças?* Segundo ele, existem *gangues de crianças no bairro* que circulam principalmente no Beco dos Casados e Santa Teresinha.

Além disso, uma líder comunitária reclamou da concentração de ações governamentais em um só lugar. Ela é moradora do Beco dos Casados, o qual insistiu que este local fosse chamado de *Vila dos Casados*, inclusive muitas foram suas intervenções nas falas dos vizinhos para reivindicar que chamassem a localidade de *Vila dos casados*. Esta líder comunitária sugeriu aos representantes do governo o desenvolvimento de ações

que mostrem o que Santo Amaro tem de bom, como: os grupos de pagode, o grupo de dança juntamente com a busca de parcerias e apoio institucional do *shopping* para auxiliar na visibilidade das coisas boas da localidade. Sua fala foi finalizada com um desabafo a população vai ao *shopping* com medo de ser assaltada.

Igualmente, uma das lideranças que se manifestou bastante durante esta reunião foi um rapaz negro aparentando de vinte e poucos anos de idade. Com efeito, esse jovem parecia dispor de uma facilidade de circulação entre subáreas do bairro. Durante a reunião argumentou que os territórios do bairro de Santo Amaro são silenciados nos momentos de decisões referentes aos locais da comunidade que abrigarão as atividades referentes ao programa do governo estadual chamado *Governo Presente*. Ainda, segundo esse jovem líder comunitário os locais que abrigam ações de cidadania são definidas pelo poder público; como confecções de documentos sempre escolhidas pelo governo sem ouvir a percepção da comunidade. Neste evento, identifiquei uma situação que se aproxima da fala do jovem rapaz sobre a carência de poder decisão dos moradores acerca das ações sociais e culturais que ocorrem no bairro. No início da reunião os membros do governo acenaram com a possibilidade de realizar o próximo evento de confecção de carteiras de identidades em um local próximo de onde ocorreram as últimas duas mortes no bairro, o *Largo do Salgado*. Todavia, os moradores alegaram que esse evento deveria ocorrer no Campo do Onze, local de fácil acesso aos moradores de outras subáreas do bairro, como a *Ilha João de Barro* e a *Ilha de Santa Terezinha*. Os moradores discordaram da ideia de associar aquelas ações de cidadania com o local onde haviam ocorrido os homicídios. Ou seja, os habitantes locais eram contrários à visibilidade da presença institucional no local em que as recentes mortes ocorreram.

Em síntese, os moradores alegaram que todas as áreas do bairro possuíam espaços disponíveis para as reuniões e eventos. Embora, a maior parte das atividades se concentre em áreas próximas a um grande centro de compras da região. Simultaneamente defendiam o fim da concentração das atividades em um só local ou somente em um território. É “*tapar o sol com a peneira*”! Gritou um dos moradores. Realizar uma ação onde ocorreram os homicídios.

Por fim um dos moradores observou que os jovens com menos de dezesseis anos estão na *beira do abismo*, pois são recrutados pelo tráfico e, por outro lado só aceitam

participar dos projetos sociais se tiverem algum tipo de remuneração. Pouco depois, durante a reunião, houve um relato de um episódio de briga entre adolescentes: dois jovens de treze anos brigaram e um morador percebeu que a situação “*iria inflamar*”, pois as famílias se posicionaram disse o interlocutor: a família do lado esquerdo era maior. O morador, autor do relato, contou também que socorreu uma idosa de 60 anos que foi atingida por um chute na confusão.

O que nos dizem esses relatos supracitados, elucidativos especialmente dos setores mais envolvidos com a violência- jovens e moradores das periferias- na capital pernambucana? Segundo PORTO (1999) representam um caminho possível para compreendermos as representações (sociais) da violência, a partir de algumas ponderações importantes:

Por si só, dizem pouco, visto nada terem de objetivas. Devem ser interpretadas, e é aí que reside toda a dificuldade. O conteúdo desta pesquisa e as questões que estão em jogo dizem respeito, fundamentalmente a valores. É, pois desse nível da ordem simbólica que tratam as reflexões aqui encaminhadas. Sem que se possa, ainda, falar em conclusões, alguns resultados merecem análises mais aprofundadas. Um primeiro refere-se ao fato de que, quando se está em presença de valores que desencadeiam situações de violência, as representações (sociais) elaboradas tendem a serem transversais ao conjunto da sociedade, perpassando diferentes camadas socioeconômicas, mobilizando sentimentos como medo, ódio, ressentimentos, frustrações, afetos, vinganças, amor, amor próprio, entre outros, em graus de intensidade e envolvimento que não se explicam se a única variável solicitada pela análise for de natureza econômica ou de classe social (PORTO: 1999, p. 132)

Mas o que seriam, afinal, as representações (sociais) enquanto objeto de investigação sociológica? Referem-se às práticas sociais construídas nos grupos de acordo com a sua realidade ou com a ordem empiricamente vigente (PORTO: 2005, p.28). No entanto, não é todo e qualquer conhecimento do senso comum que pode ser denominado de representação social. Para gerar *Representações (sociais)* o objeto deve ser polimorfo, isto é, passível de assumir formas diferentes para cada contexto social e, ao mesmo tempo, ter relevância cultural para o grupo (Santos: 2005, p. 22). Em outras palavras, o objeto das representações (sociais) pode assumir diferentes características em diferentes contextos situacionais.

Os discursos supracitados podem ilustrar uma valorização das representações (sociais) como perspectiva teórica e metodológica no campo de estudos do crime e da violência

(ADORNO: 1999; PORTO: 2010; MACHADO DA SILVA: 2010; SOARES: 2005; MINAYO: 1995) que aos poucos vem tornando-se foco de interesse dos (as) cientistas sociais. No entanto, há que se problematizar esta noção, tanto na perspectiva metodológica de *forma de conhecimento* quanto em sua perspectiva teórica no *conjunto de definições conceituais*.

Assim, nesse capítulo a ênfase recai sobre na segunda perspectiva a fim de esclarecer o uso que se propõe deste conceito. Sem pretender construir um “tratado” da TRS a intenção foi realizar um breve apanhado do processo de desenvolvimento e expansão desta ferramenta teórica no campo da Sociologia. Desse modo, o objetivo é apresentar as bases sobre as quais esse conceito será utilizado neste estudo. É importante assinalar, nesta seção, que o uso das representações (sociais) enquanto perspectiva teórica aponta o estabelecimento de relações indissociáveis entre os aspectos objetivos e subjetivos dos fenômenos sociais como fundamentais às explicações das dimensões da vida cotidiana, inclusive o fenômeno da violência.

A discussão acadêmica sobre as características objetivas do fenômeno da violência urbana tem sido recorrente nos últimos anos, porque houve recrudescimento da violência nas áreas urbanas brasileiras, principalmente nas metrópoles. No entanto, a premissa de que a *violência só aumenta* deve ser interpretada com cautela, senão os *olhares tornam-se vagos* ZALAUAR (2002), pois existem particularidades que podem permear o aumento da violência. Admite-se que este é um fenômeno crescente, em alguns contextos, pois em outros podem tornar-se decrescente, conforme apontou o *Mapa da Violência de 2013*. O crescimento deste fenômeno nas grandes cidades brasileiras é heterogêneo. Por exemplo, em relação aos homicídios, principalmente Rio de Janeiro, São Paulo e Campo Grande, é possível observar as taxas caírem de forma acelerada e enquanto capitais como: Maceió, João Pessoa, Vitória e Salvador, apresentam o revés desta situação com taxas acima de 50 óbitos para cada 100 mil habitantes. Diante dessas e outras discrepâncias que emergem do problema social da violência cada vez mais é possível verificar o interesse e a relevância que este objeto de estudo assume nas últimas quatro décadas nas Ciências Sociais brasileiras, tornando-se um campo temático de pesquisa consolidado e institucionalizado (ZALUAR: 2002; ADORNO: 1999). Embora, não despreze totalmente a existência de algumas conexões entre pobreza e violência ZALUAR (2002) e adorno (1999) buscam apreender fatores

que qualifiquem esse tipo de explicação. Assim pode-se dizer que os estudos sobre representações (sociais) acerca da violência, apesar de serem raros, contribuem com a qualificação do entendimento sociológico como possibilidade de avanço no conhecimento deste fenômeno, a partir da perspectiva dos atores sociais enquanto suas vítimas e/ou perpetradores.

1.1 TRS e o conceito de representações (sociais) na literatura sociológica

A natureza das TRS⁵, independente da filiação teórica, reside em uma premissa fundamental: considerar que uma única percepção ou um ponto de vista particular não correspondem necessariamente às *representações (sociais)*. Muito mais que isso, a natureza sociológica desta perspectiva teórica, localizada especialmente em DURKHEIM (1970), propõe que *o grupo possui uma consciência coletiva distinta da esfera individual*. Esta é uma das características fundamentais das *representações coletivas*, entendidas enquanto *atos sociais*. Nesta perspectiva, desempenham um papel importante no processo de coesão social, ao agregar ideias, valores, normas, visões de mundo consideradas relevantes para a integração social das sociedades modernas.

Contudo, as *representações coletivas* enquanto *atos sociais* refutam concepções formuladas no campo da *psicologia*, que entendiam representações basicamente como um estímulo cerebral baseado em analogias ao caráter biológico e interno à consciência. O sociólogo francês chamou a atenção para a produção das representações coletivas produzidas também por características morais como *hábitos contraídos*, *preconceitos*, não sendo apenas um ato meramente biológico. Ou seja, as representações coletivas são de natureza social. Ao dirigir atenção sociológica às *representações individuais e*

⁵ Importante esclarecer o uso da sigla TRS e do termo representações sociais entre parênteses. Quando me refiro à *teoria das representações (sociais)*, utilizo a nomenclatura TRS tenho em mente a argumentação teórica de um empreendimento da psicologia social, no qual MOSCOVICI (1960) e JODELET (2009) representam expoentes importantes naquele campo do conhecimento. Quando utilizo a proposição *representações (sociais)* a referência dirige-se às crenças, visões de mundo, percepções e valores construídas pelos indivíduos e pelos grupos sociais em interação social. A TRS defende um uso hermético do conceito, que demanda explicações acerca dos processos que estão por dentro de uma série de etapas que constituem a construção das representações (sociais), a exemplo da dinâmica da *ancoragem* (MOSCIVICI:1970) nas representações (sociais). Nesta tese, busco utilizar esse conceito de forma mais flexível em diálogo com parte da Sociologia brasileira que trata das representações (sociais) da violência. Neste sentido, o uso das representações (sociais) empregada autoriza a fazê-lo entre parênteses para estabelecer referência às representações (sociais) da violência. Ao escrever representações (sociais) privilegio as visões de mundo dos entrevistados, os meios de comunicação empregados na linguagem ordinária na vida cotidiana e pensamentos simbólicos subjacentes a organização social da unidade empírica pesquisada.

coletivas, DURKHEIM (1970) afirmou: *se as representações fossem apenas um estímulo cerebral nada seriam* (DURKHEIM: 1970, p.30).

O peso da coerção social nos elementos teóricos explicativos que emergem na sociologia durkheimiana sobre fatos sociais enquanto *representação via* dinâmicas institucionalizadas contribuem para a formação das *representações sugerindo um processo de síntese que emerge uma realidade nova, irreduzível aos elementos que estavam na base de sua gênese* (PINHEIRO FILHO: 2004, p.142). No entanto, os críticos de Durkheim já alertavam, é preciso cautela para não sobrevalorizar o papel coercitivo presente em seus estudos sociológicos. Isto, talvez possa gerar uma rápida associação entre *representações (sociais)* e *representações coletivas*. O estabelecimento apressado desta relação pode tornar a análise sociológica equivocada. O engano reside em admitirmos que as *representações (sociais)* sejam um atributo autônomo através das quais as subjetividades individuais seriam molduradas segundo construtos sociais (religiosos ou institucionais). As *representações coletivas* representam um dos pontos de partida de *teoria das representações (sociais)*.

Sobretudo, seria através das *representações coletivas* que se produziriam crenças conceituais, impessoais e estáveis que se constituiriam em uma base para a produção do conhecimento científico. Cabe ainda ressaltar que *representações individuais* e *representações coletivas* são interdependentes, o que não significa que sejam necessariamente similares. Neste sentido, *representações individuais* referem-se:

(...) a como tudo aquilo que, afetando a mente ou emanando dela, é capaz de fixar-se com menor ou maior grau de estabilidade. No primeiro caso estão às representações sensíveis, que se encontra em fluxo perpétuo; empurram-se umas as outras como as ondas de um rio e, também enquanto duram, não permanecem iguais a si mesmas (Durkheim: 1989,511).

Ao realizar este tipo de leitura teórico metodológica da realidade social, DURKHEIM (1970) ressalta que a vida individual não poderia explicar a vida coletiva, embora estejam relacionadas.

Na sociologia, conforme argumentou JODELET (2009), é possível identificar que as percepções elaboradas no *senso comum* sobre a realidade social remetem à antiga, mas ainda não esgotada discussão do retorno do sujeito nas Ciências Sociais.

Se, para Durkheim, a relação entre representações individuais e coletivas tomou a forma de uma oposição radical, para Moscovici, o fato de tratar a representação social como uma “elaboração psicológica e social” (...) conduziu ao questionamento sobre o lugar reservado ao sujeito. Este é tratado mais ou menos explicitamente, nas diferentes abordagens, seja como resposta elementar dos agregados que definem uma estrutura de representação, seja como lugar de expressão de uma posição social, seja como portador de significados circulantes no espaço social ou construídos na interação (JODELET: 2009, p.680).

Na Sociologia, o pensamento de DURKHEIM (1960) sobre representações coletivas é particularmente mais complexo do que a citação descreve como uma simples *oposição radical* entre *representações individuais e coletivas*. Embora o sociólogo francês estivesse buscando um critério objetivo nas representações, é possível perceber algum destaque para o papel do sujeito. Um indicativo desta premissa foi sua afirmação *nem todos os indivíduos compartilham dos mesmos sentimentos com a mesma intensidade* (DURKHEIM: 1999, p.70). No entanto, ao invés de estabelecer um rompimento com o conceito de *representações coletivas*, MOSCOVICI (1990) efetivamente dá continuidade à discussão ao efetuar a troca do termo *coletivo* por *social*. A intenção implícita nesta mudança nominal refere-se à necessidade de assinalar as relações de sociabilidade, dos modos de ser, de estar e de agir que seriam *sociais*, *desde que produzidas nos processos de mudança e interação social* (PERRUSI: 1999, p.61).

A noção de *representações (sociais)* parte de um ponto de vista oposto as *representações coletivas*, como objeto da Sociologia de DURKHEIM (1960), entendidas enquanto *representações individuais* limitadas como base para a construção do conhecimento científico em razão de seu caráter fluido. Esse é um dos pontos de discrepância com o argumento de MOSCOVICI (1960). No entanto, este autor buscou manter a primazia da psicologia social, distinta á Sociologia, sobre a análise das *representações (sociais)* mantendo foco no entendimento da dinâmica interna das *representações (sociais)*.

Ademais, na perspectiva de MOSCOVICI (1970), *a existência de uma explicação sociológica dos fenômenos sociais* se torna problemática no momento que se estabelece como explicação verdadeira a totalidade das noções de classes sociais, do indivíduo ou de uma nação. Para o autor, isto nem sempre é possível, *pois, às vezes os homens agem contrariamente a seus interesses* (MOSCOVICI: 1990, p.26). A crítica do psicólogo francês a teoria sociológica clássica (DURKHEIM e WEBER) é endereçada ao seu

caráter prescritivo e descritivo, imersos em uma explicação, por vezes, de cunho totalizante.

No entanto, MOSCOVICI (1990) novamente alerta para que não seja cometido o equívoco de crer que *as representações (sociais)* partem do conjunto das representações dos indivíduos isolados. O que ocorre é exatamente o revés, as interações sociais na vida cotidiana são o ponto de partida das representações:

Onde está a vida social empírica? No contato diário, no vaivém dos homens que se deslocam, trabalham se confrontam (...), trocam palavras e notícias, fazem contatos pelo telefone acoplado ao computador, se atropelam nos grandes magazines, se amontoam nos meios de transporte comuns (...). Tudo o que se desenrola *in statu nascenti*, tudo isso manifesta a sociedade. O público recupera aí o privado e todos ao mesmo tempo se fundem nas redes coletivas e nelas se demarcam, se afirmam enquanto indivíduos. Onde termina o indivíduo, onde começa a sociedade é o que nos perguntamos a cada dia. E encontramos aqui a resposta contemporânea: a sociedade existe onde o indivíduo é real (MOSCOVICI: 1990, p.260).

O próprio DURKHEIM (1970) parecia fornecer algumas pistas que indicariam como seria possível interpretar o mundo das ideais, da *subjetividade* na explicação sociológica: *as combinações das quais resultam os mitos, as teogonias, as cosmogonias populares não são idênticas às associações de ideias que se formam nos indivíduos, ainda que ambas possam se esclarecer mutuamente. Há toda uma parte da Sociologia que deveria pesquisar as leis da ideação coletiva e que está ainda inteiramente por ser feita* (DURKHEIM: 1970, p.42). Do ponto de vista teórico, essa afirmação parece indicar que a construção de um conjunto de pensamentos recorrentes sobre algum *fato social* também precisa ser enfatizado nas explicações sobre o funcionamento das sociedades sem abandonar a busca por critérios objetivos. Citaria como exemplo, o *crime* como representação e/ ou fato social. Na teoria durkheimiana, as representações coletivas emergem como produto da consciência coletiva em que a noção de crime ocupa um lugar fundamental. Nesta perspectiva, *um ato é socialmente mau porque é repellido pela sociedade (...) não o reprovamos porque é um crime, mas é um crime porque reprovamos* (DURKHEIM: 1989, p.100). Assim, o fundamento do crime não reside no indivíduo, mas nas reações que determinados atos provocariam na representação coletiva. Reações estas que se expressam geralmente na forma de sanções legais.

No entanto, o *crime* e poderíamos estender para o fenômeno da violência, demanda de compreensão e explicação estabelecida em diálogo com as transformações sociais, políticas e culturais, sem sobrevalorizar os elementos de sanções legais, enfatizados em boa parte da teoria sociológica, especialmente os argumentos *da desorganização social e da rotulação social*. Em geral, a tendência destes estudos baseava-se na sobrevalorização dos elementos provenientes de sanções penais – como dados de fontes policiais. Em outras palavras, considerava-se somente o lado externo do fenômeno, ou seja, as infrações que constavam nos documentos policiais como crimes. O foco estava voltado para o contexto situacional das instituições sociais.

Se por um lado, é possível dizer que os sujeitos não estão ausentes no conceito de *representações coletivas*. Por outro lado, as características supracitadas das *representações coletivas* se constituem em um dos pontos de partida, mas não o único, a partir do viés sociológico que MOSCOVICI (1970) utiliza em sua tentativa de formular a noção de TRS. A questão subjacente posta pelo psicólogo social francês foi: *as teorias sociológicas explicam os fenômenos sociais* (MOSCOVICI: 1990, p.21)? Para o autor, elas explicam pouco ao se proporem a descrever e prescrever os fenômenos sociais. Como afirmou PERRUSI (1995), na visão de MOSCOVICI (1990), as *representações (sociais)* avançam em relação às *representações coletivas*:

No sentido de definir como campo de aplicação, agora situado a meio caminho entre o social e o psicológico; segundo, inscreveu no conceito uma consistência cognitiva bastante acentuada; terceiro, delimitou-o, especificando seu campo de ação, ou seja, o cotidiano; e quarto, especificou a representação como uma forma de conhecimento particular, relacionada à comunicação, à interação social e à socialização (PERRUSI: 1995, p.61).

A citação sugere a necessidade de uma definição adequada das *representações (sociais)* para não resvalar em um equívoco teórico que seria partir de comportamentos e representações dos indivíduos isolados. Segundo PERRUSI (1995), a discussão sobre representações é bastante antiga entre os filósofos, mas ganhou um novo fôlego há alguns anos, especialmente a partir da década setenta do século XX, juntamente com a crise do *Estado de Bem Estar Social* e a emergência de movimentos sociais. Neste cenário, via psicologia social, MOSCOVICI (1970) preocupa-se com a estrutura e dinâmica das *representações (sociais)* entendidas como um conjunto de crenças partilhadas que não podem ser definidas independentemente de seu contexto social.

Para o autor, as *representações (sociais)* são ferramentas mentais que poderiam ser vistas como meios orientadores de conduta no qual o foco da análise refere-se aos sistemas de valores, ideias e práticas, mas não se reduzem a estes elementos.

As representações (sociais) tornam-se uma forma de interpretação da realidade, organizando as relações dos indivíduos com o mundo e orientando as suas condutas e comportamento social no meio social (PERRUSI: 1999, p.61). Essa tese é tributária de um dos princípios teóricos da TRS que atribui às *representações (sociais)* o princípio de *orientadora de condutas*, mas estende a possibilidade do uso do conceito focalizando nos processos de socialização.

Outra premissa impulsionadora, de natureza sociológica, subjacente a TRS é a preocupação com o estabelecimento de relações não mecânicas entre a *subjetividade* e a *objetividade*. Esse pressuposto teórico, tomado de Simmel confere corroboração o caráter do contexto socialmente marcado subjacente à TRS.

A TRS, tal como inicialmente desenvolvida por MOSCOVICI (1970), admite que qualquer tipo de segregação entre *representações coletivas* e *representações individuais* seria um limitador que tornaria *difícil estudar a violência ou a religião sem introduzir certa dose de afetividade e sem evocar experiências vividas* (MOSCOVICI: 1990, p.24). Justamente por evocar as experiências vividas, Simmel tornou-se uma das referências mais importantes para a formulação da TRS. Sua elaboração foi possível, do ponto de vista da originalidade da Sociologia de Simmel, a partir do estabelecimento de que a sociedade não pode ser entendida como um todo complexo e autônomo. Ou seja, não pode ser compreendida em sua totalidade.

Essa premissa *proporcionou a inclusão dos mínimos incidentes e as transações mais fluidas à explicação da gênese das formas sociais, por este motivo a sociologia aparece na obra de Simmel da seguinte forma: como um campo que inclui a influência da consciência e das inclinações subjetivas* (MOSCOVICI: 1990, p.239). Para isso, *é preciso lidar com os fatos da consciência, ideias, motivações pessoais e ações morais ou religiosas que imprimem um determinado curso aos acontecimentos* (MOSCOVICI: 1990, p.243).

Para MOSCOVICI (1990), *é com a psicologia que o sociólogo alemão estabelece a nova ciência da sociedade – a Sociologia*. A ênfase em temas que vão desde a análise

do segredo à do estrangeiro, da diferenciação social à psicologia das massas em que a formação dos grupos é o objeto da ciência. E finalmente, para MOSCOVICI (1990), a Sociologia de Simmel sobre *formas e conteúdo* se distancia do caráter descritivo e explicativo que, segundo o autor, acompanhou a obra de Durkheim e Weber e possibilita entender a sociedade considerando que ela se desenvolve, ao mesmo tempo, que os indivíduos. Trata-se de um processo.

Para explicar o processo do lugar da subjetividade em relação à objetividade, MOSCOVICI (1990) propõe, a partir das premissas supracitadas, a distinção de duas classes de fatos: *anônimos* e *nominados* como componentes das representações (sociais). Os primeiros referem-se aos eventos cotidianos e transitórios e os segundos podem ser traduzidos como reflexo da existência oficial e submetido a padrões de conduta e formas de autocontrole (ELIAS: 2000). É a partir da seguinte premissa simmeliana: *as formas são o verdadeiro objeto da ciência*, que MOSCOVICI (1970) sublinhará os incidentes cotidianos como o campo das ações em que provêm as *representações (sociais)* no campo da psicologia social.

No entanto, vale ressaltar que na Sociologia clássica, as *representações* poderiam ser traduzidas como *categorias de pensamento* que revelavam a maneira como o grupo pensava nas suas relações com os objetos que o afetavam (DURKHEIM: 1978, p.79). Para explicar esta divergência entre Psicologia e Sociologia no que tange as representações (sociais), MOSCOVICI (1990), teceu críticas em relação ao pensamento sociológico. Por exemplo, ao referir-se Sociologia Compreensiva, afirma que a teoria dos *tipos de dominação* no que tange às *suposições weberianas focaliza mais na previsão e descrição dos fenômenos sociais e menos da explicação, como no caso da obediência e das motivações que tornam os tipos de dominação legítimos*. Para o psicólogo francês, essa teoria teria dificuldade em explicar os fenômenos sociais em suas particularidades.

Geralmente, gera-se uma rápida associação direta entre as representações (sociais) e o campo da psicologia social. Embora a TRS não seja um empreendimento da Sociologia, ela não é estranha aos diferentes olhares da disciplina direcionados as representações entendidas enquanto *crenças, valores, fato social e ideologia* (MINAYO: 1995) e pode tornar-se uma elaboração teórica refinada para a compreensão da questão da violência urbana. Inclusive, a rápida associação com o campo da psicologia pode obscurecer

alguns elementos sociológicos como as representações coletivas; os incidentes cotidianos e o aspecto social que estiveram subjacentes ao processo de construção da TRS no campo da psicologia social. Isto porque as representações (sociais) não podem ser entendidas *como um conjunto de ideias que se formam nos indivíduos como se elas ocorressem num vazio sociológico* (ELIAS: 2000, p.16).

1.2. As representações (sociais) são construídas em um vazio sociológico?

As representações (sociais) são construídas em um vazio sociológico? Um caminho possível para responder esta pergunta passa por enfatizar o modo como o aspecto social das representações (sociais) pode ser traduzido na ordem empiricamente vigente, nos valores, nas crenças e no conjunto das biografias individuais que as compõem.

As *representações (sociais)* referem-se à construção de conhecimento sobre algum objeto que seja um desafio a construção do saber em razão da pluralidade de atribuição de sentido empregada por diferentes segmentos sociais. No entanto, não se trata de entendê-lo a partir de um viés filosófico traduzido na perspectiva de como se conhece algo, mas sim ressaltar que a interpretação sociológica da realidade implica na compreensão de como, no caso a noção de violência, torna-se supostamente algo aceitável em determinados contextos sociais e não em outros. O caráter social permeia a elaboração das representações (sociais), pois qualquer conhecimento depende de contextos específicos. A eminência sociológica das *representações (sociais)* reside justamente em um sujeito socialmente localizado. No caso desta pesquisa, são os jovens da periferia. Neste sentido, as *representações (sociais)* tornam-se um importante meio de ressaltar a pluralidade empírica de conhecimentos possíveis acerca de um objeto social. Um exemplo empírico; é possível que o conhecimento acerca do fenômeno de crime e da violência de um criminalista seja diferente do conhecimento de um criminoso. Em outras palavras, a representação social traz as marcas do sujeito (JODELET: 2009) condicionado por diferentes aspectos da vida ordinária.

Para explicar o processo iminentemente sociológico das representações (sociais), JODELET (2009: 695) assinalou a natureza fenomenológica que permeia esta noção. Isto significa dizer que o sujeito das representações (sociais) não é abstrato e, sim um sujeito ativo e pensante relacionado a esferas de *intersubjetividade* e *pertencimento*. A esfera da *intersubjetividade*, na qual a autora se refere, remete às situações que, em contextos particulares, podem contribuir para o estabelecimento das representações

(sociais) elaboradas na interação entre os atores sociais. No entanto, os indivíduos e os grupos possuem tipologias para caracterizar os sujeitos, considerando variáveis como: idade, sexo, atividades ocupacionais dentre outras. No caso do contexto situacional pesquisado, a princípio nada distingue os jovens moradores *da periferia* entre si; vestuário, aparência, idade, recursos financeiros. Isto pode sugerir uma aparente homogeneidade deste grupo social. Entretanto, existem diferenciações sociais que imprimem identidade a esses sujeitos. Alguns jovens poderão ser mantidos a margem da sociabilidade local, especialmente, através das ações e discursos das agências de controle social e de parte dos moradores das periferias que buscam estabelecer mecanismos de diferenciação social que contribuem para evitar, por exemplo, que as relações sociais entre os sujeitos socialmente identificados como “*vida errada*” e “*vida certa*” “se misturem”. Esta dinâmica não está dada, é preciso buscar interpretá-las através das representações (sociais) dos jovens.

Mesmo quando a Sociologia busca compreender a violência, enquanto objeto das *representações (sociais)*, quase sempre o faz do ponto de vista das agências de controle social, especialmente, na Sociologia brasileira. É inegável que há um grande conjunto de estudos fenomenológicos que pretendem justamente detectar as *representações (sociais)* dos grupos via institucional. Por um lado, isto é extremamente importante para subsidiar o debate sociológico acerca da temática. Assim, temos toda uma bibliografia disponível em nossa disciplina que fornece elementos referentes aos aspectos sociais e culturais de como, por exemplo, os policiais “*sabem o que sabem sobre violência*” e a partir de qual *background* emergem suas representações (sociais). Por outro lado, em relação aos jovens das periferias, sabe-se pouco acerca dos elementos sociológicos que permeiam a construção das representações (sociais). Inclusive sabe-se pouco sobre como este público representa o medo no espaço de sociabilidade da rua ou para além dos muros institucionais. Neste estudo, tais elementos sociológicos dialogam com as *trajetórias individuais* (ZALUAR: 1999) dos pesquisados. Em síntese, as biografias dos jovens estão vinculadas ao contexto situacional e estrutural particular dos quais emergem representações (sociais) para compreender a violência e o crime. A ideia aqui é pensar as *representações (sociais)* enquanto um aspecto simbólico, mas também como um arranjo de linguagens, como por exemplo, o *rap* (que está na abertura do capítulo) que pode ordenar as posturas individuais e as disposições subjetivas dos *jovens das periferias*.

Isto significa dizer que embora o uso teórico clássico do conceito de *representações coletivas* estivesse permeado pelo caráter totalizante que indicava o comportamento dos indivíduos quase como uma fatalidade do processo de coesão e de integração social no contexto das sociedades industriais, há a possibilidade de ressaltar o condicionamento social sobre as *biografias individuais* que se relacionam com os conteúdos das *Representações Coletivas*- crenças, valores- que podem variar dependendo do grupo e do contexto estudado e são eminentemente sociológicas.

É imprescindível reter da TRS de MOSCOVICI (1970) que as representações (sociais) se constituem para além de uma simples percepção ou de um ponto de vista particular de um grupo ou indivíduo. As pessoas e os grupos sociais criam suas representações no decorrer de um processo que envolve comunicação e cooperação entre as pessoas. No entanto, quais seriam as bases que as organizam?

1.3. As interações sociais na vida cotidiana e o mundo intersubjetivo como base organizacional para compreensão das *representações (sociais)*

Para MOSCOVICI (1970) as interações sociais e o mundo intersubjetivo se constituem nas bases de organização das *representações (sociais)*. Nessa tentativa de renovação e reutilização do conceito de *representações coletivas* o autor afirmou que, as divergências, a falta de consenso em torno de um objeto ou um grupo contribui para a mudança nas percepções dos indivíduos.

No caso do fenômeno da violência, a falta de consenso ou divergência acerca da atribuição de sentido a explicação de “atos de violência” torna-se um desafio que tem provocado à imaginação sociológica a fornecer possibilidades de compreensão que busquem dar conta desta categoria empírica. Até algumas décadas a *violência interpessoal*, física ou psicológica, que ocorre no espaço público ou privado e que são vítimas jovens, adultos, mulheres foi muitas vezes entendida como uma ação de natureza privada. No mundo contemporâneo é possível perceber que houve um deslocamento de sentido em relação e estas violências interpessoais que passam a ser vistas a partir das transformações na natureza do social (PORTO: 2006, p.54) em que pesem a tipificação destas violências. A *Lei Maria da Penha* pode ser um exemplo dos deslocamentos de sentido atribuídos à violência.

Neste sentido, MOSCOVICI (2005) sugeriu que *as representações (sociais)* são produzidas em um processo interativo e nas ações dos sujeitos:

Pessoas e grupos, longe de serem receptores passivos, pensam por si mesmos, produzem e comunicam incessantemente suas próprias e específicas representações e soluções às questões que eles mesmos colocam. Nas ruas, bares, escritórios, hospitais, laboratórios, etc., as pessoas analisam, comentam, formulam “filosofias” espontâneas, não oficiais, que tem um impacto decisivo em suas relações sociais, em suas escolhas, na maneira como eles educam seus filhos, como planejam seu futuro, etc. Os acontecimentos, as ciências e as ideologias apenas lhe fornecem o “alimento para o pensamento” (MOSCOVICI: 2005, p.45).

Esta passagem de MOSCOVICI (1960) parece sinalizar o papel fundamental da interação social na criação das *representações (sociais)* no decorrer dos processos de comunicação e cooperação (aspecto bastante enfatizado pelo autor) entre os grupos ou os indivíduos. Este parece ser o seu ponto de partida para explicar a composição das *representações (sociais)* decorrentes de duas etapas interdependentes que estão subjacentes ao processo de formação das representações (sociais): a *natureza convencional* e a *prescritiva*. Essas dimensões de apropriação e criação das *representações (sociais)* alimentam percepções e imagens da realidade⁶ como se fossem inquestionáveis. Neste sentido, MOSCOVICI (2005) ao ressaltar a composição das *representações (sociais)* em sua dimensão *convencional* relacionada à localização de determinados grupos, pessoas ou objetos a uma determinada categoria, reforça que os indivíduos dirigem sua atenção apenas ao que as convenções sociais subjacentes (linguagem, cultura...) permitem ver, permanecendo inconscientes dessas convenções. O processo de construção das *representações (sociais)* mobiliza outra dimensão que se refere à *prescrição* destas impostas aos sujeitos através dos diferentes discursos dos segmentos sociais e culturais (MOSCOVICI: 2005, p.40).

Portanto, as *representações (sociais)* são construídas a partir da relação entre *natureza convencional* e *prescritiva*. Este processo interativo pode permitir que as *representações (sociais)*, tornem-se um tipo de realidade. Mas, não a realidade em sua totalidade. É por

⁶ Em *A Construção da Realidade Social* de BERGER e LUCKMANN(1996), **realidade** refere-se à descrição do que é realidade tal como ela se apresenta ao senso-comum dos membros ordinários da sociedade. Na abordagem sociológica a vida cotidiana se apresenta como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que o mundo se torna coerente (...) refere-se aos fundamentos do conhecimento da vida cotidiana: realidade da vida cotidiana, interações e linguagem e conhecimento (BERGER e LUCKMANN:1996,p. 35).

este motivo que *as representações (sociais) não devem ser confundidas com a descrição empírica da realidade* (MACHADO DA SILVA: 2004, p.55).

A natureza das *representações (sociais)* indica que esta não pode ser confundida com a realidade. Uma vez que é determinada em grande parte por aquilo que é socialmente aceito como realidade. Por exemplo, diversas investigações sociológicas sobre *sensação de medo da violência*, exemplificam que o conteúdo de *representações (sociais)* a partir da banalização da mesma, especialmente no que se refere aos moradores mais jovens de comunidades representadas socialmente como violentas.

Ao associar estreitamente a violência com sua representação, pensamos, particularmente, nas violências juvenis e mais ainda naquelas de gangues de jovens, que são, às vezes, construídas como quase espetáculos pelos próprios atores e pelos meios de comunicação. As reportagens voltadas para a violência das gangues, que compõem, às vezes, as manchetes dos jornais e pesquisas sociais dos semanários são construídas como encenação (...) e o sociólogo não pode agir como se a violência fosse simplesmente um fato “objetivo”, (DUBET: 2006, p.13).

A violência urbana como problema social nas práticas a que ela se refere pode assumir diversas formas de representação no campo pessoal, midiático e acadêmico. Mais uma vez, destaca-se a característica polimórfica da violência, o que por si só lhe assegura a condição de tornar-se um objeto das *representações (sociais)*. Por exemplo, quando a mídia representa eventos de violência como uma encenação em que, especialmente, os jovens do sexo masculino, pertencentes aos estratos mais desfavorecidos socialmente, são identificados como um “mal” a ser enfrentado *há uma longa distância entre o que é noticiado pela mídia e o registro formal dos crimes e delitos cometidos* (SOUZA SANTOS & PORTO: 2008, p.4). Citaria como exemplo, uma investigação comparativa das *representações (sociais) da violência* entre jovens de Brasília e de Pernambuco realizada a partir de reportagens publicadas em dois jornais de grande circulação na capital federal e em três jornais pernambucanos. Neste estudo, SOUZA SANTOS e PORTO (2008) observaram que:

(...) na maior parte das vezes, crimes e delitos cometidos por jovens desfavorecidos, presentes nos noticiários jornalísticos com muito mais frequência, apagam-se da memória social e com seu esquecimento vão-se os menores sem nome, deixando como registro apenas o trinômio violência-pobreza-juventude (OLIVEIRA ALMEIDA & SOUZA SANTOS & PORTO: 2008, p.4).

As manifestações discursivas que contribuem para a construção de uma leitura sobre as relações sociais de jovens da favela, em suas formas plurais, muitas vezes resultam na rotulação baseada no trinômio - *violência-pobreza-juventude* o que não corresponde necessariamente à realidade, mas uma representação. No entanto, tais discursos precisam ser considerados como componente das *representações (sociais)* da violência. Neste estudo, o ônus decorrente da opção de não fazer uso da abordagem midiática e, sim da interpretação dos discursos que circulam entre os atores sociais nos espaços de sociabilidade em Santo Amaro representa uma tentativa de flexibilização do uso do conceito de representações (sociais). Assim, optei por tratar as manifestações discursivas dos moradores do bairro que servem como uma linguagem ou como um meio de comunicação em Santo Amaro. Ou seja, na tentativa de pensar as *representações (sociais)* da violência de forma menos hermética, preferi não ressaltar o campo midiático e, sim espaços de interlocução fazem parte das relações sociais em ambientes de pobreza.

Um exemplo destes espaços de interlocução em Santo Amaro são as frequentes reuniões entre moradores e representantes das agências de controle social. Durante a pesquisa de campo, participei de alguns eventos desse tipo. Como os encontros do *Governo Presente* (já mencionados acima). A inserção nestes espaços foi facilitada por um colega do doutorado, que trabalhava em projeto de uma ONG que desenvolvia ações vinculadas ao Governo do Estado de Pernambuco voltadas para prevenção de violência. Ele colocou-me em contato com a assessora de articulação e mobilização deste projeto institucional. As ações desenvolvidas por aquele grupo tinham como foco principal o bairro de Santo Amaro e suas quatro ou seis subáreas (dependendo do ponto de vista do interlocutor). Logo nos primeiros meses que desenvolvia pesquisa de campo em Santo Amaro, fui informada pela representante do tal projeto que na próxima semana eu poderia participar de uma reunião entre moradores e membros do poder público estadual. Aceitei o convite e marquei de encontrá-la às 14 horas em uma das paróquias da localidade, que se localiza na Avenida Norte, uma das grandes vias que cortam o bairro. Por consequência, as conversas que emergem nesses espaços podem ser vistas como meios de comunicação em que a notícia sobre a localidade e os eventos que nela ocorrem circulam no bairro. Explico. Os meios de comunicação estabelecidos nos momentos das conversas entre moradores que ocorrem na vida cotidiana nos espaços de relações sociais nas favelas podem conter ou não conteúdos classificatórios acerca da

violência urbana, de suas vítimas e perpetradores, nada mais são que um dos elementos constituintes das *representações (sociais)*.

Concordando com JODELET (2005), creio no papel dos discursos como componente importante da constituição das *representações (sociais)*. Neste sentido, a construção das *representações (sociais)*, muitas vezes, é atravessada pela dimensão moral dos fenômenos, carregados de princípios classificatórios e rotulatórios em relação a determinado objeto. *Nesses espaços de interlocução, recorre-se, também, a um universo já constituído, no plano pessoal ou social, de representações* (JODELET: 2009, p.698). No entanto, ressalta-se que existem as dimensões práticas das *representações (sociais)* que estão coladas aos discursos. Uma vez que algumas proposições presentes na sociedade são assumidas como dadas e, por isso, acredita-se nelas; *a mistura daquilo que é considerado verdadeiro porque nós nele acreditamos e aquilo que nós acreditamos porque consideramos verdadeiro* (MOSCOVICI: 1960, p.345) torna-se um mecanismo de reconhecimento das *representações (sociais)* enquanto tais, sem confundi-las com opiniões particulares. Mas, de que modo são construídas as *representações (sociais)*?

Sobre esta indagação, JODELET (2005) fornece algumas pistas através de um modelo interpretativo que envolve três esferas de categorização referentes à formação das *representações (sociais)*: *subjetividade, intersubjetividade e transubjetividade*; sempre direcionadas a algum objeto no senso comum (como loucura, saúde, violência dentre outros). A primeira esfera formadora das *representações (sociais)* refere-se à participação em uma rede de interações por intermédio da comunicação social e ao nível do pertencimento social que pode ser definido em vários níveis; *como posição que os indivíduos ocupam nas relações sociais, a inserção em grupos sociais ou culturais que definem a identidade*.

As representações, que são sempre de alguém, têm uma função expressiva. Seu estudo permite acessar os significados que os sujeitos, individuais ou coletivos, atribuem a um objeto localizado no seu meio social e material, examinar como os significados são articulados à sua sensibilidade, seus interesses, seus desejos, suas emoções e ao funcionamento cognitivo (JODELET: 2009, p.697).

Mais uma vez, vale ressaltar que assim como na visão de MOSCOVICI (1960), JODELET (2005), toma *representações (sociais)* como produto da interação e da comunicação entre indivíduos e agentes. A comunicação, segundo JODELET (2005), refere-se a formas de conhecimento que se manifestam em categorias, teorias, conceitos socialmente compartilhados que contribuem para a construção de um tipo de realidade que possibilita a comunicação.

Neste estudo, por um lado, as *representações (sociais) da violência urbana* assumem a forma de uma descrição da realidade como categoria construída coletivamente para identificar um conjunto de práticas no qual a força pode se apresentar como um princípio de coordenação da organização social (MACHADO DA SILVA: 2010). Neste caso, interessa-me pensar sobre a ideia de comunidade de valores, crenças no sentido de existir um compartilhamento de significações através do qual se constrói e se forma a própria identidade de jovens, moradores de locais representados socialmente como espaços preferenciais de produção de violência. Por outro lado, as dimensões práticas da violência como o crime violento também constituem as percepções sociais dos atores sociais.

Da discussão supracitada, é importante sublinhar *representações (sociais)* são caras ao campo da Sociologia. Como *ferramenta teórica*, ressalta-se novamente que elas não partem da soma de percepções de indivíduos isolados. Portanto, o sujeito não pode existir sem o cotidiano, entendido aqui como as relações sociais estabelecidas pelo sujeito e sem suas motivações, desejos, vontades. Ou seja, o diálogo subjacente às representações (sociais) envolve a clássica dicotomia indivíduo e sociedade; a problemática de discursos contraditórios; as interações sociais cotidianas; a subjetividade como resultado de um conjunto de fatores como família, segmentos sociais, posição social, tudo isso remete à problemática do sujeito. Ao privilegiar a captação da subjetividade dos jovens pesquisados, especialmente no caso da *violência urbana*, como alertou PORTO (2010), emerge uma questão: como é possível estabelecer um rompimento com as percepções da realidade empírica para o campo teórico? Esta questão teórico-metodológica percorre toda a tese, já que a categoria empírica *violência urbana*, enquanto objeto das representações (sociais), apresenta um complicador: trata-se de um objeto apropriado de forma exaustiva nos diversos discursos e comunicação travada pelo campo midiático, político, acadêmico. Neste

sentido, PORTO (2010) sugere que *a captação da subjetividade pode ser o caminho na tentativa de delimitar conceitualmente a violência*. No entanto, uma questão permanece ativa nos estudos sociológicos da violência: como é possível captá-la?

Certamente que a *violência urbana* é um fenômeno social, e não um conceito sociológico. É espinhoso estabelecer gradiente entre em que medida trata-se de um *problema público*, que incomoda as pessoas ou refere-se a um *problema sociológico* e que deve ser interpretado enquanto tal. Faz sentido assinalar que a teoria sociológica se vê cada vez mais confrontada em estabelecer rupturas com representações correntes de *violência urbana* através explicação compreensiva da realidade social. Assim, as categorias produzidas por jovens no cotidiano, ou seja, no universo cultural em que estão situados mostram que a *violência urbana* só pode ser entendida a partir dos arranjos sociais que ela emerge.

É importante reter, o argumento teórico da TRS que indica; para gerar *representações (sociais)* o objeto necessita ter suficiente *relevância cultural* ou acadêmica (SÁ: 1988, p.45). Não é qualquer fenômeno que suscita *representação social*. É preciso que haja um compartilhamento de um conhecimento. Atualmente a *violência* deixa de ter apenas o significado referente *ao uso da força* e intervenção física para abarcar questões de componente simbólico e moral. Os jovens pesquisados mostram, em suas narrativas que *guerra* e *vida errada* são categorias nativas simbólicas recorrentes que podem ser entendidas como marcadores de processos de identidade, de modos de conduta de referência (negativa ou positiva) e a forma organizacional social e geográfica do bairro. É impossível negligenciar a emergência da violência via uso da categoria supracitada nos discursos que compõem o imaginário social do bairro. Dai podem emergir diferentes arranjos sociais que possibilitam, inclusive, alianças micropolíticas entre pequenos traficantes e jovens líderes comunitários.

Os exemplos supracitados tratam das dimensões subjetivas da violência que precisam ser captadas pela abordagem sociológica. Neste sentido, para JODELET (1984), uma das perspectivas sociológicas que delineiam o campo de estudo das representações (sociais) é de que *o jogo das relações intergrupais determina a dinâmica das representações. O desenvolvimento das interações entre grupos influi sobre as representações que os membros têm de seu grupo (...) e dos outros grupos* (JODELET:

1984, p.365). Assim, com relação à afirmação de JODELET, captar as *representações (sociais)* implica em apreender as possíveis motivações e a natureza da interação social. Por este motivo, caracterizar o espaço social de produção da violência e os seus agentes e vítimas é uma das dimensões do jogo das relações intergrupais que precisam ser buscadas e será analisada neste estudo.

Como exemplo empírico, citaria um estudo⁷ sobre violência urbana e novas formas de sociabilidades em bairros de baixa renda na cidade do Recife cujos resultados subsidiaram a construção do objeto de pesquisa desta tese. A investigação apontou que os jovens, em suas falas, organizada ou não, consciente ou não, revelam que a *violência* estava associada a uma representação pelo fato de que muitos jovens compartilhavam um conjunto de sentidos atribuídos a ela, como a categoria nativa “*vida errada*”. Estas linguagens da *violência urbana* foram identificadas em um acentuado sentimento de medo, e busca por reconhecimento (LONGHI: 2008, p.182), sejam entre os que estão próximos, ou quando falam da organização da criminalidade ou quando se identificam como sujeito de direitos, dos quais se sentem excluídos. Mas, o que esses conteúdos valorativos nos revelam? Conforme já foi sinalizado anteriormente por si só, dizem pouco. A violência e o medo aparecem nos discursos ou comportamento dos sujeitos e tornam-se um suporte das *representações (sociais)* que precisam ser teoricamente interpretadas.

Mas, o que seriam as *representações (sociais)* enquanto objeto de investigação? Referem-se às práticas sociais construídas nos grupos de acordo com a sua realidade ou com a ordem empiricamente vigente (PORTO: 2005, p.28). No entanto, como já foi assinalado não é todo e qualquer conhecimento do senso comum que pode ser identificado como representação social. Em outras palavras, o objeto das representações (sociais) deve poder assumir diferentes características em diferentes contextos situacionais. Neste estudo, a *violência urbana* torna-se objeto das *representações (sociais)* em razão dos múltiplos significados atribuídos de acordo com as posições sociais distintas que atores sociais ocupam.

⁷ Trata-se da pesquisa *Motivações de Homicídios: dimensões qualitativas e dinâmicas sociais da criminalidade violenta em Recife*, realizada pelo NEPS-UFPE. O estudo tinha como um dos objetivos complementar o diagnóstico da criminalidade violenta em Pernambuco, a partir de uma análise qualitativa das motivações dos homicídios ocorridos, no período de 2002 a 2007.

1.4 A figuração Estabelecidos/ *Outsiders* como instrumento analítico possível á produção da reflexão sociológica acerca das representações (sociais)

É importante destacar que do ponto de vista sociológico seria pouco produtivo abordar quaisquer tipos de *representações (sociais)* furtando-se da discussão da noção de *subjetividade* (JODELET: 1999). Visto que *há uma relação entre objetividade e subjetividade necessária à formação do sujeito* (SOUZA NETO: 1983, p 89) que Norbert Elias (1970) recupera ao analisar a noção de *interdependência* como fundamental para a compreensão das figurações, especialmente a figuração estabelecidos/*outsiders*. Neste estudo, esta figuração torna-se uma ferramenta analítica que auxilia a remover possíveis véus que envolvem um conjunto das percepções ordinárias acerca da categoria violência e possibilita uma reflexão no campo da Sociologia acerca das representações (sociais) deste fenômeno. No entanto, como foi apontado no início deste capítulo, o conceito de representações (sociais) é um argumento particular do campo da Psicologia Social. Dito isso, do ponto de vista sociológico a recuperação desta noção implica em um resgate da discussão, ainda não esgotada e cara em nossa disciplina, acerca do *Indivíduo e Sociedade* que pode ser remetida a problemática da subjetividade.

É possível inserir ELIAS e SCOTSON (2000) neste debate acerca das representações (sociais) a partir da premissa de que as relações humanas só podem ser compreendidas através do processo relacional, já que os indivíduos não atuam no vazio social. Pelo contrário estão associados em grupos mais ou menos fixos que se constroem, se desfazem e se reconstróem na vida cotidiana. Logo, só faria sentido falar em *Indivíduo e Sociedade* a partir de figurações sociais que ressaltem um processo relacional. Neste sentido, para compreender as representações (sociais) na Sociologia talvez fosse mais adequado retomar a discussão acerca das relações de subjetividade e a sociedade. Ademais, a teoria estabelecidos/*outsiders* representa a preocupação de ELIAS e SCOTSON (2000) com a subjetividade enquanto um processo relacional implícito as representações (sociais) construídas e compartilhadas em um contexto situacional particular.

As representações (sociais) em ELIAS (2000) se referem a um conjunto de relações sociais que podem ser pensadas teoricamente a partir de um recorte possível da realidade classificado em estabelecidos/*outsiders*. Por consequência, entendo figuração

como um conceito que possibilita a partir da identificação de modos de inter-relações que estão subjacentes a dualismos como: indivíduo/ sociedade; ordem/ desordem; integração social e conflito; violência e pacificação; pensados enquanto processos sociais. Isto significa refletir sociologicamente em termos de processos sociais implica remeter à preocupação teórica dos autores que se desloca para além das dimensões normativas dos fenômenos sociais. Nesta perspectiva, o foco exclusivo nas dimensões normativas poderia embaçar o olhar do sociólogo, identificado como *um caçador de mitos* (ELIAS: 2000, p.123).

Com efeito, seria pouco frutífero pensar a ordem descolada da desordem ou, ainda, a integração social descolada do conflito uma vez que são os conjuntos das interações sociais e das relações não dicotômicas que formam a sociedade. Por conseguinte, é importante reter a seguinte questão: como o entrelaçamento das interações sociais foi analisado a partir das relações sociais entre o grupo dos estabelecidos e o grupo dos *outsiders* possibilitando, inclusive a identificação do lugar da violência naquele contexto situacional? O entrelaçamento dos diversos modos de interação e inter-relação foi pensado a partir da ênfase nas redes de relações sociais entre os atores sociais dentre elas as relações de poder, as visões de mundos que compõem a subjetividade, ou seja, as perspectivas dos atores sociais. Destacaria alguns elementos fundamentais a perspectiva teórica estabelecidos/*outsiders*.

O primeiro elemento refere-se ao contexto situacional em que estabelecidos/ *outsiders* foi pensado. Trata-se de um estudo sobre as interações sociais entre os moradores, os jovens e os trabalhadores que residiam em um mesmo bairro operário, no interior de uma pequena cidade da Inglaterra na década de sessenta no século XX. O objetivo do estudo foi compreender os mecanismos de natureza sociológica que atuavam naquele contexto situacional que implicava em *diferenciação social* que afastava (real ou imaginariamente) os moradores da localidade. Essa fragmentação se traduzia na consolidação de um grupo considerado detentor de *status* mais elevado representado como *melhores*, enquanto sobre moradores socialmente considerados portadores de *status* menos elevado atribuíam-se estigmas negativos associados à delinquência, anomia e a desordem. Indubitavelmente, o fio condutor da figuração estabelecidos/*outsiders* reside na atribuição de estigmas em um contexto que os índices

de delinquência decresciam ao mesmo tempo permaneciam os estigmas como “violento” atribuído a determinados grupos.

Nesse contexto situacional, emerge uma particularidade da figuração estabelecidos/*outsiders* o critério sócio econômico referente ao conjunto dos moradores da localidade. No que tange a raça, cor, renda e ocupação profissional o perfil era muito semelhante indicando que inexistiam diferenças de classe na localidade. Portanto, isoladamente os critérios estatísticos informavam pouco acerca da heterogeneidade que compunha a paisagem social do bairro e, consequentemente da atribuição de estigmas negativos endereçada a um grupo de moradores. Em Santo Amaro, durante o período da pesquisa de campo, sobram relatos de jovens acerca de rotulações negativas de humilhações socialmente imposta pela ordem socialmente estabelecida. Em outras palavras, ações rotineiras e repetitivas, como discriminação por endereço dentre outras corriqueiras em favelas do Rio de Janeiro (NOVAES: 2008; ZALUAR: 2002), estão presentes na capital pernambucana.

O segundo elemento transversal à figuração estabelecidos/*outsiders* refere-se à preocupação geracional. No contexto da uma sociedade industrial (*Winston Parva*) a representação social dos jovens baseava-se em uma imagem negativa e contraditória, construída sob uma composição de elementos que formavam a autoimagem dos grupos. Ademais, os espaços de lazer eram limitados para essa população, já que a sociedade não oferecia possibilidades de papéis claramente definidos (ELIAS E SCOTSON: 2000, p.173). Os autores oferecem uma chave para a compreensão da imagem dos jovens naquele contexto situacional:

(...) não era uma assembleia aleatória de jovens “anormais”; representava um fenômeno bastante normal das grandes sociedades urbanas. Todas elas produzem e reproduzem, repetidamente, grupos de pessoas que se adaptam melhor e outras que se adaptam mal ou não se adaptam à ordem estabelecida e os papéis prefixados. Muitos jovens estavam numa encruzilhada. Alguns eram ou viriam a ser delinquentes, enquanto outros aprenderiam a se enquadrar nos papéis aceitos dos adultos. Mas só nos registros policiais e nas crenças de vários adultos comuns e cumpridores das leis é que há uma clara linha divisória entre os delinquentes e os não delinquentes. A classificação de alguns jovens como “delinquentes” tende a nos fazer esquecer que o “comportamento delinquente” funde-se imperceptivelmente com o não delinquente. Se observarmos a conduta de jovens e adolescentes, em seu contexto comunitário real, encontraremos muitas formas transacionais de comportamento. As tentativas de estudar delinquentes, explica-los e fazer previsões a seu respeito, unicamente com base em critérios individuais,

através de diagnósticos psicológicos não corroborados por diagnósticos sociológicos, não costumam ser dignos de confiança. É que as condições de reprodução contínua dos grupos de jovens delinquentes encontram-se na estrutura da sociedade e particularmente na das comunidades onde moram grupos de famílias com filhos “delinquentes” e onde essas crianças cresceram (...). A maioria parecia sofrer de uma escassez absoluta de oportunidades de diversão, não sabendo o que fazer com as horas de folga depois da escola ou do trabalho. Sua situação dificilmente confirmaria a ideia largamente aceita de que basta ensinar as pessoas a trabalhar a não se divertir (ELIAS e SCOTSON: 2000, p.140).

Neste sentido, ELIAS e SCOTSON (2000) refutam as tendências dominantes na construção sociológica acerca da imagem dos jovens associados à delinquência ao assinalem as armadilhas que as explicações sociológicas estruturais podem incorrer ao identificar grupos de jovens em classificações herméticas como delinquentes e não delinquentes. Em outras palavras, isto significa que o raciocínio teórico e a investigação empírica caminham juntos na sociologia de ELIAS (2000). Esse diálogo possibilita que o indivíduo e a sociedade possam ser compreendidos como realmente são e não como se supõe que sejam.

A importância de um autor como ELIAS (1970), pode ser alvo de crítica sob suspeita de reproduzir um suposto viés evolucionista que vinculava explicação de causa e efeito dos fenômenos sociais. Pode-se dizer que esse ceticismo concernente à leitura dos críticos em relação a ELIAS (1970) é corrente na representação científica das representações (sociais). No entanto, este autor desconstrói as explicações de causa e efeito através da ruptura com um pensamento dicotômico, como por exemplo, entre objetividade e subjetividade. Para ELIAS (1970), a discussão sobre *subjetividade* está para além das dualidades como *subjetividade e objetividade; indução e dedução; análise e síntese; harmonia e conflito; ordem e desordem; jovens e adultos*.

Neste estudo, a tentativa de refletir acerca das *representações (sociais) da violência formuladas por jovens* poderá ser vislumbrada a partir do deslocamento do âmbito da delinquência, enquanto fenômeno objetivo, para a hierarquia das relações de poder em que os jovens circulam, do âmbito da estrutura social para os modos como os jovens vem sendo investidos enquanto um problema social. É importante ressaltar que o *ethos* pode ser entendido como uma forma de *autocontrole* que contribui na definição de comportamentos aceitáveis ou não. O *controle social* dos indivíduos (no caso, *os jovens das periferias*) pode ser exercido em parte pelas instituições sociais como escola e em

parte pelo próprio indivíduo (*autocontrole*) em suas experiências específicas que podem tomar como referência as carreiras dos pais, aos discursos que privilegiam carreiras escolares, aos grupos de pares que apresentam estratégias para atingir o desejo de destaque em relação aos outros.

No entanto, cabe ressaltar ainda que a Sociologia das *figurações* de Norbert Elias trata de eventos sociais. Estes ocorrem num espaço social que não é neutro. Pelo contrário, a noção de *interdependência* que serve como um instrumento conceitual considera o espaço social ou o território como um lugar que abriga relações de poder que dão lugar a configurações concretas de acordo com o contexto específico. Em outras palavras, isto pode se vislumbrado em Santo Amaro. Trata-se de uma localidade em que o comércio de drogas e a disponibilidade de armas impulsionam determinadas práticas cotidianas que atingem a todos os moradores, independente do envolvimento direto com tais atividades.

Interdependência e ethos

Na perspectiva de ELIAS (20000), a *interdependência* é um conceito de dupla via que afirma que a vida cotidiana se relaciona com a de outros indivíduos, mas também remete a ênfase na questão da subjetividade contida nas explicações sociológicas. Utilizá-la é rejeitar a premissa objetivista que reconhece os indivíduos como meros suportes da estrutura social, sendo a sociedade algo exterior que se opõe ao mundo interior dos sujeitos que a compõem. Em contraste, trabalhar com a noção de *interdependência* é reconhecer que há uma rede de relações sociais entre os atores que os ligam formando uma *figuração*, como pontua o próprio ELIAS (1970), *se refere à teia de relações de indivíduos interdependentes que estão ligados entre si por vários níveis e de diversas maneiras* (ELIAS: 1970, p.30). A unidade fundamental de qualquer *figuração* é o poder. No entanto este não está associado a algo que os indivíduos ou grupos possuam ou não. Neste sentido, o poder deve ser pensado como um elemento integral de todas as relações humanas.

Assim, as *representações (sociais)* sobre violências formuladas por *jovens da periferia*, foram pensadas enquanto resultantes da preocupação com o caráter interativo e construído dos significados atribuídos pelos indivíduos as suas ações (e objetos) sempre com ênfase em uma trama de interações simbólicas e nas diferenças e de *ethos* e visões de mundo que este estudo é tributário. O *ethos* e as visões de mundo dos jovens

pesquisados referem-se a um conjunto de disposições, valores e asserções sobre o mundo social que se associam e explicam em parte, por exemplo, a possibilidade de explosão do comportamento violento na modalidade *criminalidade urbana violenta*.

Dai podem emergir categorias nativas, *guerra* e *vida errada*. Essas noções contribuíram para a reflexão acerca dos sentidos que os atores sociais atribuem aos sujeitos que praticam determinadas ações, no limite, as atividades criminosas. As visões de mundo de jovens oriundos de camadas menos favorecidas, objeto desse estudo, são um exemplo da opção preferencial pela violência, estimulada por um *ethos* (que Alba Zaluar define como *ethos guerreiro*) que pode delimitar como comportamento inaceitável, por exemplo, o indivíduo apresentar pouca disposição para briga ou o que se submete ao trabalho formal (ZALUAR, 2007) desempenhando assim um comportamento desprezado pelo grupo. Deste modo, *as pessoas ligam-se emocionalmente umas, às outras por meios de símbolos. Este tipo de ligação não é menos significativo da interdependência humana do que as ligações criadas, por uma especialização crescente* (ELIAS: 1970, p. 151).

Assim, esta pesquisa se interessou nas *representações (sociais) sobre violência* formulada por jovens das camadas menos favorecidas da população, tentou captar a *interdependência* presente na figuração estabelecidos/*outsiders* e o elemento de incerteza e mudança nele contido. Isto porque as percepções dos jovens acerca do território ou espaço social, do universo escolar, das amizades representam componentes abstratos que edificam os significados atribuídos à violência urbana e a sociabilidade do grupo, que nem sempre estão imediatamente acessíveis ao observador externo.

Neste sentido, uma das preocupações deste estudo é com o *”estar no mundo”* (VELHO, 1983) de jovens, das camadas menos favorecidas da população em um contexto social semelhante à SV, na capital pernambucana, que se baseia em uma tensão entre visões de mundo baseadas em dimensões holísticas e uma tensão entre diferenças de ênfase de *ethos*. Assim, a subjetividade é resultado de um complexo processo de interdependência entre os indivíduos que através das relações sociais constroem identidades. Elas são fluidas, não são estáticas no tempo e no espaço já que incorporamos diversas identidades ao longo da vida.

É a partir das premissas expostas acima que a *subjetividade* está inserida nessa pesquisa que pretende identificar precisamente as *representações (sociais)* sobre violência,

formuladas por jovens, e os condicionamentos destas representações que são transversalizadas por elementos estruturais encontrados através das condições sócio econômicas no bairro de moradia e nas dimensões simbólicas via atribuição de *status* que a localidade possui na linguagem ordinária. Ao utilizá-la admite-se que os jovens em *interdependência* apresentam trajetórias de vida plurais, mesmo dentro de um universo relativamente restrito, socialmente e economicamente, como o das camadas menos favorecidas que dependem mais da família ou do grupo de vizinhança para estabelecerem relações sociais na vida cotidiana. Se, neste contexto social as trajetórias dos jovens não são únicas, há uma multiplicidade e heterogeneidade das pertencas de papéis e códigos contraditórios. Logo, haveria uma ampliação dos campos de possibilidades. Assim, tem-se uma questão sociológica no que tange à *subjetividade* dos jovens moradores de favelas que precisa ser apreendida: as trajetórias existenciais dos jovens da periferia influenciam no conteúdo das *representações (sociais)* sobre violência? Se sim, de que forma isso ocorre?

1.5. Como a teoria das representações (sociais) trata dos estudos de violência urbana no Brasil?

No Brasil, a partir da década de oitenta nas Ciências Sociais surge um conjunto de estudos que busca dar conta das múltiplas significações da violência urbana (ZALUAR: 2007; MACHADO DA SILVA: 2010; PORTO: 2006; 2010). Isto porque havia a necessidade de produção de um novo conhecimento com a aplicação rigorosa dos métodos de investigação e de interpretação para o estudo da violência que considerasse os componentes objetivos e subjetivos deste fenômeno.

Neste contexto, a violência é examinada a partir das relações estabelecidas no espaço cotidiano, as quais podem estar inscritas em um código de padrões de conduta e percepções de mundo próprias. Em meio a esta discussão foram produzidos estudos que focam no discurso de *moradores de favelas, policiais, jovens e adolescentes* sobre a violência (e sua representação) como componente de ordens sociais distintas de acordo com a realidade social (ZALUAR 1994; 2000; 2004; 2010; ADORNO, 2008; SOARES, 2005).

A retomada das *representações (sociais)* como conceito de suma importância para a compreensão sociológica possibilitou captar as múltiplas significações da violência. Isto

ocorreu em um momento que sociólogos (as) questionam interpretações clássicas (construídas no âmbito da Sociologia americana, especialmente a teoria do desvio e da anomia) do *crime* e da *violência*, bem como sua aplicabilidade a realidade brasileira. As explicações tradicionais focadas na esfera institucional ou como identifica Machado da Silva, (2000) a ordem *institucional-legal* e econômica tornam-se reduzidas para a compreensão desta temática. Maria Stela Grossi Porto (2010) foi uma das primeiras pesquisadoras da Sociologia da violência que avançou teoricamente na explicação desta problemática, via *representações (sociais)*. Nas suas palavras:

(...) em termos da relação indivíduo/sociedade, e situando Durkheim e Weber no debate não parecem de todo incongruente afirmar que é no interior da construção teórica de Weber, mais do que em Durkheim, que abordagens analíticas centradas em *representações (sociais)* poderiam ser mais confortavelmente inseridas, já que a perspectiva analítica weberiana permitiria captar os sentidos que os atores (protagonistas ou vítimas de uma dada ação) atribuem a suas representações, sem desconsiderar o sistema (ambiente, contexto, situação, estruturas) no qual esses atores agem e interagem. Privilegiaria a subjetividade das representações sabendo, no entanto, que elas só se constroem em relação a um dado contexto ou ambiente objetivamente dado. Ou seja, a subjetividade das representações, tanto quanto a objetividade das práticas, são assumidas como componentes fundamentais das relações sociais. Durkheim, o verdadeiro criador do conceito, mesmo abrindo brechas e espaços importantes para a consideração das subjetividades enquanto espaço do simbólico, permaneceria mais preso à força e ao peso causal da estrutura (PORTO: 2010, p.75)

Desde a sociologia clássica a discussão sobre *representações (sociais)* parece ser cara a também ao campo da Sociologia. No entanto, a partir da retomada de MACHADO DA SILVA (2000) e PORTO (2010), o conceito de *representações (sociais)* da *violência* abre possibilidades explicativas que auxiliam na reflexão de algumas categorias que podem tornar-se um caminho teórico na abordagem da violência combinada com categorias como *diferenciação social*, *espaço social*, e os *múltiplos significados de violência*; quais sejam:

a) *Representações (sociais) da violência e diferenciação social*, esta noção retomada por PORTO (2006), tem objetivo de refutar algumas representações teóricas da *violência* baseadas apenas em variáveis explicativas estruturais. Diante das dificuldades de explicar, por exemplo, o fato de jovens das camadas médias envolverem-se em práticas de violência. Neste sentido, PORTO (2010) indaga *porque as manifestações de violência produzidas por membros das classes mais abastadas chocam mais do que as desenvolvidas nas classes baixas?* Para entender, os processos que estão subjacentes às

práticas de violência, as *representações (sociais)* tornam-se elemento constituinte do próprio fenômeno da violência urbana. Caso contrário, o exemplo supracitado da mudança de endereço da violência para os locais nobres da cidade dificilmente poderia entendido. Este é um recorte para compreender a violência urbana a partir das contribuições da investigação de PORTO (2010) para a compreensão do contexto situacional em que as representações (sociais) são formuladas. Elas são permeadas por uma relação dinâmica entre duas categorias de análise: *inclusão* e *exclusão social*. Sociologicamente, as particularidades do território podem facilitar a ênfase ao pertencimento a vários grupos e a identificação *de práticas e modelos de conduta* (MACHADO DA SILVA: 2000) que constituem e contribuem para a construção das representações (sociais) da violência urbana.

b) *Representações (sociais) e espaço social/ território* – A noção de espaço social na abordagem de PORTO (2010), parece ser iluminada pela noção de espaço social encontrada em ELIAS (1970), pois, refere-se para além do espaço físico de uma cidade, ou um bairro de periferia. Pensando nesta perspectiva, optei nesta tese, pela utilização do conceito de *território* em sua dimensão de espaço social identitário. Ademais, como afirma NOVAES (2006), creio que *endereço também é identidade* e o local de moradia é um dos fatores que interfere, inclusive, no processo de rotulação atribuído aos jovens pertencentes às camadas de baixa renda. Neste sentido, a escolha de um território considerado socialmente violento, através da linguagem ordinária, se justifica também por tornar-se parte ativa na construção de representações (sociais) (valorizadas socialmente ou não) e das percepções dos sujeitos da pesquisa.

c) *Representações (sociais) e relação intrincada entre jovens e violência*- A violência para PORTO (2010) pode ser mais bem compreendida se for considerada as mediações entre o contexto das transformações sociais no mundo contemporâneo. A autora chama atenção para os níveis de mediação entre as *mudanças sociais* e os *fenômenos de violência*. Isto fica claro no argumento da autora ao considerar que *jovens pobres não parecem constituir uma expressão de identidade*. A violência nesse contexto seria uma *expressão do individualismo, mergulhados em um contexto social carente e expressam também uma exclusão existencial*. Mesmo não admitindo esse argumento, seria possível considerar que os *jovens da periferia* acionam com muito mais veemência sua identidade de exclusão via práticas de violência?

d) *Representações (sociais) e os múltiplos significados da violência* – Um dos principais acertos da teoria das representações (sociais) aplicada aos estudos de violência urbana é o que está em *questão não é o legal ou o normativamente correto, mas o efetivamente vigente* (PORTO: 2006, p.265). Em outras palavras, como afirmou MACHADO DA SILVA (2000) a violência enquanto representação refere-se ao interior das relações sociais e não no exterior desta como proferiram as teorias sociológicas que consideravam a violência e o crime como um desvio ou algo patológico.

No contexto da Sociologia clássica, a identidade e a sociabilidade dos atores sociais se constituíam fundamentalmente na posição social associada às categorias *trabalho* e *mundo da produção*. Estas categorias analíticas nortearam boa parte do pensamento sociológico estrutural do século passado que dirigiu atenção à estrutura social para explicar os fenômenos sociais, inclusive o crime e a violência. Neste contexto, os problemas sociais da criminalidade e da violência urbana eram explicados em relação às lutas sociais, conflito social e controle social dispostos na disputa por meios de acesso as oportunidades dispostas na estrutura social. No contexto da globalização, emergem novas formas de sociabilidade e dentre as transformações sociais e tecnológicas, a violência adquire novos contornos e se difunde por toda a sociedade. Uma destas novas formas de sociabilidade pode ser entendida como SV (MACHADO DA SILVA: 2010).

No plano das representações (sociais) da violência é possível perceber que determinados grupos e sujeitos sociais experimentam uma maior legitimidade social para formularem seus discursos e atribuições de significados sobre violência urbana, alcançando uma situação de supremacia em determinados contextos sociais. É o caso dos policiais e dos especialistas da área acadêmica, especialmente jurídica e sociológica. Ocorre deste modo, a constituição de um mosaico de conceituações sobre a violência evidencia significados divergentes, de acordo com os interlocutores que as representam. No entanto, a noção conceitual de *representações (sociais)* pode ser extremamente exitosa para as investigações sociológicas desde que inserida em uma espécie de “*ciranda*” *conceitual, sem qualquer hierarquia fixa, mas que combine diferentes conceitos que auxiliarão no entendimento das representações (sociais)* (PERRUSI: 2005, p.13) sejam quais forem os objetos abordados; *a loucura, a saúde* ou *a violência*. Assim, falar em *representações (sociais) da violência* só fará sentido se relacionadas algumas categorias analíticas (PERRUSI: 2005). Neste estudo, as categorias analíticas se referem à noção de *jovem da periferia, SV*, espaço social/território que em conjunto possibilitarão a

interpretação das representações (sociais) da violência formulada por jovens em um bairro de baixa renda da capital pernambucana.

Importante destacar o resgate do estudo das representações (sociais) para a Sociologia, proposto por MACHADO DA SILVA (2004; 2010; 2011) focando na compreensão das relações entre a *produção simbólica e práticas sociais* privilegiando *as regularidades dos cursos de ação cotidianos* (MACHADO DA SILVA: 2004, p.55). Estes cursos de ação adquirem suma importância na explicação social do crime e da violência via SV. É possível extrair da formulação teórica do autor no mínimo três implicações que podem ser úteis para orientar este estudo. A primeira delas, diz respeito *linguagem* no contexto da SV, a segunda se refere à problematização acerca do que é a “*organização da criminalidade*” e a *distribuição territorial* enquanto potencializadora de uma ordem social em que o princípio regulador das relações sociais é o uso da força. As três implicações supracitadas serão fundamentais para o desenvolvimento do estudo em tela, bem como estão diretamente relacionadas às principais ideias sobre a noção de SV elaborada por MACHADO DA SILVA. A seguir, descrevo brevemente alguns pontos relevantes da construção teórica SV para pensar o contexto situacional que os jovens pesquisados podem encontrar-se inseridos.

A SV e a *violência urbana* possuem relações indissociáveis. Isto porque um dos aspectos principais da *violência urbana* reside em sua característica central, a SV. Trata-se de um padrão de sociabilidade impulsionado pelo sentimento de insegurança, presente na cidade como um todo, embora afete mais fortemente os chamados *territórios de pobreza*. No entanto, essa ferramenta analítica só faz sentido considerando o significado histórico e cultural da construção coletiva da expansão do discurso referente à violência urbana.

As proposições de MACHADO DA SILVA fazem um resgate histórico ao tomar o Rio de Janeiro como um “caso bom” para pensar a SV. Neste sentido, o momento a partir do qual a expansão da violência urbana surge como um problema social em debate reflete na *transformação da violência urbana em um padrão de sociabilidade* naquele contexto situacional. Esse cenário refere-se à primeira metade da década de oitenta na capital fluminense. Em suas palavras:

Ao lado da intervenção sobre a política carcerária, o governador adotou o respeito aos direitos civis como premissa da atuação policial na atividade de controle social nas favelas, bairros populares e periferias. Nesta linha, proibiu as operações massivas das forças policiais nos morros da cidade que então começavam a se tornar corriqueiras. É de se ressaltar que tal proibição foi resultado de um acordo do governador com as lideranças locais, como medida explícita de proteção da integridade física dos moradores dessas áreas contra a violência policial (...). O núcleo do conflito social passou a concentrar –se na relação espiral de violência policial e criminal e as interrupções nas rotinas cotidianas constituindo, assim um círculo vicioso que, como venho insistindo, se expressa no par violência urbana- SV (MACHADO DA SILVA: 2010, p.107).

Na verdade, trata-se de modelo teórico que considera a violência como parte integrante da realidade social (MACHADO DA SILVA: 1995; 1999; MISSE: 2011; DIÓGENES: 2007) *legitimada pela sociedade mais ampla* (ZALUAR: 1999, p.3) do Rio de Janeiro. *A SV busca obter o sentido da qualidade das relações sociais a partir das práticas criminosas comuns* (MACHADO DA SILVA: 2004, p.53). Neste sentido, os *padrões de sociabilidade* estão alicerçados basicamente em sentimentos de *submissão, medo e desconfiança* possíveis de ser observados, tanto em contextos das classes mais abastadas quanto das classes menos privilegiadas socialmente. Trata-se de um modelo de análise que, segundo o autor, identifica novos arranjos de relações sociais que podem assegurar aos atores sociais, sem muitas garantias, a possibilidade de convivência nos espaços sociais.

Esta é a característica central da *representação social da violência urbana*. Através de técnicas de submissão, pois existe um extrato dominante e outro subalterno, as relações sociais são reguladas através da forma de organização social da SV. No entanto, as trajetórias sociais dos atores podem ser retomadas ou revestidas porque esta hierarquia não é fixa ou estática. Estas técnicas de subordinação se estabelecem de acordo com a distribuição dos agentes nas posições hierárquicas da sociedade.

A noção de espaço social/ território não está associada a uma mera separação geográfica (ELIAS: 1970; PORTO: 2011) e, sim como acrescenta MACHADO DA SILVA (2011) se refere à coexistência dos dois padrões de sociabilidade, citados no parágrafo anterior, que se estabelecem num contexto do Rio de Janeiro em que o Estado está presente (mesmo que de forma não homogênea em toda a extensão da cidade). No entanto, engana-se quem acredita que a SV seja uma característica exclusiva das comunidades cariocas de baixa renda. Para MACHADO DA SILVA (2011), *a SV representa a*

particularidade da *presença do Estado em suas próprias margens*. Neste sentido, o autor avança em relação ao argumento de ZALUAR (1987) de que os moradores das áreas pobres ficariam confinados diante de um poder repressor do tráfico e sem a presença do Estado.

O que ocorre é que uma das implicações da SV pode ser lida através do que o sociólogo carioca denomina de *confinamento geográfico ou experiência de confinamento* sustentado por um lado pelas *práticas de violência policial* e por outro lado, pelo *medo e desconfiança*. Nesse padrão de sociabilidade, a *diferenciação social* pode implicar em uma *limpeza simbólica* em que moradores de favelas, especialmente os mais jovens, precisam criar mecanismos para apresentar-se como alguém que não está envolvido com práticas de produção de violência. Este processo está relacionado com um estigma (BECKER: 2009), imputado pelo imaginário social especialmente sobre os jovens das periferias. Esta rotulação acaba sendo protagonizado pela minoria dos moradores de favelas ou bairros populares. Se, estamos falando de estigmas negativos endereçados aos moradores mais jovens a questão assume contornos ainda mais dramáticos. O sociólogo carioca identificou alguns eventos que podem reforçar a aplicação de estigmas direcionados aos moradores mais jovens das áreas de pobreza. Para ilustrar, no momento em que jovens são pensados através dos programas de intervenção social e/ou de controle social como potencialmente “vulneráveis”, “de risco” há um processo de reforço de rótulos negativos em relação a esse público.

No entanto, o que MACHADO DA SILVA (2011) descreve é como se estruturam as práticas representadas como violência urbana. O foco do autor é sobre a articulação de comportamentos em uma ordem social específica. Esta leitura da realidade social pode contribuir com um conhecimento acadêmico robusto sobre violência urbana, já *que há um descompasso entre a abordagem acadêmica e política do problema da violência urbana e o conhecimento do senso comum sobre a violência urbana* MACHADO DA SILVA (2011, p.39).

Quase sempre a noção de “violência urbana” se restringe às atividades de um tipo específico de agente- o criminoso, mais particularmente o traficante de drogas. Mas nem sempre: diferentes formas de incivilidade podem ser incluídas neste rótulo. Note-se que, embora a noção de “crime” seja extraída de definições legais, não deve ser confundida com elas. Para a população em geral, “crime” é uma representação social, não uma figura jurídica (MACHADO DA SILVA: 2011, p.20).

Tendo em mente que a opinião de um indivíduo, por si só, não esclarece o contexto em que foi dada, nem os critérios de valor e as categorias que a sustenta (PERRUSI: 1995, p. 63) as noções e categorias discutidas e descritas neste capítulo têm papel fundamental, pois expõem o percurso teórico da tese e a linha de reflexão que foi adotada neste estudo. Em outras palavras, as *representações (sociais)* serão o meio de análise fundamental para compreender as percepções dos jovens sobre família, escola, trabalho e território e a construção da representação social da violência formulada por esses atores sociais (protagonistas e/ou suas vítimas). Lembrando que esta tese não tem como objeto o território pesquisado, este se configura enquanto recorte empírico que partirá a análise sobre *jovens e violência*.

Como afirmou PORTO (2008, p.216), *é necessário interrogar a realidade a partir do que se diz sobre ela, pois embora resultado da experiência individual são condicionadas pelo tipo de interação social que as produzem*. As referências às narrativas do *senso comum* coletados durante a pesquisa de campo referem-se à *violência urbana* entendida nesta tese como: *uma categoria de senso comum coletivamente construída para dar conta de fatos que fazem parte da vida cotidiana, ou seja, um complexo de práticas na qual a força é um elemento aglutinador responsável* (MACHADO DA SILVA: 2011, p.35). Na pesquisa de campo desta tese, foram identificadas assertivas expressadas nas falas dos entrevistados como, *a violência só aumenta*, trata-se de representações (sociais) dos atores e, talvez não corresponda à realidade. A TRS reforça que importa menos o caráter verdadeiro ou falso das representações (sociais), isto não significa que as falas que emergem do campo empírico possam ser ignoradas pela reflexão sociológica acerca do fenômeno da violência.

Utilizando as representações (sociais) enquanto referência analítica, não pretendo ater-me a cada uma das afirmações dos entrevistados para verificar sua veracidade. Sob a dimensão teórica das representações (sociais) se trata de uma forma de conhecimento elaborada e compartilhada, que por força da repetição, seja midiática ou nas conversas entre vizinhos, podem torna-se *verdade* e, assim informarem condutas de atores sociais, especialmente os jovens. De outra parte, as falas dos entrevistados parecem referir-se a assaltos, homicídios, tráfico de drogas e sobre o sistema de justiça criminal. Note-se que o evento em que emergiram os discursos dos pesquisados, algumas vezes referia-se às políticas de prevenção à violência destinada ao segmento extremamente visado - *os jovens das periferias*.

Considerações Finais

Em síntese, o deslocamento da violência criminal em direção a um padrão de sociabilidade é uma das dimensões analíticas da noção de SV. Esse movimento implica na ênfase da interrupção das rotinas cotidianas no plano interpessoal que pode se reverter em sentimento de *medo, insegurança e desconfiança* que podem conduzir a sobreposição de tensões na ordem social como a *contiguidade territorial* por conta de discursos que contribuem, sobretudo, para a criminalização dos *jovens das periferias*. A atenção neste estudo está voltada para a violência urbana enquanto padrões de sociabilidade que se alicerçam principalmente sobre o estabelecimento de distâncias sociais do “outro”, distanciando-se da violência criminal e aproximando-se da SV enquanto sinônimo de interrupções nas rotinas diárias das periferias. Portanto, o foco foi na violência que privilegia a força como meio para *estruturar as relações sociais* MACHADO DA SILVA (2011). Neste estudo, não abordarei a violência de gênero, a violência simbólica ou qualquer outro tipo de violência. Esta tese se filia a esta possibilidade, que não é a única, mas é uma das possibilidades de estabelecimento de fronteiras entre o crime e a violência a partir de rompimentos das rotinas cotidianas nas periferias, em que os jovens tornam-se a população mais afetada. Inclusive, esses sujeitos, geralmente são tratados como potencialmente criminalizáveis e vivenciam algum tipo de rompimento em suas atividades rotineiras. Trata-se de *representações (sociais)* da violência urbana subjacente à significação simbólica da condição juvenil dos atores sociais moradores de aglomerados urbanos, rotulados, como violentos e perigosos, como o caso do bairro de Santo Amaro na capital pernambucana.

As questões levantadas até aqui buscaram esclarecer os usos que foram empreendidos às representações (sociais), embora não tenha sido possível aprofundar todas elas. É importante reter, que tomar as representações (sociais) dos jovens como ponto de partida para compreender o fenômeno da violência em uma das periferias sociais do Recife, por si só revelariam pouco, visto nada terem de objetivas. É justamente, sobre a interpretação das representações (sociais) que pesa a objetividade científica do estudo em tela. Assim, retoma-se a questão das crenças e valores à interpretação sociológica acerca da *violência urbana*.

Neste estudo, as análises das representações (sociais) foram realizadas a partir da intersecção de alguns campos da experiência juvenil: a educação, o trabalho, a família, as redes de amizade e o território subjacente às dimensões constitutivas das representações. A primeira dimensão, diz respeito à coesão social (DURKHEIM: 1970). Refere-se às representações (sociais) e seu papel importante no processo de coesão social, ao agregar ideias, valores, normas, visões de mundo consideradas relevantes para a integração social da sociedade. Nesta tese, esta dimensão refere-se às ideias, valores, percepções dos jovens que compõe suas representações sobre violência e, desta maneira teriam o poder de influenciar os eventos, independentemente da veracidade dos acontecimentos, proporcionando assim a integração social destes atores sociais.

A segunda dimensão das representações (sociais) adotada nesta investigação refere-se às transformações nas relações de sociabilidade juvenis que se transformam em razão de um contexto situacional de SV estabelecido basicamente sobre sentimentos de medo, submissão e desconfiança em espaços de *periferias*. Portanto, a preocupação aqui é menos com dinâmica interna das representações (sociais) (MOSCOVICI: 1970) e mais com as percepções dos jovens pesquisados, já que a representação traz as marcas do sujeito.

Já a terceira dimensão, as interações sociais na vida cotidiana, engloba as relações sociais e as dinâmicas identitárias que daí emergem. Portanto as interações sociais foram o ponto de partida das representações (sociais). A maneira como os atores sociais transitam frente às diferentes manifestações de natureza objetiva e/ ou subjetiva constrói seus cursos de ação na vida cotidiana em Santo Amaro. Essa dimensão é tributária da preocupação de MOSCOVICI (1970) com a estrutura e dinâmica das *representações (sociais)* entendidas como um conjunto de crenças partilhadas que não pode ser definidas independentemente de seu contexto social. O autor ao estudar a dimensão interacional das representações (sociais) assinalou que *é difícil estudar a violência ou a religião sem introduzir certa dose de afetividade e sem evocar experiências vividas* (MOSCOVICI: 1990, p.24).

Outra dimensão das representações (sociais) analisada foi o *ethos*, que pode ser entendido como formas de *autocontrole* (ELIAS: 2000), estendida a noção de controle social, sempre em uma trama de interações simbólicas e nas diferenças de visões de mundo. Nesta pesquisa, um conjunto de representações (sociais), manejadas a partir de

conceitos de violência e trajetórias, traduzidas em discursos que se pautam na trajetória de uma “*vida errada*” com base em experiências vividas podem tornar-se marcas identitárias que delimitam comportamentos aceitáveis ou não. Em síntese, essas quatro dimensões representam uma tentativa de um possível recorte na noção de representações (sociais) que será empregada como uma forma de interpretação do material empírico coletado entre os jovens pesquisados em Santo Amaro.

Ao falar em representações (sociais) refiro-me a construção social. Neste sentido, a literatura sociológica auxilia na reflexão acerca da construção da categoria juventude, por vezes, bastante associada à dimensão criminalizável da juventude. No próximo capítulo, busquei resgatar as representações científicas acerca da categoria juventude que já foi (e pode ser) percebida na Sociologia *como sinônimo de problemas sociais, como fenômeno de transitoriedade, como uma cultura autônoma, como campos de disputa, como sinônimo e culturas juvenis*. Por fim, busquei esclarecer a noção de jovens da periferia, fundamental a esta pesquisa que tem como objeto os jovens e a violência.

CAPÍTULO II

JUVENTUDE: BREVE BALANÇO DA LITERATURA SOCIOLÓGICA

A construção de um objeto de estudo que vincula *juventude e violência* poderia ser compreendida como mais uma produção no campo da Sociologia que situa os jovens em um prisma negativista. No entanto, creio que a construção deste objeto de estudo possibilita avançar em relação a um melhor entendimento dos novos sentidos da violência contidos nas *representações (sociais)* da violência urbana elaboradas por jovens moradores de periferias na capital pernambucana. Neste sentido, realizei nesse breve capítulo uma discussão sociológica acerca da categoria *juventude* buscando apontar uma definição provisória da perspectiva conceitual que os *jovens* serão abordados neste estudo.

Inegavelmente ao tratar a *categoria juventude*, faz-se referência justamente à polissemia deste conceito, ou melhor, da indefinição desta noção no interior das Ciências Sociais e seus diferentes sentidos atribuídos que perpassam a literatura sociológica. Neste sentido, é imprescindível recuperar algumas *representações científicas* (Becker: 2007). No entanto, cabe salientar, que a intenção deste capítulo não foi realizar uma revisão, um “*Estado da Arte*” ou uma apresentação detalhada do seja o conceito de *Juventude* na Sociologia. A intenção das reflexões de natureza conceitual, presentes no decorrer desta seção foi buscar situar o (a) leitor (a) e tornar mais clara a apropriação, se assim se pode dizer, que faço desta noção.

No capítulo anterior, buscou-se evidenciar o tratamento do conceito de *representações (sociais)*, utilizado neste estudo em um *conjunto de definições conceituais* que podem ser reconhecidas através de indicadores qualitativos; como o fato de que algumas

proposições são assumidas como dadas e, por isso acredita-se nelas. A categoria *juventude* é exemplo desta deliberação. Muitas vezes, se toma esta nomeação como indiscutível. No entanto, em geral, quando se fala em *juventude* temos em mente a representação do que seja este termo (MACHADO PAIS: 1990). Embora “*problemas*” socialmente considerados dos jovens e os sentidos atribuídos à situação juvenil possam variar em diferentes contextos sociais e culturais a categoria *juventude* é ao mesmo tempo uma representação e uma condição social.

Antes de qualquer coisa, a literatura sociológica clássica revela a *juventude* como elemento de *transitoriedade* utilizada para se referir a indivíduos que compartilham um determinado intervalo de idade similar. O que talvez sugira uma generalização do termo majoritariamente baseado em faixas etárias opostas ao *mundo dos adultos*. Nos dizeres de MACHADO PAIS (1990), reside a proposta teórica de que para melhor compreender questões juvenis é importante retomar representações “*vulgares*” da categoria *juventude*. Estas são construídas socialmente e podem representar o ponto de partida da análise sociológica. Na sociedade contemporânea, as representações da categoria *juventude* aparecem, geralmente, referenciadas a um conjunto de proposições que assinalam a *juventude* como uma fase da vida homogênea marcada pela *transitoriedade* entre a infância e a vida adulta e/ ou um período de *irresponsabilidade, de prazer*. No entanto, desde o clássico estudo de STANLEY HALL (1904), sabe-se que a *juventude* se constitui em construções sociais e históricas que se relacionam com percepções sociais construídas acerca destes sujeitos. Portanto, explicações sociológicas que se apoiam exclusivamente em argumentos de cunho etários tornam-se frágeis para entender a diversidade juvenil. O que não quer dizer que *juventude* não se constitua em *fases da vida*, mas existem outras variáveis a serem consideradas nos estudos que pretendem debruçar-se sobre esta temática através da recuperação das dimensões objetivas e subjetivas.

Isto porque, segundo Áries (1960) *infância e adolescência inexistiam durante a Idade Média* (ADORNO: 2002, p.51). Neste sentido, sobre a construção histórica e social da *juventude*, FEIXA (1988) construiu um breve inventário que pontua formas de *transição juvenil para a vida adulta*. Assim, foram identificados alguns *tipos ideais da juventude* que revelam um pouco as representações (sociais) construídas sobre jovens. Por exemplo, *a juventude na sociedade antiga* retratada através das imagens de filmes gregos e romanos em que jovens homens, atléticos, cultos, exibiam o corpo dentre

outros elementos como uma idade modelo. Ademais, a representação da juventude como uma etapa intermediária entre a infância e a vida adulta se estabelecia em eventos que jovens romanos eram conduzidos para praça pública em um ritual anunciava-se sua participação no mundo adulto. Igualmente, *na sociedade industrial* o contexto no qual a *juventude* estava subjacente estava associado à passagem do feudalismo para o capitalismo.

Não há um *status* de conceito. Diante disso, os sociólogos fazem o quê? Em geral, focam no universo das instituições penais e educacionais como uma via facilitadora na abordagem os jovens. Isto pode conduzir como alertou BECKER (2007) à análise dicotômica que se limita a dar conta dos problemas que afetam essas instâncias ao invés das percepções juvenis propriamente ditas. Ainda no escopo da indefinição desta categoria - *juventude*- parece buscar abarcar a ideia totalidade.

Neste estudo, os meus interlocutores são os jovens e não me remeto a uma pretensa ideia de *juventude*. Essa mudança de termo vem sendo empregada na Sociologia brasileira, a partir dos anos sessenta considerando importantes aspectos fundamentais que compõem a formação das representações (sociais) dos jovens, dentre eles: interação social (FOOTE WHYTE: 2005; ELIAS: 1994), pertencimento a grupos distintos (BOURDIEU: 1983), identidades socialmente marcadas (SUTHERLAND: 1995; SCHAW E MACKEY: 1942; COHEN: 1955; MULLER: 1992; ZALUAR: 1987; ABRAMOVAY: 2010; NOVAES: 2006). Por consequência, este cenário, típico da contemporaneidade, reflete na construção de conhecimento dos jovens traduzidas através das incertezas em relação à inserção no mundo do trabalho, alargamento da dependência familiar, mergulho no mundo da criminalidade dentre outros aspectos (NOVAES: 2009 p. 111) que foram encontrados no perfil dos jovens pesquisados nesta investigação sociológica. Afinal, quem foram os sujeitos pesquisados neste estudo?

Os jovens pesquisados em Santo Amaro: aspectos sociais

A seguir, algumas reflexões sobre o grupo pesquisado e o perfil dos entrevistados para que o leitor visualize mais detalhadamente a posição social que os entrevistados estavam localizados socialmente à época da realização desse estudo.

QUADRO 01 – SOBRE O UNIVERSO PESQUISADO: PERFIL SOCIAL DESCRITIVO DOS ENTREVISTADOS (AS).

Sexo	N	Idade (anos)	N	Situação familiar	N
Feminino	02	Menores	01	Solteiro c/filhos	05
Masculino	16	18 a 24	12	Solteiro s/filhos	10
Total	18	25 a 29	04	Casado c/filhos	01
		30 ou +	01	Casado s/filhos	02
		Total	18	Total	18

Fonte: Base de dados Jovens Santo Amaro – BDSA (2010-2011).

Primeiramente, ao observar o quadro acima é possível notar que há um desequilíbrio em relação ao sexo dos pesquisados que aparentemente favorece a presença majoritariamente masculina nesse estudo. Creio que essa assimetria possua algumas justificativas que merecem ser brevemente descritas. Em primeiro lugar, os jovens homens, que tive acesso no decorrer da pesquisa empírica eram maioria presente nos espaços de sociabilidade do espaço da rua. Por outro lado, isto também demonstra um interesse particular do estudo em relação aos jovens e suas representações (sociais) sobre violência. Portanto, não enxergo esse desequilíbrio como algo que desautorize essa tentativa de reflexão sobre as percepções de rapazes sobre violência nas periferias sociais da capital pernambucana.

Além disso, a prevalência do sexo masculino quando o objeto de estudo é a violência e o crime em estudos sobre jovens não significa o esgotamento desta temática. Embora, alguém possa inquirir sobre o fato de que os jovens enquanto objeto privilegiado no debate sociológico sobre violência possa minimizar a relevância desta investigação. Sobre este aspecto creio que ocorre justamente o oposto. Em outras palavras, a atribuição de maior destaque às experiências masculinas não torna meu estudo de caso menos relevante, sobretudo quando o objeto de estudo é justamente o fenômeno da violência. Sabe-se que o imaginário social é transversalizado por um conjunto de discursos que apresentam jovens rapazes das periferias associados à violência urbana. Ou seja, trata-se de um olhar construído através da mídia, da academia, do senso comum que pode contribuir efetivamente com a invisibilidade da relação intrincada entre jovens pobres e violência urbana. Surpreendentemente, há uma lacuna a ser preenchida no debate acadêmico contemporâneo sobre violência urbana no que se refere à inclusão das percepções dos jovens das periferias, sobretudo, a partir dos espaços

urbanos que habitam, ao invés do enfoque quase que exclusivamente nos espaços institucionais de socialização.

Mas é forçoso reconhecer que as intrincadas relações entre os jovens e as múltiplas violências, sobretudo aquelas derivadas da presença das redes criminosas nos bairros, ainda são pouco investigadas. O tema demanda um adensamento teórico ao lado da construção de problemáticas de pesquisa não assentadas em polaridades que, de um lado, reiterem o imaginário popular de uma juventude pobre violenta e perigosa e, de outro, considerem esses segmentos apenas como vítimas de desigualdades, não sendo, nesse caso, atores capazes de produzir orientações e algumas escolhas em suas trajetórias de vida (SPOSITO: 2009 29).

As dinâmicas das relações entre jovens e as múltiplas formas de violência é um tema a ser investigado na Sociologia. Essa tese vem se somar a um conjunto de tentativas de contribuição no sentido do preenchimento desta lacuna. Esta ausência foi detectada na obra *O Estado da Arte sobre Juventude na Produção Acadêmica Brasileira*, realizada em parceria com o Observatório de juventude da UFMG, Observatório Jovem da UFF e Secretaria da Educação básica do MEC. Os dados utilizados são provenientes do banco de Teses da Capes. O universo da pesquisa foram 1427 obras distribuídas entre teses e dissertações, das quais 134 não foram recuperadas. Olhando para esses dados foi possível lançar algumas hipóteses sobre as produções das áreas do conhecimento e os estudos de *juventude*. Foi possível perceber a partir do cálculo dos percentuais do total da produção discente (Educação, Serviço Social, Ciências Sociais, Ciência Política, Antropologia e Sociologia) e do total de produção sobre juventude o percentual médio de 5,96% para a temática de juventude em todas as áreas do conhecimento em que as áreas do conhecimento como Educação, Serviço Social e Antropologia são as maiores produtoras deste tipo de estudos. Por outro lado, a Sociologia, as Ciências Sociais e a Ciência Política se encontram com percentual inferior a 5,6%. Ao olhar a tabela de frequência por temas nas áreas percebe-se que boa parte dos trabalhos aproxima-se da temática *juventude e escola* (188). Inclusive, são os de maior recorrência. Em seguida, estão os estudos sobre adolescentes em processo de exclusão social (177). Já o tema, *jovens e seus modos de vida* aparecem em apenas 11 trabalhos do total de 1457.

No entanto, esta tese desprezou completamente as experiências femininas nos territórios em Santo Amaro. Ademais, há um argumento metodológico que se sobrepõe a justificativa da assimetria em relação à proporção dos sexos dos entrevistados. Trata-se

de uma abordagem qualitativa, portanto inexistente um compromisso com a exatidão das amostras estatísticas que privilegiam a proporção numérica referente aos dois sexos. Contudo, neste estudo há um compromisso com a qualidade das narrativas. Neste sentido, as duas entrevistas realizadas com as moças serão valorizadas e darão visibilidade às percepções acerca das questões de gênero que, estão implícitas nas representações (sociais) que os jovens entrevistados elaboraram sobre a violência e o crime.

Em relação aos arranjos familiares, foi possível identificar diferentes figurações. Certamente, o perfil supracitado não reflete a diversidade de arranjo encontrado no campo de pesquisa. Na categoria, *solteiro com filhos* foram incluídos rapazes que moram com as mães e tem pouco contato com os filhos. Entre os *casados com filhos* há os jovens que estão no segundo arranjo familiar, separaram-se das mães dos primeiros filhos e vivem com novas companheiras. A maior parte dos entrevistados refere-se aos *solteiros sem filhos*. Ressalta-se que à categoria – *solteiro* - sobretudo, em relação ao universo juvenil pode tornar-se limitada como noção explicativa hermética. Por outro lado, essa categorização pretende apenas ilustrar o panorama geral dos arranjos familiares aos quais estão filiados. Efetivamente, importam menos neste contexto situacional casamentos institucionalizados legalmente. Na maior parte dos casos, busquei utilizar as percepções contidas nas narrativas e nas falas dos entrevistados sobre o estado civil para construir esta descrição geral.

No que tange à idade e à escolaridade, a concentração dos entrevistados encontra-se na faixa de 17 a 33 anos. A maior parte dos entrevistados possuía apenas o ensino fundamental incompleto no momento em que esse estudo foi realizado. A educação formal pareceu refletir a percepção de uma vida escolar que foi muito breve. Devo salientar, entretanto, que o único entrevistado que no momento da pesquisa estava cursando Pedagogia é um dos que transformou sua trajetória de vida e hoje é representado pelos moradores e por outros jovens como “*um ex-vida errada*”. Em geral, os entrevistados se remetem a vida escolar associada a alguma vinculação a projetos sociais na infância ou no início da adolescência.

Por certo, o que emerge de boa parte da Sociologia da *juventude* (particularmente a americana) é justamente uma reflexão embasada em categorias de transição que se traduzem em um momento dramático da socialização dos jovens que se volta muito

mais para o universo das instituições de socialização do que dos modos ou percepções de vida dos jovens (MANHEIM: 1952; PARSONS: 1968). Isso ocorre devido à ênfase no jovem na condição de *aluno*, de *delinquente*, de *esperança de transformação do mundo social* dentre outros universos que encapsulam esses atores sociais nestas imagens que parecem dar conta mais dos problemas sociais da sociedade do que da *juventude*. Isto não significa dizer que a categoria *juventude* esteja à margem das questões sociais. Segundo MACHADO PAIS (2010), o ponto de partida das explicações sociológicas pode advir dos jovens como problema público, pois as tentativas de explicação e compreensão da *juventude* não devem desprezar o fato que a sociedade tem uma concepção de explicar esta categoria.

2.1. Juventude como espelho de problemas sociais e como problema sociológico

No Brasil, os últimos vinte anos têm sido marcados por uma mobilização nas instituições governamentais e na sociedade em geral, em torno da temática juvenil. É possível dizer que em torno desta mobilização encontra-se uma falta de consenso sobre a condição juvenil. Explico. Sabemos que existem pontos de vista contraditórios no debate social, político e sociológico acerca das possíveis configurações da categoria *juventude* que estão subjacentes, inclusive, ao debate sob as percepções que orientam as rotulações de jovens como problema social. Por exemplo, esta categoria como questão social emerge, no Brasil, na segunda metade do segundo governo do Fernando Henrique Cardoso e é retomada de forma bastante significativa no ano de 2003, período corresponde à gestão do presidente Luís Ignácio Lula da Silva, em que são criados órgãos voltados exclusivamente para assuntos da *juventude* - *Secretaria nacional da Juventude*, *Conselho Nacional da Juventude* e o *Plano nacional da Juventude*. Uma das classificações que emergem no *Conselho Nacional de Juventude* (2006), refere-se juventude com associada ao *aspecto da categoria etária, ainda que incorra em imprecisões- pois em algum nível toda categorização é obrigatoriamente injusta e imprecisa- é considerado jovem no Brasil cidadãos e cidadãs com idade compreendida entre 15 e os 29 anos*. De acordo com a Secretaria Nacional da Juventude (SNJ), essa faixa etária é a que concentra os *piores índices de desemprego, evasão escolar, falta de qualificação profissional, mortes por homicídios e envolvimento com drogas*, tais *problemas sociais* são reconhecidos socialmente como sendo próprio do universo juvenil.

É nesse contexto que por um lado, constrói-se socialmente um discurso. Por vezes, com nuances conservadoras, que advoga em prol do endurecimento das leis voltadas para este público e, por outro lado, na prática grande parte das políticas públicas voltadas para o segmento juvenil se direciona para apenas uma parcela da *juventude* ao invés de orientar-se para um conjunto mais amplo de jovens. Em consequência, estudiosos da *juventude* indicam que algumas nomeações- *jovens em situação de risco*, *jovens vulneráveis* - utilizadas para identificar o público alvo das ações governamentais, parecem exemplificar esta configuração dicotômica que classifica os sujeitos jovens como “bons” e “maus”, vulneráveis e não vulneráveis, e como objeto preferencial de programas sociais. Em outras palavras, no cenário brasileiro, é importante sublinhar e localizar ausência de consenso sobre quem são *os jovens* enquanto *sujeitos de direito* (SPOSITO: 2009)? Efetivamente, quais jovens tornam-se fonte de preocupações na agenda dos mais urgentes problemas sociais? Por certo, que se trata de apenas uma parcela dos jovens brasileiros- *os jovens da periferia*.

No entanto, esse estudo não se debruçou sobre a efetividade destas ações ou sobre os problemas socialmente considerados “dos jovens”, mas considerou esses discursos componentes importantes das representações (sociais) construídas no senso comum e entre os jovens. Portanto, neste breve preâmbulo as políticas públicas tornam-se um modelo ilustrativo que reforça a ausência de consenso e a indefinição deste termo que perpassa as abordagens (inclusive a sociológica). Em síntese, esta indefinição oscila em torno da:

(...) requalificação dos jovens em que lado a lado emergem imagens positivas associadas ao mercado de trabalho e ao desempenho profissional entre as quais voracidade, de rapidez (...), emergem igualmente imagens negativas que os associam ao perigo e à insegurança (...); pela precocidade com que se autonomizam dos controles tradicionais; envolvem-se com tudo aquilo que remete ao perigo: esportes violentos, gangues, uso e tráfico de drogas, crime violento e organizado. Não sem motivos, mudou e vem mudando substantivamente a presença desses jovens na literatura especializada (ADORNO: 2002, p.51).

Ademais, esta visibilidade dicotômica da *juventude* pode ser evidenciada através de acalorados debates travados na mídia e no *senso comum*. Sobretudo, em ocasiões de eventos que envolvem episódios de violência, marcados pela presença de jovens, como as cenas que se tornaram clássicas em nosso país; o assassinato de um índio por jovens pertencentes à classe média alta de Brasília; o *caso do ônibus 174* no Rio de Janeiro,

arrastões e brigas de torcidas na capital pernambucana dentre outros eventos que chegam à cena pública e contribuem para a marcação de um tipo de visibilidade negativa da *juventude*. Ou seja, no campo das *representações (sociais)*, o imaginário social constrói, a partir de narrativas vinculadas na mídia escrita, televisiva, virtual ou no mundo acadêmico, uma rápida aproximação entre *jovens* e nomeações, que geralmente, os rotulam como *rebeldes*, *contestadores*, *violentos* e, por outro lado, associados a uma fase de *liberdade* características de uma etapa da vida dos indivíduos.

Por conseguinte, assim como ocorre com o fenômeno da violência, todos parecem ter algo a dizer sobre a categoria *juventude*. No entanto, tomar como base para qualquer tentativa de compreensão desta unicamente através do viés de um problema social pode se constituir em *realidades mascaradas*. Em outras palavras, refletir sobre a categoria *juventude* apenas enquanto problema social cria entraves ao olhar sociológico e a compreensão do pesquisador acerca destes atores sociais. Desta forma, questionamentos específicos ficam excluídos das discussões como, por exemplo: *os jovens compartilham os mesmos significados? Se, compartilham de que formam o fazem* (MACHADO PAIS: 2009, p.186)? Estas questões tornam-se indagações pouco captadas, inclusive, na literatura sociológica e contribuem com a formação de uma visão míope da temática. Indubitavelmente, tais questionamentos poderiam contribuir, especialmente em um plano microssociológico, para a ruptura de nomeações rotuladoras que dificultam o olhar sobre grupo. Neste estudo, dimensiona-se que a teoria das *representações (sociais)* pode auxiliar a tornar mais claras algumas respostas acerca das questões supracitadas que podem conduzir ao avanço em relação à imediatez das percepções sociais construídas sobre os *jovens*, especialmente os moradores de bairros populares da capital pernambucana.

A construção de qualquer problema sociológico implica no estabelecimento de rupturas com *imagens* ou representações de ordem teórica e/ou de senso comum e na produção de novas concepções (Becker: 2007). É neste sentido, que o ressurgimento da noção de *representações (sociais)* na sociologia contemporânea pode contribuir com o estabelecimento de rupturas que possibilitem uma compreensão da categoria *juventude* a partir da atribuição de sentidos e significações que produzem.

Ademais, ao tratar a *juventude* como construção social e discursiva os estudiosos da temática afirmam que; *ser jovem tem significado efetuar uma representação, uma*

marcação, a produção de um estilo, de uma filiação, de um modo de ser, ou seja: projeção de uma imagem ou de um repertório delas (DIÓGENES: 2003, p.69). Acima de tudo, essa imagem quase sempre abarca incertezas e corrobora com os dados encontrados por estudos que alegam que a velocidade das transformações sociais, incluindo-se as relativas à organização do trabalho e das economias no mundo contemporâneo, geram incertezas quanto às regras e fronteiras do mundo objetivo, que interferem nas construções das representações acerca da juventude (FEIXA: 1999).

Uma dessas incertezas pode ser observada no universo das relações sociais que envolvem o mundo do trabalho. Mas de que forma alguma estão limitadas a este universo. Um dos elementos que constituem a transitoriedade da *juventude* contemporânea é a dificuldade de entrada de jovens no mundo do trabalho (PAIS: 1990, p.141). Dai podem decorrer diversas configurações sociais que atingem fortemente os jovens; desemprego, inatividade, prolongamento de convivência na casa dos pais e outras questões advindas da situação de *desemprego juvenil* que influenciam diretamente a construção das subjetividades destes indivíduos. Igualmente, as dificuldades de inserção dos jovens no mercado de trabalho, identificadas por PAIS (1990) referem-se ao contexto da “crise do emprego” na década de oitenta, vivenciada em Portugal (contexto situacional investigado pelo autor) e em outras economias desenvolvidas. No entanto, em nosso país, a partir da década de noventa há um aumento na população jovem brasileira (AQUINO: 2008) que passa a vivenciar essa situação devido à conjunção social e política do país.

Em 2008, o IPEA publicou uma obra intitulada *Juventudes e políticas sociais no Brasil*, com objetivo de discutir a condição juvenil relacionada a condicionantes sociais. Esta obra apontou alguns problemas sociais que mais afetam os jovens brasileiros. Entre eles: o mundo escolar contava com apenas 48% dos indivíduos com idades entre 15 e 17 anos de idade cursavam o ensino médio e somente 13% daqueles entre 18 anos e 24 anos estavam cursando o ensino superior. Tais dados dão pistas de que há um significativo descompasso existente entre a idade e a escolarização dos jovens (POCHMANN e CASTRO: 2008, p.1) brasileiros. Ademais, chega a 18% a porcentagem de indivíduos entre 15 e 17 anos que estão excluídos dos muros da escola, percentual que atinge 66% entre aqueles que têm entre 18 anos a 24 anos. O referido estudo chama atenção para uma elevada incidência de mortes por homicídios e acidentes de trânsito. Os homicídios correspondem a 38% das mortes juvenis, ao passo

que 27% das vítimas fatais de acidentes são jovens. Em relação à inserção no mercado de trabalho, a qualidade da ocupação é uma questão importante para reflexão, 50% dos ocupados entre 18 anos e 24 anos são assalariados sem carteira, porcentagem que se mantém em 30% entre os que têm de 25 anos a 29 anos de idade. Em relação à situação sócia econômica dos jovens brasileiros, 31% dos indivíduos entre 15 anos e 29 anos tinham renda domiciliar per capita inferior a meio salário mínimo. (POCHMANN e CASTRO: 2008, p.3).

De qualquer forma, a questão apontada pelo estudioso da juventude MACHADO PAIS (1990) acerca das dificuldades de emprego e trabalho é algo comum à realidade brasileira.

2.2. De que forma a *Juventude* foi abordada na literatura sociológica?

A. Juventude como fenômeno de transitoriedade

Os primeiros estudos acadêmicos sobre juventude associavam esta categoria a adjetivos como “irresponsáveis” “desinteressados”, “em formação”, “violentos” e também a substantivos como “transformadora”, “de vanguarda” etc. Em 1904, G. STANLEY HALL, um psicólogo de inspiração darwinista, cunhou o termo adolescente. O autor corroborou com a construção de uma imagem positiva da adolescência caracterizada como uma etapa de vida rotulada como um fenômeno de “*tempestade e estímulo*” e de *turbulência emocional*. O que significava dizer que ser jovem era vivenciar um período de vida livre de responsabilidades caracterizado por um conformismo social. Stanley Hall (1904 In: SAVAGE: 2009), foi um dos primeiros estudiosos a adentrar no arenoso campo analítico sobre *juventude* e, avançar teoricamente em relação às definições que identificavam a juventude como um fenômeno essencialmente biológico (sobretudo na concepção criminológica de Lombroso) ressaltando aspectos sócios psicológicos. A obra de Stanley Hall sugeriu que os jovens viviam em um estado intermediário entre “*selvageria*” e *civilização*; Ele afirmou que ser jovem era estar em um estado emocionalmente instável em que psicoses e neuroses existem em abundância já nos primeiros anos da adolescência mais do que em qualquer período da vida. Isto provocava grande tensão emocional, que alguns descreveram como um tipo de insanidade reprimida (Stanley Hall In: Savage: 2009, p. 88) seria a idade da *embriaguez espiritual*.

B. Juventude na perspectiva interacionista

A atribuição de papéis e significados é um dos principais pilares do Interacionismo Simbólico. Essas duas dimensões se constituem na preocupação central de FOOTE WHYTE (2005) ao buscar compreender os jovens e os elementos constitutivos da estrutura social de uma localidade americana, a qual ele denomina *Cornerville*. Embora tenha por referência abordagens elaboradas no âmbito da Escola de Chicago FOOTE WHYTE (2005) inovou em relação às abordagens que enfatizavam apenas o caráter transitório da *juventude* ao reconhecer que a natureza do elemento de coesão que sustentava a adesão à vida coletiva juvenil estava permeada *por laços de amizade, lealdade estabelecidas nas atividades cotidianas*. Em *Conerville*, o autor identificou a existência de uma ordem social que se sustenta através grupos informais e formais, conflitos e alianças das quais os jovens da localidade estavam mergulhados. A subjetividade destes jovens se construía em relação à organização social da localidade sustentada através de posições sociais tipificadas na figura de *peixes graúdos*, representados por *gângster* e políticos e *peixes miúdos*; representados pelos rapazes das esquinas e os jovens estudantes daquele bairro operário. Ao contrário das explicações parsonianas (transitoriedade como característica principal da juventude) esta perspectiva não compartilhava com um suposto engessamento dos papéis sociais dos jovens.

Nesta perspectiva, os jovens eram tidos como portadores de uma criatividade em um *lócus* social organizado de interações sociais entre os grupos de jovens e não jovens. Certamente a obra *Sociedade de Esquina* de FOOTE WHYTE (2005) assume uma perspectiva interacionista. No entanto, este argumento não perdeu de vista as relações não mecânicas da subjetividade entre as dimensões objetivas (juventude como uma fase da vida) e subjetivas. Sua preocupação fundamental foi com os sujeitos no mundo (SCHUTZ: 1979).

Para isso, identificou que a posição social dos jovens condicionava-se através das posições definidas nos jogos de boliche, que se tornou a atividade social mais importante na vida do grupo e definidor de identidades. Este espaço de convivência era o meio pelo qual o agente obtinha, mantinha ou perdia prestígio (FOOTE WHYTE: 2005, p. 46). O avanço teórico metodológico foi desviar o foco de análise dos potenciais problemas sociais como: inserção social no mundo do trabalho, delinquência, drogas

para as relações inter geracionais e intra geracionais que incluíam a adesão a atividades lícitas e/ilícitas para a construção de subjetividades desses atores sociais. Ou seja, a subjetividade nestes termos estava recortada por um complexo de relações sociais, a exemplo das que foram supracitadas.

C. Juventude cultura autônoma: um processo de desenvolvimento social e pessoal e de ajuste ao mundo dos adultos

Considerar a juventude enquanto *uma cultura autônoma* representou um avanço teórico em relação à *perspectiva da transitoriedade*, pois buscou captar aspectos dos sistemas sociais, formado por uma combinação de componentes (valores, normas, coletividades e papéis) nas instituições educacionais de controle social. Além disso, essa forma de controle teria influência sobre as possibilidades futuras de inserção de jovens no universo de mercado de trabalho. Por conseguinte, a categoria *socialização* foi importante e contribui para tornar mais robusta a categoria juventude em conjunto com o significado etário ou de transitoriedade. Isto no sentido que a *classe* atuaria como um agente de socialização voltada para o desempenho de papéis no mundo adulto. Note-se que permanece a perspectiva voltada para o futuro desses indivíduos em que a unidade elementar do sistema social acadêmico é responsável por manter a integração social que ocorre na interação entre os agentes (PARSONS: 1968, p. 18).

Além disso, segundo PARSONS (1962), a *juventude* poderia ser entendida como *cultura autônoma* em que o *desenvolvimento de grupos de idade era expressão de uma nova consciência geracional*. Por certo, o foco estava principalmente voltado para o processo de socialização escolar. Logo, ocorreria a emergência de uma *sociedade adolescente ou culturas juvenis* no contexto da escola secundária americana que prosseguia *em uma bifurcação da classe baseada entre os que vão ou não para as universidades* (PARSONS: 1968, p.60). Sob o mesmo ponto de vista dicotômico, os jovens agiriam de maneira orientada e objetivando determinados fins, investindo recursos disponíveis para alcançar o *status* de adulto.

D. Juventude e campos de disputa

A categoria juventude é manipulável conforme indicam as contribuições de BOURDIEU (1983) baseadas nas relações entre *campos de disputas, lutas, oposição e classe* que se estabelecem em todas as sociedades, entre jovens e velhos.

As classificações por idade (mas também por sexo, ou, é claro, por classe) acabam sempre por impor limites e produzir uma **ordem** onde cada um deve se manter, em relação á qual cada um deve se manter em seu lugar. (...) Quando digo jovens / velhos, tomo a relação em sua forma mais vazia. Somos sempre o jovem ou o velho de alguém. É por isto que os cortes, seja em classes de idade ou em gerações, variam inteiramente e é objeto de manipulação (Bourdieu: 1983, p.113).

BOURDIEU (1983) ocupa-se em discutir o processo de manipulação presente nas classificações etárias especialmente no sistema educacional e sua manipulação de aspirações (BOURDIEU: 1983, p.115). Tais conflitos podem ser evidenciados nas disputas entre gerações podem ser evidenciadas no momento em que trajetórias de jovens e adultos se chocam como, por exemplo, no caso *da inserção no mercado de trabalho de jovens detentores de diplomas universitários frente aos mais antigos que invocarão a experiência associada à antiguidade enquanto os mais jovens invocarão a competência garantida pelos títulos* (BOUDIEU: 1983, p.117).

Estudos recentes mostram que o conjunto de valores, expectativas, práticas, interesses de jovens *em idade escolar, universitários, da periferia e delinquentes* dentre outros, sinalizam que se trata de um grupo social que desperta uma série de emoções muito conflituosas no interior da sociedade (FEIXA, 1998; BOURDIEU, 1983; MARGULIS & URRESTI, 1996; PAIS, 2003; NOVAES, 2006; CORDEIRO, 2007; ABRAMOVAY, 2007; SPOSITO: 2009). A fim de ressaltar que um conjunto de expectativas diferentes e não baseadas exclusivamente em critérios objetivos como faixas etárias e classe social parece pertinente recorrer a um dado empírico desta pesquisa que revela este caráter manipulável da categoria. Nas palavras de um jovem entrevistado:

Ser jovem e ser que nem a gente. Nós não somos velhos (...). É adolescente, jovem não sei o quê. Mas só que tem muita gente hoje que nem precisa ser adolescente. Uma criança mesmo já nasce esperta pra caramba (V, 23, M, Santo Amaro).

Todavia, o argumento de cunho *transitório* não permite vislumbrar a juventude e as demais fases da vida, tal como *infância* e *velhice* como categorias construídas socialmente por indivíduos “não jovens” com significados atribuídos que variam no tempo e no espaço. Ainda em relação ao argumento de que a *juventude* é movida por impulsos da idade e por valores semelhantes, há uma simplificação a um fenômeno *transitório* em torno dos modelos de análise com categorias como: *idade, geração, ritos de passagem* ao mundo adulto. O que implicava ao agente aderir às normas de comportamento elaboradas no plano do mundo dos não jovens (BOURDIEU: 1983, p.113).

E. *Juventude e Culturas Juvenis*

Na década de cinquenta foi produzido um conjunto de estudo sobre a categoria juventude, com base no argumento teórico da noção de *resistência*. Eram os *estudos culturais*. O argumento girava em torno de que as dificuldades de inserção no mercado de trabalho. Os jovens responderiam a este contexto situacional reivindicando afirmação no mercado de consumo, instrumentado identidades em diversas imagens estéticas construindo estilos juvenis. Neste sentido, FEIXA (2008) propõe um modelo analítico para o estudo das *culturas juvenis*. Num sentido amplo, se refere às culturas juvenis na maneira como as experiências sociais dos jovens podem transparecer coletivamente através da construção de estilos de vida distintos localizados fundamentalmente no tempo livre ou espaços intersticiais da vida institucional. Num sentido mais particular, define a aparição de “micro sociedades juvenis” com graus significativos de autonomia relativo às “instituições adultas”. FEIXA (1988) utiliza a noção de *culturas juvenis* ao invés *subculturas juvenis*, que tecnicamente seria um conceito mais correto, para se livrar dos usos desviantes predominantes neste segundo termo. Esta mudança terminológica implica em uma mudança na forma de olhar o problema, que transfere a ênfase da marginalização para a identidade, das aparências para as estratégias, do espetacular para a vida cotidiana, da delinquência para o ócio, das imagens para os atores (FEIXA: 1998, p.85).

Algumas constatações que emergem da Sociologia da Juventude

Nesta seção do texto procurei construir um percurso temático, de forma arbitrária para sublinhar um tipo de trajetória percorrida pela categoria *juventude* na literatura sociológica. Neste sentido, levantei constatações que emergiram da Sociologia da Juventude e orientaram a interpretação dos dados coletados nesse estudo. Com efeito, foi possível identificar uma constatação a *Sociologia da Juventude* guarda um nexo forte com o conceito de *socialização* em que pese classificações por faixa etária e/ ou *fases da vida*. Isto porque subjacente às classificações etárias da juventude encontram-se uma vinculação com aspectos particulares do processo de socialização destes sujeitos. Em decorrência disto há uma ênfase em estudos realizados no âmbito do universo escolar e, posteriormente com a *Escola de Chicago* (com exceção de Foote Whyte) o foco passa a serem os jovens aprisionados em instituições de controle social direcionadas aos jovens.

Outra constatação possível foi destacar do percurso da categoria *juventude* na Sociologia referiu-se à predominância dicotômica nestas explicações. Isto tem um efeito na abordagem desta noção, entendida sob esse prisma reforça-se uma tendência de pensamento que a concebe *juventude* somente através de duas palavras distintas- *Jovens e Adultos*- dotadas de valores e sentidos próprios e opostos. Norbert Elias (1970) já alertava para a fragilidade do pensamento encapsulado em dualidades que apresentam uma nítida linha imaginária divisória entre quaisquer elementos. Novamente me apoio em Elias (1970), a fim de refutar esta dicotomia. Boa parte da Sociologia da Juventude parece não ter considerado que não se trata de uma opção livre do indivíduo (jovens) por seguir este ou aquele caminho.

Muitos pesquisadores desta temática já alertaram para a existência dessas armadilhas implícitas em diversas tentativas de predefinições da categoria *juventude*. No entanto, como é possível desviar dessas armadilhas? Um dos possíveis caminhos que podem ser alternativos ao tratamento da *juventude* de maneira substancializada e carregada de características dicotômicas inerentes é a problematização da categoria *jovens* (*ao invés de juventude*). Trata-se de uma perspectiva não totalizante, prestando-se particular atenção ao argumento de MACHADO PAIS (1998) acerca da premissa que os jovens devem ser olhados em torno de dois eixos temáticos: *unidade* (fase da vida /caráter objetivo) e *diversidade* (subjetividade dos jovens). Ou seja, nesta perspectiva os jovens

ora podem ser vistos como um conjunto homogêneo, ora se apresentam como um conjunto heterogêneo. Isto é, no primeiro caso a referência é ao fato desta população compartilhar determinados intervalos etários é enfrentar uma série de desafios em termos de mercado de trabalho e educação. O segundo aspecto é subjetivo, refere-se à diversidade juvenil.

Em síntese, possuímos um conjunto de conhecimento acumulado, em parte em razão da literatura supracitada que revela que o conjunto de desvantagens concentradas (SAMPSON: 1999) em áreas de miserabilidade pode gerar maior a tendência a dificuldades de inserção no mercado de trabalho, dinâmicas escolares de natureza conflituosa, imersão precária as novas tecnologias e até mesmo o cometimento de crimes para o segmento juvenil. No entanto, é preciso avançar em relação a estas premissas se quisermos construir um conhecimento eminentemente sociológico. Um recorte possível é refletirmos sobre o que isso nos ensina de novo? Em primeiro lugar, boa parte do conhecimento acumulado sobre jovens parece exaltar aspectos que se referem ao mau funcionamento das instituições como escola, “fundações” para menores, projetos governamentais dentre outros. Por exemplo, cotidianamente é possível encontramos discursos que afirmam que “projetos sociais destinados aos jovens não funcionam”; “a escola torna-se um *locus* desinteressante para os alunos” dentre outros. Tais premissas estão corretas e possibilitam a construção de bons relatórios técnicos sobre estas questões.

No entanto, esse não é o objetivo desta tese. Assim, a proposta é refletir sobre como estas instituições não funcionam ou como as garantias sociais especialmente as que atingem mais diretamente os jovens costumam estar presentes nos discursos, mas deixam de ser implantadas? Essas questões podem permitir um avanço em direção ao conhecimento científico e sociológico acerca dos *jovens das periferias* brasileiras. Ressalta-se que este é apenas um recorte possível. Acredito que ao debruçar-me sobre o conteúdo das narrativas dos jovens moradores das periferias sobre a violência urbana, essas questões poderão conduzir ao conhecimento sociológico. A Sociologia da Juventude já apontou alguns caminhos possíveis, que podem auxiliar no acesso a algumas respostas para estas questões supracitadas. Ademais, o termo *periferias* compõe um cenário de deslocamentos (FELTRAN E CUNHA: 2013, p.10) - empreendidos na contemporaneidade- em relação às tradicionais variáveis como a família, a escola e a inserção dos jovens no mercado de trabalho utilizadas na tradição

sociológica dos estudos sobre juventude. Neste sentido, o que dizer dos *jovens das periferias*?

2.3. Sobre jovens das periferias

Esse estudo faz uso da noção de *jovens da periferia*. No entanto, algumas considerações acerca desta categoria merecem atenção a fim de justificar esta opção teórico-metodológica. Em primeiro lugar, ressalta-se aqui o sentido do termo desliza para além de uma associação direta com o termo periferia com favela⁸ em que pesem suas dimensões exclusivamente econômicas (objetivas), em direção as dimensões sociais e culturais que afetam as vivências da juventude. Em segundo lugar, ao fazer referência aos meus interlocutores, farei a luz da noção da categoria de *jovens da periferia* inspirada em NOVAES (2006). Para a autora é imprescindível recuperarmos alguns elementos para discutir a questão dos jovens hoje em ambientes de periferia. Elementos como discriminação por endereço, inserção no mercado de trabalho, medo de sobrar e medo de morrer – *jovens da periferia* e *jovens do projeto*⁹-, e possibilidades de mobilidade social enriquecem o olhar em direção e este público.

Para a autora, nas periferias brasileiras os (as) jovens mobilizados (as) pelo *medo de sobrar* no mercado de trabalho vivenciam a *discriminação por endereço*. Este aspecto transmuta-se do caráter objetivo, de indicador de diferenciação social para o aspecto subjetivo que implica em mais um elemento, que em conjunto com outros, contribui para a configuração das experiências dos *jovens de periferia*. Obviamente, nesses

⁸Aqui essa noção não será utilizada exclusivamente como sinônimo da conceituação oficial elaborada em 1950 pelo IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - que considerava favela o aglomerado que apresenta parcial ou totalmente entre outras, as seguintes peculiaridades: agrupamentos com mais de cinquenta unidades construídos por barracos rústicos em terreno de propriedade alheia, carentes de infraestrutura básica e compostos por ruas não planejadas, destituídas de placas e numeração (KOWARIC:2009,p.223). Em outras palavras, o sentido atribuído nesta estudo à periferia refere-se menos a falta de propriedade de terras; contextos espaciais e mais a organização social estabelecida em espaços de pobreza.

⁹ Não se trata de realizar uma avaliação de projetos e iniciativas sociais voltadas para a juventude. Não interessa aqui avaliar se os projetos sociais cumprem ou não suas metas. O objetivo é entendê-los como um processo que suscita mais um campo de disputas entre os jovens de Santo Amaro. Segundo Observatório municipal Recife esse é o bairro que concentra mais moradores de favelas concentrados nesta área. Uma das particularidades deste local é a presença de políticas públicas que almejam “*tirar o jovem da situação de criminalidade*” que existem em grande número nesta região. O que denota uma competição por espaços para a adesão a grupos de trabalho, lazer ou que quer que seja. Competição entre os jovens que participam de diversos processos de seleção e de lideranças, que muitas vezes, são os recrutadores de campo dos projetos. A questão é qual o papel das políticas públicas na vida cotidiana da dos jovens moradores do bairro? Isto não quer dizer que inexistam iniciativas destinadas a outros *preciso achar seis meninos “da correria” para participar do projeto tal*.

espaços, nem todos (as) jovens buscam ocultar o endereço. Isso não significa que é possível desprezar esta dimensão da manipulação da identidade quando nos debruçamos sobre os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana. Essa particularidade local faz com que parte desses agentes acione dispositivos de encobrimento (GOFFMAN: 1988, p.84) no mundo da disputa por postos de trabalho.

Os *jovens de periferia* vivenciam diversas situações em que *juventudes desiguais apesar de idades iguais*, lançam mão de diferentes mecanismos para viver num mundo de incertezas. Alguns desses mecanismos são inerentes a qualquer segmento social como o caso da categoria *medo morrer*. Trata-se de um aspecto subjetivo que independe de classe social aparece como um aspecto distante da perspectiva da condição juvenil convencional. No entanto, as rotinas da vida cotidiana podem ser interrompidas e apreendidas como problemáticas¹⁰, especialmente quando imersas em um contexto situacional de SV.

No bairro de Santo Amaro, os jovens experimentam as possíveis implicações simbólicas da extensa presença das redes de agências socializadoras que podem contribuir como importantes referenciais de diferenciação social entre o público juvenil. A extensão destas unidades pelo local incide nas rotinas e discursos diários dos jovens que buscam cotidianamente afirmar suas identidades (positivas ou negativas) de acordo com as possibilidades de relações a serem estabelecidas nestes *lócus* de ações que se intitulam de caráter preventivo à violência. A concentração de um elevado número de agências socializadoras juvenis em determinados territórios brasileiros considerados violentos é algo recorrente em nossa sociedade. É comum ao conversarmos com os jovens escutarmos relatos que revelam que as primeiras lembranças acerca da infância vivida no bairro foram justamente às participações em atividades oferecidas nestes ambientes. Ou seja, desde muito jovens os entrevistados deste estudo já relatavam a necessidade de se ajustar as regras e normas estabelecidas por agências de controle social. Às vezes,

¹⁰ Um jovem pode ter *medo de morrer* pela possibilidade de ser vítima de bala perdida independente de qual segmento social pertença. Mas, esse medo pode mobilizar um conjunto de sentimentos em relação à percepção se diversos amigos tiveram a vida ceifada no contexto em que vive. Neste sentido, este aspecto subjetivo pode ser mobilizado em várias situações além do exemplo acima do evento da bala perdida. Segundo a autora, os (as) jovens convivem com esse *medo* em diferentes contextos sociais. Pode ser no contexto da ação de “*tomar um baculejo*” ou “*ser parado em uma bliz*”, pelo mesmo órgão de sistema de justiça criminal, em um bairro considerado socialmente nobre. O que ocorre é que muito provavelmente a primeira ação seja infinitamente mais recorrente na *periferia* do que a segunda ação em ambientes de classe alta.

esta situação ocorria antes mesmo de os jovens adentrarem no universo escolar.

Certamente, não é de hoje que os jovens pobres são alvos de políticas públicas, sobretudo nas favelas brasileiras. No entanto, a partir da década de 90, a concentração de agências de controle social que atuam na *prevenção da violência*, em determinados espaços de pobreza, contribuiu com as transformações sociais que atingem a vida cotidiana dos sujeitos de pesquisa e imprime alguns padrões de sociabilidade baseado na alternância de sentimentos de *submissão, desconfiança e medo*.

No bairro de Santo Amaro esta situação não é diferente. Há pelo menos uma década, a localidade é assolada por um discurso negativo com contornos acusatórios sobre a violência urbana que, algumas vezes, se confunde com o discurso dos jovens apontados como *portadores de um destino provável* (SOARES: 2009). Em outras palavras, os rapazes, moradores do bairro assumem-se como tais. Ademais, cabe ainda ressaltar que os atores sociais observados nesta pesquisa, correspondem a um público específico; negros, pobres e que vivenciam por um lado, um cotidiano de ausências de serviços básicos de infraestrutura ofertados pelo poder público e, por outro lado a presença demasiada de agências socializadoras. A foto a seguir, retrata justamente uma confraternização de finalização de mais um breve curso profissionalizante que ocorreu no *Centro da Juventude*, localizado no bairro pesquisado. Uma pequena ressalva metodológica precisa ser feita; nesse evento, M., o jovem que está ao lado direito do educador social, pediu minha máquina fotográfica emprestada e tirou diversas fotos naquela oportunidade depois passou a máquina para I. Inclusive, eles autorizaram a publicação desta foto. Nesta imagem todos jovens possuíam mais de dezoito anos de idade.



FIGURA 03: Território Santo Amaro. Confraternização ocorrida para comemorar o encerramento de mais um projeto social desenvolvido no bairro com objetivo de *afastar os jovens do envolvimento com a violência*

Note-se que um dos rapazes abraçado ao homem de óculos escuros, representante do projeto, faz um gesto com a mão esquerda que simboliza uma arma de fogo. Subitamente, a criminalidade torna-se quase uma característica inerente *aos jovens da periferia* (NOVAES: 2003). Ocorre que a criminalidade urbana violenta interfere desde

a infância no processo de construção de subjetividades dos jovens pesquisados em que pese um processo (quase) mecânico de estigmatização. Obviamente, isto não significa que seja possível estabelecer uma relação direta entre *juventude e violência*, mas o contexto situacional em que as subjetividades dos *jovens da periferia* são construídas envolve um cenário em que emergem diversas estratégias de distanciar-se da associação a um conjunto de estigmas negativos socialmente imputados aos *jovens das periferias*. Tais estratégias podem ser ilustradas não apenas por palavras, discursos, mas em gestos como o exemplo da imagem acima mostrou. O gesto feito com as mãos de dobrar o dedo mínimo e o anelar mantendo os dedos médios e indicador apontados para frente e o polegar apontado para cima imitam um revólver. É possível dizer que esta imagem reflete o que SÁ (2010) identificou como *campos de comunicação popular* agenciados pelos jovens. São zonas de autonomia relativa dos pensamentos, das organizações e das interações juvenis (SÁ: 2010, p.256). O toque do celular que lembra a sonoridade de tiros, utilizado por alguns entrevistados também se referem a um dos campos de comunicação simbólica mobilizada por alguns sujeitos de pesquisa. As interações sociais dos jovens são permeadas por um gesto de cumprimento que é utilizada por quase todos entrevistados. As palmas das mãos de dois jovens se tocam e afastam-se, os braços são recolhidos para junto ao corpo e depois os punhos cerrados como quem vai dar um soco de tocam rapidamente e os braços novamente são recolhidos. Qualquer encontro de jovens em Santo Amaro seja nas esquinas ou “nos projetos” quase sempre inicia dessa forma e a despedida é marcada com o gesto que simboliza um revólver.

Isto só reforça a percepção do *senso comum* de que os jovens pobres são potencialmente perigosos e constituem um problema social para a sociedade. Muitas vezes, esse imaginário social é reforçado através da lógica de construção do saber produzidas no interior das agências socializadoras de jovens na periferia. São realizados questionários, formulários de inscrição e relatórios de pesquisa que compõem este conhecimento. BECKER (2008) chamou atenção para que os encarregados das agências de imposição criem *outsiders* de uma maneira seletiva. O produto desse conhecimento pode conduzir a uma acentuação das afirmações presentes no imaginário popular de que a *juventude* está associada à violência e perigo e, de outro, acentuar a condição desses sujeitos apenas como vítimas de desigualdades sociais. Assim, dentro de uma mesma área geográfica é possível encontrar diferenças nas formas de controle social.

É sob essas condições que *sujeitos jovens sofrem influência do tratamento institucional que tem como objetivo o controle estabelecendo padrões previamente definidos de conduta* (BERGER e LUCKMANN: 2009, p.77).



FIGURA 04: Centro da Juventude. Esse espaço é voltado para jovens cumpridores de medidas sócio educativas e jovens em risco de vulnerabilidade. Na imagem, alunos de projetos sociais interagem no intervalo de cursos profissionalizantes. Pode-se dizer em trocadilho com o nome do local que no centro da juventude está o crime e a violência. A competição entre os jovens do bairro para participar dessas atividades é animado na comunidade.

A representação social de um fenômeno é parte dele, conforme indicou PORTO (2010). Isto fica mais visível no caso da sensação de insegurança que demanda pelo uso de estratégias de segurança acionada pelos *jovens da periferia* para enfrentar seus medos. Assim:

Ao analista do social, se é pertinente buscar as relações entre o fenômeno e suas representações, não é por considerar que as últimas sejam sinônimas do real e sim, por assumi-las como um dado de realidade que precisa ser submetido à análise como condição de produção de um conhecimento pertinente. A pesquisa centrada na análise de representações (sociais) busca ressaltar a contribuição substantiva que crenças, valores, ditados populares e ideologias, tomados em sua condição de representações (sociais), aportam ao conhecimento do social, descartando, pois, sua definição como algo irracional, ausente de vínculos lógicos com o real (PORTO: 2006 p.270).

Assim, investiguei o modo como esta jovem parcela da população vem vivenciando o fenômeno violência urbana em Santo Amaro observando como e com que intensidade a violência faz parte dela. Inclusive, entre as dimensões subjetivas, apontadas por MACHADO DA SILVA e LEITE (2013, p.152), está às limitações de circulação pela cidade como um todo que pode gerar uma *segregação social dos jovens da periferia*. Ademais, o problema de fundo deste estudo foca na indagação centrada em modos de interação, práticas e valores que possibilitem aos jovens elaborarem as suas representações tradicionais ou alternativas sobre o fenômeno da violência. Ou seja, quais são os condicionantes que influenciavam a construção das representações (sociais) dos jovens moradores do bairro Santo Amaro acerca da violência urbana?

2.4. Um olhar sociológico sobre *Juventude e Violência*

As perspectivas sociológicas da estrutura social Thrasher (1927); Sutherland (1958); Shaw e Mckay (1955) identificaram a organização de jovens pobres em gangues como resultado de uma conjuntura social deficiente associada à delinquência¹¹. Boa parte desse argumento foi construída com base em dados do sistema de justiça criminal e instituições sociais que buscavam “recuperar” os jovens. No entanto, as definições legais acerca das gangues tendiam a ser limitadas para o uso sociológico, pois negligenciam as dimensões sociais (Ball e Curry: 1995). Por outro lado, Cohen (1955) e Miller (1958) argumentam que as perspectivas dos jovens, das classes baixas, que

¹¹ A delinquência juvenil refere-se às práticas identificadas pelo sistema de justiça como tal, que serviram de dados empíricos para as primeiras explicações sociológicas das gangues. As taxas de criminalidade foram construídas de acordo os tipos de *offense* (crime) como vandalismo, assalto, roubo, consumo de drogas e álcool, arruaça dentre outros.

adotam a gangue é a busca de *status*, devido à escassez de condições de competitividade ofertadas pelo Estado.

A análise pioneira de Thrasher (1927) identificou algumas características da organização social das gangues considerando o uso do espaço público em Chicago¹². Diante disso o *status* de liderança na gangue era adquirido por conta do destaque obtido em enfrentamentos com grupos de territórios rivais. Os conflitos entre gangues assumiam diversas formas, reforçando uma identidade cooperativa e étnica. Portanto, o tipo de comportamento na gangue era vivenciado em torno do cumprimento de normas acordadas pelo grupo na perspectiva de imposição de regras e demarcação de territórios. Outra característica que foi atribuída às gangues era o nome que identificava o grupo, e ainda criavam rituais de iniciação para cada novo integrante¹³.

Embora para SUTHERLAND (1955, in: Jacob 2004) nem todas as gangues fossem delinquentes, quando presente em determinados contextos sociais elas influenciariam o aumento das taxas de criminalidade. Ou seja, a viabilidade dos processos de aprendizagem resultantes da frequência e contato com grupos criminosos em que o conhecimento prático adquirido por membros de gangue era ensinado a novos membros seria uma explicação para a formação dessas equipes. Ele ressaltou que o entendimento da origem da criminalidade necessitaria da explicação da noção de *desorganização social* acrescida de outro conceito fundamental ao processo de construção de conhecimento: a *associação diferencial*. SUTHERLAND (1955, in: Jacob 2004) não negou que as condições para a formação de gangues surgiam da vivência cotidiana de falta de condições de moradias adequadas, de falta de emprego, e sim salientou que este conjunto de variáveis, decorrentes do processo de imigração, não eram a única causa que conduziria a algum tipo de comportamento criminoso ou a inserção em gangues.

Em relação às gangues juvenis é importante assinalar que a maior experiência de um membro em comparação com outro, muitas vezes é de apenas um ou dois anos. No universo juvenil, essas diferenças são extremamente significativas, pois um ano a mais

¹² Tratava-se de um espaço fragmentado onde havia um centro urbano, em que se concentravam instituições comerciais que garantiam a dinâmica do trabalho. A população de imigrantes habitava moradias próximas a esse centro comercial. Distante do centro em direção à periferia localizavam-se bairros que abrigavam a população de classe média e ainda mais distantes moravam os indivíduos das classes mais abastadas. Entre o centro e essas duas zonas, havia o que Thrasher denominou de zonas intersticiais (Coulon:1995,p.62).

¹³ Um desses rituais de iniciação era quando um novo membro era forçado a espancar alguém para provar para o novo grupo que não se intimidava.

pode significar o acesso legal à compra de bebidas, autorização para dirigir, ingresso no ensino superior dentre outras liberações conquistadas com a maioria legal. Nestes grupos ter dezesseis, dezessete ou dezoito anos implica em diferenças significativas (WARR: 1996, p.27).

Seguindo ainda a perspectiva *da desorganização social*, o argumento teórico de SCHAW e MCKAY (1942, in: Jacob 2004) associou o conjunto de atividades ditas de gangues e a oscilação nas taxas de criminalidade. Eles argumentaram que a localização residencial dos jovens, que haviam sido encaminhados à Corte Juvenil, era áreas próximas às regiões centrais de indústria e comércio de Chicago. Esses autores também identificaram um padrão de localização espacial da criminalidade, simultaneamente salientaram a importância da transmissão cultural da delinquência. Neste ponto SCHAW e MCKAY (1942, in: Jacob 2004) compartilham com STUTHERLAND (1955, in: JACOB 2004) a ideia de que a associação dos membros de gangue, tanto para o processo de aprendizagem quanto para a prática de ações em conjunto revelam a existência e importância da atribuição de *status* no interior de uma gangue. Para SCHAW e MCKAY (1942, in: Jacob 2004) as técnicas de delinquência seriam transmitidas através de suas práticas, valorizando o conceito de *transmissão cultural*¹⁴.

Diante da construção deste quadro teórico interpretativo que relacionam áreas de criminalidade e a atuação de gangues, surge à segunda onda de investigações sobre gangues, no contexto americano pós- segunda guerra mundial. Estas pesquisas mantiveram ênfase na base de dados institucionais que sustentavam o paradigma da criminalidade das gangues, evidenciado desde os primeiros estudos sobre o tema. Os autores realizavam um esforço para produzir investigações sociológicas que embasassem o planejamento de políticas de enfrentamento as gangues¹⁵.

¹⁴ Em 1931 na obra *The natural history of a delinquent*, Schaw e Mckay realizaram uma descrição qualitativa da trajetória de um jovem delinquente que representaria o desenvolvimento destas etapas, e que culminariam em algum tipo de comportamento criminoso. O jovem delinquente descrito é Sidney Blotzman, que com oito anos já fazia pequenos furtos na vizinhança, momento em que foi preso pela primeira vez. Em sua carreira delinquente foi preso por roubo de automóveis e assalto a mão armada. Ele participou de vários grupos de delinquentes, sendo que cada grupo tinha um repertório exclusivo de delitos (Warr: 1996, p. 15); vadiagem, uso de álcool e de drogas, vandalismo, assalto à mão armada, arrombamentos, fraude, roubo de carro e malandragem.

¹⁵ Por exemplo, Cohen (1955) e Cloward e Ohlin (1960), atuavam simultaneamente em departamentos universitários e programas governamentais de intervenção social. As considerações teóricas destes autores privilegiam a delinquência de jovens masculinos das classes inferiores. Cohen (1955) entendia a

ALBERT COHEN (1955 in: Jacob 2004) também analisou as gangues juvenis, enfatizando as características de uma *subcultura* delinquente colada às práticas de roubos, de assaltos e de criminalidade. Portanto a primeira característica atribuída às atividades de gangue refere-se ao caráter não utilitário do roubo. Ou seja, nem todo roubo cometido pelos membros de gangues teria um caráter utilitário. Roubar alguém poderia ser uma ação realizada pela adrenalina que esta situação poderia oferecer e, nesse caso não estaria associado à possibilidade de obter e/ou utilizar os bens materiais advindos desta ação. O objetivo do roubo ou de qualquer ato ilícito realizado pelas gangues constituir-se-ia em encontrar prazer na derrota daquilo que o outro representa. Portanto dentro do grupo juvenil se estabeleceria padrões de conduta que são entendidos como corretos na percepção de seus membros num processo de ruptura com a cultura dominante e de acolhimento à nova subcultura (Dias: 1992, p.297). Neste estudo, portanto, serão válidas as categorias de Cohen (1955), de subculturas em conflito, que podem dar pistas sobre o significado atribuído a ação pelos membros de gangues. E, efetivamente como o mundo social dos jovens desafia o mundo social dos adultos; deste modo praticar um roubo, pichar um muro, praticar um homicídio pode ser algo prazeroso e não necessariamente uma ação planejada com alguma motivação utilitária. Esta é uma conclusão importante e pouco explorada nas análises que se propunham estudar a dinâmica das gangues.

A explicação da formação de gangues e da perspectiva de seus membros construída por MILLER (1958, in: Jacob 2004) localizou nas classes baixas o fator determinante para a inserção nestes agrupamentos juvenis. As classes baixas teriam uma cultura ou um sistema de valores próprios opostos e intransponíveis em relação à classe média. Os jovens das classes baixas estariam à procura de status através da exibição da força física, do conflito com as autoridades e da violência (DIAS: 1992 p.300). Este argumento desconsidera que tais objetivos podem ser comuns aos jovens, independente de classe social.

Na instigante interpretação sobre *juventude e transgressão* construída por COHEN (1955) foi apontada uma lacuna na pesquisa sociológica. Haveria uma demanda por reflexões que se debruçassem sobre segmentos sociais distintos que mostrassem o

violência dos jovens inseridos em gangues como uma resposta a incapacidade de se conformar com as normas institucionais das escolas, que muitas vezes os rotulam negativamente, sem conseguir um sucesso social, se utilizariam de agressividade, insultos etc.

quanto os padrões de classe média tem importância, tanto nas classes menos abastadas quanto nas mais abastadas. Assim, até que ponto rapazes das classes menos abastadas, em suas manifestações de comportamento se avaliam segundo o padrão das classes mais abastadas? Segundo COHEN (1955 in: Jacob 2004) uma das características fundamentais no processo dinâmico das *subculturas juvenis* referem-se ao caráter não utilitário das ações. Neste sentido, por exemplo, à adesão de jovens a redes de criminalidades nem sempre teria um caráter utilitário. Roubar alguém pode ser uma ação realizada apenas para obter prazer e, nesse caso não estaria associado à possibilidade de obter e/ ou utilizar bens materiais. O objetivo do roubo ou de qualquer ato ilícito ou lícito realizado por agentes que aderiram às *subculturas juvenis* se constituía em encontrar prazer na derrota do outro. A sociabilidade no grupo juvenil se estabeleceria através de padrões de conduta que são entendidas como correta na percepção de seus participantes num processo de ruptura com a cultura dominante e de acolhimento à nova *subcultura* (DIAS: 1992 p.297). Mais uma vez, cabe ressaltar o peso que a classe e a estrutura social ocupam nesta explicação. Isto porque as trajetórias precedentes dos *jovens* pesquisados eram marcadas por vivências em bairros densamente povoados, por fraca supervisão parental, como um *lócus* de relações de conflito que poderia levá-los a fazer adesão a redes de interdependência, e nelas agiriam por impulso.

Ainda no âmbito da *juventude e transgressão* DAVID MATZA (1957) analisou o comportamento dos jovens como problema social, só que através do uso do termo *subculturas juvenis*. Sua preocupação primeira era com as formas de revolta da juventude e não tanto as causas desta. A questão que fica é como é que os jovens passam por cima das normas que interiorizam? Através de *técnicas de neutralização da culpa*¹⁶. Os mecanismos de controles sociais formais, como o sistema educacional, podem reprimir e inibir as motivações dos *jovens* referentes a construções linguísticas, organizatórias e legitimadoras de ações nas situações sociais. As *subculturas juvenis* definem-se por objetivos subjetivos de busca de excitação, de emoções, de um estilo de vida marcado pelo gosto por aventura que poderiam implicar em atividades de

¹⁶ MATZA (1957) distinguiu cinco tipos de técnicas de neutralização: negação da responsabilidade; do dano; da vítima; condenação dos condenadores e apelos a lealdades superiores.

transgressão a norma que poderia gerar identidades positivas de afirmação entre o grupo de pares¹⁷, sem intenção de construir mudanças na sociedade.

Para ZALUAR (1987) existiriam uma variedade de arranjos interativos, desde tribos urbanas às quadrilhas de traficantes, passando pelas galeras *funk* e pelas gangues de bairro, todos estariam presentes na realidade específica do Rio de Janeiro. Segundo a autora, a origem histórica destes agrupamentos juvenis brasileiros estaria associada principalmente à disputa entre grupos carnavalescos e escolas de samba. Esta rivalidade possibilitava aos moradores das comunidades cariocas a construção de identidade de acordo com o uso do espaço público. Portanto, as galeras cariocas não teriam surgido devido a disputas territoriais étnicas, como o caso da cidade de Chicago e, sim o surgimento de tais agrupamentos se aproximaria a rixas que se estabeleciam, desde o início do século XX, por exemplo, nas quadras das escolas de samba, o que não envolveria necessariamente práticas de violência ou a prática de uma racionalidade econômica.

Para ZALUAR (1987), comparativamente às gangues americanas, no Brasil não haveria gangues com uma forte organização para o enriquecimento de seus membros por vias ilegais. O que existiria seriam galeras e quadrilhas. As primeiras seriam um tipo ideal de galeras cariocas menos organizados que as gangues americanas e estabelecidas mais como uma forma de sociabilidade solta. Elas representariam mais um estilo de vida, um tipo de sociabilidade, uma forma de pertencimento mútuo (SCHABBACH: 2007, p. 172) diferentemente das quadrilhas.

Considerações Finais:

Em resumo, esta tese foi tributária da noção *jovens da periferia* (NOVAES: 2006) privilegiando a subjetividade dos jovens. Explico. O sentido de periferia aqui empregado está associado à *periferia social*. Os territórios do bairro de Santo Amaro podem ser representados como exemplos de periferia no sentido social e econômico mais do que no sentido geográfico. Diferentemente do que aconteceu em outras

¹⁷ A utilização que o autor utilização de noção grupo de pares já deixa transparecer a ideia de homogeneidade, grupos de pares pode ser substituído por grupos de pessoas iguais ou bastante semelhantes.

metrópoles brasileiras, as diversas reformas urbanas e as dinâmicas populacionais não conseguiram gerar, no Recife, espaços segregados para os pobres longe dos centros de poder econômico e político, estando muitos deles incrustados no coração dos chamados “bairros nobres” (FRANCH: 2007, p.83) da capital pernambucana. Inclusive, o bairro pesquisado localiza-se geograficamente na zona central da cidade.

Outra contribuição importante da noção de *jovens da periferia* para este estudo relaciona-se aos padrões de sociabilidade que estão alicerçados no sentimento de medo subjacente a representação (social) da violência urbana, ou seja, uma das características da SV. A noção de *jovens da periferia* carrega elementos como medo de sobrar, de morrer, da discriminação por endereço que afetam as vivências dos jovens. Resta saber, de qual forma esses medos condicionam a subjetividade dos jovens da periferia.

Então, conforme estudiosos da juventude apontam, se os elementos complexos da natureza da definição de *juventude* residem em dois pontos: não há uma definição universal de juventude e o relativismo não levaria a lugar algum. Há uma lacuna a ser preenchida. Qualquer tentativa de definição de jovens, considerando a abordagem teórica das *representações (sociais)*, necessita considerar:

- a) Não é possível compreender os *jovens* e a violência exclusivamente a partir das dimensões objetivas;
- b) As representações dos jovens exprimem percepções e visões de mundo que demandam visibilidade na Sociologia em razão de peculiaridades da condição juvenil representada pela socialização no contexto da SV que interfere nos modos de vidas dos jovens, especialmente nos ambientes de periferia;

CAPÍTULO III

SANTO AMARO COMO UM CASO PARTICULAR PARA PENSAR A NOÇÃO DE SV: CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Este capítulo tem como objetivo apresentar a natureza dos dados investigados neste estudo de natureza qualitativa. O trabalho de campo foi composto pelo material etnográfico que se refere aos diários de campo, produzidos a partir da *observação direta*¹⁸ e *entrevistas semiestruturadas* realizada com jovens moradores de um bairro popular da zona central do Recife¹⁹. Primeiramente, serão expostas considerações metodológicas que justificam a escolha da unidade empírica e o processo de inserção ao campo. Além disso, apresentarei as estratégias de organização e de análise dos dados qualitativos e as categorias de análise utilizadas neste processo de investigação. Em outras palavras, neste capítulo o foco será nas *representações (sociais)* como forma de conhecimento.

¹⁸ A observação direta (ZALUAR:2009) consiste na participação em eventos sociais na comunidade, sem aceitar convites que impliquem em poder de decisão do (a) pesquisador(a). Implica também em movimentos de entrada e saída do bairro ao invés de constituir moradia no local.

¹⁹ Como já foi ressaltado nos capítulos iniciais desta tese, a unidade empírica deste estudo refere-se aos *territórios* que formam o bairro de Santo Amaro. Trata-se de um espaço social socialmente marcado por uma série de desvantagens sociais concentradas nos territórios que compõe a delimitação geográfica do bairro. No entanto, alguns territórios apresentam maior concentração de indicadores sociais negativos; como ausência de sede para a associação de moradores, precárias instalações sanitárias, territórios controlados por criminosos, concentração de imóveis não residenciais, dinâmica da produção de morte violenta ainda associada a padrões elevados. Em relação à morte violenta é importante ressaltar que os dados da SDS (Secretaria de Defesa Social) revelaram que no primeiro trimestre de 2012, o número de homicídios diminuiu no Estado de Pernambuco como um todo. Com efeito, na região metropolitana do Recife, dentre as AIS (áreas integradas de segurança) que ainda encontram-se na mira dos trabalhos da SDS está este o bairro de Santo Amaro. Fonte: www.old.diariodepernambuco.com.br-nota.aps.materia=20120402190632

A seguir, a reflexão recairá em direção à dimensão empírica das *representações (sociais)*. Entendendo-as enquanto forma de conhecimento, relacionada ao aspecto mais geral aproximando-se da concepção de uma sociologia fenomenológica.

3.1. Estudo etnográfico na Sociologia: desvendando representações (sociais)

No capítulo um, destaquei que as representações (sociais) consistem na produção de conhecimento socialmente compartilhado, formuladas pelos atores sociais para explicar as relações estabelecidas entre seus pares, com outros grupos e com o mundo social. Assim, nesse estudo só faz sentido falar em representações (sociais) como *orientadoras de conduta* (MOSCOVICI: 1970); estabelecidas de acordo com *rede de relações sociais ou interdependência* (ELIAS: 1970); *dotadas de autonomia não um mero reflexo da realidade* (PORTO: 2006; 2010; MACHADO DA SILVA: 1999; 2004). Por conseguinte, essas premissas de natureza teórica têm implicações sobre os procedimentos metodológicos que foram utilizados para a coleta e análise de dados. A literatura sobre *representações (sociais)* revela que uma das indagações fundamentais subjacente a estas investigações é: *como compreender o modo como foram construídas as explicações cognitivas para o contexto situacional vivido?* Com efeito, é possível dizer que inexiste na TRS o privilégio do uso de determinadas técnicas e métodos de pesquisa para captar as construções subjetivas.

No entanto, algumas estratégias metodológicas são recomendadas pela TRS, como à utilização da técnica de observação e entrevistas semiestruturadas. Isso não significa dizer que a TRS privilegia algum método de pesquisa em especial (SÁ: 1998 p. 80) ou que todos os métodos serviriam para estas abordagens independentemente da orientação teórica. O que é possível constatar em uma leitura da TRS é que, obviamente, diferentes direcionamentos teóricos resultam em opções preferenciais por diferentes métodos, nos quais as abordagens qualitativas (JODELET: 2009) ganham um destaque especial. Ou seja, é possível dizer que há uma aproximação com o método *estudo de caso etnográfico*. Entretanto, frequentemente, no campo da Sociologia há uma propensão a uma associação direta a premissa etnográfica como campo exclusivo da Antropologia. No entanto, a Sociologia americana, de meados da primeira metade do século XX, já argumentava acerca da fluidez destas delimitações herméticas.

Logo, a técnica de *observação participante* foi à opção de FOOTE WHYTE (2005) para compreender como os jovens representavam seu mundo tendo como base empírica um bairro de imigrantes italianos no começo do século XX. Por consequência, houve a opção de aproximar-se das dimensões subjetivas dos jovens e dos moradores da localidade. No entanto, foi um longo processo que apresentou algumas dificuldades, características desse plano geral do *método de estudo de caso* e da sua aplicação através de suas técnicas específicas: *a inserção ao campo*; *o estabelecimento de laços de confiabilidade com os entrevistados*; sobretudo porque o autor possuía experiência prévia nula em estudos em áreas pobres. Sua inserção em campo foi marcada por quase uma dúzia de iniciativas frustradas de “*abrir as portas da comunidade para a pesquisa*”.

Já para ELIAS e SCOTSON (2000) a imersão no contexto empírico ocorreu de modo célere, facilitada em decorrência da vinculação a um pesquisador que já atuava naquele espaço. Os autores escolheram a *observação intermitente* alternando momentos de presença e ausência no bairro. Para esta tese, escolhi a *observação intermitente*. De fato, a longa permanência no campo de pesquisa exigiria uma dedicação total a unidade empírica que demandaria abrir mão, por um período, das minhas rotinas particulares que eu estava pouco disposta a realizar. Por outro lado, arrisco dizer que talvez os resultados que emergirão desta tese se diferenciariam pouco dos quais alcançaria caso minha opção tivesse sido a *observação participante*. Isto porque, mesmo na *observação participante* de FOOTE WHYTE (2005) a imersão total no universo empírico nunca foi (nem será) possível. O pesquisador nunca se desvinculará completamente de sua identidade de “*alguém de fora*”. Portanto, neste estudo realizou-se a *observação intermitente* ou *direta*.

Contudo, penso que realizar uma pesquisa utilizando o método *etnográfico* inspirada nas considerações metodológicas de *Estabelecidos e Outsiders* (2000) significa identificá-las enquanto pertinente ao campo de estudos sobre jovens. Em primeiro lugar, ELIAS e SCOTSON (2000) conforme foi assinalado anteriormente, procuraram afastar-se de uma visão anômica ou unicamente economicista dos processos sociais que estão contidos na Sociologia da Juventude. A categoria *juventude*, neste deslocamento analítico, ganha contornos mais flexíveis que possibilitam maior vigor de entendimento. Na mesma direção, FOOTE WHYTE (2000) desloca o foco da delinquência para o contexto da motivação da ação dos jovens. No entanto, é possível perceber que a

preocupação geracional da perspectiva analítica da figuração entre *Estabelecidos e Outsiders* reforça a inexistência do entendimento de uma *categoria de juventude* universal. Isto porque, em ELIAS e SCOTSON (2000) desaparecem as linhas divisórias entre delinquentes e não delinquentes.

Muitos jovens estavam numa encruzilhada. Alguns eram ou viriam a ser delinquentes, enquanto outros aprenderiam a se enquadrar nos papéis aceitos dos adultos. Mas só nos registros policiais e nas crenças de vários adultos comuns e cumpridores de lei é que há uma clara linha divisória entre os delinquentes e não delinquentes. A classificação de alguns jovens como “delinquentes” tende a nos fazer esquecer que o “comportamento delinquente” funde-se imperceptivelmente com o não delinquente. Se observarmos a conduta das crianças e adolescentes, em seu contexto comunitário real, encontraremos muitas formas transicionais de comportamento (ELIAS e SCOTSON: 2000, p.140).

Ademais, o contexto situacional mencionado na citação acima, percebido através do *estudo etnográfico* de ELIAS e SCOTSON (2000) contribuiu com a identificação de divisões classificadas em Zona 1, 2 e 3 que exerciam forte influência na construção das *representações (sociais)* dos jovens. Paralelamente indicavam em um bairro operário que abriga indivíduos com perfis socioeconômicos bastante semelhantes é efetivamente um local heterogêneo por natureza. Por consequência, para os jovens construir laços de amizades com pessoas das áreas aos quais se atribuíam status inferior geravam barreiras intransponíveis que poderiam rebaixá-los simbolicamente na percepção de seus pares. Em síntese, a figuração - *Estabelecidos e Outsiders* - é um exemplo proveniente do campo da Sociologia interacionista acerca da utilização do método *etnográfico* e da aplicação de técnicas específicas que contribuíram com o acesso as *representações (sociais)* de grupos de indivíduos sobre outros, bem como as transformações sociais, tomando como unidade empírica um bairro industrial no interior da Inglaterra.

Isto porque, o posicionamento tanto de FOOTE WHYTE (2005), quanto de ELIAS (2000) em relação ao objeto da Sociologia é particular e mobiliza suas reflexões teóricas. Nesta perspectiva, *ação social*, conforme Weber já havia salientado, torna-se o objeto da Sociologia. No entanto, para FOOTE WHYTE (2005) e ELIAS (2000), a ação ganha nuance especial e necessita ser entendida como produto de ações intersubjetivamente orientadas. Ou seja, a ação social demanda um entendimento que

extrapole descrições objetivas do ponto de vista de manifestações exteriores, mas que também possa captar as manifestações subjetivas.

Em Winston Parva, logo ficou muito patente que as repostas recebidas nas entrevistas ou noutros contextos, particularmente as que diziam respeito às configurações existentes dentro dos vários bairros e entre eles, não eram, para começar, a expressão de ideias separadamente formadas, por cada indivíduo. As respostas individuais eram parte integrante das crenças e atitudes comuns, mantidas por várias formas de pressão e controle sociais, sobretudo na zona 3, onde a coesão entre os vizinhos era relativamente alta, e também pelas pressões de uma situação comum, especialmente na Zona 3, onde a coesão era menor. Em outras palavras, elas representavam variações individuais das crenças e atitudes padronizadas que circulavam nestas áreas (ELIAS e SCOTSON: 2000, p.54).

Uma vez que os autores mencionam que *crenças e atitudes comuns, mantidas por várias formas de pressão e controle sociais* revelam suas inquietações metodológicas relacionadas às *representações (sociais)*, interpretadas a partir do conceito de *interdependência*. Neste sentido, a opção metodológica dos autores justifica-se, pois as crenças e atitudes comuns compartilhadas no universo empírico e heterogêneo de Winston Parva seriam apreendidas de forma mais custosa por meio de inferências estatísticas. Isto porque, o perfil sócio econômico dos moradores do bairro era bastante semelhante e pouco ou nada se diferenciavam por raça, cor, renda. No entanto, uns se consideravam “superiores” aos outros. Deste modo, emergiu a necessidade da identificação de outras variáveis que caracterizassem esse tipo de *diferenciação social*.

A Sociologia de ELIAS e SCOTSON (2000) mostrou que explicações em torno de uma causa isolada, como por exemplo, a referência ao desemprego como causa da explosão de violência e crime, seria frágil para explicar as *representações (sociais)* construídas entre grupos que aparentemente não apresentavam possibilidades de diferenciações entre si. *A simples descoberta de relações quantitativas, por mais precisa que seja não levaria a respostas adequadas* (ELIAS e SCOTSON: 2000, p.58). É importante salientar, que não se trata de minimizar a importância dos estudos quantitativos, apenas reiterar que no caso do objeto de estudo desta tese, a pesquisa qualitativa é a mais adequada para captar *as representações (sociais)* de jovens da periferia. Conforme afirmei nos capítulos precedentes, estudos de natureza qualitativa, como a investigação em tela, realizada em espaços urbanos pobres, que busca aprender *representações*

(*sociais*) de jovens e padrões de sociabilidades aos quais estão filiados, sobretudo, os rapazes e moças que estão desvinculados das malhas de redes institucionais, ainda são raros na Sociologia.

Em relação ao objeto de estudo desta tese, jovens e violência e estendendo o argumento dos autores – ELIAS (2000) e FOOTE WHYTE (2005) - é importante reter que apenas variáveis econômicas explicariam pouco sobre as *representações (sociais)*. *É difícil estudar a violência ou a religião sem introduzir uma dose de afetividade e evocar as experiências vividas* (MOSCOVICI: 1988, p.18). Além do mais, olhar apenas em direção à dimensão objetiva da violência em suas práticas torna qualquer tentativa de explicação sobre jovens e violência um tanto míope. Isto porque é preciso incluir a *situação humana das pessoas envolvidas e sua experiência* (ELIAS: 2000, p.91) e romper com pensamentos dualistas moralizantes representados em juízos de valor como “bem” e “mal” que invadem às análises sociológicas. Desse modo, *as representações (sociais)* foram entendidas a partir de uma *rede de interdependência*, semelhantes ao modelo delineado na figuração - *Estabelecidos e Outsiders*.

Tanto a noção de *Sociedade de Esquina* e *Estabelecidos e Outsiders* podem ser consideradas como padrões de sociabilidade nos quais os atores sociais *representam simbolicamente seu mundo para si mesmo* (Foote Whyte: 2005 p. 273). No entanto, os autores convergem no sentido de chamar atenção para uma questão importante na discussão sobre os limites dos *estudos etnográficos*: a veracidade dos fatos relatados pelos informantes. Efetivamente, essa questão tem relevância para a análise? Os dois autores parecem sugerir que pouco importa se *as representações (sociais)* construídas pelos atores sociais são falsas ou verdadeiras. Ademais, seria menos relevante verificar se os relatos dos jovens são verdadeiros, mas sim de que modo foram elaborados. Isto está longe de tornar-se um limitador do método.

Este ponto é importante porque o resgate da subjetividade como instrumento de trabalho não deve ser justificativa para a indefinição dos limites entre ciência e ideologia e, portanto, não devem servir de desculpa para repor a velha oposição entre verdade e mistificação. A relação intersubjetiva não é o encontro de indivíduos autônomos e autossuficientes. É uma combinação simbólica que supõe e repõe processos básicos responsáveis pela criação de significados e de grupos. É neste encontro entre pessoas que se estranham e que fazem um movimento de aproximação que se podem desvendar sentidos ocultos e explicar relações desconhecidas (CARDOSO: 1986 p.103).

Por outro lado, as considerações acerca do método de pesquisa utilizado neste estudo foram construídas com intenção de especificar alguns limites e possibilidades da utilização do *método etnográfico* na Sociologia. Embora as reflexões supracitadas não tenham a pretensão de exaurir as questões metodológicas suscitadas pelos sociólogos FOOTE WHYTE (2000) e ELIAS e SCOTSON (2000) permitem perceber que as dimensões empírica e teórica se implicam mutuamente no processo de pesquisa e que refletir sobre elas - seja com o propósito de efetuar uma crítica teórica, seja de questionar os resultados produzidos a partir da pesquisa empírica - é tarefa da metodologia.

3.2. Algumas considerações históricas e geográficas acerca do bairro de Santo Amaro

Na percepção dos moradores, a ocupação do solo em Santo Amaro ainda é uma questão que persiste na agenda das demandas sociais do bairro. No final da década de setenta, as áreas da Ilha de Santa Teresinha, Santo Amaro, Chié, reduto das antigas áreas de mangues e alagados, passaram a compor o *Projeto Ponte do Maduro* que previa ações de urbanização e construção de moradias. Durante a pesquisa de campo, foi possível ouvir relatos de descontentamento acerca da inexistência de um documento que comprove juridicamente a posse das residências. Historicamente a reivindicação pela posse de terra é uma preocupação central dos moradores menos jovens.

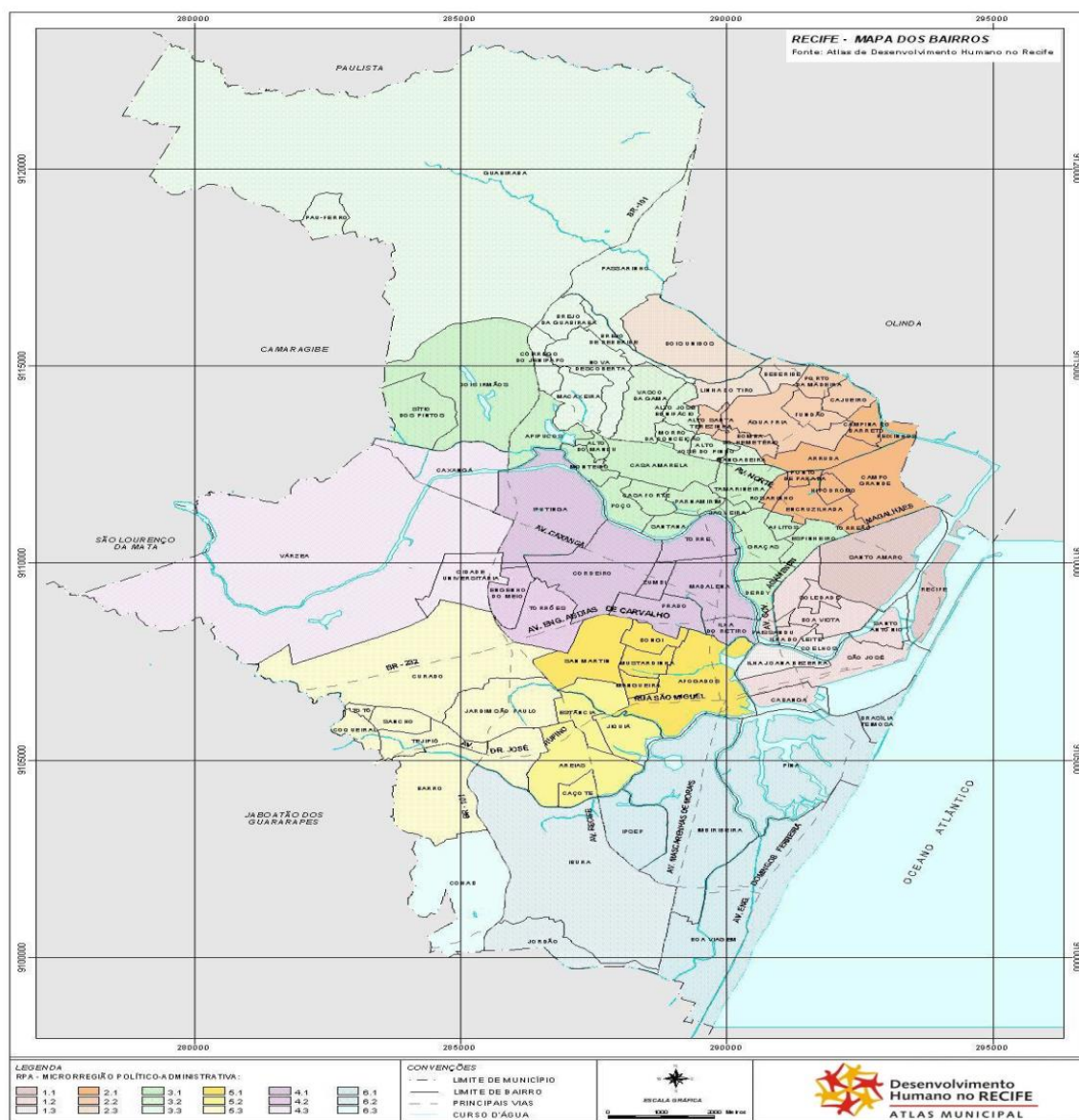
De acordo com CORTÊS DE LIMA (2005), no princípio do século XX, a ocupação da cidade do Recife ainda permanecia bastante concentrada nos bairros centrais. E foi por intermédio dos tentáculos que a cidade se expandiu incorporando as partes nodosas ou povoações periféricas aos trechos iniciais, preenchendo os vazios, concentrando e consolidando povoações de maior porte. Como resultado desse crescimento, as áreas aterradas ampliam-se significativamente. Aterros realizados tanto pelo poder público como pela iniciativa privada. Entre esses aterros encontra-se o de Santo Amaro reduzindo a distância até Olinda. É também nos espaços alagados, entre as povoações ao longo dos caminhos que a população pobre vai avançando com seus mocambos ocupando as nesgas de espaços ainda sem valor (CORTÊS DE LIMA: 2005 P.43).



Figura 06: Mocambo em Santo Amaro, s/d. Fonte: Museu da Cidade do Recife/ CORTÊS DE LIMA (2005).

O bairro de Santo Amaro é um dos mais antigos do Recife. De acordo com Gaspar (2009)²⁰, a origem do bairro remonta a 1681, quando foi construída a capela de Santo Amaro das Salinas, sobre as ruínas do Forte das Salinas. Já na segunda metade do século XIX a capela servia de referência para as manobras no Porto do Recife e, neste mesmo século, o bairro recebeu os dois primeiros cemitérios construídos em terrenos públicos – o dos Ingleses e o de Santo Amaro, existentes até hoje.

Mapa 1 – Mapa dos bairros do Recife – 2011/2012.



FONTE: Atlas Municipal do Recife.

²⁰ Gaspar, Lucia. Santo Amaro.
<http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorn.ms.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=317&textCode=6061&date=currentDate> Acesso em junho de 2010.

Ligado ao bairro do Recife pela Ponte do Rio Limoeiro, Santo Amaro é um bairro de muitas vivências e memórias que ultrapassam sua espacialidade e seus monumentos. É um território construído de lembranças e esquecimentos que convivem com a dureza dos problemas sociais que assolam o bairro desde os primórdios da sua origem (...). O maior patrimônio deste local está na rotina dos seus moradores que tanto respeitam o espaço onde moram (*Território Santo Amaro: patrimônios e potencialidades*: FUNDARPE, 2010, p.16).

Segundo a Prefeitura do Recife, a capital pernambucana está dividida em seis Regiões Político-Administrativas (RPA's): a primeira região é a Centro, seguida da Norte, da Nordeste, da Oeste, da Sudoeste e, a sexta é a região Sul. Cada RPA é subdividida em três Microrregiões que reúnem um ou mais dos seus 94 bairros, conforme Lei Municipal nº 16.293 de 22.01.1997. As RPA's foram definidas para formulação, execução e avaliação permanente das políticas e do planejamento governamentais. A fragmentação em microrregiões visava efetivamente facilitar *à definição das intervenções municipais em nível local e articulação com a população*. Os bairros foram estabelecidos pelo Decreto Municipal 14.452, de 26 de outubro de 1988, para subsidiar o levantamento de informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Sistema de Informações e Planejamento do Recife.

A RPA 1 compreende onze bairros. E entre eles está o bairro de Santo Amaro. Ainda conforme definições do governo municipal, a cidade apresenta sessenta e seis Zonas de Interesse Social (ZEIS). Em Santo Amaro, localizam-se duas ZEIS. A primeira ZEIS que surgiu em Santo Amaro levou o nome idêntico ao do bairro. Esta foi composta pelas favelas Ilha de Santa Teresinha, Santo Amaro (Sítio do Céu, Campo do Onze e Beco dos Casados) e ZEIS João de Barros, composta por uma favela de mesma denominação em que se situam os territórios pesquisados. As ZEIS surgiram em Recife na década de oitenta. Segundo a legislação os pré-requisitos para uma localidade tornar-se uma zona de interesse especial seriam: *ter uso predominantemente habitacional; apresentar tipologia de população com renda familiar média igual ou inferior a três salários mínimos; ter carência ou ausência de serviços de infraestrutura básica; possuir densidade habitacional não inferior a 30 (trinta) residências por hectares e ser passível de urbanização*. Na cidade do Recife, os bairros que compõem as Microrregiões Político-Administrativas do Recife (RPA) são os seguintes:

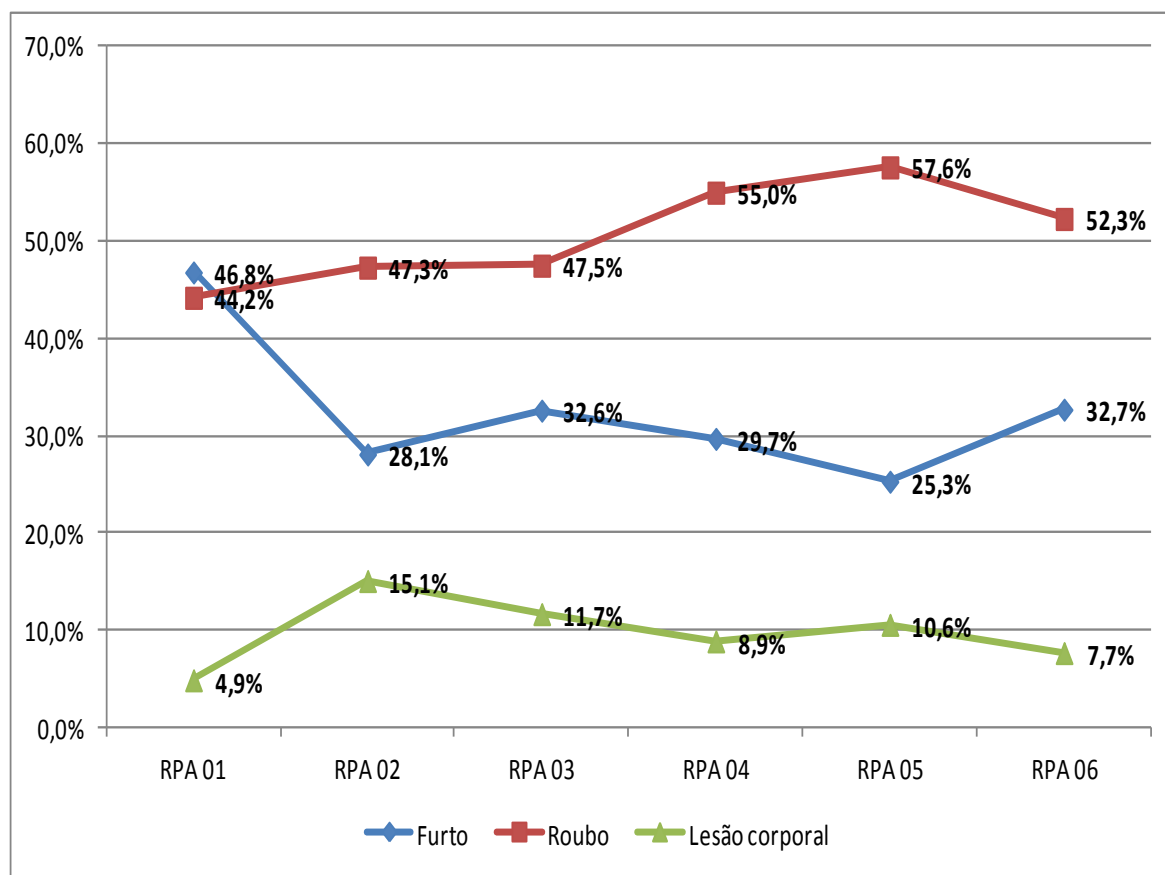
RPA	Microrregião	Bairros
1	1.1	Recife, Santo Amaro
	1.2	Boa Vista, Cabanga, Ilha do Leite, Paissandu, Santo Antônio, São José, Soledade
	1.3	Coelhos, Ilha Joana Bezerra
2	2.1	Arruda, Campina do Barreto, Campo Grande, Encruzilhada, Hipódromo, Peixinhos, Ponto de Parada, Rosarinho, Torreão
	2.2	Água Fria, Alto Santa Teresinha, Bomba do Hemetério, Cajueiro, Fundão, Porto da Madeira
	2.3	Beberibe, Dois Unidos, Linha do Tiro
3	3.1	Aflitos, Alto do Mandu, Apipucos, Casa Amarela, Casa Forte, Derby, Dois Irmãos, Espinheiro, Graças, Jaqueira, Monteiro, Parnamirim, Poço, Santana, Tamarineira, Sítio dos Pintos
	3.2	Alto José Bonifácio, Alto José do Pinho, Mangabeira, Morro da Conceição, Vasco da Gama
	3.3	Brejo da Guabiraba, Brejo do Beberibe, Córrego do Jenipapo, Guabiraba, Macaxeira, Nova Descoberta, Passarinho, Pau Ferro
4	4.1	Cordeiro, Ilha do Retiro, Iputinga, Madalena, Prado, Torre, Zumbi
	4.2	Engenho do Meio, Torrões
	4.3	Caxangá, Cidade Universitária, Várzea
5	5.1	Afogados, Bongí, Mangueira, Mustardinha, San Martin
	5.2	Areias, Caçote, Estância, Jiquiá
	5.3	Barro, Coqueiral, Curado, Jardim São Paulo, Sancho, Tejipló, Totó
6	6.1	Boa Viagem, Brasília Teimosa, Imbiribeira, Ipsep, Pina
	6.2	Ibura, Jordão
	6.3	Cohab

Figura 08. Fonte: Prefeitura municipal do Recife.

Em 2007, os dados da pesquisa *Violência Endêmica- Homicídios na cidade do Recife* revelaram entre as RPA'S, a região Centro era de longe, a mais violenta. Se analisarmos como uma unidade isolada, com taxas próximas a 150 homicídios por 100.000 habitantes. Este estudo levantou uma hipótese para esta situação dramática foi o fato de que essa região é composta por bairros com alto nível de degradação urbana e alta concentração de imóveis não residenciais.

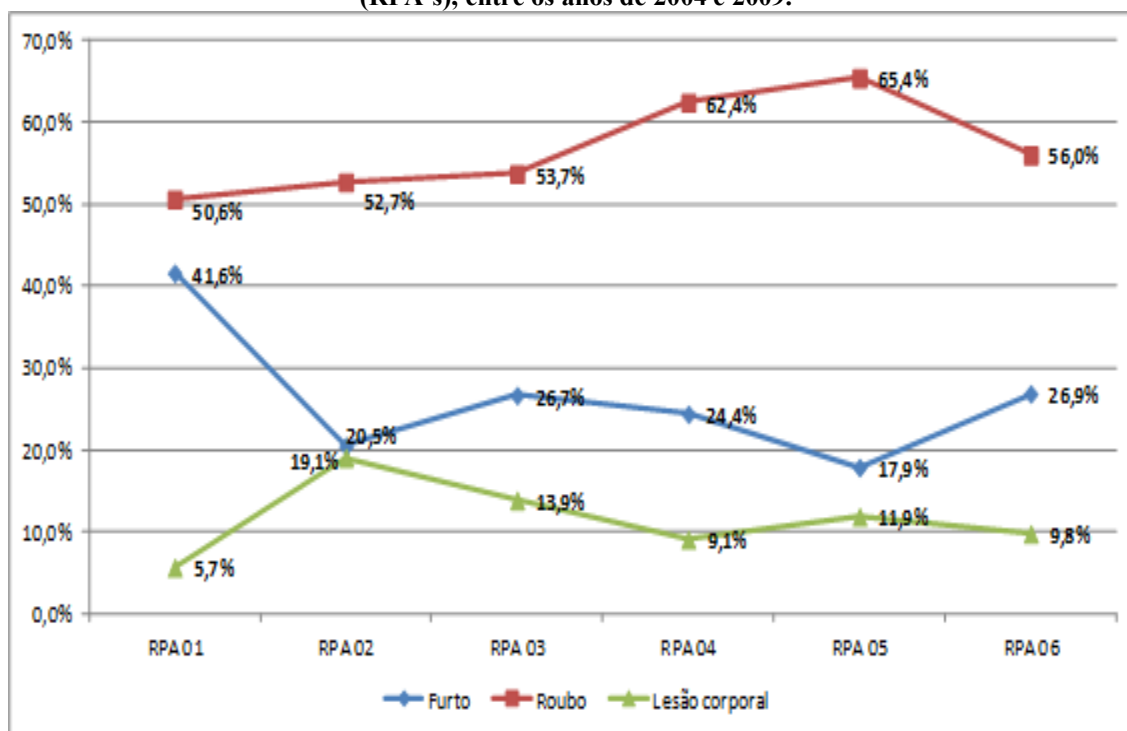
Utilizando uma estatística descritiva, é possível perceber que no período entre os anos de 2004 a 2009, a distribuição percentual dos principais crimes contra a pessoa e crimes patrimoniais, considerando as RPA's, tem-se o maior percentual de furtos de 46,8% concentrados na RPA1. Seguido de roubo com 44,2%. A hipótese supracitada poderia ser replicada também para a dimensão objetiva da violência. No caso dos relatos dos jovens acerca das representações (sociais) sobre violência há que considerar-se que os sujeitos de pesquisa residem em uma área socialmente identificada como violenta, mas isto também é empiricamente verificável. No entanto, é importante ressaltar que a RPA 1 abriga a região central da cidade, composta também pelos bairros de São José, Santo Antônio e Recife dentre outros que representam o centro comercial da capital pernambucana. Essa ressalva é importante não compactuar com equivocadas (e alarmantes) representações sobre o bairro.

Gráfico 1 - Distribuição percentual dos principais crimes contra a pessoa e crimes patrimoniais, de acordo com as Regiões político-administrativas de Recife (RPA's), entre os anos de 2004 e 2009.



Quando olhamos para a distribuição percentual dos principais crimes contra a pessoa e crimes patrimoniais, considerando as vítimas jovens, de acordo com a RPA's tem-se que o roubo (50,6%) ultrapassa o furto (41,6%) na RPA1. O que significa que os jovens são vítimas de violência, especialmente nas práticas de roubo. Por outro lado, percentual de lesão corporal (5,7%) na RPA1 é menor. No entanto, a título de comparação é na RPA 5 que se concentram os maiores percentuais de roubo (65,4%).

Gráfico 2 – Distribuição percentual dos principais crimes contra a pessoa e crimes patrimoniais, considerando as vítimas jovens, de acordo com as Regiões político-administrativas de Recife (RPA's), entre os anos de 2004 e 2009.



Os territórios de Santo Amaro estão inseridos na região central da capital pernambucana entre os circuitos de lazer, educação, proximidade com o centro da cidade e com o litoral da vizinha cidade de Olinda o que por si só lhe conferiria facilidade de mobilidade e de circulação espacial. Efetivamente, o isolamento geográfico, que caracteriza boa parte das favelas, não se aplica a Santo Amaro. Geograficamente falando, o bairro se situa em um espaço estratégico na zona central do Recife. Esta comunidade tem seus limites físicos estabelecidos entre um grande centro de compras do Recife e um bairro de classe média alta. O bairro é cercado por prédios públicos e abriga de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), uma população de 27.939 habitantes. No que se refere à distribuição das pessoas no espaço, 37% das casas da comunidade de Santo Amaro possuem mais de três membros, sendo que 11% das residências não possuem morador do sexo masculino.

O bairro apresenta uma composição diversificada formada por áreas bem adensadas e sem regularidade em suas ruas e quadras - áreas mais antigas e de baixo poder aquisitivo - e outras pouco adensadas e com ruas e quadras bem definidas – áreas mais recentes e de padrão econômico mais elevado. Além da conformação espacial das áreas definidas pelas ruas e quadras, a malha urbana de Santo Amaro também se caracteriza

pela presença de algumas áreas de convivência: as praças e largos, como o Parque Treze de Maio; a Praça Frei Caneca; a Praça General e Lima e o Largo do Salgado. Todos importantes espaços de sociabilidade dos moradores locais. Neste espaço de múltiplos usos, o bairro agrega imóveis históricos e contemporâneos com usos diversificados: habitacional, comercial e institucional em toda sua extensão.

Há um conjunto de bairros nos arredores de Santo Amaro cujos fluxos demográficos, sociais e culturais contribuem com a produção de uma configuração espacial marcada por evidências de desigualdades sociais que podem ser evidenciadas através dos imponentes edifícios do bairro vizinho – Espinheiro que fica a poucos metros do *locus* principal da pesquisa, a favela João de Barros. Ali se localizam construções de prédios de classe média alta que contrastam com alguns barracos da comunidade que compõem a paisagem social do pesquisada.

Se olharmos para o bairro de Santo Amaro do ponto de vista global, tomando como referência documentos oficiais, teremos uma visão panorâmica do local. No entanto, esta fotografia pode apresentar algumas deformações como: a invisibilidade das formas de organização social e geográfica a partir das percepções dos jovens moradores; as relações pessoais desenvolvidas entre os jovens moradores e a transversalidade desses elementos implicam na construção das representações (sociais).

Com efeito, eis aqui um recorte possível para uma visão panorâmica do bairro (abaixo, ver mapa 2). Na última década a sua densidade populacional de 76,68 (hab./ha) reduziu para 73,52 (hab./ha) em 2010. Especificamente em relação aos jovens moradores do bairro houve queda nos números absolutos dos mesmos: em 2000 havia 8.219 jovens, na faixa etária entre 15 a 29 anos; já em 2010, este número decresceu para 7.388 jovens (IBGE 2000 e 2010). A densidade demográfica (73,52 hab./km²) é mais alta que a do Recife (64,78), mas fica bem abaixo dos bairros mais densamente povoados, como o Alto José do Pinho (299,57) e Brasília Teimosa (292,78). O número de moradores por domicílio (3,74) assemelha-se ao encontrado entre a população de melhor renda. Em 2010, de acordo com o IBGE, aproximadamente 26% da população do bairro de Santo Amaro pertencia à faixa compreendida entre 15 e 29 anos – distribuição semelhante à do Recife - e a taxa de alfabetização entre as pessoas com 15 anos ou mais era de 90,5%

no referido bairro, comparativamente a Recife que era de 93,2%. Ou seja, em 2010, a taxa de alfabetização dessas pessoas em Santo Amaro é inferior a de Recife.

Segundo recente pesquisa, realizada Centro de Análises Econômicas e Sociais – CAES/PUCRS em parceria com o NEPS- UFPE²¹, os indicadores de renda dos moradores de Santo Amaro são muito baixos. Mais da metade das famílias (52%) apresentam renda per capita de até metade de um salário mínimo mensal e 26% das famílias da localidade obtinha renda per capita de até um salário mínimo. Logo, cerca de $\frac{3}{4}$ das pessoas da comunidade vivem com um poder de compra bastante reduzido, o que evidencia um quadro social marcado pela pobreza. Ainda sobre esse indicador, somente 15% das famílias de Santo Amaro recebem dois ou mais salários mínimos per capita por mês (se considerarmos a totalidade da cidade de Recife, o que inclui outras comunidades pobres, esse índice chega a 29%). Logo, a exemplo do que ocorre em comunidades como Canal do Arruda, pode-se afirmar que a comunidade de Santo Amaro é uma localidade notadamente carente, mesmo se nos ativermos unicamente no contexto de Recife, cidade que figura apenas na 12^o posição entre as vinte e seis capitais brasileiras no ranking do IDH.

²¹ Fonte: http://www.pucrs.br/caes/downloads/recife/Santo_Amaro_22_11_2013.pdf Acesso em: 26/01/2014.

neste ponto do bairro que se localizam algumas favelas como o Campo do Onze, que adquiriram certa “notoriedade” na imprensa local ao servirem de abrigo para alguns grupos (ditos) criminosos e violentos.

A localização geográfica favorável, facilitaria em tese, o acesso de jovens a possibilidades de inclusão social via acesso rápido e sem a necessidade de utilizar um transporte público até a área central da cidade, seja para trabalhar, estudar ou para diversão. Por outro lado, a condição social e econômica dos jovens entrevistados, parece tornar-se uma barreira simbólica ao acesso a esses espaços de sociabilidade quiçá ao espaço da Universidade que fica no interior da comunidade João de Barros ou ao *shopping center* que se localiza na Ilha de Santa Teresinha. Por outro lado, é possível que a circulação no interior do bairro, torne-se limitada a esses atores sociais que convivem com o *medo de morrer* (NOVAES: 2006). Esta localidade se revela aos jovens moradores como um espaço de *incertezas, medo de morrer, inclusão e exclusão social*.

3.3. Experiência prévia de pesquisa em territórios de Santo Amaro

Minha experiência prévia de pesquisa em territórios de Santo Amaro ocorreu em 2008. No entanto, eu conhecia pouco aquele espaço social e a cidade como um todo. Justamente, durante o último semestre do curso de Mestrado, me mudei de Porto Alegre para Recife. Assim, no segundo semestre desse mesmo ano, comecei a desenvolver atividades de pesquisa de campo durante alguns meses, como bolsista de Cooperação Técnica da FACEPE, em um projeto de pesquisa desenvolvido, no âmbito de *Pacto pela Vida*, que envolvia alguns *territórios* de Santo Amaro. O objetivo do trabalho era identificar as percepções daqueles moradores sobre a Polícia Militar que atuava naquela região. Sendo assim, durante esse período tinha tido, de forma intermitente, contato com alguns (jovens) moradores do *Campo do Onze*, um dos territórios que compõem o bairro de Santo Amaro. No tempo em que fui bolsista, realizei visitas a campo sempre na companhia de um colega, pois a recomendação da coordenação de campo era não adentrar no bairro sem a companhia de outro pesquisador, por conta de possíveis riscos à integridade física ou episódios violentos que poderiam ter consequências não esperadas. No entanto, isso nunca ocorreu. Visitei postos de saúde, vielas do território e algumas residências a fim de identificar os sujeitos de pesquisa, moradores (e jovens) da

localidade. Durante estas incursões, confrontei-me com narrativas do senso comum e relatos que enfocavam situações de homicídio, das dinâmicas do comércio de *crack*, de violência policial e toques de recolher imposto por “traficantes da área”. Tais relatos sugeriam haver naquele contexto contornos de uma SV. Algumas falas pareciam destacar a predominância de uma ordem social, seja ela tácita ou explícita, em que o comportamento violento, estava mais diretamente associado às vivências e práticas juvenis, que aquelas dos adultos. Lembro-me da dita importância das esquinas do bairro, que apareciam representadas nas falas dos moradores e dos jovens como ambientes facilitadores da criminalidade.

Conforme apontavam relatos etnográficos de pesquisadoras estudiosas da juventude (DIÓGENES: 2008; LONGHI: 2008; FRANCH: 2008) comecei a perceber que nesses relatos a noção de medo adquiria novos sentidos para mim enquanto estudiosa e para os jovens moradores daquela localidade. Enquanto pesquisadora ouvia perguntas sobre o medo de conversar com os jovens que estão nas esquinas e nas ruas de Santo Amaro? Das percepções dos pesquisados (especialmente o jovens), emergia o fato que viviam em um mundo assolado pelo medo do diferente, muitas vezes, representado através dos moradores dos outros territórios vizinhos, das turmas que frequentavam as esquinas e as ruas do bairro. No entanto, muitas vezes, os próprios entrevistados eram os frequentadores desses espaços. Lembro-me de um rapaz, na época com 16 anos de idade, convidado a participar da pesquisa supracitada. No momento da abordagem, o rapaz estava sentado na porta de casa em frente a uma quadra de futebol. Morava com a mãe. Não trabalhava nem estudava na ocasião da pesquisa. Esse jovem revelou algumas de suas percepções do medo em relação à presença dos agentes de controle social na localidade:

Eles (polícia) não podem ver adolescentes. Eles encostam! Eles iam pensar que eu era vida errada, se eles chegassem aqui agora (F, 16, H, Campo do Onze).

Conforme aparece na narrativa acima, estes e outros relatos me faziam refletir sobre alguns aspectos subjetivos como o encontro de realidades diferentes que poderiam convergir no estabelecimento de algum tipo de ordem social nos territórios daquele

bairro. O medo emergia em algumas situações específicas e não em todo momento. E, quais os mecanismos poderiam ser acessados pelos jovens na construção de mecanismos para lidar com esses e outros medos? Quais seriam os mecanismos de apresentação de alguém que não está mergulhado em uma situação de produção de violência? Quais seriam esses mecanismos? Como são criados e acessados esses mecanismos pelos jovens? Todavia, muito se fala do medo que a sociedade tem, por exemplo, dos jovens das gangues, das torcidas organizadas, das favelas. Mas, pouco se fala do medo que esses jovens possuem das novas tecnologias, do sistema de justiça criminal, das estratégias que lançam mão a fim de construir mecanismos de prevenção de violência. Lembrando, conforme assinalou Machado da Silva (2010) o medo juntamente com a desconfiança e a submissão representam os pilares dos padrões de sociabilidade.

Minhas experiências prévias nos territórios de Santo Amaro sugeriam que desconfiasse de situações semelhantes a situações de *confinamento geográfico* (MACHADO DA SILVA: 2011, p.100). Isto me instigava a refletir sobre o fato de que aquelas percepções sociais poderiam estar mascarando uma realidade ou embaçando meu olhar acerca da ordem social estabelecida naquela periferia que, certamente implicava em determinadas ações e práticas que acionavam mecanismo de diferenciação social do outro. Conforme lembra Diógenes, sem o medo não se teria que segregar os diferentes, que estigmatizar os proscritos (DIÓGENES: 2008, p.17). Esta realidade era complexa demais para ser simplificá-la. De acordo com o relato supracitado, jovens, presença policial, o outro como “vida errada”, compunham parte de uma trama social nas quais cada grupo a partir do seu ponto de vista detinha um conhecimento de primeira mão (jovens e polícias), outros detinham um conhecimento (pesquisadores) acadêmico, quiçá imagens um tanto estereotipadas acerca da violência. No entanto, isso desautoriza qualquer associação direta entre essas duas dimensões do conhecimento. São de natureza diferente.

3.4. A escolha da unidade empírica da pesquisa

Cabe ainda ressaltar, que após concluir o curso de Mestrado em Ciências Sociais, passei a fazer parte da equipe de pesquisadores do NEPS e participei de algumas pesquisas coordenadas pelo professor José Luiz Ratton. Estas investigações sociológicas tinham

alguns pontos convergentes: eram grupos que foram vítimas ou protagonistas de violência urbana. Dois destes estudos particulares ocorreram com moradores de bairros populares de Recife, priorizando a relação entre *sociabilidade, juventude e violência*. Também participei, em menor medida, de uma pesquisa sobre a construção da imagem dos usuários de *crack* na mídia escrita. Outra em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública sobre a percepção dos cidadãos sobre as delegacias de Polícia. Também participei de uma pesquisa acerca das histórias e trajetórias de vida de rapazes presos realizada nas dependências do presídio Professor Aníbal Bruno na capital pernambucana. Similarmente do ponto de vista teórico, houve uma aproximação através dos cursos de *Sociologia do Crime, Sociologia da Violência no Brasil* cursadas no Programa de Pós Graduação da UFPE, com os elementos que dimensionavam a literatura sociológica acerca da *juventude e violência*.

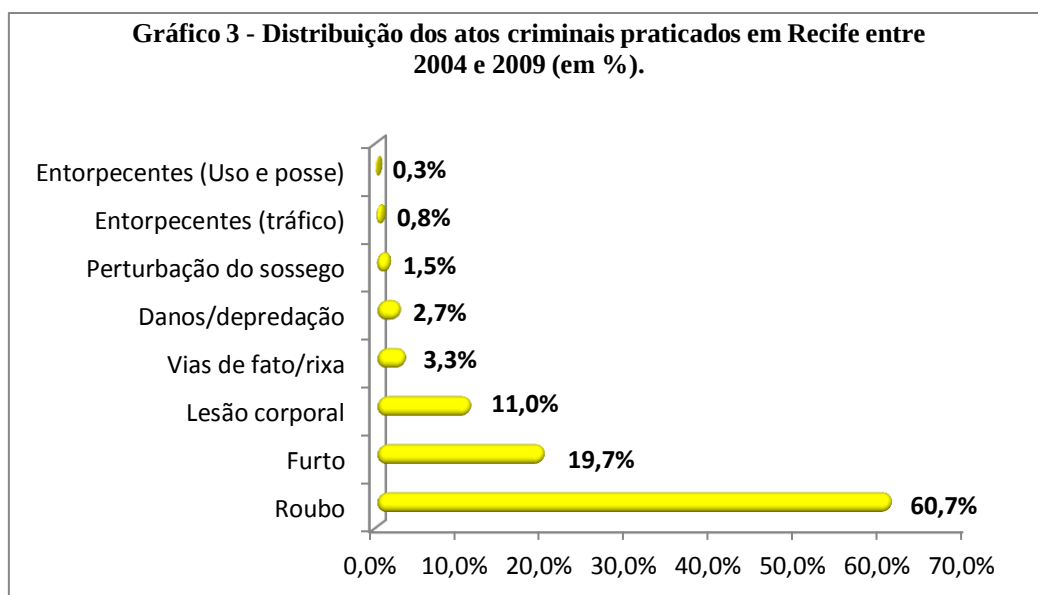
O objetivo destas considerações metodológicas foi justificar a escolha de Santo Amaro como unidade empírica acerca da temática das *representações (sociais)* da violência construídas por jovens moradores de favelas. Minhas experiências prévias nesse espaço social de pesquisa, não impediram que meu retorno, três anos após as primeiras incursões a campo, fosse acompanhado de um estranhamento. Por conta do recorte do objeto, o público alvo agora eram os jovens e não mais os moradores em geral. As visitas aos territórios de Santo Amaro foram realizadas de forma solitária sem a presença de colegas, bolsistas ou qualquer outro pesquisador. No caso de minha investigação acadêmica, minha opção de inserção em campo de forma individual pareceu-me mais acertada devido à natureza qualitativa deste estudo e suas implicações no estabelecimento de laços de proximidade afetiva entre mim e os jovens pesquisados. Estes talvez se tornassem frouxos caso outros pesquisadores estivessem envolvidos nesta interação social. Isto não quer dizer este estudo esteja desvinculado do NEPS-UFPE. Pelo contrário, utilizo uma das bases de dados qualitativas produzidas no interior desse núcleo de pesquisa. A seguir, pretendo fazer algumas considerações acerca das motivações que conduziram minha escolha por Santo Amaro como unidade de pesquisa.

Nas últimas décadas, diferentes dados oficiais revelaram a dimensão objetiva da violência nesta localidade e as práticas as quais elas mencionam. Por exemplo, o ano de 2008 foi o primeiro ano subsequente à implantação de uma política pública- *Pacto pela*

*Vida*²²- PPV- que propõe um conjunto de ações programadas a serem desenvolvidas em parceria com as diversas secretarias do Governo do Estado. O objetivo era minimizar um quadro de aumento da violência em Pernambuco. Isto norteou a concepção do plano. Até esse período Pernambuco aparecia liderando o *ranking* de alta incidência de violência em sua modalidade do crime violento. Sobre este contexto, os dados da Gerência de Análise Criminal e Estatística (GACE) da Secretaria de Defesa Social de Pernambuco, em 2007 revelaram que em todo o Estado de Pernambuco foram mortas 1.156 pessoas com idade entre 15 e 24 anos, 501 desses homicídios ocorreram no Recife e os 655 na região metropolitana. Esses números representam a dimensão objetiva da violência letal em Recife. Se olharmos para a dimensão micro da capital pernambucana, os bairros de Santo Amaro e do Ibura correspondem as duas localidades que mais morreram jovens no ano de 2007, totalizando 31 mortes em cada localidade.

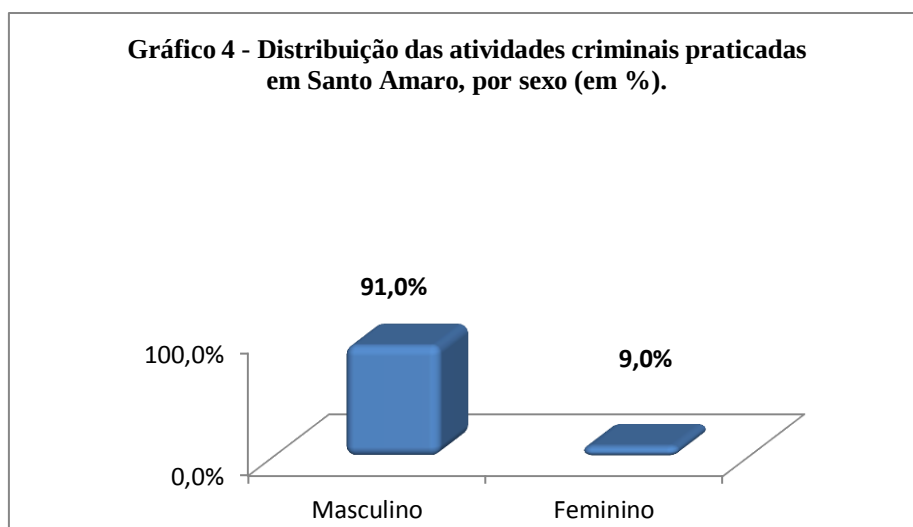
Em 2007, o governo do Estado de Pernambuco lançou o *Plano Estadual de Segurança Pública*, com seis linhas de ações: articular ações de repressão e prevenção da violência realizada através das diversas secretarias de Estado; aperfeiçoamento institucional; informação e gestão do conhecimento; formação e capacitação, prevenção social do crime e da violência e desenvolver uma gestão democrática. No mesmo ano a prefeitura do Recife assinou um convênio com o Ministério da Justiça via PRONASCI para a execução dos programas “Território de Paz”. Em 2008, o bairro de Santo Amaro na capital pernambucana foi um dos primeiros locais no Brasil que foi contemplado por essas ações da política nacional. A motivação para escolha das periferias brasileiras contempladas se justificou por conta das elevadas taxas de homicídios que acometiam estas localidades. No caso de Santo Amaro, entre 2004 e 2007, as mortes violentas representavam mais que o dobro das taxas da região metropolitana e da capital, conforme os dados de Secretaria de Defesa Social de Pernambuco. Inclusive, durante o período que estive desenvolvendo a pesquisa de campo, que originou essa tese, ocorreram três homicídios e uma tentativa em que agressores e vítimas eram jovens.

²² Fonte: ver <http://www.pactopelavida.pe.gov.br/pacto-pela-vida/> . Acesso em 04/02/2014



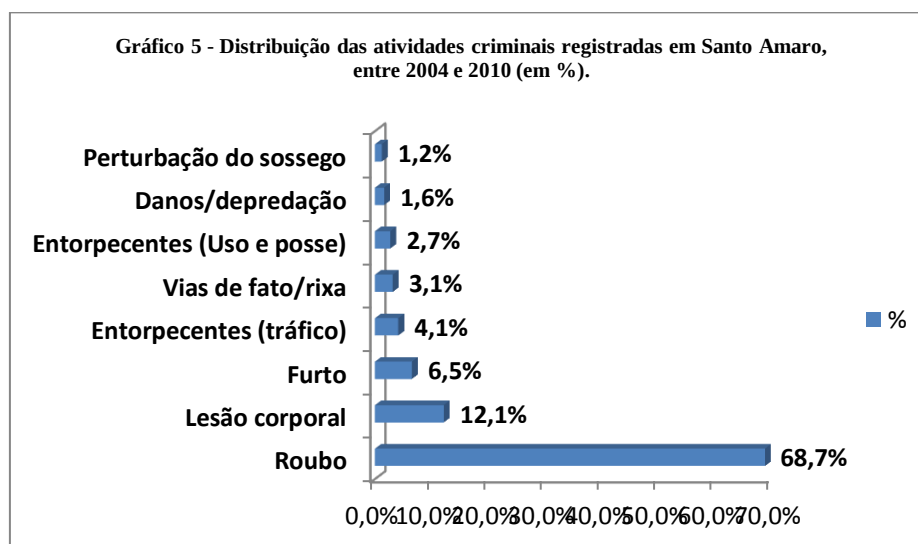
Fonte: INFOPOL/SDS 2009.

Os entorpecentes (na modalidade uso e posse) estão entre os crimes menos praticados, se observarmos que os dados acerca da distribuição dos atos criminais praticados por jovens de 18 a 30 anos. No entanto, os dados desta pesquisa qualitativa mostram o contrário que os discursos acerca dos entorpecentes (uso e posse) foram comuns em relatos dos jovens pesquisados. Por um lado, isso pode representar que eles reproduzem o discurso institucional sobre drogas proferido pela mídia e pelo imaginário social. Por outro lado, em termos de representação (social) é preciso não tomar “o discurso das drogas”, que os jovens verbalizam, como um ponto de partida para compreender outras dinâmicas que giram em torno destas práticas sociais. Trata-se de um discurso relativamente prevalente que necessariamente não corresponde à realidade.



Fonte: INFOPOL/SDS 2009

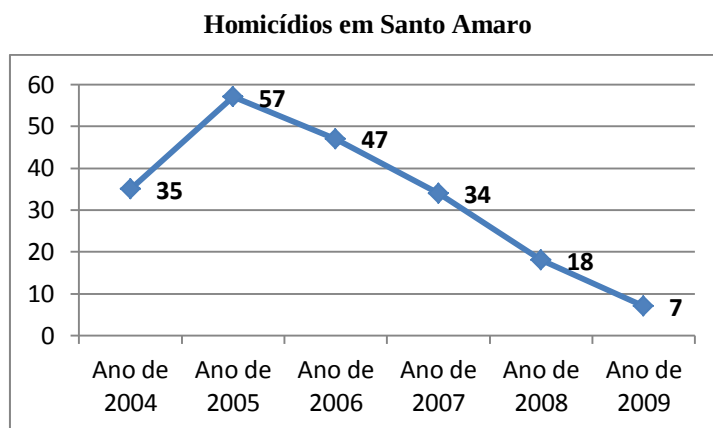
A distribuição referente do sexo do agressor é extremamente assimétrica. Em outras palavras, de acordo com os números a distribuição das atividades criminais na localidade é majoritariamente masculina. Quanto à distribuição das atividades criminais registradas em Santo Amaro temos novamente o roubo apresentando os maiores percentuais (68,7%). Esse dado corrobora as afirmações do conjunto dos relatos dos jovens, moradores de Santo Amaro, que revelaram como dimensão objetiva da violência a prática de roubos, tráfico/comércio de drogas e homicídios.



Fonte: INFOPOL/SDS.

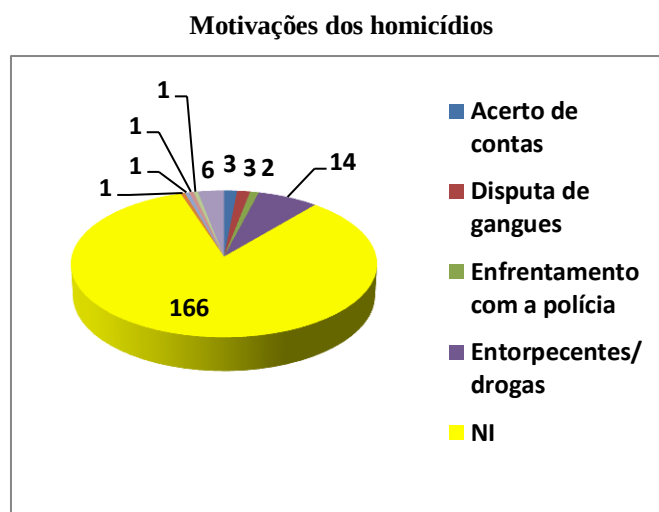
O roubo, modalidade específica crime contra o patrimônio, permanece na liderança das atividades criminais em Santo Amaro. Uma hipótese possível é de que talvez porque

seja o mais denunciado pelos indivíduos e, portanto viram um dado estatístico. Mas, há que se ressaltar que os jovens são, muitas vezes, vítimas de roubo em Santo Amaro, na verdade foram lesados no centro da cidade. Já que a unidade empírica localiza-se na zona central da capital pernambucana.



Fonte: INFOPOL/SDS 2009

O número de homicídios decresceu em um intervalo cinco anos nos territórios da localidade investigada. No entanto, permaneceu ativa a sensação de medo, de insegurança que podem estruturar as relações sociais apesar do decréscimo dos números oficiais referentes às práticas de violência. Em outras palavras, permaneceu no contexto situacional em que se constroem as subjetividades uma dimensão valorativa que precisa ser captada sociologicamente e que não é visível exclusivamente a partir das dimensões objetivas da violência, presente em dados estatísticos. Portanto, essa é uma das motivações que justificam a escolha de territórios do bairro de Santo Amaro como referência empírica representativa para refletir sobre as lacunas subjacentes às relações entre *violência e juventude*. Ademais, esta localidade se apresenta como uma unidade empírica instigante de indagação sociológica, através de um conjunto de representações, mitos e estereótipos construídos através de olhares de alguns pesquisadores, analistas midiáticos compartilhados e comunicados em discursos ordinários.



Fonte: Encopo/SDS 2009

As motivações de homicídio permanecem obscuras e difíceis de explicar com precisão. Para além dessa representação gráfica, é importante assinalar que o bairro é, muitas vezes, representado no imaginário social como *lócus* homogêneo de *comércio de drogas* e *brigas de gangues*. Não pretendo afirmar que a localidade não abrigue tais eventos. O que gostaria de destacar é que se trata de um bairro em que muito provavelmente encontraremos particularidades que se tornam invisíveis em muitas *representações (sociais)* dominantes. Ou seja, qualquer pesquisador (a) que tome esta localidade como unidade empírica e estabeleça um contato mínimo com este espaço social rapidamente perceberá que qualquer delimitação espacial depende do critério que seja estabelecido.

Do ponto de vista teórico, é necessário fazer uma ressalva a respeito dos números supracitados que se referem às atividades criminais no bairro. A violência urbana no quadro interpretativo da SV não corresponde somente a ações criminais e comportamentos isolados (assaltos, homicídios, drogas...), refere-se também a uma forma de transformação das relações sociais, que descreve fatos não necessariamente do ponto de vista de seus agentes produtores (criminosos), e sim fatos descritos pela população em geral que se referem à quebra de rotinas cotidianas de moradores da cidade.



FIGURA 17 Território Campo do Onze. A foto foi tirada em um sábado à tarde. Chama atenção à quantidade de carros, trata-se de uma rua extremamente estreita, mas próxima ao campus da UPE. Alguns dos rapazes que aparecem na imagem foram entrevistados neste estudo.

Cabe ressaltar que os números supracitados correspondem à dimensão das práticas sociais que fazem uso da força: crimes contra a vida e crimes contra o patrimônio. No entanto, é preciso cautela ao observar esses dados. Ao olhar para o conjunto destes números foi possível levantar uma questão: o bairro Santo Amaro é violento? Qualquer que seja a resposta encontrada provavelmente oculta uma particularidade fundamental do

bairro: a heterogeneidade. Ou seja, mesmo diante de alguns números que mostrem explicitamente que esta localidade poderia se considerado violenta, há que ressaltar que nem é a totalidade dele que é violenta; mas, existem territórios com maior e menor intensidade de violência.

Outra ressalva em relação aos dados estatísticos, sem querer propor nenhum debate sobre dados qualitativos versus quantitativos, é que eles contam as ocorrências. Mais do que quantificar as práticas da criminalidade urbana é preciso fazê-los falar e contarem através de entrevistas, de conversas informais ou qualquer outra técnica de pesquisa um pouco da realidade social que vivem. Portanto, os números acima dão uma breve noção acerca dos crimes contra a vida e contra a pessoa e homicídios que ocorrem na cidade e, especialmente em Santo Amaro. Mas, a ideia desta tese não é contar os crimes e quanto menos os sujeitos de pesquisa e, sim fazê-los contar.

Ressalto ainda, que os dados foram coletados a partir do banco de dados INFOPOL, e inclusive esse processo de produção da informação é dinâmico e envolve algumas etapas. O registro da ocorrência policial é o ato que caracteriza a primeira fase de alimentação do referido banco de dados. Durante o inquérito policial, as informações posteriores ao registro do BO, ou seja, o que é investigado permitirá ao delegado de polícia acrescentar informações complementares ao caso. Desta forma, percebe-se que a tabulação dos dados pelos policiais é dinâmica, principalmente no que se refere a incriminar os suspeitos (jovens) de praticar atividades criminais.



FIGURA 18 Território João de Barros- Prédio que abriga a reitoria da Universidade Estadual de Pernambuco (UPE) localizado na Avenida Agamenon Magalhães, importante corredor viário que liga Olinda ao Recife- Bairro de Santo Amaro.



FIGURA 19 Território João de Barros e Santo Amaro- Jovens grafitando o viaduto que representa socialmente o limite simbólico referente ao término da João de Barros e começo do território de Santo Amaro e adjacências. Bairro de Santo Amaro.

Em relação à nominação Santo Amaro é importante salientar esta particularidade. É preferível falarmos em nomeações distintas para um mesmo bairro. Do ponto de vista das percepções dos jovens pesquisados, existem diferentes nominações para delimitar os limites espaciais dos territórios. As áreas ali existentes e identificadas podem ser neutras, podem ser uma referência apenas a uma característica geográfica como o caso do território João de Barros, mais conhecido como “JB”, ou podem referir-se a locais onde residiam traficantes, como a localidade conhecida pelos sujeitos de pesquisa como “Os Apollo”. Além disso, apenas uma parte dos jovens e moradores que residem em determinadas ruas se vêem representados sob a nomenclatura Santo Amaro. Por outro lado, grande parte deste grupo se identifica com diferentes expressões para indicar seus

locais de moradia. O que destaco é que a divisão em *territórios*, muitas vezes, serve de base para as representações (sociais) acerca das diferenças existentes dentro de um único bairro- Santo Amaro. A delimitação simbólica e real em territórios justifica a escolha deste local enquanto unidade empírica da análise e não como objeto desta análise sociológica. Ainda buscando situar o contexto empírico que foi objeto de minhas reflexões, destacaria a noção de *território* como um dos principais elementos constitutivos da subjetividade dos jovens, que é resultado de um complexo de componentes que este estudo buscou captar. Neste sentido, efetivamente o estudo de FRANCH (2008) revelou algumas particularidades da noção de *periferia marginal* em Recife.

Por isso, neste trabalho, a Ilha de João de Barros representa um terceiro tipo de periferia, que podemos classificar de “periferia marginal”, em que a situação de violência cria uma ambiência específica para a vida dos jovens, expressa, entre outros aspectos, por uma convivência maior com o risco e a morte. (FRANCH: 2008, p.95).

Ainda mais, a escolha de Santo Amaro como unidade empírica se justifica também por tornar-se parte ativa na construção de subjetividade (valorizadas ou não) e das percepções dos sujeitos de pesquisa acerca da violência urbana. Além disso, particularidades como a proximidade geográfica com o centro da cidade, com um *campus* da Universidade Estadual de Pernambuco (UPE), com um grande *Shopping Center* da capital e com um conjunto de prédios públicos que abrigam diversas instituições governamentais acabam por incluir através da exclusão (PORTO: 2010). Note-se que inclusão- exclusão é um dos atributos mais importantes da noção sociológica das *representações (sociais)*. Estas particularidades da unidade empírica pesquisada podem facilitar a ênfase do pertencimento dos jovens a diferentes grupos. Isto se justifica, pois, é no contexto situacional que se constroem as subjetividades. Em síntese, creio que esta localidade parece ser representativa de um conjunto de processos sociais como formação de grupos que podem contribuir com a geração de uma série de percepções que vão desde a autoconfiança até sensações de medo e insegurança, sobretudo por parte dos jovens dessa localidade. Enfim, creio que o bairro de Santo Amaro é representativo de um *lócus* privilegiado de relações sociais que se desenvolvem a partir das dinâmicas do comércio de drogas.

3.5. As representações (sociais) de jovens

Tendo o bairro de Santo Amaro como ponto de observação da pesquisa, em decorrência das dinâmicas sociais supracitadas, interessou-me focar atenção no público jovem e suas representações sobre violência. Isto porque, em geral, as representações, socialmente construídas, parecem mais buscar dar conta das percepções valorativas que a sociedade elabora sobre a relação intricada de produção de violência e os jovens das periferias, e menos das percepções valorativas que os jovens constroem acerca das relações sociais cotidianas que se constituem em matéria-prima das representações do fenômeno da violência. Os moradores mais jovens de Santo Amaro são, muitas vezes, destinatários de representações (sociais) carregadas de classificações estereotipadas como, por exemplo, “*jovens em situação de risco*”. No entanto, reagem de maneiras distintas as atribuições de rótulos. Uns poderão escapar deste processo através da construção de seus projetos profissionais ou educacionais. Enquanto outros poderão se sujeitar ao rótulo através da aceitação do mesmo. Ou ainda, optar pelos dois caminhos concomitantemente. Assim, confrontei-me com um impasse: como escolheria esses jovens? Trabalharia com narrativas apenas dos envolvidos na produção de violência? Optei por não fechar em um só tipo de trajetória.

Ademais, a partir do foco da pesquisa que são *as representações (sociais)* de jovens pertencentes às classes menos favorecidas da população sobre violência, cabe salientar que *as representações (sociais)* perpassam toda a tese tanto na condição de ferramenta teórica quanto metodológica. Em relação a esta última condição a discussão inicial deve se centrar na possibilidade de como captar as atribuições de significados da violência construída por jovens. Neste ponto, a construção metodológica desta tese é tributária da discussão sobre como identificar às percepções sociais tendo *as representações (sociais)* como meio para acessar e analisar os dados desta pesquisa. Parto do pressuposto de que *as representações (sociais)*, enquanto estratégia metodológica está permeada por algumas formas de distanciamento que perpassam a relação entre pesquisadora e pesquisados.

Em primeiro lugar, parto de um horizonte de minha identidade de pesquisadora mulher, negra, não jovem, universitária que poderia ser de grande valia ao possibilitar um distanciamento que permitiria enxergar a construção da realidade social protagonizada

por esses sujeitos com mais clareza. Mas, como adentrar no bairro pesquisado? Como estabelecer vínculos de confiança que possibilitasse acessar as narrativas, que muitas vezes, envolvem episódios de infrações consideradas violentas, de confrontos com a polícia, de *guerras* que ocorreram na localidade. Qual foi meu papel no campo de pesquisa?

Sendo “estranha” no local foi um processo natural despertar curiosidade. Eu não era reconhecida como representante do governo, nem educadora, não pertencia a um conjunto de rostos “conhecidos” que compunham o cotidiano²³ dos moradores do bairro pesquisado. Marcado pela presença de diversos (as) assistentes sociais, psicólogos (as), funcionários (as) da prefeitura e governo do estado, pesquisadores de fora do Estado, equipes de documentários dentre outros que realizam atividades com os moradores e com os (as) jovens, principalmente os institucionalizados em redes de proteção que se espalham pelo bairro. Embora tenha sido apresentada a um dos líderes comunitários por intermédio de uma pessoa de uma instituição governamental, as desconfianças em relação à natureza da pesquisa logo se transmutaram em convites para realizar visitas às unidades domésticas da localidade. O que não significa uma total aceitação de minha presença. Houve algumas situações de estranhamento que enfatizavam meu papel de “alguém de fora” da localidade. Em uma desses eventos, uma jovem do bairro, convidada a participar deste estudo questionou: - *O que você faz aqui?* Apresentei as motivações da pesquisa, expliquei que era um trabalho para a universidade acreditando que eu havia esclarecido em parte minha presença ali. Ela respondeu: - *Ah, você tá estudando a miséria do povo.* É possível levantar uma hipótese de que a recorrência de discursos que rotulam negativamente os espaços de pobreza, efetuados por pessoas “de fora” tenham contribuído com esta percepção explicitada esta jovem. Outra situação que lembrava sobre meu papel de forasteira no bairro, se refere a pedidos de auxílio financeiro. Uma das entrevistadas telefonou-me dois dias antes do natal perguntando: *Vívian tem como você me emprestar um dinheiro para feira. Estou precisando!* Estudos etnográficos em bairros populares já haviam mencionado situações semelhantes

²³ Schutz (1970) parte da perspectiva individual preliminar para analisar diretamente os relacionamentos sociais. Viver no mundo social significa viver em envolvimento interativo com muitas pessoas em complexas redes de relacionamento social. Mas o principal problema da fenomenologia é o da intersubjetividade. (...) O ponto de partida da abordagem fenomenológica é a experiência do mundo da vida cotidiana. A sociologia é um instrumento para se transcender às realidades do mundo da vida. Schutz ocupou-se dos aspectos gerais da transcendência da experiência do cotidiano (SCHUTZ: 1970 P. 67)

(ZALUAR: 1999). No entanto, o fato é que esse pedido exemplificava que minha identidade de pesquisadora da universidade federal, moradora de um bairro nobre da cidade estava sempre presente, inclusive nos momentos em que essa mesma jovem convidou-me para almoçar em sua casa.

Da mesma forma, parece pertinente refletir sobre o que significa pesquisar jovens, homens e pobres. Por si só o fato de não pertencemos à mesma classe social, gênero e faixa etária já asseguraria um distanciamento necessário em qualquer pesquisa sociológica. No entanto, essas condições tornaram-se um ponto positivo e de alguma forma possibilitaram o engajamento em uma diversidade de conversas e eventos que permitiram desvincular a minha identidade da figura de “professora”, “pesquisadora dos projetos sociais”. Certamente, houve uma facilidade em realizar a observação direta gerada pelo fato de ser mulher. Isto conferiu um formato especial ao trabalho. Por outro lado, como a pesquisa foi realizada no espaço da rua, os meninos tornaram-se os sujeitos mais acessíveis.

3.6. A técnica de observação intermitente

Um dos primeiros locais que busquei uma espécie de ponto de apoio para a pesquisa foi um dos *Conselhos de Moradores* de uma das micro áreas de Santo Amaro. No entanto, uma das primeiras descobertas da pesquisa foi que inexistia uma sede do *Conselho de Moradores da Ilha João de Barros*. Este espaço não passava de uma casa abandonada. A sede do conselho era pequena, tinha um banheiro em condições precárias e sem possibilidade de uso. Ao fundo da sala havia uma pilha de alimentos acomodados no chão que seriam doados a comunidade em um futuro próximo. Havia também uma mesa com duas cadeiras de plástico brancas e na parede lateral tinha uma pilha de madeira de construção no chão. O presidente do *Conselho* revelou que a ideia era com construir uma repartição no espaço e colocar um médico no pequeno local que no momento abrigava os alimentos a serem encaminhados para a doação. Esta proposta parecia estar muito distante de se tornar realidade ao menos em um curto espaço de tempo.

Inopinadamente, na *João de Barros*, inexistia um local que possa abrigar a sede do conselho de moradores, bem como não há espaço para abrigar reuniões, um telefone, um computador ou algum meio de comunicação. Isto impossibilita a circulação de

moradores e/ ou pessoas de fora da comunidade neste espaço. Na falta de uma sede, a casa do líder comunitário da João de Barros acaba cumprindo a função de sede do conselho de moradores. As pessoas da localidade procuram a liderança no espaço da casa. Considerando as informações obtidas em conversas informais com os moradores do território da João de Barros, o bairro como um todo é representado como um local de forte participação e mobilização política. Minha intenção, caso este local funcionasse era construir laços de relações sociais que possibilitasse a consolidação de um ponto de apoio físico e geográfico da pesquisa.

Por isso, após esta constatação, busquei mapear alguns possíveis espaços de convivência de jovens nos territórios pesquisados a fim de identificar as possibilidades de acesso aos sujeitos de pesquisa. Os primeiros locais identificados para a investigação foram instituições governamentais e não governamentais. Apesar de reconhecer a importância das atividades de caráter educacionais (e institucionais) como uma possível porta de inserção ao campo de pesquisa que possivelmente desembocaria nas narrativas que buscava, não queria centrar-me exclusivamente nelas, a priori, pois estaria privilegiando a representação que as instituições enxergam como caminho a ser seguido. Decidi que entrevistaria jovens moradores de Santo Amaro que preferencialmente não estivessem vinculados ou frequentando instituições governamentais e, portanto estivessem em alguma medida fora das malhas do tratamento governamental e, conseqüentemente suas falas teriam maior possibilidade de apresentar uma versão moldada tanto em termos discursivos, como experiencial pelos princípios nos quais estas instituições atuam. Howard Becker (1997) identificou algumas críticas à coleta de dados realizadas no interior de instituições (no caso do autor tratava-se das instituições de encarceramento) que independentemente da natureza podem apresentar limitações à pesquisa sociológica. Uma dessas entraves é justamente a realização da observação direta intramuros. O autor explica que os atores sociais no interior de instituições:

Talvez eles contem apenas “histórias tristes”, relatos autojustificativos de como chegaram a este ponto. Claramente, os estudos que usam populações encarceradas devem reconhecer as limitações que este estratagema introduz. Este estratagema não deve ser utilizado simplesmente por ser conveniente, mas apenas quando alguma razão mais poderosa de possibilidade estruturalmente restrita de acesso o exija (BECKER: 1997, p.157).

Para atingir o objetivo de acessar jovens, moradores de Santo Amaro, que preferencialmente não estivessem vinculados ou frequentando a instituições

governamentais e, portanto estivessem em alguma medida fora das malhas do tratamento governamental foi utilizada a técnica observação direta em espaços como praças, casa dos entrevistados, em um centro cultural, em esquinas que possibilitaram uma aproximação e acesso a parte do cotidiano dos (as) jovens que moram na Ilha de João de Barros. Como alguns sociólogos já evidenciaram momentos anteriores ou posteriores a entrevista formal (BECKER: 2005; GEERTZ: 1997; ZALUAR: 2011) se constituem em parte relevante no processo da coleta de dados. Esse trabalho de coleta de dados durou aproximadamente doze meses. Sendo que os primeiros meses foram gastos no processo de tentativa de inserção ao campo de pesquisa.

Além disso, é importante que se faça uma ressalva metodológica, em relação ao fato de que boa parte da técnica de observação direta se estabeleceu no território de Santo Amaro conhecido, por jovens pesquisados, como “JB”. Inegavelmente, este é um ônus metodológico que se justifica em razão de que há um conflito entre pequenos traficantes que atuam no comércio de droga nos diferentes territórios que possui consequências reais e implicações na circulação dos moradores entre as áreas. Assim, enquanto uma pesquisadora, entrevistadora de jovens, não moradora do bairro, seria facilmente identificada como alguém de fora que circulava entre as localidades com quais propósitos. E, ademais circulava com algum tipo de informação. Ou seja, transitar entre os diferentes territórios neste contexto poderia trazer algum tipo de risco para minha integridade, já que domino pouco os códigos subjacentes e as consequências reais que tais situações podem impulsionar. Assim, optei por concentrar a pesquisa em uma das áreas de Santo Amaro. É importante também ressaltar que essa concentração não foi total. Posteriormente, mais próximo da etapa final da pesquisa circulei em outras áreas, como o Campo do Onze e Santa Terezinha, com intenção de realizar algumas entrevistas. Indubitavelmente, a técnica de pesquisa observação direta foi utilizada de forma tímida se comparada à realizada na *Ilha João de Barros*. Por outro lado, o bônus metodológico da concentração da observação direta em uma das áreas do bairro possibilitou a deflagração da amostragem tipo *bola de neve*. Isto porque ao longo da pesquisa de campo me tornei conhecida naquela localidade, o que me possibilitava inclusive entrar e sair deste espaço sem a presença de informante chave. Segundo BECKER (1997), *uma vez que você seja conhecido, e uma vez que se saiba a seu respeito em sua condição anterior, surgem poucas dúvidas quanto à sua confiabilidade.*

Em outras palavras, passei a frequentar o *Espaço Cultural de Santo Amaro* sem a necessidade de marcar previamente as visitas. Eu podia entrar e sair do prédio a qualquer hora, inclusive nos finais de semana. Este local fica no território da João de Barros, bem em frente à Avenida Agamenon Magalhães, um grande corredor viário que liga a capital pernambucana a cidade de Olinda. O acesso ao *Espaço Cultural*, como é conhecido na comunidade, é facilitado por uma diversidade de linhas de ônibus que circulam nesta avenida. Isto foi fundamental para o meu deslocamento para o campo de pesquisa. O prédio que abriga este espaço possui dois andares e encontra-se melhor equipado do que o *Conselho de Moradores* da localidade. No segundo andar, há um salão com diversas cadeiras azuis estofadas (tipo de escritório) novas e um sofá branco de couro. Este piso possui várias salas, algumas com ar condicionado, com telefone, computadores, armários, mesas e dois banheiros feminino e masculino. Desde 2009 cessaram as festas funk que reuniam jovens de diferentes bairros naquele local. No entanto, no decorrer desta pesquisa ocorreram algumas festas de *hip hop*. No período do dia e a noite o grande salão no andar térreo, que abriga um palco, serve como estacionamento para alguns carros. E sede para encontros de jovens e reunião de moradores.

Além disso, durante a realização da pesquisa o *Espaço Cultural* abrigava sessões de cinema, especialmente documentários que são exibidos nas noites de quarta-feira para jovens. Em frente a este local é possível observar a movimentação dos jovens nas esquinas, nas duas quadras de futebol que ladeiam este prédio. Surpreendentemente, as duas janelas de madeira, de cor verde, que possibilitam a contemplação da vista das interações sociais que se desenvolvem na vida cotidiana da João de Barros, quase sempre se encontra fechada, inclusive com as persianas cerradas. No entanto, ninguém é impedido de entrar ali, mas é preciso conhecer os atalhos para adentrar no local. Esta ação ocorre, segundo um dos jovens que circula naquele espaço, por conta da concentração de jovens nas esquinas em torno deste edifício. Da mesma forma, esta proximidade com os jovens foi fundamental para que este espaço se tornasse um ponto de observação e de apoio da pesquisa. Em outras palavras, esse “apoio” foi de suma importância nos momentos de visita a João de Barros. Sobretudo, lá ficava atualizada acerca dos eventos que ocorriam no bairro, das discussões políticas, da rotina de meus futuros entrevistados etc. Muitas conversas informais com jovens e com a comunidade em geral foram estabelecidas ali. Por outro lado, durante o período que frequentei o

bairro participei como debatedora em mesas redondas organizadas na Universidade de Pernambuco (UPE), bem como participei de alguns eventos sociais promovidos por alguns futuros entrevistados e tive acesso conversas informais promovidas por jovens.

Enfim, buscou-se através da realização de uma abordagem etnográfica, que privilegiou a utilização de entrevistas semiestruturadas e observação direta como métodos de coleta de dados, destacar um conjunto de estratégias de convivência entre jovens que participam de um mesmo espaço de origem. Essa abordagem possibilitou também identificar um pouco de como os sujeitos desta pesquisa construíram *representações (sociais)* sobre si mesmos e sobre a produção da violência. As representações (sociais) construídas a partir das vivências cotidianas nas relações estabelecidas em redes de amizades, familiares, nas instituições locais e no lazer se constituem em matéria-prima na busca da apreensão das características e compreensão sociológica das dinâmicas da violência urbana. Acredito que as *representações (sociais)* se constituem simultaneamente em expressões de visões de mundo que tem como objetivo explicar e dar sentido aos fenômenos sociais e participam, por este motivo, da própria constituição do fenômeno da criminalidade urbana violenta (PORTO: 1999).

3.7. As entrevistas semiestruturadas e a abordagem aos entrevistados

O período do desenvolvimento da observação direta foi fundamental para o processo posterior de abordagem aos jovens pesquisados. Naquele momento, houve o estabelecimento do contato com duas lideranças (mais jovens) do bairro, um rapaz da João de Barros e uma jovem de Sítio do Céu. Ou seja, o primeiro tornou-se um informante-chave para a pesquisa. Tratava-se de um líder comunitário, que morava com a mãe, não trabalhava nem estudava à época da realização do campo. Nos relatos acerca de sua trajetória de vida é possível localizar o envolvimento, com (a categoria nativa) *vida errada*. Atualmente tem acesso aos jovens, inclusive aos envolvidos na produção de violência. Inclusive, uma de suas atribuições como liderança é realizar a entrega aos jovens seus certificados de participação em projetos sociais, muitas vezes nas “bocas de fumo” que eles trabalham. A segunda facilitadora da pesquisa também é uma líder comunitária, de 26 anos. Terminou o ensino médio. Ele guiou-me em visitas as áreas de Santo Amaro, localizadas do lado oposto a João de Barros, ou como ela se referia as adjacências do seu local de moradia, “*do meu lado*”, “*o miolo de Santo Amaro*”. Por

certo, tornou-se uma colaboradora ativa no processo da pesquisa de campo realizando convites para eventos sociais que iam desde almoços em sua casa, festas de aniversário até reuniões entre comunidade e governo. Isto facilitou muito minha circulação nas áreas de Santo Amaro.

Logo, as primeiras entrevistas foram realizadas na João de Barros por intermédio do líder comunitário supracitado. As conversas subsequentes com os jovens ocorreram através de *amostragem em bola de neve*. Segundo BECKER (1997), *esta estratégia resolve o problema do acesso de forma conveniente; pelo menos se conhece alguém que pode ser observado ou entrevistado, e pode-se fazer com que este indivíduo o apresente a outros e seja seu fiador, desse modo deflagrando uma espécie de amostragem em bola de neve* (BECKER: 1997, p.155).

Assim, o grupo de jovens entrevistados se desenhou a partir de alguns perfis. A faixa etária dos (as) interlocutores (as) varia entre 17 e 33 anos. Catorze são do sexo masculino e dois do sexo feminino. Quase a metade dos (as) entrevistados (as) está cursando (ou já concluiu) o ensino médio, um é universitário e o restante abandonou a escola, nas séries iniciais, ou seja, no começo do ensino fundamental. Como já foi mencionado, não quis fechar em um só tipo de trajetória. Organizei o grupo dos (as) entrevistados (as), conforme a posição e inserção social dos atores pesquisados na localidade no momento da realização da pesquisa.

3.8. Os roteiros de entrevista semiestruturada buscavam entender o quê?

Todas as entrevistas foram elaboradas com perguntas semiestruturadas e gravadas com autorização dos entrevistados. O número de entrevistas obedeceu *ao critério de saturação* (BECKER: 1997).

Utilizei um roteiro de questões dividido em oito blocos com intenção apenas de orientar e não de conduzir hermeticamente a entrevista. No primeiro bloco objetivou-se a construção do perfil dos pesquisados; as perguntas giravam em torno das representações valorativas de um conjunto de tópicos: atividade exercida; trajetória escolar; espaços de lazer; representações do bairro; sobre juventude; sobre família; sobre as amizades e sobre abordagem direta da violência. O tempo de duração das entrevistas em

profundidade levou em média mais de sessenta minutos e só foram realizadas depois que se havia passado quase um semestre das incursões em campo nos espaços de convivência dos jovens e no *Espaço Cultural*.

Essa estratégia de abordagem teve como objetivo o alcance de certa familiaridade dos entrevistados em relação a minha presença e circulação no bairro. Algumas entrevistas foram marcadas por telefone ou com auxílio de interlocutores; os horários disponíveis (e os locais) foram negociados com o (a) entrevistado (a). Também estabeleci conversas informais com os sujeitos de pesquisa, no turno da noite, em espaços de lazer, que não foram gravadas, mas registradas em diário de campo (BECKER: 2005; ZALUAR: 2010; FOOTE WHYTE: 2005). Utilizei a técnica de saturação (BECKER: 2005) como critério fundamental para identificar o momento de cessar a realização das entrevistas. Tal técnica me permitiu realizar entrevistas até o momento que observei que o conteúdo das mesmas se repetia ou trazia informações bastante semelhantes. Todos entrevistados assinaram um termo de Livre Esclarecimento no qual se ressaltou o sigilo das informações fornecidas.

Em relação à organização dos dados para a análise, o conteúdo das entrevistas transcritas foi importado para o software de análise qualitativa NVIVO, em formato com extensão *rich text format (RTF)*. A partir da importação e organização destes arquivos para o referido software foi realizada a análise de dados qualitativos. Pois, esse programa está baseado na teoria fundamentada dos interacionistas simbólicos (GASKELL: 2000, P.87) o que permitirá a codificação do conteúdo das entrevistas, dos diários de campo e da teoria utilizada. Por conseguinte, após a leitura minuciosa dos documentos (entrevistas e os diários de campo) as categorias de análise passam a ser codificadas em *nodes* ou *nós que são os recipientes que armazenam a codificação, ou seja, os nós irão conter a referência a uma porção do texto codificado* (TEIXEIRA E BECKER: 2001 p.95). Em suma, a utilização desta estratégia metodológica informacional é somente um meio facilitador da pesquisa para tratar os dados.

Na organização dos dados empreendi um recorte no grupo de todos entrevistados em: *envolvidos na violência urbana e não envolvidos na violência urbana*. Este procedimento metodológico se justifica teoricamente a partir da consideração de as *formas de autocontrole* (ELIAS: 2000) contribuem na definição de comportamentos

aceitáveis ou não, incluindo o fenômeno da violência que pode estar presente no interior das relações sociais.

Neste sentido, é necessário discorrer sobre a noção, que denomino *jovens envolvidos na violência urbana*. Primeiramente, para compor esse grupo utilizei critérios objetivos e subjetivos. Os primeiros referem-se ao caráter não estéril da violência urbana representado por práticas sociais legalmente consideradas crime. Portanto, foram contemplados os jovens que em algum momento de suas trajetórias existenciais tiveram experiência direta com o *sistema de justiça criminal*. No entanto, esse critério de escolha objetivo combina-se com o caráter subjetivo representado pela inserção em práticas sociais de caráter de prevenção da violência. Ou seja, entre os jovens *envolvidos com violência*, há os que além de terem sido protagonistas de experiências com as agências de controle social encontravam-se, durante o período da pesquisa de campo, envolvidos diretamente em ações propostas pelas malhas institucionais com objetivo de “prevenir a violência juvenil”. Ainda sobre os critérios subjetivos que contribuíram para a construção deste recorte no grupo dos “*envolvidos com a violência*”, independentemente da veracidade das narrativas, estão incluídas as narrativas dos jovens de envolvimento com práticas de violência.

Já na construção do grupo dos jovens *não envolvidos em violência urbana* se considerou os que objetivamente estiveram envolvidos com as malhas do sistema de justiça criminal. No entanto, no momento da pesquisa, eram representados como não pertencentes a “vida errada” e, ao contrário do primeiro grupo se identificavam como jovens que conseguiram “superar” um passado que envolveu práticas de violência. E ainda, subjetivamente identificaram-se como espécie de observador externo dos eventos de violência urbana. Note-se que este recorte construído nesta tese é apenas um dos caminhos possíveis para analisarmos as representações (sociais) dos jovens da periferia do Recife e representa um esforço para compreender de que maneira atores sociais pertencentes a um mesmo segmento social optam por mergulhar na violência enquanto outros desconsideram esta hipótese. Admite-se que aos *jovens envolvidos* em um contexto de pobreza apresentam-se múltiplas possibilidades de construções de trajetórias: a mobilização política; socialização (aspectos familiares); tipo de vizinhança; meios de autocontrole presentes na localidade para além de uma opção unívoca da ação social criminosa. Também é importante ressaltar que este recorte se

aproximaria de um tipo ideal weberiano. Ou seja, trata-se de uma subdivisão fluida entre os *envolvidos (ou não) na violência urbana*, pois as trajetórias não estão hermeticamente associadas a um ou outro grupo. Inclusive para MACHADO DA SILVA (2013), tipificações como “*jovem em situação de risco*” contribuem com a construção de padrões de sociabilidade que possibilitam acessar algumas condições de cidadania como cursos profissionalizantes, atividades culturais, possibilidades reais de realizar viagens internacionais dentre outras ações endereçadas, preferencialmente aos *jovens da periferia*.

A partir do recorte dos grupos, foram construídas classificações referentes ao perfil educacional dos jovens pesquisados: *até o ensino fundamental* e *a partir do ensino médio*. Dois argumentos teóricos iluminaram esta subdivisão. Por um lado, o modelo teórico de FOOTE WHYTE (2005) construído a partir dos *jovens da esquina* e dos *rapazes formados* da obra *Sociedade de Esquina* enfatizou que a aparente homogeneidade de localidades de baixa renda escondiam heterogeneidades no que se refere à trajetória escolar dos jovens. Ademais, o recorte a partir da escolaridade dos entrevistados se justifica porque observarei as representações (sociais) de jovens da periferia a partir do horizonte em que eles se situam. Por outro lado, o conceito de SV auxilia na reflexão de que a noção de violência urbana não se refere a comportamentos individuais e, sim a sua articulação com uma ordem social nas quais o âmbito escolar se refere a uma das redes de relações sociais importantes quando se trata de jovens como objeto de estudo.

3.9. Dificuldades encontradas

Em minha busca por uma compreensão das *representações (sociais)* construída por jovens, uma das principais dificuldades foi em relação à utilização de elementos teórico-metodológicos que possibilitassem uma leitura deste objeto de estudo, *juventude e violência*, que não reforçasse estigmas socialmente imputados aos jovens. Por vezes, estigmas negativos são imputados cientificamente no âmbito da análise sociológica. Parte dos estudos sociológicos que se propuseram explicar e compreender a relação intricada *sobre jovens e violência* se utilizou de aspectos como atuação policial; organização de quadrilhas de traficantes; motivações dos jovens para mergulharem em práticas de violência dentre outras variáveis, que captavam mais sobre as ações dos

jovens que os contextos de suas ações. Especialmente, quando estas variáveis foram captadas tendo como unidade empírica instituições sociais e governamentais. No entanto, mesmo quando a unidade empírica passa a ser o espaço da rua em que os jovens constroem suas subjetividades, muitas vezes o foco de atenção recai sobre as ações dos jovens ao invés do contexto da ação.

Neste sentido, não é qualquer objeto da realidade social que se torna foco das *representações (sociais)*. Segundo MACHADO DA SILVA (2000), a violência urbana torna-se um objeto a ser considerado na discussão sociológica, pois a representação (social) que os indivíduos constroem sobre este fenômeno é mais do que uma descrição neutra da realidade social, identifica relações sociais que de fato se desenvolvem na vida cotidiana. Além disso, como já foi dito anteriormente, uma das dimensões que as *representações (sociais)* da violência urbana que estão postas aos atores sociais através da linguagem ordinária tornam-se modelos de condutas, mais ou menos obrigatórios, alicerçados em padrões de sociabilidade desenvolvidos nas ações cotidianas, especialmente, se pensarmos em jovens, moradores das favelas brasileiras. Esses padrões de condutas e o conhecimento compartilhado sobre violência urbana por estes sujeitos tornam-se uma dimensão fundamental a ser considerada nas tentativas de entendimento do quadro interpretativo da SV. Isto é, os atributos desta noção enquanto forma de conhecimento se referem á: quais são as categorias construídas e compartilhadas no senso comum de jovens, moradores de favelas, acerca da violência? Quais relações sociais podem ser identificadas nestas descrições da realidade social?

Sobretudo, a construção do objeto de estudo *juventude e violência* no âmbito das *representações (sociais)* demanda a construção de uma combinação de estratégias para contornar uma problemática de natureza metodológica subjacente aos estudos que se propõe a investigar esta temática: *como observar a violência urbana como um observador externo, se ela é uma representação coletiva do senso comum que designa um conjunto de práticas e relações sociais* (MACHADO DA SILVA: 2011 p.59)?

Simultaneamente às inquietações de natureza teóricas metodológica foram no sentido de desviar de um excesso de subjetivismo. Ou seja, a preocupação foi no sentido que as percepções dos sujeitos de pesquisa não se transformassem em um elemento limitador tornando-se exclusivamente uma reprodução de suas narrativas. Para avançar neste

sentido, busquei estabelecer na tese um diálogo entre as teorias da juventude e do campo da Sociologia da Violência e do Crime, considerando os jovens como objeto de estudo a partir de um viés interacionista das relações sociais. Certamente, isto teve implicações na construção das estratégias metodológicas empregadas nesta pesquisa, em que a SV se constitui através de atos comunicativos e de relações sociais mediadas pelo *uso da força*. Em síntese, esta pesquisa recorreu aos métodos qualitativos de análise, pois, há por um lado um compromisso com a valorização do olhar e das narrativas dos jovens como forma de acessar seus *ethos* e seus mapas cognitivos que se tornam orientadores de condutas, e, por outro lado, o propósito de caracterizar aspectos subjetivos da vida cotidiana dos jovens em um bairro que se oferece como um caso exemplar de SV. Em virtude dessas premissas decorrem algumas dificuldades encontradas durante a realização da pesquisa de campo.

Durante a realização da coleta de dados foram encontradas algumas dificuldades, em virtude da complexidade da natureza do objeto de estudo, *jovens e violência*, e da composição da estrutura organizacional da unidade empírica em que a pesquisa foi realizada.

Do ponto de vista espacial, em relação à estrutura organizacional da unidade empírica pesquisada, características como a subdivisão em territórios controlados por criminosos e a ampla extensão geográfica do bairro com prédios públicos e uma área de classe média interferiram na forma de identificação dos locais que poderiam tornar-se minha “*porta de entrada*” na localidade. Por conta destas particularidades os primeiros contatos que busquei estabelecer foram através do meio institucional. No entanto, essa via de acesso mostrou-se pouco frutífera como uma forma de inserção na localidade.

Por conseguinte, conforme mencionei anteriormente fiz uso de meus contatos na universidade e procurei uma assessora de articulação e mobilização de um projeto social que tinha como foco principal o público jovem do bairro de Santo Amaro. Esta moça dizia ter como objetivo construir uma interconexão entre governo estadual e a comunidade de Santo Amaro, especialmente os jovens “*em situação de violência*”. Acreditava que ela poderia tornar-se uma mediadora de confiança desta pesquisa que possibilitasse algum canal de comunicação entre eu e os jovens do bairro. Esta estratégia não se mostrou muito frutífera, pois a funcionária do governo desconhecia seu

campo de atuação, não circulava pelas ruas das favelas e demonstrava pouca desenvoltura no diálogo com os moradores do local quiçá com os jovens. Seu acesso ao público juvenil limitava-se aos participantes de projetos sociais. Segundo BECKER (1997) *quando se acredita que não se sabe nada e não se tem nenhum contato, o único método seguro de conseguir pelo menos algumas informações iniciais é via institucional.*

Logo, outra estratégia de inserção em campo via institucional, foi buscar a sede de uma ONG, chamada *Galpão de Meninos e Meninas de Santo Amaro*, que desenvolve atividades junto a jovens que tiveram algum envolvimento com a produção de criminalidade violenta urbana. Realizei algumas observações diretas no local. Uma das funcionárias do local insistia que alguns jovens, construíram histórias fictícias de envolvimento com a criminalidade urbana violenta com objetivo de acessar o lanche e as bolsas no valor de cem reais, disponibilizada por aquela instituição não governamental. Já na observação direta percebi que o caráter extremamente institucionalizado engessava as relações sociais desempenhadas naquele espaço que funcionava de segunda a sexta-feira das oito da manhã até às cinco horas da tarde.

Além disso, outra dificuldade no acesso a unidade empírica pesquisada se refere ao que GEERTZ nomeia como *imponderáveis* da vida social. No caso, tratava-se de períodos em que o clima “*estava pesado*” na localidade, como no período, em uma esquina próxima ao *Espaço Cultural*, foi assassinada uma das lideranças do tráfico da João de Barros que no momento estava na companhia de um dos meus entrevistados. Esse jovem não morreu, mas levou um tiro na perna. Assim, por precaução as atividades de campo foram suspensas durante algumas semanas. Ademais, o rapaz que morreu era primo do meu informante-chave.

Ainda do ponto de vista espacial, surgiu outro elemento limitador; a delimitação do horário que os jovens estavam presentes nas áreas comuns de convivência dos *territórios* pesquisados. Os horários considerados convencionais para a realização das pesquisas não era compatível com a rotina dos entrevistados no ambiente da rua. Durante o dia, poucos rapazes ocupavam locais de convivência, praças do bairro, as esquinas ou as quadras de futebol. Por outro lado, por volta das cinco, seis horas da tarde, estes espaços públicos iam sendo preenchidos por jovens e tornavam-se espaços

de convivência deste público. Para contornar essa limitação de horário, mudei o turno de visitas ao bairro. Passei a ir a campo no início da noite na companhia de meus informantes-chaves. Esta estratégia de mudança de horário da inserção no campo de pesquisa possibilitou o estabelecimento de estreitamento nos laços de confiabilidade entre eu e os jovens entrevistados, já que no período noturno a presença de pesquisadores na localidade era praticamente nula. Esse foi um dos caminhos que encontrei para manter os entrevistados mais confortáveis ao falar sobre o tema da violência.

Finalmente, outro ponto importante acerca dos métodos e técnicas qualitativas que merece uma ressalva refere-se às dificuldades na formulação de hipóteses desta tese. A Sociologia e suas discussões metodológicas baseadas na crença da possibilidade de generalização dos casos afirmam que a formulação de hipóteses de uma pesquisa sociológica deveria ser construída a partir de corolários teóricos em um momento anterior ao procedimento de coleta de dados. Ou seja, as hipóteses deveriam ser produzidas dedutivamente. Segundo BECKER (1997), essa premissa pode ser entendida como uma *mitologia científica*. Na banca de defesa do projeto, fui inquirida sobre a ausência de hipótese em um trabalho de natureza sociológica. Como lidaria com esse “problema”. Esse questionamento instigou minha reflexão acerca da elaboração das hipóteses que naquele momento parecia ser uma questão importante para o desenvolvimento da pesquisa. Seria possível construir uma tese sem hipótese? Essa inquietação acompanhou a construção desta tese em diferentes momentos. Porém BECKER (1997), contrariando a hegemonia de teorias explicativas adverte que as hipóteses devem se formular no curso da pesquisa e não no momento anterior.

Sociologicamente falando a natureza da construção de hipóteses refere-se a um processo e, como tal, envolve algumas etapas; a experiência pessoal do pesquisador na unidade empírica, o contato com membros do grupo estudado e a leitura acerca da literatura especializada sobre o tema. Para BECKER (1997) a tarefa de *desenvolver hipóteses depois que já se começou a coletar os dados* (BECKER: 1997, p.43) e, ainda no momento posterior em que as análises estão sendo construídas é fundamental para os estudos qualitativos. Portanto, a formulação da hipótese de trabalho contida nesta tese foi um processo e emerge no final do capítulo quatro e será “testada” no capítulo posterior.

3.9.1. As categorias de análise

Neste estudo identificam-se categorias de análise que orientarão a interpretação dos dados; **jovens da periferia, território- espaço social, violência, e SV**. Para apresentar a utilidade analítica das mesmas retomarei brevemente algumas das principais ideias de autores apresentados nos capítulos I e II.

- a) **Jovens da periferia** – A *juventude* enquanto ferramenta teórica utilizada neste estudo levantou indagações acerca de qual seria a melhor apreensão teórica desta noção. Por conseguinte, a opção foi utilizar perspectivas que por um lado, enfatizam o aspecto de *transitoriedade* e, por outro, enfatizam a *diversidade* juvenil. Inquestionavelmente, a literatura sociológica sobre os jovens parece convergir sobre as controvérsias que cercam a noção de *juventude*. Há uma indefinição que ronda a categoria. Logo, nem entrarei na discussão acerca do que é ser jovem, mas refletirei sobre a condição juvenil. Todavia, as narrativas dos jovens pesquisados foram definidas pelas categorias educação, relações de amizade e familiares, trabalho, bairro de moradia e espaços de lazer que serão analisadas a luz dos estudos sobre *juventude*, especialmente relacionado à sua *unidade* e *diversidade* (MACHADO PAIS: 2013). Visto que, ser jovem corresponde a um período de transitoriedade, conforme apontaram as teorias da socialização. Logo, a dimensão *da unidade* atribuída a esta categoria será contemplada nesta tese, ser jovem refere-se a uma condição social que se traduz *na transição dos jovens para a vida adulta* (MACHADO PAIS: 2013). No entanto, os jovens em sua *diversidade*, serão analisados a luz dos estudos de REGINA NOVAES (2006) que propõe a categoria analítica *jovens da periferia* para pensar uma condição juvenil marcada por um conjunto de desigualdades em relação a jovens de segmentos mais abastados da população. Isto é, tais desigualdades referem-se às noções de origem social, situação de classe. Além disso, os estudos de NOVAES (2006) apontam para uma dinâmica social de exclusão e inclusão social de jovens em relação à ausência ou presença de projetos sociais nas favelas brasileiras.

Em síntese, a condição juvenil dos *jovens da periferia* possui peculiaridades. Por um lado, tais particularidades emergem em decorrência do aumento de agências socializadoras de jovens que extrapolam o âmbito das relações sociais estabelecidas

no ambiente familiar e escolar. Por outro lado, as redes de comércio de drogas interferem de diferentes formas nos modos de vidas dos *jovens da periferia* não apenas em relação ao consumo ou não consumo de entorpecentes; comercializar ou não este produto. Por conseguinte, essas redes interferem ou não nas relações sociais dos *jovens da periferia* na cidade do Recife? Se é que interfere, como isto ocorre na atribuição de sentidos que os pesquisados atribuem a violência urbana? Em resumo, os jovens serão compreendidos, enfocando o ponto de vista subjetivo, sem abdicar das exigências metodológicas, que mostrará como os jovens constroem suas representações (sociais).

- b) **SV**- Precisamente, a noção de SV, desenvolvida por Machado da Silva (2000; 2010), emerge nesta tese como um elemento teórico-conceitual valioso para pensar a violência enquanto *representação de uma ordem social*. Segundo o autor, a violência urbana é mais do que uma descrição neutra da realidade, ela identifica relações sociais de fato, sobretudo quando se enfatiza a realidade brasileira. Em virtude de que isto acontece? Em primeiro lugar, nessa perspectiva, a violência se refere ao âmbito das rotinas cotidianas e do contexto situacional. Isto significa dizer que no plano da vida cotidiana localizam-se práticas como homicídio, assaltos, roubo dentre outros que reconhecidamente ameaçam a integridade física e patrimonial dos indivíduos e tornam-se orientadores de condutas, mesmo entre quem não as pratica. Ai reside à dimensão das *representações (sociais)* da violência que precisa ser considerada no campo de estudos da violência na Sociologia.

Para considerarmos esta dimensão é necessário atentar para *padrões de sociabilidade* geralmente alicerçados em sentimentos de *submissão, medo e desconfiança*. Tais categorias de análise têm implicações nas rotinas cotidianas independentemente ente de classes sociais. Conforme assinalei no primeiro capítulo desta tese, esses alicerces de padrões de sociabilidade são comuns tanto em contextos de periferia, quanto de classe média nas cidades brasileiras. No entanto, por conta do recorte do objeto e da natureza deste estudo o foco recairá em direção ao primeiro caso. O que importa reter do argumento principal de Machado da Silva (2000; 2010) em relação à SV é que sua utilidade analítica reside na premissa que a violência física torna-se algo constituinte

das relações sociais. Ou seja, a insegurança produz desconfiança que gera afastamento do outro.

Se pensarmos no contexto das favelas brasileiras e de seus jovens moradores, este distanciamento pode ser traduzido como *limpeza simbólica*. Este é um dos atributos da noção da SV que consiste na construção de mecanismos que torne visível *ao outro* a imagem de um ator social afastado de qualquer relação com a prática de violência urbana. Em outras palavras, é possível que alguns segmentos da população, como os jovens moradores de favelas, busquem cotidianamente mostrar que não estão mergulhados em práticas de violência. Estudos acerca da juventude e violência sublinham que há no imaginário social um sentimento compartilhado de *desconfiança* da sociedade em geral em relação aos jovens pobres, negros e moradores das periferias (ZALUAR: 1987; ADORNO:2007;DIÓGENES:2008; MACHADO PAIS: 1988,2003). Na sociedade contemporânea existem diversos exemplos que corroboram esta premissa. Um deles é o clamor no imaginário social por um endurecimento da aplicação das leis penais e de atendimento sócio educativo direcionado a parcela mais jovem da população. Especialmente, quando ocorrem eventos que envolvem jovens como autores de práticas de violência que tem grande destaque midiático. Durante a realização desta pesquisa, entre o final do ano de 2010 até 2011, ocorreu uma série de arrastões na praia de Boa Viagem, praticado por jovens. Estes eventos contribuíram com este clamor. O que estou querendo dizer com as afirmações supracitadas é que o clamor por mais punição, sobretudo, quando as chances reais desta maior punição atingir jovens moradores das favelas e pobres revela uma face da *limpeza simbólica* que MACHADO DA SILVA (2000; 2010) menciona em seu quadro analítico da SV. Ou seja, o sentimento de insegurança provoca desconfiança em relação a determinados atores sociais que produz afastamento do outro, sobretudo em relação ao outro, envolvido, real ou imaginariamente, em práticas de violência. Em síntese, a *limpeza simbólica*, se relaciona para além do caráter prático dos comportamentos violentos e imputável criminalmente. Refletindo sobre os jovens, moradores das periferias, não se trata apenas de afirmar “*não sou criminoso*”, “*não me envolvo com coisas erradas*”, mas de buscar investir em mecanismos de diferenciação social que possibilitem evidenciar que o sujeito é uma espécie de exceção à regra. É neste sentido que as categorias como *desconfiança*, *medo* serão trabalhadas neste estudo a fim de

compreender quais são os mecanismos de diferenciação social que os jovens acessam? E, se acessam como o fazem?

MACHADO DA SILVA (2010) questiona ainda, as explicações sociológicas que atribuem à ausência do Estado em determinados espaços sociais como principal fator motivador do aumento das práticas de violência. Na perspectiva da SV, esse argumento torna-se frágil como forma de explicação unívoca. Isto porque a questão fundamental para o autor reside em uma noção de *espaço social* que se caracteriza mais pela coexistência de padrões de sociabilidade do que por uma mera separação geográfica que contemple ausência ou presença do Estado e seu Sistema de Justiça Criminal. O que o autor assinala é que o Estado está presente em espaços de pobreza coexistindo com a presença das relações sociais orientadas pelo uso da força decorrentes do contexto das interações do comércio de drogas, que não é exclusivo, mas mais visível nos espaços de periferias.

Por conseguinte, o foco na unidade de análise apenas sobre criminosos e policiais é o equívoco maior das teorias *da desorganização social, do desvio e da anomia*. Isto porque quase toda gama explicativa recai sobre o aparato institucional. No entanto, o que está em curso no contexto da SV é o *uso da força* como princípio de regulação das relações sociais. Sobretudo, se pensarmos no *ethos* e visões de mundo de jovens moradores de favelas e na definição de comportamentos aceitáveis. Conforme ressaltei no primeiro capítulo desta tese, o *ethos* pode ser entendido como formas de *autocontrole* (ELIAS: 1970) que pode ser exercido pelas instituições sociais ou por agentes da violência urbana, enquanto expressão de uma ordem social denominada SV.

c) Território- Espaço Social- A organização dos dados está fortemente orientada pela *noção de território* entendida aqui como o contexto do bairro. Na categoria SV os padrões de sociabilidade que se desenvolvem sob o território referem-se à categoria de análise central deste modelo interpretativo. Neste sentido, particularmente ao olhar a paisagem social do bairro estabeleci um recorte entre áreas de *maior infraestrutura* e *áreas de menor infraestrutura*. Por *maior infraestrutura* entendo a existência áreas de lazer disponíveis aos jovens, escolas, casas habitadas, condições de saneamento básico, presença de associação de

moradores dentre outros. Efetivamente, conforme demonstraram as teorias da desorganização social nas Ciências Sociais o território é composto inclusive por relações de fato que estão associadas às condições de infraestrutura. Isto pode ter reflexo na orientação de condutas dos jovens atores sociais. Note-se que além deste argumento se considera que os *padrões de sociabilidade* ou a *SV* estabelecem-se a partir dos sentimentos de *submissão, medo e desconfiança* que estão no contexto do território pesquisado. Desta forma, MACHADO DA SILVA (2011) alerta que olhar para o território sem cair em uma visão deformada, na qual resvalou a teoria da *desorganização social* ao afirmar que somente os espaços degradados socialmente geravam o comportamento violento, implica em perceber as características organizacionais das favelas (ou das periferias) considerando-a como uma organização típica capitalista. Segundo o autor, inexistia um *único tipo de favelado*. Isto porque a organização social das periferias baseia-se em grande parte nos recursos internos que dispõe seja eles de natureza física ou simbólica. Por isso a importância de levar em conta a heterogeneidade do bairro de Santo Amaro como um dos pontos fundamentais para compreender as representações (sociais) dos jovens sobre violência

3.9.2 Considerações Finais

Nesta tese, entende-se que a pesquisa etnográfica pertence ao campo sociológico. Por consequência, justifica-se seu uso sem recorrer a antropólogos e, sim a autores do campo da Sociologia como FOOTE WHYTE (2005) e ELIAS (2000) que se valeram do método de *estudo de caso etnográficos* para reforçar a abertura de espaço para além do campo antropológico. No entanto, neste momento, cabe ressaltar a inexistência de qualquer pretensão de provocar uma discussão sobre a separação institucional entre Antropologia e Sociologia. Até porque este é um debate ainda em curso nas Ciências sociais. Logo, o que pretendo destacar é a flexibilidade do uso do *estudo de caso etnográfico* em nossa disciplina.

Por consequência, compreende um período de treze anos que separa a elaboração das pesquisas etnográficas que dão origem a *Sociedade de Esquina* (2005) de FOOTE WHYTE e *Os Estabelecidos e os Outsiders* (2000) de NORBERT ELIAS. Esse período

se refere ao final da década de 1930 até o final da década de 1950. Momento em que a Sociologia americana tinha como referência os modelos metateóricos da anomia de Robert Merton e do estrutural funcionalismo de Talcott Parsons. Tal contexto envolvia um conjunto de explicações causais, de generalizações empíricas e do uso de métodos estatísticos. Ademais, assinalava-se na Sociologia predominantemente o rigor metodológico centrados em métodos quantitativos, por vezes, entendidos como sinônimos de exatidão. Das pesquisas efetuadas, foram apontados alguns limites no uso exclusivo de variáveis numéricas (renda, educação, tipo de ocupação dentre outras) entendidas como independentes do contexto situacional que os atores sociais vinculavam-se. Por isso, FOOTE WHYTE (2005) e ELIAS e SCOTSON (2000) sustentam que a utilização do método *estudo de caso* seria essencial para captar e atribuir às *explicações cognitivas direcionadas para o contexto situacional vivido*. No entanto, há a intenção dos autores em direcionar o foco para subjetividade e intersubjetividade, sem desmerecer por completo a busca de generalizações na Sociologia já que estatísticas descritivas fizeram parte das duas obras etnográficas.

CAPÍTULO IV

AS REPRESENTAÇÕES (SOCIAIS) DOS JOVENS ACERCA DOS ESPAÇOS DE SOCIALIZAÇÃO E SUAS TRAJETÓRIAS

Este capítulo tem como objetivo evidenciar as representações (sociais) dos sujeitos de pesquisa e suas trajetórias existenciais para identificar algumas experiências que marcaram suas vidas e de que modo estas condicionaram a conexão de sentido na construção de suas *representações (sociais)* sobre a violência urbana que permitem apreender e compreender, inclusive as estratégias simbólicas de representação. Assim, recuperar as narrativas que remetem as representações acerca dos espaços de socialização referentes à infância, à família, à escola, às amizades e ao trabalho se justifica pelo fato que só faz sentido falar em representações (sociais) se considerarmos que estas se constituem a partir do conjunto das percepções dos indivíduos mergulhadas em interações e a rede de relações sociais que compõem suas trajetórias em contextos específicos. Este capítulo acerca das trajetórias pesquisadas fala sobre os espaços de socialização e está organizado da seguinte forma: primeiro vem às *dimensões sociais* que se referem às variáveis: sexo, idade e situação familiar; *dimensão produtiva* que corresponde à escolaridade e a ocupação. Já a *dimensão territorial* trata das configurações das representações do mapa simbólico que pertence ao imaginário social dos jovens pesquisados. Desta forma, delinearam-se alguns perfis que auxiliam na visualização de uma espécie de mapa geral do perfil referente ao conjunto dos entrevistados.

Além disso, as contingências construção da *dimensão produtiva* e das *dimensões territoriais* foram importantes para a compreensão da dimensão contextual da construção das trajetórias e de suas especificidades. Ressalta-se que o *aspecto produtivo* abrange a “ocupação profissional” associada aos “bicos”, trabalho formal ou informal.

Ademais, a *escolaridade* dos entrevistados também constitui a *dimensão produtiva*. A *dimensão territorial* fornece um quadro simbólico que dá pistas sobre as representações territoriais socialmente compartilhadas pelos entrevistados no bairro de Santo Amaro. Da *dimensão territorial*, de acordo com a identificação dos atores emerge a variável que se refere às representações (sociais) acerca das áreas da localidade divididas entre os locais que aparecem em maior ou menor proporção.

Os significados produzidos sobre as dimensões de sociabilidade supracitadas poderão assinalar as semelhanças e distinções entre as trajetórias dos jovens entrevistados que contribuirão para identificar, no próximo capítulo, como a violência emerge nos relatos de jovens a partir das categorias nativas- *vida errada e guerra*- como representações (sociais) acerca da violência urbana. Portanto, se as representações (sociais) são perpassadas através do mundo intersubjetivo é importante resgatar seus sistemas classificatórios a fim de identificar possíveis aproximações ou distanciamentos com o modelo interpretativo da SV. Conforme já mencionado, no capítulo inicial, falar em representações (sociais) se refere a um conjunto atributos que englobam também a orientação de condutas e a posição ocupada pelos atores na hierarquia social.

Uma questão que merece atenção é que quando se trata de infância, os entrevistados são quase unânimes ao afirmarem, com altivez, que são *nascidos e criados* nos territórios do bairro de Santo Amaro. Com exceção de um rapaz entrevistado que se mudou para o território da Ilha de João de Barros já no período adolescência. Em geral, segundo os jovens pesquisados as percepções sobre a infância oscilam entre as imagens positivas de um momento em que prevaleciam ações de natureza lúdicas e prazerosas até tempos dramáticos que permearam o contexto particular familiar. Este intervalo da vida foi percebido pelos jovens pesquisados como uma *infância maravilhosa*.

Ademais, na percepção dos jovens homens, naquele período da vida lhes era socialmente permitido utilizar, sem restrições, o espaço da rua para *empinar pipa, jogar futebol* e desenvolver atividades geralmente associadas ao universo infantil masculino. O núcleo familiar, na percepção das jovens entrevistadas, demandava uma assistência mais comprometida com tarefas de natureza doméstica como *cuidar os irmãos* que lhes exigia uma presença mais prolongada no espaço da casa. Assim, suas atividades se desenvolviam predominantemente no espaço privado. Através das narrativas, é possível

perceber que esse contexto pouco se altera da infância para a transição para a vida adulta.

ZALUAR (1998) preocupa-se com o universo masculino, ao analisar as trajetórias de jovens pobres. Ela identifica o espaço da rua como o *lócus* privilegiado de demonstração do *ethos de masculinidade*. A autora destaca a referência *a dois mundos cada vez mais opostos e discrepantes, o da casa e o da rua, este espaço redefinido como o espaço da violência incontrolada* (ZALUAR: 1998, p.299). Ou ainda, nas palavras da autora, *rivalidades podem terminar por fazer que um jovem se aproxime das quadrilhas para (...) continuar a rixa infantil*. Os jovens pesquisados mostram, em suas narrativas, que percebem o espaço da rua como um cenário em que pode ser favorável que se estabeleça demonstrações de força e de agressividade, o que muitas vezes pode tornar-se o passaporte para a afirmação de uma identidade (masculina) positiva de *prestígio na periferia*.

Não é possível, negligenciar a presença feminina nas esquinas do bairro de Santo Amaro. No entanto, as jovens pesquisadas, apesar de demonstrarem flexibilidade no uso do espaço público possuem uma imagem da rua como um local *do perigo e do mal* e, que, ao contrário do que apontou ZALUAR (1998), não as seduz. Ou seja, na percepção das jovens entrevistadas, a presença de traficantes nas ruas do bairro é percebida como algo pouco ou nada atrativa. O estudo de campo mostrou que as entrevistadas evitam a circulação entre as áreas do bairro, sobretudo no período noturno e, quase sempre fazem o mesmo trajeto diariamente e tendem a vivenciar sua condição juvenil no espaço privado da casa.

A representação da *infância maravilhosa* é incorporada a participação em projetos sociais, como algo que possibilitava acesso às aulas de natação, de capoeira e várias atividades lúdicas. É no âmbito do núcleo familiar que as narrativas sobre a representação (social) da infância ganha contornos dramáticos em razão de alguns acontecimentos como; morte precoce do pai (em alguns casos da mãe), prisão da mãe, abandono por parte dos pais, violência física infligida pelos pais ou avós, pai que bebia em demasia dentre outras situações que romperam repentinamente com a dita *infância maravilhosa* e impuseram contextos de privações e perdas. Dentro deste contexto, os papéis sociais são redefinidos. Para ZALUAR (1998) é neste momento que as relações

de pais e filhos se afastam, ao mesmo tempo em que as condutas dos pais podem permanecer como um horizonte de referência a ser seguido sejam elas desviantes ou não.

Através das narrativas, foi possível perceber como os jovens entrevistados, buscaram enfrentar os obstáculos decorrentes da condição social familiar. Em alguns momentos as narrativas vão ao encontro do que ZALUAR (1998) defende. Para a autora, o contexto urbano- industrial estabelecido, a partir da década de oitenta, em nosso país, tem implicações no desmantelamento das relações familiares e no processo de construção de identidades dos jovens pesquisados.

O tempo que eu brincava aí com os meninos todo dia de noite. Aí na praça mesmo. Até tarde da noite. Era bom (G, 20, M, João de Barros).

As piores do meu pai e da minha mãe. Meu pai era muito ignorante me batia muito quando eu era pequeno, minha mãe também me abandonou acho que isso foi a pior coisa (V, 23, M, Santo Amaro).

Porque não tinha... Assim, meu pai era alcoólatra. Ele bebia. E se entregou a cachaça depois que perdeu minha mãe também né? Porque meu pai era um cidadão feito minha mãe. Trabalhava. Ele tinha duas carteira profissional cheia. Porque ele era um trabalhador cidadão. Minha mãe também era trabalhadeira. E ela gostava de trabalhar. E depois que ela morreu ele sentiu falta e se entregou a cachaça. E o dinheiro da gente ia pra mão dele. Mas só que ele gastava pra umas coisas e o resto gastava com rapariga senão com cachaça (L, 29, Campo do Onze).

Mais ou menos nessa idade aí também. Nessa idade também aí eu tomei cerveja e gostei pô. Eu via meus pais bebendo. Meu pai bebia já também chegava sempre bêbado em casa lá também (...). Mestre de obras. Ele fumava cigarro por isso que ele morreu de câncer. Meu avô, que eu chamo ele de pai. Entendeu? Meu pai é vivo, mora lá em São Paulo. Entendeu? Meu pai mesmo de verdade (N, 23, M, João de Barros).

Logo, o material disponível decorrente dos relatos dos entrevistados revela que a representação (social) da infância parece ter sido transversa lizada por episódios de violência de natureza distinta como *violência simbólica, violência doméstica, violência contra a criança e o adolescente, abandono de incapaz e agressões físicas*. Considerando-se que nas camadas menos favorecidas da sociedade, os indivíduos dependem mais das famílias, em razão desse segmento se caracterizar por uma menor mobilidade social estes episódios de violência podem adquirir contornos ainda mais dramáticos na construção da subjetividade dos *jovens das periferias*. Isto porque a subjetividade dos jovens pesquisados foi construída e condicionada inclusive pelo caráter externo. O que seria esse externo? No caso do universo pesquisado, fortemente marcado pelos laços familiares através de uma rede de relações sociais permeada por contextos da SV. Conforme SOUZA NETO (1983) a subjetividade é resultado de componentes complexos como: território, história, família, ambiente, a tecnologia e a mídia.

Além disso, as representações (sociais) dos jovens entrevistados sobre infância delineiam um contexto situacional que convergem com as teorias sociológicas da *juventude* no sentido que o tempo de “pirraio” a infância é um *período de curta duração, efêmero e temporário* (A. DAVIS: 1968). Esse tempo fugaz é transversalizado através de relatos de perdas e privações que quase envolvem inclusive, práticas de violência. A incorporação precoce da violência urbana às trajetórias dos jovens entrevistados foi ressaltada por ZALUAR (1987). Quase todos os entrevistados narram histórias de aproximação com o tráfico, apreensão em instituições para menores infratores, prisão no sistema de justiça criminal, familiares envolvidos com compra/venda/uso de drogas que fornecem pistas para um contexto em que foram *socializados no crime* (ADORNO: 1999), independentemente de efetivamente se envolverem neste contexto.

Neste sentido, a incorporação da violência ao cotidiano dos jovens entrevistados foi frequentemente associada ao período da *infância*. Portanto, a representação dominante de modelos sociológicos interpretativos que afirmam que os jovens se envolvem na *criminalidade urbana violenta* de “uma hora para outra” ou porque o universo do crime e da violência seria mais atrativo a esses sujeitos pode ser refutada. Tal protótipo sociológico torna-se frágil, uma vez que a convivência precoce com práticas de

violência, tanto no âmbito privado quanto no espaço público, pode se revelar a esses jovens como algo atrativo para a resolução de conflitos em determinadas situações.

Eu não vejo o porquê de tanta briga por causa de drogas. Ainda mais, se fosse por conta de... De sua mãe. Deu na minha. Ai até que... Ôxi deu na minha mãe eu fico doido. Mas, por causa de um cigarro de maconha (L, 20, M, Campo do Onze).

Segundo ABRAMOWAY (2010), em pesquisas sobre juventude é comum se destacar o lugar dado para a família entre os jovens geralmente tida como a instituição que mais confiam. A afetividade em relação à família foi salientada por muitos jovens pesquisados, personificada na figura da mãe, conforme corroboram as palavras de um entrevistado: *deu na minha mãe eu fico doido!* De fato, o imaginário dos jovens entrevistados acerca da violência admite que no interior do espaço de socialização familiar e, em algumas circunstâncias particulares ela poderá ser aceita, sobretudo quando a motivação principal for a defesa da figura da mãe. Pensando na positividade da violência, sublinhada por DIOGENES (2008), pode-se dizer que os entrevistados lançam mão de um traço cultural, fortemente, mas não exclusivamente, presente em ambientes de pobreza, a resolução de conflitos via uso da força. As narrativas dos jovens pesquisados sobre a representação da *infância maravilhosa* aponta uma transversalizada através práticas em que uso da força regula algumas relações sociais familiares é uma pista de que a relação intrincada entre *jovens das periferias* e violência se constitui em um processo. Por consequência, rebater o argumento que os jovens se envolvem nas práticas de violência repentinamente ou somente em busca de obter acesso a bens de consumo valorizados socialmente, é um dos pilares da noção de SV (MACHADO DA SILVA: 2011). Ou seja, na vida cotidiana dos jovens pesquisados, o mergulho em dinâmicas sociais que podem resultar em atividades criminosas emerge como um processo e não em vazio existencial ou de forma repentina conforme insistem algumas explicações sociológicas de ZALUAR (1987). Discordando da autora do ponto de vista analítico, quer dizer:

(...) que foram necessárias dúzias de passos relativamente pequenos, cada um deles pequeno o suficiente para não exigir nenhuma força complexa ou inusitada de explicação. Descobriremos, se de fato investigarmos todas as circunstâncias e processos, que, na hora, cada um desses passos parecia, de maneira que será inteligível, uma boa ideia (BECKER: 2008, p.49)

Buscando avançar um pouco na reflexão do processo de socialização dos jovens pesquisados me deterei nas configurações das convivências familiares dos entrevistados. Em relação aos arranjos familiares atuais, destaca-se que no período em que esta pesquisa foi realizada nenhuma das jovens entrevistadas havia se tornado mãe. Os jovens pesquisados descrevem seus atuais núcleos familiares de diferentes formas. Boa parte dos entrevistados mora com os pais e se definem como solteiros (as). No entanto, muitos deles, na maior parte das vezes têm filhos. Os descendentes não ultrapassam a quantidade de duas crianças e, geralmente não moram com os entrevistados. Entre os pesquisados, os filhos tornam-se motivadores para algum tipo de *mudança* no curso de suas ações na vida cotidiana, o que favorecia aos entrevistados a adesão a comportamentos que ofereçam menos riscos a integridade física ou a busca com maior afinco da aquisição de um emprego formal.

A melhor ser pai. É uma responsabilidade maior. Pra mim mesmo tá cuidando deles. Antes a vida era adrenalina, tá na praia com os amigos e tal. Agora não! Penso mais nos meus filhos, na minha mulher. “Arrumá” um emprego, se tudo der certo vencer na vida (I, 22, M, Santa Teresinha).

Tenho um só, mas não é com essa. É com outra. A minha esposa, a minha outra é lá do Ibura (M, 23, M, Santo Amaro).

Mora com a mãe dele. Eu não eu não vivo com ela. Como é que eu vou fazer pra meu filho vim e ficar a vontade. Pra ele ir pra praça e brincar né? (T, 33, M, João de Barros).

Ainda sobre os arranjos familiares, alguns entrevistados narraram que moram com suas companheiras as quais definem como *esposas*, ou ainda, como *segunda esposa*. A incorporação da segunda união conjugal às suas vidas é compartilhada por todos os entrevistados que se consideram *casados*. De qualquer maneira seria leviano levantar qualquer tentativa de construção de classificação hermética em relação à vida conjugal dos entrevistados. No entanto, é possível identificar um viés de natureza “conservadora” ou até mesmo um pressuposto “machista” em relação aos papéis socialmente definidos e atribuídos aos homens e as mulheres. Ou seja, no imaginário social dos jovens que tive acesso prevalece o compartilhamento da ideia do que seria possível chamar de invisibilidade feminina na condição de administradora da casa, sendo imprescindível a

figura de um companheiro do sexo masculino que *manda na casa*.

É aquela mulher lá que eu gostava, achava que ela tinha se ligado por mim. Acabou me deixando lá na miséria lá. Me deixou desesperado. Pô! Desesperado. Pô! Foi embora com outro homem. Ela depois casou. Pá! Com outro homem. Depois que eu fiquei sabendo pô! Ai quando Sandra se soltou (saiu da prisão) começou a me visitar pô! É. Já foi fugindo mais a mente ela. Já fui esquecendo mais os problema. Mas eu me via doido lá (presídio) achei que eu ia endoida. Sério mesmo! Eu via assim porra minha filha sendo criada por outro cara. Pá! Agora, minha mulher. Pá! Tá ligado né? Outro cara hoje em dia manda. Eu não mando mais (N, 23, M, João de Barros).

É necessário estabelecer algumas considerações analíticas sobre o conteúdo das narrativas dos jovens pesquisados acerca das representações (sociais) sobre a *família*. É importante ressaltar que a discussão supracitada se afasta de qualquer plano da moralidade que enfatiza um modelo tradicional de família. O que pretendo enfatizar é a incorporação da violência ao espaço de socialização primária, bem como ao percurso educacional incerto (que veremos a seguir) gera incertezas em relação ao presente e ao futuro. MACHADO PAIS (2005) chamou atenção para as incertezas que marcam a transição de jovens para a vida adulta. Aliás, não haveria apenas uma forma de transição e, sim várias formas, bem como várias são as formas de ser jovem. Obviamente ser um jovem na periferia, preservando uma identidade espacial decorrente das condições sociais é apenas uma das formas de ser jovem.

No entanto, não defendo o argumento do *destino provável* (SOARES: 2008) atribuído aos jovens que residem em espaços socialmente considerados violentos que necessariamente se envolverão com a violência urbana. Pelo contrário, os dados revelam que indivíduos pertencentes a intervalos etários semelhantes vivenciam *juventudes* desiguais. Neste sentido, este argumento vai em direção oposta á paradigmas convencionais da Sociologia da Juventude que sugere uma homogeneidade da condição juvenil.

Assim, o que ocorre é que a condição juvenil na *periferia* adquire novos contornos de

diferenciação. A literatura especializada acerca juventude (PARSONS: 1968; MANHEIM: 1952; MARGARETH MEAD: 1928) apontava como principais critérios de diferenciação, basicamente a idade, os indicadores de renda e a classe social. Atualmente, emergem novos contornos de diferenciação da condição juvenil como a multiplicação das agências de autocontrole. NOVAES (2006), em seus estudos, constatou que o aumento do número de agências socializadoras voltada para o atendimento de jovens de baixa renda converge em um objetivo comum: *tirar os jovens da criminalidade*. Ou seja, estar envolvido ou não com a violência urbana torna-se um critério de diferenciação social entre os jovens das periferias. Estes atores sociais são convidados cotidianamente a afirmar sua identidade como jovens “do bem”, não envolvidos com violência independentemente de estarem ou não mergulhados na violência.

Essa pesquisa empírica captou alguns eventos referentes às tentativas empreendidas pelos jovens para mostrar “que são do bem” ou nas palavras de MACHADO DA SILVA (2011) tentativas de *limpeza simbólica* com intenção de estabelecer um distanciamento da identidade potencialmente violenta. Ou seja, momentos em que os jovens da periferia buscaram apresentar-se como “do bem”, especialmente frente a observadores externos (como eu). A seguir, relato brevemente um episódio deste tipo.

Alguns fatos ocorridos durante o campo narram fragmentos do contexto situacional que interfere e influencia na construção de identidade e de construção de representações (sociais) dos entrevistados. Em uma manhã de novembro, antes das nove horas cheguei de ônibus ao território da João de Barros. Desci do transporte público em frente ao prédio da universidade do Estado de Pernambuco- UPE. Andei mais ou menos uma quadra e já avistei do outro lado da rua uma casa branca com parte da pintura descascada, sem janelas com uma placa *Conselho de moradores da Ilha João de Barros*, local que havia marcado de encontrar o facilitador da pesquisa. A casa estava fechada. Faltavam alguns minutos para o horário combinado. Esperei uns minutos e liguei para o informante, ele disse que daqui a cinco minutos estaria ali e que estava em um van prata com uns meninos que iria levar para a oficina de grafite. Falei que não tem problema algum eu esperaria. As ruas estavam relativamente vazias de pedestres naquela manhã, mas carros passam muitos por ali. A calçada que eu estava dava acesso à universidade. Para minha sorte tinha uma mercearia quase ao lado do prédio do

conselho de moradores, mais precisamente duas casas dividem o estabelecimento comercial da associação. Comprei uma água e sentei nos degraus da mercearia. Fiquei esperando meu contato chegar. Fiquei observando a movimentação daquele espaço território de Santo Amaro por alguns minutos. Algumas crianças chegavam à mercearia para comprar picolé, massa instantânea e pipoca. Algumas mulheres compravam um real de queijo manteiga. Na minha frente do outro lado da rua estava o posto policial móvel do território da João de Barros e a academia da cidade (que permaneceu vazia durante o tempo que permaneci ali). Um homem sem camisa vestindo uma bermuda azul marinho estava deitado em um banco embaixo de uma árvore na praça bem na minha frente. Alguns jovens, dentre eles uma menina apareceram nesta praça e foram para trás do prédio sede da academia de modo que não pude observar o que faziam. Passado quinze minutos um veículo tipo *Van* na cor prata estacionou na calçada em frente onde eu estava tapando minha visão da praça. Meu informante desceu e percebi que ele estava me procurando chamei seu nome do outro lado da rua. Ele me cumprimentou e disse você pode me acompanhar preciso levar esses meninos em um projeto social fora de Santo Amaro, pois eles irão para uma oficina de grafite. Falei sem problemas. Ele disse vá entrando vou rapidamente ao conselho e volto logo. Antes avisou o motorista que eu iria seguir viagem com eles. Abri a porta da van e os meninos em coro falaram: - *Bem vinda a van!* Agradei e sentei num banco ao lado de um menino que segurava um pacote de bolacha recheada de uma marca famosa nas mãos. O mais velho dos meninos tinha 26 anos, mas as idades variavam entre dezessete e vinte e seis anos. Enquanto o facilitador da pesquisa não retornava um dos meninos disse a outro que estava sentado perto da porta da van abre a porta vamos chamar o Assis, um jovem que eles avistaram de dentro do veículo que estava sentado na praça. O jovem de diz pela janela do carro: *vamos lá fazer uma oficina?* O garoto que estava de pé ao lado de fora da van responde que tem coisas pra fazer. O de outro jovem diz: *Que coisas você tá aí na praça, tá estudando? Cadê teus livros e cadernos? Vamos lá!* Um dos meninos que também está no carro interfere e diz o negócio dele é ser pichador. O jovem fica meio em dúvida, mas aceita o convite do vizinho de bairro e decidi entrar na van.

Meu informante retorna e seguimos para o local do evento. No percurso até o local da oficina de grafite as falas giraram em torno de assuntos referentes a sentimentos de desconfiança acionados por situações de discriminação racial e preconceito por conta da

condição social de jovens, negros, moradores de favelas. A primeira história foi contada pelo facilitador da pesquisa, ao passar por uns prédios de classe média da Avenida Agamenon Magalhães, comenta com o jovem que foi convidado pelos meninos para realizar a oficina de grafite que o avô dele vai ver ele na van pela janela de binóculo. O informante sabe que o avô do menino mora em um desses edifícios de classe média. O menino fica sem graça e só ri. O informante revela que tem um filho que mora em um desses prédios e ao ir visitá-lo se surpreendeu com uma situação extremamente desagradável. Uma moradora do edifício entrou rapidamente na frente dele e chaveou o portão do prédio e, ainda disse ao porteiro que tinha alguém estranho na porta. O jovem informante telefonou para mãe de seu filho e ela disse: *estou apertando para abrir o portão como está chaveado não estou entendendo?* Logo, lhe é solicitado sua identificação e que se posicione em um ângulo que possibilite a visão do rosto do visitante em frente ao portão do edifício. - *Nossa!* Diz o informante ao motorista da van e ao grupo de jovens, *se tu é pobre, preto e da favela já era é suspeito*. Logo após esse relato ele conta um episódio que ocorreu envolvendo dois meninos do território da João de Barros. Segundo o informante, João e o Juju são dois jovens trabalhadores, moradores de Santo Amaro que estavam andando na rua e viram que duas meninas se aproximavam na mesma calçada em sentido contrário, mas começaram a se mexer rapidamente, fazendo gestos que eles identificaram como decorrente do sentimento de medo em relação à presença dos dois. Ou seja, simbolicamente, elas insinuaram que estavam protegendo as bolsas. Os dois jovens diante dessa situação resolveram pegar as bolsas das meninas, cortaram os documentos e se desfizeram do objeto. Segundo o informante, isto porque elas olhavam para eles como se eles fossem *assaltantes*. O jovem que estava sentado na poltrona na minha frente e virou de costas para me ver enquanto conversava. E, começou contando que comprou uma moto com pagamento a vista e perguntou-me se eu imaginava como foram na loja os olhares que foram dirigidos a ele. Também me contou que já foi guardador de carros e uma vez uma mulher abriu só uma pontinha do vidro e jogou o dinheiro, que caiu no chão afirmou que juntou o dinheiro e devolveu e disse que não era cachorro. O jovem facilitador da pesquisa entra novamente na conversa (se referindo ao episódio que foi barrado no edifício) eu fui tão e silencia afirmando que falará palavrões para caracterizar o episódio porque tinha uma moça aqui presente. Isac falou em um tom de voz mais baixo e sorrindo: - *Viu como uma mulher impõe respeito*. Eu apenas sorri. Até esse momento Isac, desconhecia minha identidade. Ainda não tinha sido apresentada a eles. Enquanto

desconhece minha identidade e imagino pelo fato de estarmos nos dirigindo para uma atividade institucional ele diz em um tom decorado: - *Nossa como esse governo tem feito coisas pra juventude! Esse governo realmente está se preocupando com o jovem.*

O episódio acima é ilustrativo de um conjunto de elementos que se constituem como pano de fundo em que emergem as representações (sociais) dos jovens em Santo Amaro que merecem destaque. As narrativas proferidas naquela manhã, a caminho de uma atividade proposta por mais uma agência de controle que atua na localidade, revelam que os entrevistados geralmente estão associados a uma identidade negativa que pode implicar em situações constrangedoras e humilhantes que ocorrem nas situações cotidianas mais simples. Desta forma, atividades corriqueiras como comprar um bem de consumo, andar nas ruas da cidade, visitar alguém nos prédios de classe média alta (que ficam em frente ao bairro de Santo Amaro) tornam-se barreiras (quase) intransponíveis entre os jovens da periferia e os *outros*. Ou seja, nas palavras do facilitador da pesquisa: *ser da favela é ser suspeito.*

Trata-se da condição social de *suspeito* vivenciada ao lado de um bairro de classe média alta da capital pernambucana. Esse é mais um dos momentos que é possível evidenciar o fato de que a localização espacial do bairro de Santo Amaro confere aos jovens moradores a possibilidade de momentos de inclusão e de exclusão social. No primeiro caso, a inclusão dos jovens de Santo Amaro ao bairro nobre vizinho pode se estabelecer através das relações de amizade que alguns entrevistados afirmaram manter com os moradores do “outro lado”. No entanto, essa inclusão é parcial, pois durante a pesquisa foi possível perceber que os moradores da localidade vizinha com melhores condições financeiras são chamados de *playboys*. Neste sentido, mesmo que não desapareçam as diferenciações sociais entre os *playboys* e os *jovens da periferia*, elas podem ser minimizadas quando esses dois mundos se tocam. Quando os *jovens da periferia* circulam pelo bairro vizinho, especialmente quando estão em grupos, podem sofrer preconceito social. As narrativas supracitadas dos jovens sobre suas dinâmicas identitárias geram um pensamento discursivo de aprisionamentos; na condição social, na qualidade de suspeito de algo. Conforme a Teoria dos Rótulos aponta, o pensamento discursivo é reforçado pela pluralidade de agências de controle social voltadas para o público juvenil.

A representação (social) que o rapaz expressou em sua narrativa - esse *governo realmente está se preocupando com o jovem*- é um exemplo da institucionalização dos discursos dos jovens, sobretudo sobre a violência. Cabe ressaltar, que como estamos falando de uma representação interessa pouco se efetivamente as ações de intervenção governamental obtém êxito em seus propostos. Sociologicamente, interessa mais compreender como esse processo de reforço de rótulos negativos se reproduz num espaço, que em tese, deveria contribuir para minimizar este etiquetamento negativo. No entanto, o aumento do número de agências de autocontrole ou espaços de socialização destinados aos jovens reforça a representação do *jovem da periferia* potencial criminoso por conta de um único motivo: o intervalo etário que compartilham. As falas dos jovens que compõem o núcleo dessa pesquisa corroboram as afirmações da Teoria dos Rótulos acerca do peso das instituições sociais na criminalização de um grupo social.

Além disso, as atividades desenvolvidas cotidianamente através das agências de autocontrole podem tornar-se uma alternativa quase imposta de ocupação o tempo dito ocioso, como foi o caso, narrado acima, do jovem que repentinamente foi convidado a interromper sua rotina de autonomia no uso do espaço da rua e embarcar em um carro e seguir para uma atividade e um local que ele desconhecia. No caso em tela, o rapaz embarcou na ideia de acompanhar os amigos e vizinhos nas atividades de grafite externas ao bairro e substituir sua presença, por algumas horas, no espaço público da rua para o espaço privado institucional. Assim, a rotina de utilização do espaço público é quebrada ao afastar os jovens, pelo menos por alguns instantes, da livre utilização do espaço público.

Este é um mais elemento que acrescenta a condição juvenil um aspecto de diferenciação, por exemplo, em relação aos jovens de segmentos mais abastados que não precisam recorrer cotidianamente às estratégias de diferenciação. Isto sugeriria uma homogeneização dos *jovens da periferia*, que no caso de Santo Amaro, é inverídico, pois a heterogeneidade é que caracteriza esta parcela da população. Inclusive, o perfil produtivo, que será explorado a seguir busca evidenciar a pluralidade de trajetórias dos jovens.

4.1. Aspectos produtivos - escolaridade e ocupação

Quadro 03 – PERFIL DESCRITIVO PRODUTIVO DOS (AS) JOVENS ENTREVISTADOS (AS).

Escolaridade	N	Ocupação	N
Fundamental inc.	11	Estuda	02
Médio inc.	04	Trabalha	04
Médio comp.	02	Estuda e trabalha	01
Superior inc.	01	Não estuda, nem trabalha.	11
Total	18	Total	18

Fonte: Base de dados Jovens Santo Amaro – BDSA (2010-2011).

Em relação à escolaridade, apenas um rapaz estudava e trabalhava no momento da pesquisa, trata-se do jovem que frequenta a universidade. Ademais, apenas dois entrevistados só estudam. Ou seja, estes estariam vivenciando plenamente sua condição juvenil (MACHADO PAIS: 1990). O paradigma da *moratória social* (MARGULIS e URRESTI: 1996) é conhecido na teoria sociológica da juventude. Trata-se da disposição de um período da vida para dedicação exclusiva aos estudos próprio da condição juvenil. Ou seja, vivenciam oposta a ideia de uma moratória social. Percebe-se que a maior parte dos entrevistados encontra-se excluída das malhas do universo escolar. Isto significa que entre os entrevistados que frequentou o ensino médio, a maioria abandonou o curso sem concluí-lo. Embora uma minoria tenha conseguido finalizá-lo. Apenas um dos que concluiu o ensino médio ingressou no ensino superior. Chama atenção a grande quantidade de jovens que não concluíram o ensino fundamental e, conforme foi detectado durante a pesquisa de campo, inexistia entre esses jovens o desejo de retornar a escola.

Lembrando que a faixa etária predominante dos participantes na pesquisa gira em torno dos 18 aos 24 anos e a situação educacional mais comum refere-se ao ensino fundamental incompleto tem-se a seguinte situação; os entrevistados possuem uma escolaridade baixa enquanto boa parte das ofertas de emprego disponibilizadas no mercado de trabalho direcionadas a esta faixa etária exige pelo menos o ensino médio completo. Por conseguinte, entre os que só trabalham as atividades exercidas são

manicure, cabelereira, “bicos” na construção civil ou em pequenas obras particulares, entregador de água, vendedor de *crack* dentre outras ocupações instáveis. Em relação à comercialização de drogas, entre os que as exercem estudaram apenas até o primeiro ano do ensino fundamental. Já as atividades identificadas como “bicos” são exercidas, inclusive por jovens que possuem o ensino médio completo.

O número de jovens com emprego formal tem aumentado nos últimos três anos na cidade do Recife: passou de 65,2 mil em 2007 pra 78,4 mil em 2009. No entanto, segundo os dados do *Observatório do Recife* (2010) apenas um em cada três jovens tem trabalho com carteira assinada. Nesse contexto de transformações sociais o ensino médio completo é quase sempre um dos requisitos fundamentais para o ingresso no trabalho formal. Entre *os que não trabalham nem estudam* há uma particularidade evidenciada na construção deste perfil dos entrevistados, identificou-se que dois deles exercem o papel de liderança comunitária sem receber nenhuma remuneração financeira pelo desenvolvimento dessas atividades. Por exemplo, tem-se o caso da jovem líder comunitária, de 26 anos, que é descrita pelos jovens moradores como a *liderança mais jovem* entre os líderes dos territórios do bairro. Esta jovem possui segundo grau completo. No entanto, sua escolaridade não garantiu sua inserção no mercado de trabalho formal.

A maior parte dos entrevistados não estudava e nem trabalhava no momento da pesquisa. As justificativas que os entrevistados apontam para o abandono escolar, quase sempre estabelecido em um passado recente, variam. Basicamente, as justificativas giram em torno de um conjunto de desvantagens concentradas como o *desinteresse dos professores* em ministrar as disciplinas somadas ao sentimento de fracasso manifestado pelos entrevistados que explicitaram assertivas como - *não dou para o estudo* dentre outras motivações para o distanciamento do universo escolar. A escola é percebida pelos entrevistados como um local de estabelecimento de laços de amizades, inclusive com o grupo “*vida errada*”. Surpreendentemente, quase todos entrevistados ecoam a seguinte representação: - *não penso em estudar mais nada! Tenho cabeça pra estudar mais nada.*

Poxa... Eu fui perdendo assim... Fui conhecendo amizades errada. Fui entrando pra marginalidade. Ai, porra, desisti. Não vou entrar nisso. Vou ganhar dinheiro (risos) (V, 23, M, Santo Amaro).

Na época de escola eu praticava esporte. Pô! Eu gostava de jogar futebol. Gostava de natação. Eu fazia natação lá também. Eu era sócio lá. Ai eu sempre dedicava minhas horas vagas pra isso quando eu estudava, tá ligado? Daí quando eu fui crescendo eu já a cabeça foi enfraquecendo mais. Parece que quando foi enfraquecendo (N, 23, M, João de Barros).

Eu não ia entra no estudo, não. Não dou pra estudo mesmo (I, 22, M, Santa Teresinha).

O desinteresse pelo universo escolar e a sensação de falta de capacidade para exercer atividades intelectuais perpassa boa parte do conteúdo das narrativas dos jovens entrevistados. No entanto, é necessário fazer uma ressalva aqui em relação às diferenciações de percepções que podem ser estabelecidas entre os jovens pesquisados referentes à escola, mas não exclusivamente a este contexto. Uma questão levantada a partir do material de campo disponível aponta que nem todos os jovens cultivam o desinteresse pelo mundo acadêmico. Pelo contrário, é possível detectar no conjunto das narrativas uma heterogeneidade nas falas em relação a estes espaços de socialização. Assim, as falas dos entrevistados que frequentam o curso superior e alcançaram o *status* de estudante universitário garante (em tese) uma identidade de apresentação um indivíduo afastado das práticas de situações de violência. Ou seja, é um mecanismo de diferenciação social ativado pelos jovens em um contexto de SV. Efetivamente, conforme BOURDIEU (1983) chamou atenção ao abordar a juventude, enquanto *campo de disputa*, o diploma universitário asseguraria aos jovens pesquisados o bilhete para a viagem, mas não a garantia de chegada ao destino. Apenas a conquista do diploma dificilmente garantirá ao seu portador reais possibilidades de mobilidade social há que se considerar a concorrência pelos postos de trabalho dentre outros elementos que perpassam a mobilidade social.

Conquanto, cabe ressaltar que os entrevistados percebem a escola como um *lócus* de relações sociais desinteressantes ou pouco atrativa e oposta à possibilidade real de *ganhar dinheiro*. Em geral, o *jovem da periferia* se caracteriza pelas incertezas em

relação aos campos de possibilidade que marcam *a transição para a vida adulta* (MACHADO PAIS: 2003), que estaria sendo estendida por período maior de convivência na casa dos pais ou familiares.

As representações acerca do mundo do trabalho são importantes para reconstruir as trajetórias existenciais dos jovens pesquisados e identificar quais as experiências que marcaram suas vidas. Conforme ressaltou um dos entrevistados a representação da carteira de trabalho simbolizaria um passaporte para a condição de cidadão ou cidadão é pouco valorizada entre os pesquisados. Nesse sentido, essa fala parece mais ser ilustrativa de uma opinião particular do entrevistado do que uma representação social compartilhada pela maior parte dos entrevistados. A Sociologia está repleta de trabalhos que apontam uma redefinição nos papéis sociais em que o espaço do trabalho é valorizado de diferentes maneiras que não exclusivamente pela posse de um documento que ateste a condição de acesso à cidadania. Esse breve preâmbulo é para dizer que boa parte dos jovens entrevistados aponta para a hipótese de que o desemprego e o subemprego é o que mais afeta os jovens das classes sociais menos abastadas (ZALUAR: 1990, p.112).

A menor parte dos jovens entrevistados afirma ter carteira assinada. Nesses casos, a ocupação de educador social emerge como uma atividade preferencial que emprega os *jovens da periferia*, quase sempre, em seus locais de moradia. Coincidentemente ou não, esses jovens inseridos no mercado de trabalho formal possuem as escolaridades mais elevadas dentre todos os entrevistados. Estas características talvez possibilitem uma aproximação com a noção de *burguesia favelada* (MACHADO DA SILVA: 2011) que disserta sobre os detentores de maior capital cultural e social e a conquista de posição social dentro das favelas ou periferias.

Da minha parte eu penso assim, como eu fiz o magistério e faz dois anos que eu me formei. Eu tou trabalhando com carteira assinada (R, 27, F, Santa Teresinha).

É educador, não é funcionário. É um contrato que você assina por seis meses, um ano. E em seguida do processo ou você é despedido ou é contratado. Ai então eu passei de prestador de serviço e em seguida assinaram minha carteira como funcionário aqui no Galpão. Então hoje eu sou educador e articulador de cultura. Tudo que envolve cultura aqui no Galpão eu sou responsável tanto na perna de pau, dança, leitura, percussão. Tudo que envolve cultura sou eu que respondo (C, 23, M, Campo do Onze).

É possível perceber nas narrativas dos entrevistados outro componente das representações (sociais) dos jovens pesquisados sobre violência urbana em seus aspectos simbólicos em relação ao mercado de trabalho. No conjunto das falas dos entrevistados sobram relatos do que NOVAES (2006) define como *exclusão social por endereço* (NOVAES: 2006).

Eu agora pouco fui fazer uma entrevista pra fazer aula de percussão. Ela perguntou onde eu moro; eu falei Santo Amaro e a mulher já ficou olhando com aquela cara. Ai eu fiquei todo constrangido né? Porque eu falei da comunidade de Santo Amaro. Não é só porque eu moro em Santo Amaro que eu sou um drogueiro, um viciado. E tem uma música, que é minha e do Jonas, que fala: Santo Amaro não tem só ladrão, tem trabalhador e também tem cidadão. Isto são palavras muito fortes que a gente carrega no peito (...). Faz uns três meses. Fui chamado, sim (...). Então, tem uma professora minha, que ela é muito rígida. Ela é muito cabulosa. É chatinha demais. Eu fui lá buscar um documento, semana retrasada a solicitação que eu pedi faz tempo pra pegar e levar pra outra escola que eu tô estudando. E ela, não peraí eu vou fazer. E eu lá esperando. Ela ficou dizendo que gosta muito de viajar. Eu falei também gosto de viajar desde que eu fui pra Itália. Não quero mais parar de viajar. E ela falou você foi pra Itália ah, tá? Ôxe brincadeira! Ela assim julgando pela aparência e isto me tocou muito. Ela disse:- Mas você o que faz pra fazer essa viagem? Faz tempo

que eu quero viajar e não consigo. Ai eu disse quando a senhora for falar algo, a senhora tem que pensar muito, porque não é só a senhora que pode viajar. Não é só porque eu sou pobre que eu tenho viver aqui na lama. Meu maior orgulho é esse de ver todo mundo crescer junto comigo e com meus amigos também. Quando eu entrei no grupo eu era muito rebaixado porque eu tava entrando logo no início. A turma falava não sabe tocar nada. E hoje a maioria dos meninos fala: - Tem uma apresentação, bora chamar Lata. Porque eu mostrei a diferença né? (Jovem, 23, M, Campo do Onze).

Em geral, os jovens entrevistados falam da busca de mecanismos de diferenciação social que permitam afirmação de sua posição no espaço social através de uma identidade positiva de estudante ou trabalhador, uma espécie de exceção à regra policial que *jovem da periferia* é no mínimo suspeito de algo. Uma das estratégias reveladas pelos jovens entrevistados para manterem-se afastados, sempre que possível, das áreas de convivência do espaço público.

Eu acho que no caso é real porque é o que a gente vê. Às vezes você sabe que vai, mas não sabe se volta. Tem vezes que eu vou e venho pelo Campo do Onze. Às vezes tá tendo tiroteio. Ai parei um pouquinho com minha amiga. Você sente o medo, sente aquele impacto. Minha mãe e meu pai falam pra eu não passar muito ali. . Tem assim, uma vez perdida, não é direto, mas quando você menos espera tem tiroteio (Jovem, 26, F, Santa Teresinha).

Os jovens entrevistados revelam o *medo* que possuem de usufruir de áreas comuns de convivência. Daí decorre algumas estratégias como a ocultação do real local de moradia na intenção de assumir alguma identidade descolada de qualquer rotulação negativa atribuída por observadores externos; sejam amigos, colegas de aula, possíveis empregadores ou qualquer outro indivíduo de suas relações sociais. Assim, como já foi apontada no primeiro capítulo desta tese a violência criminal traria como consequência à sociabilidade dos moradores de favelas a desestabilização de sociabilidades, dificuldade de interações sociais que afetaria a confiança interpessoal entre os indivíduos (MACHADO DA SILVA: 2011).

Eu já fiz muito isso já. Quando eu saia com amigos. – E aí C. tu é da onde? Eu dizia: - Perto do shopping. – Que shopping?- Tacaruna. Perto do shopping tem casa?- tem. Porque se eu falasse Santo Amaro ele não queria minha amizade. Porque quem mora em Santo Amaro é matador, maconheiro... É pobre! (Jovem, 25, C, M, Santa Teresinha).

As representações acerca do trabalho, correntes entre os jovens pesquisados, correspondem às experiências, muitas vezes, consideradas negativas. Boa parte dos entrevistados relata momentos de humilhação, remuneração ínfima, excesso de atividades a serem desempenhadas em curto espaço de tempo como valores nada positivos associados ao mundo do trabalho. Concomitantemente, o conjunto das narrativas aponta como um sonho a ser realizado num futuro próximo - a conquista de um trabalho formal. Essa não é a única representação que predomina entre os entrevistados, há quem discorra sobre as incertezas de atuar no “trabalho informal” sem carteira e regulado através de uma rede de regras bastante claras aos olhos de quem exerce a *venda de crack* como fonte de renda. Fazendo um trocadilho com a afirmação supracitada pelo grupo dos jovens com carteira assinada: tudo que envolve cultura sou eu quem responde. Para outros entrevistados, “tudo” que envolve o contexto da compra e venda de droga são eles que respondem.

*Vai morrer P***!M****! Na hora eu pensei só na minha mãe e nos meus filhos assim. Acabou! Vou deixar esse mundo aqui. Vou deixar esse mundo e eu nem sei como que é lá. Como é que eu vou chegar? De que forma que eu vou chegar. Entendeu? Pra onde que eu vou? Eu nem sei. Então por que todo mundo fala né? Mas ninguém nunca voltou pra dizer é assim ou assado. Entendeu? Então isso aí é surpresa pra todo mundo. Entendeu? Tipo eu mesmo não queria passar por uma oportunidade dessas nunca na vida né loco? Mas de toda forma nós temos que passar né? Um dia né? Que seja de outra forma sei lá como se fosse uma doença. Seja o que Deus quiser. Entendeu como é que é?(...) Tudo bem! É fui preso... Tipo teve uma prisão aqui no caso um dia antes de eu ser preso. Tipo teve um rapaz ali que me ajudou: - Ah ninguém vai vender droga na favela lá hoje vai ser como se fosse um dia de luto. Entendeu? Que os policiais tão pra dá um bote pá e eu não acreditei. E eu de teimoso eu não acreditei na ideia. Eu fui e continuei. Eu fui e peguei aquelas*

droga lá e pá. V: Era crack? N: Era. Na madrugada eu levei um bote da polícia. (não entendi o áudio) ele me falou que ia cair o castelo, mas eu não coloquei aquilo na mente. Não tomei atitude nenhuma, não fiz porra nenhuma entendeu? No mesmo dia eu fui dormir um pouco aí quando eu me acordei. Aí eu mandei... Eu estava até brigado com minha mulher, aí mandei chamar ela pra fazer o almoço. Ela terminou de fazer o almoço. Aí almocei e me deitei com ela no sofá e os polícia chegaram e arrastou os dois. Me pegaram com uma quantidade de droga aí. Aí me arrastaram (N, 23, M, João de Barros).

Eu acho quando durava mesmo, eu acho que numa semana mesmo era uns 2000 reais. Quando começou a gerar o crack aqui na João de Barros. V: Com o crack só com o crack e de maconha dava o quê? BB: De maconha eu não cheguei a vender maconha muita não. Vendia bolsa de 35 dola. 15 da pessoa e 30 do cara. Já me apeguei mesmo a vende crack mesmo. Mas eu vejo assim que é ilusão mesmo. Já tava tudo já planejado, já tava tudo comprado (B, 19, M, João de Barros).

“O discurso das drogas” é relativamente prevalecente no imaginário social dos jovens entrevistados, mas com algumas particularidades em relação às percepções correntes nos discursos de *senso comum*. No entanto, as falas dos jovens que estão envolvidos em atividades de *venda de crack* deixam transparecer a existência de um conjunto de regras, bem delimitadas, que precisam ser cumpridas por estes trabalhadores informais; *horários determinados para exercer o trabalho; existem momentos que as atividades precisam ser temporariamente suspensas, os valores das bolsas estariam estabelecidos e planejados* dentre outros. Ademais, há que levar em conta avisos prévios acerca da ação da polícia nos territórios. Tais regras dão conta das *formas de autocontrole* presentes nas dinâmicas de funcionamento deste comércio. De que forma as atividades exercidas pelos jovens traficantes condiciona suas representações (sociais) sobre violência será analisada no próximo capítulo. No momento, gostaria apenas de ressaltar que inquiridos sobre as atividades exercidas para ganhar dinheiro ou sobre trabalho é necessário considerar as percepções de quem vive da venda de crack.

4.2- Aspectos territoriais: sobre os territórios do bairro de Santo Amaro

No miolo! Eu moro mesmo ali em Santo Amaro. A primeira rua atrás da Avenida Norte. Na entrada na favela. Como se diz a entrada da favela. Tem um beco do outro lado da minha rua. Por ali você anda e bate fundo e mundo que polícia não anda (D, 26, F, Santo Amaro).

A fala da entrevistada sugere que as possibilidades de acesso ao bairro podem tornar-se limitadas variando de acordo com o *status social* e com a rede de relações sociais construídas previamente por quem pretende adentrar naquele espaço. Visitantes externos como: os policiais, os pesquisadores, os prestadores de serviço, a imprensa e os educadores sociais quase sempre acessam determinados espaços dos territórios no bairro sem maiores dificuldades. No entanto, de acordo com as narrativas dos jovens entrevistados, esses atores sociais externos circulam somente nos espaços que lhes são permitidos predominantemente no turno diurno. A fala da jovem pesquisada: *por ali você anda e bate fundo e mundo que polícia não anda* ilustra alguns limites geográficos e simbólicos que escapam as descrições oficiais e são apreendidas pelos entrevistados.

*G: Nasci aqui mesmo. V: Onde? G: Aqui na João de Barros (...)
V: Os caras de Santo Amaro? G: A gente dizia: - Ui, olha os cara de Santo Amaro ai! Brincando. V: Mas vocês também são de Santo Amaro? G: Então, ui os cara de Santo Amaro! Ui os cara de Santo Amaro! Porque a gente não considerava antigamente aqui como Santo Amaro. A gente considera aqui como Santo Amaro não! Aqui pra gente é João de Barros não tem nada a ver com Santo Amaro não. Pra gente né? Assim aqui é João de Barros. Santo Amaro é só depois do viaduto pra lá (...). Depois que começou... Desde o tempo da guerra quando eu tinha uns 5 anos que era com a rua da bola lá. Mas “os outro” considerava aqui João de Barros desde pequeno. Aqui é João de Barros não tem nada de Santo Amaro aqui não. Aqui é só João de Barros. O negócio de Santo Amaro pra lá depois do viaduto. Ai depois quando rolou essa daí com Campo do 11 ali Santo Amaro em peso ai pronto foi que dividiu totalmente. A gente na*

geração da gente considera aqui só João de Barros (G, 20, M, João de Barros).

Tinha assim a turma dos Piratas, que era os caras de Santo Amaro. Que era assim STPP. Botava os nomes aí nesse muro da reitoria. Aí a gente olhava que diabos é esse nome? Aí teve um amigo da gente, que hoje ele tá lá no Paraná. Aí ele fez vamos colocar um nome aqui? Bora, inventar um pra gente aqui bota JB. Aí não vingou não. Aí o Junior, que Deus o tenha, que tá falecido começou a sair riscando JB. Aí o pessoal perguntava e essa JB é de onde. A gente dizia assim sem satisfação é da João de Barros. E foi daí que começou (B, 29, M, João de Barros).

Eu nasci mais próximo do Campo, que no caso, é a Ilha de Santa Teresinha né? Porque do lado de cá já o povo conhece mais como “Os Apollo”. Porque é mais pro lado de cá (...) Campo de Onze com a Ilha Santa Teresinha com a João de Barros e com os Apollo. Então tem aquela mistura né? Da outra rua lá é como se fosse abrangendo geral. Essa primeira rua aqui a primeira descida quando você vem da Agamenon. Então é mais ou menos ali. Tem a Rua da Amizade, tem o Beco de casados, que não é beco é só o nome. Porque assim geral aqui é Ilha Santa Teresinha entendesse? No mapa se for constar é Ilha Santa Teresinha, Santo Amaro. Santo Amaro vai até a Boa vista. Só que o povo diz não é João de Barros, é Campo do Onze é os Apollo (R, 26, F, Santa Teresinha).

É importante destacar que os territórios muitas vezes servem de base, para representações dos jovens participantes deste estudo, acerca das distinções no interior de Santo Amaro. Por exemplo, a Ilha de Santa Teresinha possui uma particularidade de convívio social por conta de um conjunto de comércio e bens de serviços localizados no interior de um grande *Shopping Center* que este território abriga. Logo, cada um dos territórios na verdade contém em si uma rede de relações entrelaçadas, cujo ponto de partida é o contexto das transformações sociais que podem alternar momentos de *inclusão e exclusão social*. Na *Ilha de Santa Teresinha* houve em abril de 1997 uma transformação social nas rotinas cotidianas dos jovens pesquisados em razão da chegada de um centro de compras. Por um lado, este empreendimento trouxe a exclusão do uso do espaço público, especialmente para os atores sociais que jogavam bola na rua, vivenciavam a sociabilidade juvenil ao ar livre no local onde hoje existe o *shopping*. Por

outro lado, trouxe a possibilidade de inclusão social através da disponibilidade de postos de trabalho (quase sempre em funções com remunerações baixas; como auxiliar de serviços gerais, cozinheiros, jardineiros dentre outros) destinados aos jovens moradores de Santo Amaro. No entanto, muito frequentemente, o *shopping* através de seu “projeto social” busca contratar empregados, exclusivamente, entre os jovens moradores da Ilha de Santa Teresinha. Pude perceber com clareza, depois de algum período realizando o trabalho de campo em outros territórios da localidade, que as possibilidades de inclusão social dos jovens no mercado de trabalho formal via *shopping* é extremamente limitada para quem reside em outros territórios de Santo Amaro como a João de Barros ou Campo do Onze.

A *Ilha de Santa Teresinha* é chamada por boa parte dos entrevistados de *DI* ou *Demônios da Ilha*. O conjunto das falas dos pesquisados atesta: *DI é o nome da facção daqui* (B, 19, M, Santa Teresinha). Portanto, na percepção dos sujeitos de pesquisa, a forma da denominação da localidade guarda uma aproximação com um contexto de intensa rivalidade entre os territórios do bairro, seja por conta das dinâmicas do universo da pichação ou por conta das *guerras* entendidas aqui como resultado de disputas por territórios em que o comércio de drogas se move. O conjunto das narrativas dos jovens pesquisados, especialmente os que confidenciaram- *sou da DI* (B, 19, M, Santa Teresinha)- reiteraram elementos do que MACHADO DA SILVA (2011) denominou de *confinamento territorial*. Ou seja, a possibilidade de circulação no centro de compras é limitada aos pesquisados. Pois, o sentimento de medo de ser identificado como suspeito pelos seguranças do *shopping*, em razão de ser jovens e exibir vestimentas como bermudões, correntes, bonés faz com que boa parte dos jovens entrevistados procure evitar circular naquele local principalmente se tiver sozinho. No entanto, com raras exceções os entrevistados observaram que há momentos que optam pela circulação nas dependências do *shopping*, quase sempre em grupos, para brigas por conta de rixas de gangues.

Repletas de conteúdos simbólicos as narrativas dos jovens pesquisados- *porque é mais pro lado de cá; mas “os outro” considerava aqui João de Barros; é a Ilha de Santa Teresinha né?* - expressam a representação (social) acerca das possibilidades e limites de circulação entre os territórios do bairro que poderia ser interpretada em um cenário que guarda similaridades com as *gangues juvenis* descritas pelos teóricos da noção de

desorganização social. Sendo que novamente gostaria de sublinhar que a circulação dos jovens entre os territórios é muito pequena e, o que é ainda mais surpreendente, mesmo dentro de uma única subárea, como a *João de Barros ou Santa Teresinha*, permanece sendo relativamente restrita. Durante boa parte do desenvolvimento da pesquisa de campo, com raras exceções, encontrava sempre os entrevistados nos mesmos locais em seus territórios. A seguir, apresento a distribuição dos jovens pesquisados entre os territórios do bairro de Santo Amaro, bem como suas semelhanças.

Dentre os entrevistados moradores do território da *João de Barros* foram identificados em dois tipos: *envolvidos na violência* e *não envolvidos na violência*. Em relação aos jovens pesquisados associados ao primeiro grupo é possível dizer que estes possuem algumas semelhanças típicas de quem vive uma *vida sob o cerco* (MACHADO DA SILVA: 2011). Primeiramente, esses rapazes possuem laços de amizade, bastante estreito reforçado por laços de parentescos. Tais tipos de relacionamento contribuem para o estabelecimento de uma rede de solidariedade coesa. Some-se a isso o fato de que a situação de pobreza que vivenciam apresentou aos jovens pesquisados diferentes possibilidades de associação a elementos societários. Diante disso, um deles, optou por mobilizar-se politicamente em prol das demandas sociais, culturais e políticas do território da *João de Barros* através do exercício da liderança comunitária. Os outros escolheram o “*tráfico de drogas*” como atividade principal, que de modo geral, pode estar associada a outros crimes como ação criminosa de portar uma arma ou cometer homicídio. Na maior parte do tempo, esses de entrevistados evitam a circulação pelo território, sobretudo durante o dia. Os entrevistados, moradores do território da *João de Barros*, que correspondem ao tipo ideal *envolvidos na violência* estavam afastados do mercado formal de trabalho. Ademais, possuíam escolaridade baixa; Algo que se tornava um elemento de exclusão social dramático diante da possibilidade de disputar um acesso ao mercado laboral formal. Todos entrevistados da localidade alimentavam um sentimento de desconfiança em relação à presença policial na *João de Barros*. Talvez essa sensação seja percebida em razão de experiências prévias com diferentes instâncias do sistema de justiça criminal.

Em relação aos jovens, moradores da *João de Barros*, que correspondem aos *não envolvidos em violência urbana*- apresentam algumas semelhanças. Entre eles inexistem laços de amizades. No entanto, eles alimentam tais relações com os jovens supracitados

envolvidos com a violência e exercem atividades no mercado formal de trabalho. Os dois grupos de jovens pesquisados do território da João de Barros narraram representações carregadas de sentimento de desconfiança em relação às instituições policiais.

Dentre os entrevistados moradores do território de Santo Amaro, todos foram identificados no tipo ideal *envolvidos na violência*. Em comum suas trajetórias de vida compartilham motivações (já apontadas pelas teorias da *desorganização social*, dos *rótulos* e da *associação diferencial*) que se sobrepõe para o envolvimento na violência urbana. Quase todos entrevistados do território de Santo Amaro enfatizaram que representam a violência a partir de códigos simbólicos como um evento crucial que se tornou importante para a aproximação com a criminalidade urbana violenta; o fascínio pela figura “*vida errada*” emergem como elementos motivadores que convergiram para o envolvimento com as práticas de violência urbana. No entanto, para este grupo envolver-se com a criminalidade é resultado de uma escolha pessoal. Uma das entrevistadas deste grupo optou pela mobilização política especialmente em ações de prevenção da violência.

A maior parte dos entrevistados que se aproximariam do tipo *não envolvido na violência urbana* estão concentrados no território da Ilha de Santa Teresinha, também conhecido pelos pesquisados como *DI*. Os entrevistados deste grupo possuem as maiores escolaridades em comparação com os entrevistados das outras subáreas do bairro que possuem poucos anos de estudo. Inclusive, alguns são representados e reconhecidos socialmente como um exemplo a ser seguido devido suas trajetórias exitosas de carreira acadêmica. Todos os jovens pesquisados neste território estavam desenvolvendo atividades remuneradas na própria comunidade e fora dela no momento da realização da pesquisa.

O fato de que os territórios- *João de Barros*, *Santo Amaro* e *Ilha de Santa Teresinha*- concentram a maior parte dos jovens pesquisados corrobora o contexto situacional heterogêneo do bairro. Talvez o aspecto mais rico presente nesta distribuição territorial é o caso da João de Barros que possui casos exemplares dos dois tipos ideias construídos.

4.3 As relações sociais de amizades construídas nos territórios

Falar sobre os amigos desperta sentimentos animosos entre os jovens pesquisados. Boa parte dos entrevistados quando inquiridos sobre as redes de relações de amizades num primeiro momento tendem a hierarquizar a condição de amigo (a); respondem brevemente; primeiramente *Deus* seguido da figura da *mãe*. Nesse caso, a principal justificativa apresentada para esta escolha é a falta de confiança na relação com os pares. Nas narrativas dos jovens pesquisados, quase sempre estas primeiras impressões rapidamente são substituídas por sentimentos veementes em relação aos amigos. Entre os jovens pesquisados, pode-se perceber que a maior parte da construção dos leques de amizades se dá no espaço do local de moradia. Subjacente a esse discurso está à categoria nativa - *nascido e criado* - que todos os entrevistados se orgulham em proferir. Portanto, o fato de ser *nascido e criado* na localidade facilita o estabelecimento de amizades. O que não exclui as possibilidades de estabelecimento de amizades externas. Em relação à representação sobre os amigos de fora do bairro, alguns entrevistados se utilizam da categoria *playboy* para representarem os conhecidos que residem nos prédios de classe média alta que ficam em frente ao território da João de Barros já na área espacial geograficamente localizada no bairro do Espinheiro.

Eu mesmo eu tenho um amigo que mora aí no prédio ele leva a gente direto pra fumá lá na piscina dele. A gente fuma um back na casa dele. É bom a gente conhecer uns playboy (risos) que a gente chama (B, 19, M, João de Barros).

No entanto, é majoritária a parcela de jovens que concentram seu leque de amizades nos territórios em que moram. Efetivamente, quase todos os pesquisados fazem referência às amizades duradouras e confiáveis construídas e conquistadas no ambiente interno do território de moradia. Curiosamente, apenas um entrevistado fez referência às amigas mulheres. As amizades são classificadas pelos jovens entrevistados como um mecanismo de *se afastar de coisas erradas*. Elas também podem proporcionar um novo endereço de moradia frente a situações de emergência como inimizades adquiridas em outras localidades.

V: MC Boco é da Mustardinha? N: *Então, mas é meu amigo. Entendeu? Ele morava em San Martin no caso depois ele foi morar na Mustardinha. A gente estudava junto pô! Já estudei com ele junto pô. Na época ele era pichador. Tipo a gente se conheceu num pagode, por acaso. Até por causa que tinha um amigo de lá um daqui. A gente se conheceu no baile funk. Ai tipo criou aquela amizade. Ia daqui pra lá e lá a gente ia pra cá. Por acaso eu conheci aqui uma menina aqui. Tipo a gente ficamos juntos. Ai tive um filho com ela. Logo em seguida também eu fui preso. Foi o tempo que eu fiquei afastado de San Martin e sai totalmente de lá né? E sai totalmente de lá. É. Aconteceram uns problemas lá comigo lá. Entendeu? Questão de inveja também pá caboetaram minha casa. Eu sai de San Martin até por causa disso também. Caguetaram a minha casa. Tipo perdi umas coisas dentro da minha casa lá. A polícia quebrou tudo dentro da minha casa. Tudo, tudo (N, 23, M, João de Barros)!*

Entre os jovens pesquisados, quaisquer dessas classificações convergem para a representação social que os jovens nutrem pelas as amizades, consideradas em suas percepções como *uma das coisas mais importantes da vida*.

A amizade mais importante que a namorada: narrativas acerca de laços de solidariedade

As considerações a seguir tratam de uma trajetória de amizade entre dois jovens entrevistados, moradores de territórios considerados socialmente rivais que atribuem maior importância à amizade do que as rixas (reais ou imaginárias) entre as subáreas do bairro. Um é morador do território de Santa Teresinha e o outro residente do Campo do Onze. Apesar de habitarem em áreas ditas rivais em razão do comércio de drogas, a relação de reciprocidade entre os dois rapazes reflete um conjunto das representações de amizades definidas pelos jovens pesquisados como *um parceiro para todas as horas*.

Xi! Eu era moleque. Eu era da recreação, véio! Eu o via, mas só que não conhecia ele. A gente foi crescendo junto, mas sem se falar um com o outro. Ai numa certa idade, mais ou menos, 11, 12 anos ai nós se falou véio. Dai a amizade foi forte mesmo até

agora meu! Eu e ele. Lado a lado (...) O mais importante pra mim é a amizade véio. Um exemplo assim à pessoa pode ter uma mulher, mas só que uma mulher... O cara não vai deixar a amizade do cara por causa da mulher. Vou ficar só com a mulher agora. O cara tem que ter uma amizade que seja confiável. Porque quando o cara quiser desabafar, o cara desabafa mesmo, coisa de homem, ele desabafa com outro. Se ele é amigo de verdade ele vai acolher o cara e vai dar ideias positivas pra não endoidar a cabeça e tal. Tipo uma briga com a mulher do cara. O cara fica onde na rua sem ninguém? Já muitas vezes, já porque eu tenho minha mulher e tal. Muitas vezes eu discutia muito, mas o primeiro nome que vinha na mente é vou ligar pra L. véio. Oh L, vem aqui. Ai nós ficava sozinho ali eu e ele. E ele não esquentava com isso não, mão endoida não porque tu é novo, é tu e tu mesmo, tou aí pra te dá força. E daí fui me fortalecendo. Minha boyzinha ela já tentou. Já.... Que ela não conhecia ele, não quero tu com L. não. Ele quer acabar com o nosso namoro e pá.(Jonas falou) É não, o pirrão é rochedo. E ela fez assim: se L. for ali agora e for assim chegar 3 boys pra dá-lhe em L., tu faz o quê? Se tiver comigo. Tu faz o quê B? Eu disse vou pedir licença a tu e vou ali ajudar ele. E ela aí vai me deixar sozinha né? Não, mas tu não tá correndo um risco. Quem tá correndo risco é meu colega. Vou fazer de tudo pra não se dá de mal né? Ai ela ficou com raiva porque eu disse que ia ajuda ele. Mas se ela for debater comigo vou dizendo a ela até o fim eu ajudo ele, eu ajudo e acabou-se (...) Um pau e nas costas do cara. O cara pelo amor de Deus, por favor, me ajuda aqui. Ai os cara da feira relaxa. Relaxa um caramba meu irmão. Tá pensando o quê, que aqui é otário é? Eu vou ficar vindo aqui na feira, se eu te pagar aqui na feira, tu vai ver o que vai acontecer contigo agora. Eu disse pra ele. Nós deu o quebra nele e bateu a mão de novo nós dois. Ai eu dei um chute na boca do cara pegou no dente dele. Só que não caiu o dente não. Rasgou no couro. Foi um chute ficou isso aqui dele assim inchado. Ai nós bateu na mão. Bora, bora! Ai nós viu o cara indo embora. (ficaram provocando os da briga) E aí vamo jogá agora! Oh o dinheiro que eu fiquei ó pra dividir com ele! Cuidado que eu volto aqui vocês não vão ficar com nada mais! Ai eles ficaram com medo calado. E aí L. tá a fim de lanchar e bora. E ele disse to. Ai nós lancho e foi se embora. Ai ficou tudo bem aqui. Ai o meu dinheiro voltou ao normal pra mim. Porque senão pô 300 conto assim é foda. Ninguém ganha 300 conto assim não. O cara tem que suar pra ganhar um dinheiro do caramba desse. Teve um tempo aí atrás, faz tempo mesmo, mas

foi pra gafieira eu e L. A nesse tempo ai nós cheirava loló né? Ai os cara ficando olhando pro L. mesmo assim ó. Ai eu L. chega ai na moral, vai ali naquele cara na moral disse pra ele que tu não é frango não. E tu não gosta de homem não tu gosta é de mulhé, meu irmão. Manda parar de tirar tu, visse? Senão o bicho vai pegar pro lado dele. Ai L. então, então, tá olhando pra mim porque L. fez. E o cara não tô olhando pra tu não pirráio. Tá de boa parceiro(o cara deu o comprimento com os ombros em L.). Mas eu tava doidão pensei, porque eu tava doidão, eu pensei que ele tinha batido em L. Ai ele fez assim pro L. tá de boa parceiro. Ai eu achei que ele tinha feito assim no L.....Ai eu Ôxi! Boom!!! Ai começou o buruçu dentro da gafieira (B, 19, M, Santa Teresinha).

Então foi eu morando lá. Já a gente fez a briga com os caras de lá do Campo. Por conta de B. Tipo os cara procurou B. lá é briga e eu tenho que brigar também porque eu tô com ele. E pior é que o cara era matador. Ele tá preso agora. Ele matou um cara no cais de Santa Rita. Ele tocou fogo lá o cara dormindo(...). Poxa uma amizade pra mim, às vezes, é melhor que a minha namorada. B. é um tipo de pessoa ... Assim, vez em quando rola desconfiança, mas a maioria das vezes eu confio muito nele. Ele não deixa de mão não. Quando eu preciso dele. Do mesmo jeito que eu preciso dele e ele de mim. Nas horas tristes e nas horas alegres (L,19, M, Campo do Onze).

A representação (social) da *parceria para todas as horas* inclui diversos eventos em que a violência física entra em cena como ingrediente dessa amizade como uma lógica válida a determinados casos como defender a *honra* do amigo-parceiro. Esses rapazes amigos, no momento do desenvolvimento da pesquisa de campo ocupavam posições tipificadas semelhantes às quais FOOTE WHYTE (2005) definiu como *peixes miúdos*, identificados como os rapazes da esquina. Um dos rapazes é *Mc* e o outro é músico, ambos participam de um projeto social, desde o final da infância, bastante conhecido no território de Santa Teresinha. Tal mecanismo de controle social ofereceu a oportunidade de viagens internacionais aos dois jovens. No entanto, um dos pontos mais instigantes que emerge das representações acerca da amizade, entre os jovens pesquisados é a relevância relacionamento intra-geracional construído no interior dos territórios em que moram. Esta constatação analítica aponta para uma possível interpretação dos vínculos de amizades estabelecidos entre jovens assolados por incertezas típicas da condição juvenil somada as incertezas quanto à inserção no mercado de trabalho e no universo

acadêmico. De acordo com FOOTE WHYTE (2005), os profundos laços de amizades estabelecidos entre alguns rapazes, como é o caso do jovem Doc estudado pelo sociólogo americano, permitiu uma forma de integração a vida dos “*rapazes da esquina*”. Em *Cornerville*, as amizades eram mais valorizadas pelos *jovens da esquina* mais do que a inserção profissional. O prestígio e a reputação desses atores provinham das redes de amizades estabelecidas no bairro, grupos de rapazes que concentram suas ações sociais nas esquinas de determinadas ruas, com suas barbearias, salões de bilhar, associações ou clubes. Um dos aspectos do contexto situacional em *Cornerville* se referia ao período da Depressão em que a maioria dos jovens se encontrava desempregado ou vinculado a empregos eventuais (FOOTE WHYTE 1972, p.19).

Assim, em particular, os *rapazes da esquina* usavam todo dinheiro disponível com os amigos. Assim, emergia em contraste com outro grupo de rapazes formado no bairro: os *los college boys* ou os “garotos formados” que buscavam investir qualquer recurso financeiro disponível em *prol* de carreiras escolares. Esse segundo grupo era pouco visto nos espaços públicos e lideram grupos de discussões na localidade. Na escola, os dois grupos diferenciavam visivelmente por intermédio da atribuição de rótulos por parte dos educadores que valorizavam e estimulavam os *college boys* a investir moralmente e simbolicamente nas carreiras escolares. Já aos *rapazes da esquina* os rótulos atribuídos eram: *pouco interessados nos estudos, sempre vistos nas ruas do bairro*.

Ainda sobre as redes sociais de amizade dos *jovens da periferia*, é interessante destacar a constatação a partir das narrativas da maior parte dos jovens entrevistados, de que os laços de aliança e de parceria estabelecidos entre os jovens são construídos dentro da localidade. Essa afirmação refuta a hipótese levantada em um estudo qualitativo realizado no ano de 2008, pelo NEPS-UFPE, em um bairro popular da capital pernambucana, de que a construção das redes de relações de amizade foi construída fora das comunidades. Isso figuraria como estratégia para fugir à dita “vida louca” ou as rotulações negativas construídas no imaginário social que acompanham a imagem do bairro. Mesmo considerando a natureza qualitativa desta pesquisa, realizada em um passado recente, desautoriza qualquer intenção de generalização os resultados atuais desta tese caminham no sentido de uma hipótese contrária de que a estratégia de construir amizades dentro do bairro pode inclusive auxiliar em momentos ruins

decorrentes da eventual participação na *vida errada* e ressaltar o orgulho de *ser nascido e criado* na localidade. Se em alguns momentos das relações sociais externas os jovens pesquisados desejam esconder o endereço de moradia, nas redes amigáveis é o momento de revelar o pertencimento. Os entrevistados, nesta tese de doutorado, revelaram que os amigos de longa data foram fundamentais em suas trajetórias existenciais, como por exemplo, na hora de acessar um novo local de moradia, atuaram como mediadores na transição entre espaços sociais de moradia que permitiram que alguns conflitos de outrora continuassem depositados em passado recente.

Isto não significa que estou afirmando que a natureza das relações sociais de amizades entre os jovens pesquisados seja a delinquência a natureza do grupo não era prioritariamente delinquente. Pelo contrário, existia uma visão míope entre os assistentes sociais que interpretavam a ocupação das ruas pelos jovens da esquina como “o lugar juvenil” em que se desenvolviam atitudes indicadoras da incapacidade para a convivência normal (FEIXA: 1998 p52). Importante destacar que para quase todos os entrevistados a representação sobre as amizades mobiliza sentimentos melancólicos em relação aos jovens amigos mortos prematuramente no período do final da infância e início da adolescência.

Vi muitos também que já se foram, que era colega meu, que se foram, mataram. E graças a Deus, é um dom que Deus me deu de eu ver o mal lá na frente e procurar me afastar e não caia na sepultura. (L, 23, M, Santo Amaro).

Eu tinha 13, ia fazer 14. Ele foi assassinado com um tiro no olho. – Foi briga? T: Pois é, não se sabe. Se ele foi roubar... Diz que ele foi roubar uma mulher que era mulher de policial. A mulher tava grávida. E assim naquela época. Ah, morreu fulano, beltrame e tal que já era vagabundo. Já era adulto. Né? Mas, mata um cara que era amigo teu, da mesma idade que você. Fiquei assustado (T, 33, M, João de Barros).

Em geral, as narrativas dos jovens pesquisados mencionam a existência de um conjunto de reguladores das relações sociais que podem facilitar ou dificultar a continuidade das rotinas cotidianas em espaços que apresentam algumas consequências decorrentes das dimensões da centralidade da violência criminal; como as dificuldades de interação

social e a “*limpeza simbólica*”, especialmente em espaços de pobreza. Neste contexto, as tentativas de *autocontrole* ou controle de condutas dos jovens parecem ser necessariamente marcadas geograficamente. Em aspectos gerais, é possível refletir acerca da existência de uma criminalização de uma categoria inteira como *os jovens moradores de favelas*. Basta pensarmos com um pouco mais de atenção sobre quem emerge como objeto preferencial de mecanismos de controle social em bairros populares ditos detentores de certa prevalência de comportamento criminoso? Efetivamente, os jovens homens são os atores sociais prevalecentes nos discursos e nas práticas de *autocontrole*. A identificação destes sujeitos como indivíduos que necessitam efetivamente passar por uma espécie de *ajuste* em espaços de pobreza, faz com que haja uma necessidade de reafirmação por parte do jovem (“*limpeza simbólica*”) e sua condição de pertencimento ao grupo das pessoas “de bem”.

Nestes termos, os *jovens da periferia* na condição de objetos preferenciais das tentativas institucionais (ou não) de *autocontrole* de condutas descrevem como ocorrem as regulações sociais em localidades representadas socialmente como violentas que implicam dicotomias condicionantes da subjetividade dos jovens pesquisados. Ou seja, das percepções dos entrevistados emerge aqui, sentimentos de pertencimento, apego a localidade e de afastamento de rotulações e etiquetamentos que marcam alguns pontos das suas áreas de moradia. Assim, um aspecto relevante nas narrativas dos jovens pesquisados refere-se a alguns elementos fundamentais da noção de *SV* - *o medo e a desconfiança*- presente de maneira corrente nas percepções dos pesquisados; o medo de perder a vida; o medo dos *outros* atores sociais residentes em áreas diferentes; o medo de usufruir do espaço público das ruas nas localidades de moradia; o medo das formas de *autocontrole*.

Na minha adolescência eu tinha medo de morrer de alguém vim e me matar e tirar minha vida. Ai, eu tinha medo disso. Hoje, agora, já “tou” com meus 20 anos só de morrer mesmo (...) É porque a maioria das pessoas tem medo daqui. Ai a pessoa diz mora onde na João de Barros, vixe Maria! Meu deus do céu. É a fama que aqui teve. Eu ainda digo aos outros, meu irmão bora pra João de Barros tomá uma gelada. Ôxe! Vou nada, lugar perigoso danado. E eu: - Meu irmão! Era perigoso não é mais não! Tá doido? Ali é muito tiro. Não é não, foi só um enxame. Uns 5 anos de fama. De 2005 até 2010. Até o ano passado que acalmou um pouquinho (G, 20, H, João de Barros).

Hoje eu sou desempregado, pô! Eu não tenho renda fixa. Eu queria ter um emprego assim pra eu construir. Pra eu ter mais pensamentos assim (...) Viver melhor, viver mais sossegado. Porque eu ainda vivo né? Meu! Queira ou não. Eu ainda vivo. Entendeu? Na mesma situação ainda. Permaneço no mesmo erro ainda. Eu faço coisas também que não são adequadas entendeu? Então tem uma diferença eu queria sair desta situação. Queria dormir tranquilo e achar que ninguém vai mexer comigo ou com minha esposa. Eu ainda tenho medo! Eu ainda tenho medo! De acontecer comigo o que aconteceu né? Faz... recente... Também esse tiro que eu levei recentemente. Por mais que a gente pense que a gente não “tamo” envolvido assim...(N, 23, João de Barros).

Nas falas citadas, nota-se que emerge no conjunto das narrativas dos entrevistados a existência de alguns atributos que caracterizam a SV, tais como *segregação espacial* e *limpeza simbólica*. A primeira característica pode ser detectada através dos relatos de uma experiência urbana extremamente limitada. Para os entrevistados, o simples ato de visitar um *shopping Center*, muitas vezes, torna-se um momento de constrangimento em que lhe são exigidas mecanismos e de afirmação de que não são “bandidos”, “marginais” que os rapazes conhecem bem. Note-se que embora o imaginário social reforce a existência de uma difícil circulação entre os territórios do bairro, os jovens temem mais circular em espaços públicos que não sejam as suas ruas de moradia ou as suas esquinas.

Circular pelo bairro, muitas vezes, significa acionar sentimentos de desconfiança e medo. Sendo que o medo é um elemento transformador das relações sociais. Assim, boa parte dos entrevistados evita sair de seu território. O medo e a desconfiança da polícia; do segurança do *shopping*; da discriminação por endereço parece ultrapassar o medo de transitar entre as diferentes áreas do bairro. As estratégias que os jovens pesquisados elaboram para conviver com este sentimento paralisante é evitar a circulação espacial. A natureza qualitativa deste estudo inviabiliza qualquer possibilidade de generalização das análises. No entanto, é bem possível que a limitação dos percursos espaciais traduzidas em uma experiência de confinamento geográfico traduzida como um dos atributos da SV possa ser detectado em outras periferias da capital pernambucana. Esses foram alguns dos aspectos subjetivos que emergiram na fala dos entrevistados.

Em outras palavras, a vinculação e o pertencimento a um território é reconhecido socialmente como um delimitador que define o acesso dos jovens as ruas, ao shopping ou a uma agência de empregos. No entanto, apenas a dimensão subjetiva da violência urbana traduzida no sentimento de medo é insuficiente para compreender como se dá a incorporação da violência ao cotidiano dos jovens. Há que se ressaltarem também as dimensões objetivas do medo de morrer precocemente aos vinte e três anos de idade em um contexto situacional de SV. Portanto, é possível afirmar pelo menos em relação ao público juvenil entrevistado que é possível falarmos em transformações das relações sociais juvenis imersas em contexto de SV.

Considerações Finais:

Neste capítulo, o conjunto das narrativas dos entrevistados, revelou o precoce estabelecimento da incorporação da violência, inclusive através do uso da força, nas relações sociais familiares através da representação (social) dos jovens entrevistados acerca da infância e adolescência. Aos vinte anos de idade o medo da morte é uma possibilidade, pouco remota para boa parte dos entrevistados. No entanto, é importante ressaltar que não entrevistei nenhum grande “traficante” que tivesse cometido (ou declarado) homicídios ou fosse responsável por uma área do comércio de drogas, e que por estes motivos estivesse efetivamente flertando cotidianamente com a morte. Fixei-me em jovens “que estão nas esquinas”, e embora alguns já tenham sido captados pelas malhas do Sistema de Justiça Criminal, não representam o que o imaginário social identificaria como “delinquente”. Não representavam grandes figuras no tráfico de drogas (embora em alguns momentos se referissem a eles), mas revelaram conviver com o medo da morte precoce como tais. Conforme definiu SPAGNOL (2008) entrevistei *jovens perdidos num mundo tão violento quanto eles* (SPAGNOL: 2008, p.38) poderiam se tornar em determinados contextos situacionais.

Em geral, as falas dos entrevistados, sobretudo, entre os envolvidos em violência, evidenciaram o sentimento de medo emerge vinculado não somente atrelado à possibilidade de encontrar a morte nas esquinas do bairro. Mas, também o medo que sentem nos espaços de socialização, traduzido através do *desinteresse pelo universo escolar*. Ou seja, o medo de apresentar um desempenho fraco ou insuficiente frente a atividades intelectuais. Já os espaços de socialização representados pelas por agências

de autocontrole empenhadas em garantir “o distanciamento” entre jovens e violência podem apresentar bônus e ônus às trajetórias dos entrevistados. Um bônus poderia ser no sentido do desenvolvimento de mecanismos de autocontrole da agressividade via extensão da cidadania aos jovens, a exemplo das reais possibilidades de viagens internacionais aos *jovens de periferia*. No entanto, pouquíssimos jovens irão acessar essa condição via agências institucionais de autocontrole. O ônus do reforço da atribuição de rótulos negativos por parte das agências de autocontrole parece ter um peso maior na identidade dos jovens do que possíveis bônus.

Outro atributo importante acerca das representações (sociais) dos jovens acerca de espaços de socialização mencionado em todos os relatos dos jovens foram relações sociais de amizade. Na sociologia, a amizade é uma instituição só pode ser definida em termos culturais bastante enfatizadas por ZALAUZ (1990); FOOTE WHYTE (2005) e FEIXA (1998). Em, Santo Amaro, as relações sociais de amizades estabelecidas entre os jovens, entre outros aspectos, influenciam diretamente as representações (sociais). Uma vez que elas podem tornar-se uma *forma de autocontrole* ou um mecanismo que facilite a mobilidade social no bairro. Gostaria de ressaltar, que neste capítulo, foram detectados alguns apontamentos sobre as relações sociais de amizade em Santo Amaro. Especialmente entre os entrevistados *não envolvidos com violência*. Entre esse grupo de entrevistados, destaquei a relação de amizade entre dois jovens que possibilitam o desenvolvimento de uma estratégia de mobilidade entre os territórios (ditos rivais) de Santo Amaro. Esta possibilidade de alargamento nos espaços permitidos de circulação no bairro via relações sociais de amizade ficou evidente nas narrativas de B. e L. Ou seja, entre os jovens *não envolvidos com a violência* as relações de amizades podem romper com a limitação geográfica imposta pelos grupos rivais que atuam na localidade.

Em síntese, estes são alguns aspectos das trajetórias juvenis que marcam a construção da representação social dos jovens *nascidos e criados* em Santo Amaro. No próximo capítulo, o busco entender como a violência emerge nas narrativas dos jovens *envolvidos (ou não) na violência urbana*, a fim de demonstrar as atuais trajetórias dos sujeitos de pesquisa. Em outras palavras, de que forma a violência urbana emerge na linguagem ordinária dos entrevistados?

CAPÍTULO V

AS CATEGORIAS NATIVAS *VIDA ERRADA E GUERRA*: DIMENSÕES QUALITATIVAS DAS REPRESENTAÇÕES (SOCIAIS) DOS JOVENS SOBRE VIOLÊNCIA URBANA.

No capítulo anterior busquei recuperar, discutir e analisar um conjunto de percepções construídas pelos jovens entrevistados acerca dos espaços de socialização representados na escola, nos arranjos familiares, no trabalho, no local de moradia e nas relações sociais de amizades que informam sobre as práticas sociais considerando-se a compreensão das representações (sociais) sobre violência urbana. Isto porque segundo JODELET (2005) a produção das representações (sociais) dos sujeitos reflete o contexto, as normas institucionais que decorrem da posição social dos atores sociais. A seguir, a partir dessas atribuições de sentido levanta-se uma hipótese de trabalho de que as representações (sociais) produzidas por jovens sobre as categorias nativas “*vida errada*” e *guerra* são interdependentes e compõem uma tela de significados e sentidos que orientam as ações de jovens pesquisados que convivem em um contexto de SV baseado fundamentalmente em três atributos fundamentais; *medo*, *submissão* e *desconfiança*.

Essa hipótese relaciona-se ao argumento de MACHADO DA SILVA (2011) que considera a existência de um descompasso entre *a abordagem acadêmica da violência urbana* e as percepções ordinárias da *representação da violência urbana*. Ainda na perspectiva do autor, a primeira abordagem estaria direcionada a criminosos definidos em consonância com categorias jurídicas, às condutas que passam a ser entendidas em função de regras violadas e na ineficácia dos aparelhos de regulação da ordem social, enquanto a segunda estaria associada às atribuições de sentidos construídos pelos atores sociais, pelos criminosos e suas vítimas. Ou seja, trata-se das percepções do *senso comum* que estão presentes na representação da violência urbana e indicam o sentimento

de insegurança originário do padrão de SV.

Logo, se a violência urbana pode ser tomada também na qualidade de representação que se torna orientadora de conduta como toda representação social (MOSCOVICI: 1990), se constitui em um mapa que oferece aos *jovens da periferia* possibilidades de relações sociais e curso de ações. Ademais, cabe assinalar novamente que sociologicamente a violência urbana não é um sinônimo de crime comum, se constitui em *formas das relações sociais reguladas pelo uso de força* (MACHADO DA SILVA: 2011). A seguir, relatos de alguns moradores de Santo Amaro acerca das representações (sociais) correntes entre a população que habita aquela localidade.

QUADRO 05- EMERGÊNCIA DA VIOLÊNCIA URBANA NA FALA DOS MORADORES DO BAIRRO

- *Gangues dominam Santo Amaro.*
- *A polícia só vem quando tem um corpo no chão!*
- *A violência só aumenta.*
- *O bairro também tem coisas boas.*
- *Medo de assaltos.*
- *O poder público não escuta os moradores.*
- *O crack veio só traz mais violência.*
- *Jovens estão se acabando no crack.*
- *Com o crack vem à violência dos jovens.*

Fonte: Diário de campo da autora.

As falas acima são representativas de um imaginário social que permeia as representações (socais) em Santo Amaro. Estas narrativas dão pistas que podem orientar a discussão sobre as representações de jovens sobre violência urbana, além de auxiliar na compreensão do que se diz acerca dos jovens moradores de Santo Amaro. Essas falas foram coletadas em uma das reuniões entre moradores e representantes do governo estadual, mas em contextos menos informais foram facilmente detectadas. No capítulo I discuti algumas representações acadêmicas da temática da violência. Neste momento retomo a discussão acerca desta temática de tomando como base outro ponto de partida:

as representações (sociais) empíricas sobre violência.

No entanto, ressalto que as representações científicas e ordinárias da violência urbana, por vezes, pouco diferem entre si. O que não significa que elas podem ser entendidas de forma análoga. São conhecimentos de natureza diferente, mas o conhecimento do *senso comum* é um ponto de partida instigante para o conhecimento sociológico. Todavia, para alguns sociólogos privilegiar o *senso comum* da realidade cotidiana poderia ser considerado um exagero subjetivista. Acredito que a discussão sobre a possível supremacia de um conhecimento sobre o outro provavelmente não contribui muito com a discussão. O que importa é não fazer uso de categorias leigas como se fossem científicas e utilizar o refinamento da interpretação sociológica para interpretar as categorias nativas. No entanto, creio que todas as representações (sociais) de jovens que compõem essa tese, estão explicitamente ou implicitamente se referindo a subjetividade, as trajetórias sociais, a diferenciação social, a construção de identidade, a hierarquias de valores que são conceitos importantes na compreensão da realidade.

Assim, uma das representações (sociais) empíricas sobre violência que emerge nos relatos dos moradores, por vezes guardam aproximações com a abordagem científica. Por exemplo, a representação (social) *as gangues dominam Santo Amaro*. O conhecimento de *senso comum* em Santo Amaro sugere que a violência pode ser entendida como um fenômeno essencialmente jovem. Ao atribuir as gangues a condição de entidade dominante que atua na localidade mobiliza-se um elemento subjacente a esse discurso: as gangues, geralmente, são compostas por jovens. Dificilmente a referência às gangues recai sobre indivíduos adultos ou idosos. A literatura sociológica sobre gangues (THRASHER: 1927; COHEN: 1955; SCHAW e MACKCAY; 1942; SUTHERLAND: 1955) descreve seus elementos essencialmente juvenis e advoga que as cidades modernas exercem atrativos sobre os indivíduos, especialmente os mais jovens, no que diz respeito à ascensão social e ao *status social* que dificilmente será atingido por toda sociedade. Não é preciso muito esforço para concluir que, os jovens (pobres) procurariam as gangues em busca de *ascensão social e status na localidade*, conforme THRASHER (1927) já apontava na cidade de Chicago *dominada* por gangues de jovens no início do século XX e as falas dos moradores parecem convergir neste sentido. O sistema de representações (sociais) dos moradores sobre os jovens possuiria dois eixos norteadores: a) a relação das drogas possui com a prática de violência e b)

potencialmente criminalizáveis ou *a violência de jovens* o que sugere que este fenômeno seria um atributo da condição juvenil

A representação (social) *a polícia só vem quando tem corpo no chão!* É uma representação que sugere uma ausência ou uma presença policial tímida que só estaria presente em situações extremas. Tornou-se comum na fala dos moradores a referência à *sensação de medo*, inclusive de ser silenciado pelo poder público. Poderia se dizer que na percepção de boa parte dos moradores do bairro a violência é um fenômeno essencialmente *jovem*. A seguir, as representações (sociais) dos jovens entrevistados sobre as categorias nativas *vida errada* e *guerra* que podem fornecer algumas pistas de como se estruturam as práticas representadas como violência urbana na unidade empírica pesquisada tomando como um dos pontos de partida o medo, como um dos reguladores das relações sociais em Santo Amaro.

5.1. O medo como um dos reguladores das relações sociais dos jovens em Santo Amaro

As implicações da atribuição da violência como um fenômeno essencialmente *jovem* pode gerar um estigma socialmente imputado que pode emergir durante atividades rotineiras como tomar uma cerveja com os amigos nas esquinas dos territórios de Santo Amaro. Pois, a simples presença de jovens nas esquinas seria uma ação suspeita. Neste contexto situacional, um dos elementos que assola a vida cotidiana dos jovens pesquisados, segundo boa parte das suas narrativas, é o *medo de morrer* (NOVAES: 2006) para *envolvidos (ou não)* em violência. Isto sugere, conforme afirmou MACHADO DA SILVA (2011), que a violência urbana identifica relações sociais de fato estabelecidas sobre os alicerces *do medo e da desconfiança* gerada pela insegurança que os jovens pesquisados mencionam em relação às incerteza quanto a “*permanecer no mesmo erro ainda*” e “*alguém tirar minha vida*” e, ainda a desconfiança em relação ao sistema de justiça criminal. A desconfiança em relação às instituições policiais orienta as condutas dos pesquisados e se constitui em um forte componente das representações (sociais) dos entrevistados sobre a violência urbana em Santo Amaro. Importante ressaltar que para os moradores, ouvidos nesta pesquisa, a polícia deveria estar mais presente na comunidade. Essa reivindicação sugere que a presença policial no bairro é pequena. No entanto na visão dos jovens moradores a visibilidade da presença desses

agentes do controle social é muito presente e cotidiana.

Eu achava que ia morrer! Que eles (policiais) iam dá em mim e me matar. Sei lá. Mas aí, graças a Deus, tudo tranquilo, me trouxeram pra casa depois, Aí meu pai foi me buscar e não me encontrou lá. Tava em casa já. E aí rolou tudo tranquilo. Graças a Deus! Tudo tranquilo e hoje estou aqui como educador social. Sou profissional (Jovem, 26, C, H, Santa Teresinha).

Aí ele (polícia) me pegou... Aí ele disse: - Ôxi vou lhe pegar agora! Aí eu fiquei com medo. Aí falei pro meu pai. Meu pai disse é melhor tu tá dá um tempo fora desses policiais. Tudo sebosos. Era segunda sessão. - Segunda sessão? Chegava tudo encapuçado, ninguém via nada. Não conhecia nada. Aí meu pai disse: porque não vai pra casa do teu avô lá na Bahia. Eu passei uns tempos lá. Aí depois que eu voltei de lá meu padrasto arrumou um trabalho pra mim na oficina. Dai eu não quis entrar mais nessa vida (Jovem, M, 23, H, Campo do Onze).

Sinceramente eu penso muito agoniado. Porque eu não posso ver um carro da polícia que eu fico com medo! No plantão de hoje mesmo no plantão de Maria se ela me pegar, me reconhecer, ela me bota de novo (...) Ôxi! De se bater de frente com eles. Eu nem fico direto na Rua da Amizade. É boa também a comunidade, mas eu não fico aí. Já era não... As desavenças. Tem muitos policiais também que não sabem agir. Pronto! Na quinta-feira mesmo os policiais da RP chegaram atirando. Se pega em uma criança, como é que deve? Não é uma abordagem? Uma rotina? Pra que fazer isso? Não é Rio de Janeiro (Jovem, 19, H, João de Barros).

Os jovens envolvidos com a violência, sobretudo os que já tiveram alguma experiência com o sistema de justiça criminal são os que manifestaram veementemente sua desconfiança e suas interações com a polícia. Durante a pesquisa de campo foi possível detectar alguns eventos que envolveram a presença policial na João de Barros. Uma dessas situações ocorreu numa quarta-feira em torno das seis e meia da tarde. No Espaço Cultural fui convidada por D. e T. para jogar dominó em um bar próximo dali. Aceitei o convite. De repente uma viatura da polícia, em alta velocidade, passou na calçada em frente ao bar. Naquele momento, havia crianças nas ruas, jovens bebendo e outras pessoas no bar. Logo depois alguns começaram a se movimentar para ir embora.

O jogo de futebol das crianças cessou. Depois de alguns minutos, surge novamente em alta velocidade o carro da polícia. Esta cena se repetiu por mais duas vezes em um breve espaço de tempo. Logo as ruas ficaram desertas e a dona do estabelecimento disse que estava fechando o bar. Visivelmente nervosa, anotou os pedidos de cerveja fiados, e, praticamente expulsou as pessoas do local. Este armazém fica em uma parte do bairro que concentra um conjunto de casas de alvenaria e de ruas calçadas. Os jovens pesquisados consideram esta localidade como a “*vila*” ou “*uma parte mais ajeitada do bairro*”. Próximo dali existe duas escolas. Saímos do bar eu, D. (a jovem líder comunitária) e T., seguimos pela rua deserta. Em uma esquina umas vinte crianças e adolescentes, alguns de bicicleta, conversavam sobre a presença das viaturas naquele começo de noite na João de Barros. Esse ponto da rua era o único com alguma movimentação no caminho que percorremos. Não ficamos naquela esquina seguimos em direção a Avenida Agamenon Magalhães. Logo outra viatura cruzou nosso caminho. No automóvel estavam quatro policiais, dois deles com as mãos para fora do veículo com as armas apontadas para cima. Aparentemente, a jovem e o jovem que me acompanhavam naquele começo de noite pareciam tranquilos. Eu fiquei um pouco insegura, com medo diante da possibilidade de mudança repentina do contexto situacional. Quando chegamos a principal avenida, que corta o bairro, o movimento era um pouco maior que as ruas que havíamos percorrido minutos atrás. Tudo isso ocorreu antes das sete horas da noite.

Também presenciei outras situações em que a presença policial ocorria de forma mais discreta, mas não menos ofensiva. Durante minha presença no território da João de Barros presenciei uma recorrente condução de um jovem pesquisado á viatura policial. No outro dia ficava sabendo que ele passara a noite na delegacia e, era liberado pela manhã. Essa situação se repetiu por algumas vezes com o mesmo rapaz. Para o bem ou para o mal, o que chama atenção foi à reincidência da abordagem ao jovem. Quando essa ação ocorria, os moradores que estavam nas ruas, bebendo e fazendo lanches na barraca da “Mocinha” (local que serve de ponto de encontro e um meio circulação de informação sobre os acontecimentos que ocorrem naquele território) comentavam com a legitimidade de quem assistia rotineiramente aquele mesmo episódio: - *Levaram SS de novo! Já, já ele volta!*

Na literatura sociológica, pouco se problematiza o *medo* que esses jovens possuem das

agências de controle social do sistema de justiça criminal. Boa parte dos entrevistados, já teve algum tipo de experiência negativa com estas instituições seja na ocasião da prisão, da apreensão (quando menores de idade) ou dos constantes *baculejos*. Isto pode gerar um aumento do distanciamento entre os jovens e os agentes do controle social e pode levar interrupções das ações cotidianas dos jovens como, por exemplo, permanecer nos espaço da rua. Isto porque, conforme Becker (2009) destacou os *outsiders* não se caracterizam apenas por apresentar comportamento desviante, mas é aquele que é assim classificado e identificado como tal. Como ilustrou o caso supracitado.

5.2. Guerra

*Pelo menos desde o ano de 2004 tinha conhecimento sobre OZ da João de Barros como o chefe do tráfico da favela João de Barros, havendo notícias, inclusive divulgadas largamente na imprensa sobre a **guerra** travada entre os traficantes da João de Barros e daqueles baseados no bairro de Santo Amaro, visando dominar o tráfico de drogas e, em decorrência da **guerra** para o domínio dos pontos de drogas, bem como em decorrência da repressão policial, OZ e JJ transferiram as suas bases para o endereço indicado na denúncia, vindo também a confirmar o nome de outros integrantes da associação criminosa, adversários de outra facção, assim como o adestramento do cão Pit Bull para servir de segurança da boca de fumo (Fragmentos da fala de um policial acerca do território da João de Barros contido no processo na fase de registro e publicação de sentença no ano de 2009).* Fonte: Judwain- Tribunal de Justiça de Pernambuco.

A *guerra* é uma categoria nativa de nominação proferida pelos jovens entrevistados. Mas, também por diferentes segmentos sociais conforme ilustra a narrativa acima. É utilizada pela mídia, pelos agentes do sistema de justiça criminal, especialmente, para justificar a presença dos meios de controle social nos territórios do bairro de Santo Amaro, com objetivo de estabelecer mecanismos de enfrentamento a uma suposta *guerra* declarada a traficantes locais. Ademais, pode ilustrar a reprodução da representação socialmente compartilhada de território dividido e disputado por diferentes grupos criminosos que deixaria a população sitiada por meio de regras de

circulação que dificultam e mesmo impedem as relações sociais. Do ponto de vista das representações (sociais) dos jovens entrevistados *guerra* está associada à *morte* e ao *tráfico*. Logo, pode-se dizer que os entrevistados associam a categoria *guerra* aos aspectos objetivos do crime e da violência, especialmente quando se refere a práticas sociais criminais como: *andar armado* e *traficar de drogas*.

Em outras palavras, *guerra* pode ser definida como uma categoria nativa, utilizada em Santo Amaro, que define as tensões entre os portadores da SV e os moradores mais jovens; considerando que os portadores da SV são os grupos de criminosos. A seguir discorro acerca da presença destes em Santo Amaro e as representações de jovens envolvidos (ou não) com a violência urbana acerca das categorias *guerra* e *vida errada*.

5.2.1. Portadores da SV

Chamarei de OZ, um ex-chefe do tráfico na João de Barros. Este rapaz poderia ser aproximado de um tipo social de portador da SV. Trata-se de um jovem adulto que nasceu no ano de 1982. Passou à infância na João de Barros. Naquela época a favela ainda estava em processo de urbanização até hoje inacabado. A fala de uma moradora, de setenta anos, é ilustrativa daquele contexto situacional. Em suas palavras: - *Era tudo barraco. Esse clube de mães quando foi comprado na década de 80. Até essa porta era seco, pra lá tudo era lama. Era um lamaçal só* (DA, F, João de Barros).

OZ era filho de um traficante que controlava o tráfico na João de Barros. Seu pai morreu no início da década de noventa, vítima de homicídio. OZ também era “primo” de um dos principais informantes deste estudo. Essa relação familiar foi construída através de um arranjo entre famílias muito próximas. A mãe de T. ajudou a criar OZ. O irmão de OZ tornou-se um pequeno traficante da João de Barros. Segundo seu “primo”, T. , a infância de OZ alternava períodos em que o pai estava em casa e, outros se encontrava-recolhido ao presídio.

No começo da adolescência começou a vender maconha junto com o irmão, há quem diga, foi o primeiro a inserir a maconha em forma de “prensado” naquele território. Durante a transição para a vida adulta, OZ desempenhou atividades como taxista por um breve período de tempo. No final da década de noventa, o então adolescente OZ sofreu

a primeira tentativa de homicídio na praça, onde atualmente localiza-se a Academia da Cidade e serve de espaço de sociabilidade para os jovens locais. Em uma noite de 1998, um jovem de quinze anos acompanhado de outro maior de idade, moradores do território Campo do Onze estavam dentro de um carro quando atiraram na direção de OZ. Ele foi atingido na cabeça. Segundo dados do inquérito judicial, o autor dos disparos, maior de idade, relatou que agiu em legítima defesa já que OZ reprovava sua presença naquele território. Para que esta ordem fosse cumprida, OZ já havia jurado de morte, por duas vezes, um dos autores daqueles disparos com arma de fogo. Esse evento remonta a posição social naquele território de Santo Amaro.

No entanto, alguns anos mais tarde, tal posição social de destaque atraiu a atenção das agências de controle social obrigando-o a mudar-se seu local de moradia. Deixou a João de Barros. No entanto, manteve o controle do comércio de drogas naquele território. Foi preso no ano de 2006 já residindo em Olinda, conforme narrativa do inquérito:

Em junho de 2006, foi preso por policiais civis da Delegacia de Repressão ao Narcotráfico, sendo encontrado, em poder dos mesmos 200 gramas da substância entorpecente popularmente conhecida como maconha, 08 gramas da substância entorpecente derivada da cocaína conhecida como "Crack", 01 balança de precisão e outra comum, uma Pistola Tacurus calibre 38, a importância de R\$ 500,00, farta munição de calibres diversos, documentos pessoais, 01 talão de cheques, 05 aparelhos de telefonia celular, dentre outros bens relacionados no auto de apresentação e apreensão. (Fonte: Judi/PE).

Em uma quarta-feira à tarde encontrei casualmente com OZ após participar de uma reunião com as lideranças comunitárias no Espaço Cultural. Na companhia de T, fui conhecer a localização entre as ruas da João de Barros para no futuro conseguir me movimentar sozinha naquela área. Fizemos o seguinte percurso: saímos do Espaço Cultural e fomos em direção à estátua da Santa, um espaço que concentra bares e é ponto de encontro de jovens nas noites de domingo. Seguimos por uma rua estreita e logo no fim estávamos diante de uma imagem de uma santa dentro de uma redoma de vidro. A imagem vestia um manto azul. É como se fosse um pátio com várias biroskas e casas em torno da imagem, todos estavam fechados naquela tarde. É ali que, segundo meu informante, ele se reúne pra tomar ceva, “fumar um” com os amigos no domingo à noite. É um espaço de lazer dos jovens que é permitida a presença de pessoas de

diferentes áreas do bairro. No entanto, quando entrevistei meu informante perguntei sobre espaços de lazer para os jovens. Ele não mencionou a existência desse espaço. Preferiu apresentá-lo ao vivo. Depois dali continuamos andando pelas estreitas ruas da João de Barros. Seguimos pela Rua da Amizade, uma rua um pouco mais larga que chegará ao final na Avenida Agamenon Magalhães. Seguimos a caminhada por ruelas muito parecidas e difíceis de distingui-las entre si. O informante mostrou a sequência da primeira Travessa da Amizade, a segunda e a terceira. Algumas dessas travessas têm placas de rua. Ele vai narrando o direcionamento entre as vielas e vai informando essa primeira travessa sai ali no muro da universidade a outra também. A terceira travessa sai lá santa. Ele vai me dando orientações de como me locomover dentro da João de Barros. Seguimos até o fim da Rua da Amizade até que chegamos ao Espaço Cultural. De volta ao ponto de partida. É como se déssemos uma volta no quarteirão que não é bem um quarteirão bem recortado. Mas é um quarteirão. Eis, que no final do percurso OZ passa em um carro escuro, sentado no banco do carona. Ao avistar meu informante, OZ grita da janela do veículo: *-T! Esse é meu presidente!* Em seguida, T. direciona o olhar para ele e, rapidamente nos apresenta. Logo, o carro segue viagem. Nunca mais vi OZ com vida, mas ouvi falar dele através dos relatos de alguns entrevistados.

Em uma tarde no início de 2011, OZ estava visitando a João de Barros. Em um momento de descontração foi fumar maconha com N. em uma das *quebradas* da localidade. Dois homens passaram pela dupla em uma esquina, que fica mais ou menos a quinhentos metros de um posto policial, e dispararam vários tiros contra OZ e o jovem que o acompanhava. Um dos disparos acertou o peito de OZ, que morreu na hora. O outro tiro acertou N. que foi socorrido e levado ao hospital. N. sobreviveu e tornou-se um dos sujeitos dessa pesquisa. A morte de OZ provocou luto na comunidade João de Barros. A mãe T. ficou bastante chocada e inconsolável com a morte do rapaz. Ela não serviu marmitas (trabalha cozinhando para em sua própria casa) no dia seguinte ao homicídio do rapaz. Essa senhora relatou que ficou tão abatida com esta morte que saiu caminhando sem rumo pelo centro da cidade. T. afirmou que OZ morreu por *inveja* e que ele auxiliava diversas pessoas naquela comunidade. Nos dias que sucederam esta morte, T. muito nervoso repetia: *Nós vamos descobrir quem fez isso com OZ. Tem sempre um pra se vender por pedras de crack. Foi gente lá do Campo do Onze.*

A representação de OZ emerge nos relatos dos jovens, *envolvidos com a violência*, como a figura do *patrão*, *do dono*, *de quem manda na favela*, como referência a alguém

responsável pelo comércio local de drogas, mas também por prestar algum tipo de assistência a localidade. A importância desse líder de um grupo criminoso deriva do poder que detém, no sentido atribuído por ELIAS (1994). Algumas narrativas dos sujeitos de pesquisa, *envolvidos com a violência*, evidenciaram relações de *submissão* (MACHADO DA SILVA:2011) entre traficantes e os jovens entrevistados. Exemplos não faltam; como a necessidade de intervenção dos traficantes para salvaguardar a vida dos de alguns jovens e orientá-los, inclusive sobre comportamentos adequados para manter ao máximo afastada a possibilidade da presença policial nas localidades.

No entanto, as histórias de vida dos *patrões, donos ou mandatários* de área, construídas através de fontes fragmentadas refletem um conjunto de aspectos subjetivos sobre as relações entre as dinâmicas do comércio de drogas e a vida cotidiana dos jovens moradores. A seguir, assinalo fragmentos de padrões de sociabilidade acerca da relação social entre traficantes e jovens pesquisados alicerçadas em sentimentos de *medo, submissão, desconfiança* e a experiências de confinamento geográfico que extrapolam uma simples separação geográfica e se consolidam na reprodução de jogos de poder que tem implicações reais na vida cotidiana dos jovens pesquisados. Ademais, as narrativas referem-se à figura a representação da categoria nativa *guerra*, que tem como referência central a figura de quem *manda no território*.

O patrão tá preso. É Júnior Box. Ele proibiu o uso de drogas assim na rua. Mas ainda sim tem pessoas que fica escondidas fumando e tal. Não pode! (Jovem, 20, L, Santa Teresinha).

Dali pra cá é tudo João de Barros. Dali pra lá quem manda é outros caras. No Campo do Onze é o Valderrama. Quem manda na DI é o Júlio Box. (Aqui era o Osmar, mas mataram) (Jovem, 19, B, João de Barros).

As representações (sociais) sobre *guerra* quase sempre estão associadas diretamente à figura do patrão. B, 19 anos, autor da fala acima, assistiu a prisão de sua mãe, suspeita de tráfico de drogas. Segundo o jovem informante, foi um *forjado* da polícia, pois na hora ela não estava como nada. No entanto, revelou que em menos de quarenta e cinco dias foram tomadas providências que contribuíram para a saída de sua mãe do presídio. Confidenciou que essas providências foram rapidamente tomadas pelo finado OZ. O

jovem acrescenta acredita que deve a vida de sua família a OZ, pois sua família foi ameaçada de morte por pessoas que pertencem à outra área do bairro. O irmão de B. também vendia crack e a irmã, segundo ele, é “dependente química”. Ele relatou na entrevista que OZ falou “*com os cara do outro lado*” (Campo do Onze) para não mexerem com a família de B. Há indícios que o pedido foi aceito. Na entrevista, B. se refere ao finado Osmar como um *amigo*.

As representações de guerra relacionadas aos *padrões de área* podem ser pensadas no contexto de SV em que as relações sociais são estruturadas por intermédio do uso da força que se estabelece entre criminosos, portadores desta ordem social e a população afetada, que segundo MACHADO DA SILVA (2011), ocupam a posição de dominados. Uma das consequências da SV identificada no contexto da unidade empírica pesquisada é a *desconfiança* generalizada dos jovens em acessar os órgãos de controle social do sistema de justiça criminal. Por vezes, preferem acessar o poder dos traficantes. Não me refiro à ineficiência dos aparelhos institucionais, isto iria de encontro com todo argumento desta tese que direciona ênfase para como esta ordem social pode ser mantida. Logo, esta ordem social é mantida através dos sentimentos de *insegurança*, que tem a *desconfiança* como algumas de suas consequências, que gera o medo entre os jovens pesquisados. Medo, inclusive da letalidade que é inerente segundo o argumento de MACHADO DA SILVA (2011). Portanto, parece pertinente, interpretar os dados empíricos, em uma lógica da SV. Uma vez que os principais atributos desta noção *medo*, *insegurança*, *submissão* foram identificados na unidade empírica.

Se entre os que o grupo dos que *estão vinculados à violência* às representações (sociais) de *guerra* perpassam relações sociais de amizades, baseadas na submissão aos padrões do tráfico. Entre os que *não estão vinculados à violência* a noção de *guerra* aciona memórias de eventos que ocorreram no passado não muito recente. Um entrevistado sintetiza as percepções do grupo não vinculado à violência acerca sobre as representações de *guerra*:

Óia! Eu nem sei explicar. Aqui o povo diz que é Santo Amaro, mas aqui é João de Barros e lá é Santo Amaro. Era guerra deles dois. De traficante com traficante (E, 17, M, Campo do Onze).

Entre os *não envolvidos com a violência* a noção de *guerra* impõe uma espécie de silenciamento sobre as falas destes jovens. Em geral, este grupo é sucinto e vago quando se referem à *guerra*. Os relatos desse grupo sobre a categoria nativa *guerra* emerge vinculada a outros atributos que não correspondem necessariamente à submissão aos *patrões ou líderes* do tráfico, conforme apontou o grupo dos envolvidos com a violência. Correspondem a algo distante do cotidiano. Em Santo Amaro, a categoria *guerra* é interpretada de formas diferentes em que pesem o *envolvimento (ou não)* com a violência. No entanto, a categoria *vida errada* pode ser interpretada analogamente a ideia de trajetórias de vida (ZALUAR:1999; SAMPSON E LAUB:1998) e entre os *não envolvidos com a violência* parece representar uma trajetória pouco valorizada.

5.3. A categoria nativa *vida errada*

A violência urbana emerge nas falas dos entrevistados *envolvidos e não envolvidos* em violência nas categorias nativas *guerra* e *vida errada*. Para *guerra* as expressões giraram em torno de nominações como: *andar armado; drogas; divisão territorial; violência* e *favela contra favela*. Sendo que *vida errada* quase não aparece para o grupo *não envolvidos em violência*, em comparação ao grupo dos *envolvidos com violência*. Os entrevistados *envolvidos com violência* atribuem sentido a *vida errada* a partir de algumas expressões: *gente errada; amizades erradas; se eu sou errado*. Estas palavras sugerem que é possível estar *errado* em um momento e em outro abandonar essa condição.

Ademais, *vida errada* emerge nos dados de pesquisa como uma qualidade do indivíduo, quase sempre negativa. Sendo que esta qualificação pode se referir a indivíduos, ações ou objetos. Referem-se a modos de vida. Ou seja, *vida errada e guerra* não são categorias dicotômicas, mas sim interdependentes. No entanto, a trajetória na *vida errada*, parece dar conta dos aspectos subjetivos da violência, pois *inspiração e amizades* também compõem o repertório de sentidos que os jovens pesquisados atribuíram a essas categorias. *Vida errada* torna-se um modo de conduta pouco apreciado entre os que *não estão envolvidos* em violência. Entre o conjunto dos entrevistados a hierarquização de valores difere entre os *envolvidos e não envolvidos* com a violência, os primeiros a valorizam positivamente, já os segundos a *vida errada* é

pouco o nada atrativa. Isto remete a questão sociológica lançada por ADORNO (1993): quais motivações que impulsionam alguns indivíduos procedentes de um mesmo segmento populacional a optarem pela delinquência, enquanto outros optam por construir uma trajetória de trabalhador (ADORNO: 1993 p. 5), que ainda demanda interpretações.

(...) que eu falei o negócio que eu entrei na vida errada (...). Tem até um colega meu, que é da vida errada, ele é a fim de entrar num projeto e sair dessa vida. Ele veio ai pegaram o nome dele e nada (Jovem, 23, H, Santo Amaro).

Ah, vida errada é assim quando você começa a se envolver com coisas que não são adequadas para você. Tráfico mesmo, você vende droga é uma coisa que não paga imposto, é errado e prejudica a tua saúde. Entendesse? Destrói família e causa guerra. Causa muito conflito. Causa muita guerra civil entre os bairros. Entendesse como é? A vida errada que eu digo, é isso ai. (Jovem, H, 23, João de Barros).

Neste sentido, entendo *vida errada* como uma categoria nativa que retrata um padrão de sociabilidade entre os jovens que geralmente está alicerçado em sentimentos de *desconfiança* e *medo* pode tornar-se um meio de acesso a espaços de socialização de natureza legal ou ilegal. Aproximar-se de coisas que são socialmente e juridicamente consideradas ilegais é o ponto de corte uma trajetória na *vida errada* ou na *vida certa*. Essas duas trajetórias, muitas vezes, são interdependentes e não dicotômicas.

Logo, uma vez imerso na trajetória de *vida errada* há uma boa possibilidade de aproximação com os efeitos mais perversos do que MACHADO DA SILVA (2011) chama de SV. Não há como ignorar, em certos casos, o flerte com a morte, sobretudo quando o indivíduo já sobreviveu há algumas tentativas de homicídio. Os jovens que aderiram a uma *vida errada* parecem ser conscientes de suas escolhas. No entanto, parecem buscar de alguma for burlar um possível destino trágico, mas nem sempre encontram reais possibilidades para tornar esse desejo uma realidade. Essa ambiguidade revela questões interessantes acerca dessa trajetória. Por exemplo, a expectativa de vida no contexto situacional em que a categoria *vida errada* está localizada guarda uma

proximidade com uma situação de confinamento social e local. A seguir, uma narrativa confere sentido à categoria *vida errada*.

Viver melhor, viver mais sossegado. Porque eu ainda vivo. Né meu? Queira ou não. Eu ainda vivo. Entendeu? Na mesma situação ainda. Queira ou não. Permaneço no mesmo erro ainda. Eu faço coisas também que não são adequadas. Entendeu? Então tem uma diferença eu queria sair desta situação. Queria dormir tranquilo e achar que ninguém vai mexer comigo ou com minha esposa. Eu ainda tenho medo! Eu ainda tenho medo! De acontecer comigo o que aconteceu. Né? Faz recente. Também esse tiro que eu levei recentemente. Por mais que a gente pense que a gente não tá envolvido assim...
(N,23, M, João de Barros)

5.4. N., uma trajetória na *vida errada*

N. foi criando em San Martin. Aos onze anos de idade já participava de projetos sociais do bairro, fazia, esporte, jogava futebol e fazia natação no tempo que permaneceu na escola. Frequentou oficinas de teatro, interpretou um personagem de um livro que não lembrava qual era. Só sabia dizer que não se dedicou muito ao teatro e o papel que representou era sobre um “homem da casa”. Nesta época frequentou oficinas de frevo. Sua visão sobre projetos sociais em comunidades é positiva acredita *que eles tiram muitas pessoas da rua*.

Com doze anos começou a frequentar uma praça no bairro de origem- San Martin- que segundo ele, foi o local que conheceu vários tipos de pessoas. Dentre elas os que ele classifica como *da vida errada, tudinho*. Durante esse período estudou em três escolas. Os primeiros anos de estudo foram realizados em escola particular. Seu pai (seu avô) pagava os seus estudos. A lembrança da figura do pai (na verdade o avô dele) é que ele bebia, fumava e morreu do coração. O “pai”, um mestre de obras, nunca lhe deixou faltar nada. O falecimento deste ente próximo “baratinou” sua mente.

Por volta de quatorze, quinze anos de idade perdeu o pai e se desinteressou pela escola. O entrevistado cursou até o terceiro ano do ensino médio. Ainda no tempo do colégio

foi colega de *Mc Boco*, famoso mestre de cerimônia que atuava em bailes funks do Recife. Na época os dois amigos circulavam pelos bairros de San Martin e Mustardinha. Além de colegas de escola compartilharam uma trajetória no mundo da pichação. De acordo com N., os laços de amizades do entrevistado eram compostos por pessoas *mais experientes*. Muitos amigos foram conquistados na Praça de San Martin. O entrevistado localizou seu envolvimento com *coisas erradas* com a dedicação que tinha para as *coisas erradas*. Ele disse que gostava e se dedicava para aquilo, *fumava todo dia, tinha aquele horário de chamar o pessoal*. Achava que aquilo era *errado, mas ao mesmo tempo achava certo*.

N. disse que um dos critérios mais importantes que utilizava para se aproximar de alguém era se a *pessoa tinha uma mente maior e mais adulta*. Revelou que quando era adolescente desejava ser um homem. O contato com essas pessoas mais experientes, segundo ele, proporcionou que ele se apegasse “*ao mundo*” (da rua), bem como se distanciasse da casa. N. ressaltou em vários momentos da entrevista, o desejo que alimentava na adolescência, de ser homem e de ter acesso a práticas ditas do mundo adulto ou de garotos maiores de idade. Práticas como frequentar baladas. Um dos seus objetivos nesta época era pegar *novinhas* a exemplo do que via nos garotos mais velhos. Disse que achava aquilo *bonito*. Disse inclusive que achava *bonito as pessoas fazerem coisas erradas*.

Até os dezoito anos o entrevistado morou em San Martin com uma menina e costumava a andar armado por conta de seu trabalho no comércio de drogas. Para arrumar dinheiro vendia maconha e crack. Revelou que teve problemas por lá e teve que mudar de bairro. Segundo ele, o problema foi por causa de *inveja*. Caguetaram a casa dele para a polícia. A emboscada foi montada com o auxílio de um suposto amigo que agiu em parceria com a polícia na empreitada de prendê-lo. O amigo ligou para ele de dentro de uma viatura avisando que estava chegando. E o suposto amigo chegou a sua casa na companhia dos policiais. A polícia invadiu sua casa e quebrou tudo. Nicolau disse que ia atirar na polícia já estava com a arma em punho, mas a sua companheira na época lhe impediu por conta de sua gravidez. N. recuou e não atirou. A partir desse evento vendeu a casa. Revelou que perdeu *o amor da casa pô!*

Sobre a vivência em Santo Amaro; segundo ele o período que foi morar na João de Barros coincidiu com o início da guerra entre áreas do bairro. Ele atribuiu como pivô

inicial do conflito a morte de um traficante, irmão de OZ. A partir daí ficou aquela rixa *de ninguém de lá vem pra cá nem de cá pra lá*. A tal rixa impunha padrões de conduta em relação às interações sociais entre os moradores, especialmente entre os jovens como, por exemplo, impossibilidade do estabelecimento de namoros entre pessoas de áreas diferentes. N. descreveu; se alguém arruma uma namorada ou um namorado do outro lado (Santo Amaro) tem que providenciar encontros fora do espaço da JB ou vice-versa. Teria de ser um território neutro. O entrevistado afirma que *a maioria das pessoas que fazia esta perversidade está presa*. O entrevistado disse que conheceu um bocado de meninas que morreram por conta desta situação e também por dívida de crack. A fala de N. é ambígua em relação às *guerras*. Sobre elas, afirmou que *ainda não acabou nada*.

Na João de Barros, N. conheceu a atual companheira (antes de ir morar neste bairro ele namorava duas). A atual companheira é irmã de um dos líderes de uma gangue da João de Barros. O casal já foi preso durante uma sequência de investidas policiais no bairro no ano de 2007. N. disse que foi avisado por companheiros, que também vendem drogas, na João de Barros que a polícia estava para dar um bote naquele dia e que ninguém deveria vender nada seria como se fosse *um dia de luto* para o comércio de drogas (crack). Inclusive no dia anterior foram feitas algumas apreensões. O aviso foi ignorado pelo entrevistado. O tal aviso sugere existência de um bom canal de comunicação acessível aos que estão envolvidos com a venda de drogas na João de Barros e a polícia. As informações referentes àquela abordagem policial já circulavam entre os vendedores de drogas da favela. Portanto, antes da empreitada policial, havia a possibilidade de desenvolvimento de estratégias para esquivar-se da ação. N. decidiu não esquivar-se da empreitada da polícia. Segundo ele, por que não acreditou na *ideia*. Os policiais invadiram a casa dele por volta do meio dia e pegaram uma quantidade de drogas (o jovem não revelou quanto). Segundo dados do processo foram citados 100 pedras de crack que o jovem disse ter adquirido com SS (outro jovem entrevistado). O entrevistado passou três anos e quatro meses preso no Presídio Aníbal Bruno. Neste período se separou da companheira de San Martin e decidiu ficar com a jovem moradora da JB, segundo ele, *pra valer*. A nova companheira, irmã de SS depois que ganhou liberdade passou a visita-lo no presídio e ficou grávida. Viviam juntos até a data da entrevista.

No entanto, as brigas entre o casal são constantes. Em uma delas a polícia foi chamada e N. foi detido. Na entrevista não se referiu a este episódio. Em momento algum da nossa conversa apareceu alguma referência à violência contra mulher ou lesão corporal sofrida pela companheira. N. gasta um bom tempo de sua narrativa explicando o desfecho do primeiro casamento e o início da relação com Sandra. As mulheres ocupam boa parte da narrativa do entrevistado, ora são representadas como “esposas”, ora “mulheres envolvidas (no tráfico) independentes”, ora são a possibilidade de perda de recursos financeiros.

O discurso do entrevistado é bastante “tradicional” em relação ao papel de uma mulher que deve ser “a da casa” em oposição “a da rua”. Em um momento da conversa revelou que certa vez *mandou chamar* a mulher para fazer o almoço no dia que a polícia invadiu sua casa. Embora estivessem brigados naquela ocasião. Com o gravador desligado, Nicolau disse que a mulher de casa é uma coisa, outra coisa são as *novinhas* que ele fica nos bailes. As mulheres representam para N. uma forte possibilidade de perda de rumo financeiro. Isto significa *não ser esperto* e perder as coisas que conquistou para o mundo. Já *ser esperto* para o entrevistado é não perder as coisas para o mundo. É construir algo para si e viver, se aposentar e envelhecer. Já as mulheres envolvidas na *vida errada*, segundo ele, é como se *fosse o homem da casa*.

Segundo ele, as mulheres são o que amolece *o seu coração de bandido*. Para ele falar em questão de amor balanceia seu coração. Pedi para Nicolau falar mais sobre coração de bandido. Ele revelou que tem vários tipos de coisas que bandidos fazem: *tem o bandido que puxa pro lado do bem; que ele só faz tirar de quem tem; tem o psicopata que é um cara que não tem amor a vida; tem o cara que gosta de matar; e tem o cara que gosta de fazer as coisas que o diabo gosta*.

N. encerrou nossa conversa dizendo que *por mais que se pense não estar envolvido com mais nada rola um castigo*. Dá a entender que mesmo que um dia abandone a vida errada permanece a possibilidade de tomar um tiro ou sofrer um castigo não está afastada. N. disse que não vive tranquilo por que faz coisas, ainda, que não são adequadas. No corpo, ele carrega marcas destas possibilidades de represália tanto da polícia quanto de traficantes de outras áreas de Santo Amaro. Além da marca do último tiro que levou na parte de trás da perna esquerda (na ocasião da morte de OZ), tem a mão direita reconstruída por conta de um tiro que levou há alguns anos atrás. Seu braço

é menor que o esquerdo e ele têm dificuldades de pegar os objetos. Alguns dizem que sua mão direita parece “*de menino pequeno*”. O entrevistado revelou que *ainda tenho medo!* Em relação à vida que leva suas últimas palavras na ocasião de sua entrevista foram: *Eu não faço sonho com isso pô! Que eu sei que isso não vai dá felicidade. Trabalhar em uma coisa que me manda meu filho... Não tenho opções de emprego. Eu sempre quis ser engenheiro civil.*

N. é morador da João de Barros há cinco anos. Sua renda vem da venda de crack. Ele se define desempregado e sem renda fixa. Disse também que queria ter um emprego para viver mais sossegado. Além do tiro que levou da polícia o entrevistado foi atingido na perna por disparos de arma de fogo na ocasião do homicídio de OZ. N. já foi preso por tráfico e formação de quadrilha. Também foi detido por conta de agredir a atual companheira de maneira violenta o que levou os vizinhos chamaram a polícia diante dos gritos da mulher.

5.5 O revés de uma trajetória

S.C, *nascido e criado em Santo Amaro*. Mais especificamente, criado no território do Campo do Onze. Perdeu a mãe quando ainda era menino. A figura do pai era desconhecida. Sua irmã mais velha ficou com sua tutela judicial. A irmã morava em um barraco de madeira, muito pequeno e criava (sozinha) seis filhos. SC se juntou definitivamente a nova família.

A infância foi difícil. Durante o período escolar, era um bom aluno. Embora não tenha concluído os estudos no tempo previsto. Abandonou a escola. Ainda no breve período da infância jogava bola no espaço em que hoje abriga um grande centro de comprar do bairro.

Na adolescência iniciou uma trajetória de *vida errada*. Aos quinze anos foi apreendido por conta de um assalto que praticou no bairro vizinho – Espinheiro. Foi recolhido para diversas unidades que abrigam jovens infratores. Passou por instituições no Cabo de Santo Agostinho, Petrolina. Disse que passou por todas as instituições. Por conta de seu comportamento agressivo quase sempre era transferido de unidade. Quando se tornou maior de idade acumulava duas funções *na vida errada* roubo e tráfico. Foi preso. Cumpriu pena por um ano e oito meses. Mas, ressaltou que nesse período não conquistou inimizades. Era do tipo *gente fina* entre os pares que conviviam neste

contexto situacional. Para adquirir essa fama lançava mão de algumas estratégias metodológicas *no mundo da vida errada*: não roubava próximo de casa; buscava drogas sempre no mesmo local no Campo do Onze; nunca agia em grupo; preferia roubar sozinho. Quase sempre, sua única companhia era seu revólver.

Neste período, SC frequentou diversos projetos sociais e culturais voltados para tirar os *jovens da criminalidade* ao mesmo tempo, convivia em unidades de atendimento a jovens infratores. Segundo ele, nenhum deles motivou sua saída da *vida errada*. Durante este período SC andava muito bem vestido, roupas de marcas, das melhores marcas, apesar de que revelou que sempre se considerou uma pessoa *humilde*. E, ainda em suas palavras: *Eu sempre ia no patamar. Tem que ir. Eu não nasci pra isso mesmo, não*. Ele sugere que seu jeito *humilde* talvez não coincidissem com a identidade de funkeiro que apresentava nos bailes funks que frequentava nos finais de semana que não estava preso ou recolhido.

No entanto, SC sempre se identificou como líder de tudo, dos bondes que seguiam para os bailes, da torcida organizada que participava de todas as atividades que fazia em grupo. Excluindo as atividades de roubo e comércio de droga. Orgulha-se de dizer que tem uma pichação, próximo a empresa CONTAX, em Santo Amaro mesmo que é de sua autoria e, segundo ele serviu de referência para muitos rapazes.

No final da adolescência, sempre estava fazendo alguma coisa. SC nunca gostou de ficar parado. Entre seus amigos, segundo ele, tinha a galera que estudava que era do crime como ele, mas sempre estava fazendo alguma coisa e, de preferência em posições de liderança e de destaque. SC sempre foi conhecido pelos moradores de Santo Amaro em um primeiro momento como um *rapaz bom* que usava drogas, comercializava e roubava (longe da comunidade). SC disse que sempre recebia conselhos das *tiazinhas* do bairro.

No entanto, *o medo de morrer* começou a *aperriar*, mesmo não tendo inimizades a possibilidade de morte poderia estar próxima já que seu instrumento de trabalho era um revólver. Sozinho, decidiu que iria abandonar *a vida errada*. Metódico, resolveu para aos poucos com o roubo e com o tráfico. Primeiro largou o roubo, depois o tráfico. Permaneceu apenas como usuário de drogas. Mais uma vez, o jovem assinalou não ter inimizades foi fundamental para reverter à trajetória de vida errada. Durante esta tentativa de reversão de trajetória, foi internado em CAPS, mas fugiu do tratamento. O

período que passou idas e vindas em CAPS não lhe afastou das drogas, mas rendeu novas amizades.

Depois de um tempo e de sozinho abandonar a vida errada uma destas pessoas lhe ofereceu a possibilidade de trabalhar como educador social voltado para a redução de danos em programas de atenção às drogas. SC Aceitou a proposta, mas sempre gosta de ressaltar que o tratamento não o fez parar com as drogas e nem os projetos sociais fizeram abandonar *a vida errada*.

Atualmente, SC é solteiro e reside há um ano na Ilha de Santa Teresinha em uma casa que fica próxima a um muro que, literalmente divide a favela do *shopping*. Por de trás do muro percebe-se por entre pequenos espaços a movimentação da entrada e estacionamento do centro de compras.

5.6. A emergência da violência via *guerra e vida errada*

A partir do modelo interpretativo da sociabilidade violenta é possível realizar um recorte estritamente analítico da emergência da violência através das categorias nativas *guerra* e *vida errada* utilizada pelos jovens entrevistados. Em primeiro lugar, estas categorias interdependentes sugerem a captação de algumas transformações nas relações sociais a partir das práticas de grupos criminosos em que pese à violência em sua dimensão da força física. Especialmente *a guerra* pode ser associada a certas práticas sociais como poder (ELIAS: 2000) de decisão sobre a vida e a morte, do controle da ordem social cotidiana que pode envolver arranjos com lideranças comunitárias e interrupções de relações de amizades ou amorosas entre os jovens. Lembrando que a noção de poder aqui é tratada como um processo relacional e não como algo que os detentores da sociabilidade violenta detenham. Essa relação se refere a uma parcela de atores sociais que dominam a ordem social em Santo Amaro e, especialmente em alguns territórios. Ou seja, *a guerra* é uma categoria nativa que parece dar conta do rompimento de rotinas cotidianas (MACHADO: 2011).

Sem negligenciar a interdependência entre as categorias *vida errada* e *guerra* há que se ressaltar o caráter objetivo da violência subjacente à *guerra* traduzida principalmente em ações em torno comércio de drogas, homicídios. Já categoria *vida errada* poderia ser associada ao aspecto subjetivo da violência traduzido, por exemplo, através do olhar dos

jovens sobre as relações sociais de amizade e de construção de identidade nos territórios de Santo Amaro.

A noção de *vida errada* está associada às trajetórias dos sujeitos, as percepções a organização das práticas sociais juvenis como, por exemplo, a inserção (ou não) em instituições que podem tornar-se mecanismos de controle social da vida cotidiana dos jovens.

O pessoal do Pé no Chão:- Óh, não faz isso, não. Porque só você levar uma topada aqui o Pé no Chão vai ficar sabendo. Por que tem outras pessoas de olho na pessoa. Que quer o bem da pessoa. Se eu fizer uma coisa errada, eles vêm e conversam. Ai depois que eles veem que eu não tô dando a mínima pra ele, ai fala com os grandões. Mas o que o grupo não quer é que tipo. É o que tá acontecendo agora, tem um jovem do Pé no Chão, que vai viajar agora ele usa muita droga. O pessoal ficou sabendo e teve uma conversa com eles na sexta-feira passada. Se ele continuar desse jeito não ia dar certo (L, 20, M, Campo do Onze).

Ainda sobre as dimensões subjetivas da violência que emergem com a categoria *vida errada*, pesam as transformações na qualidade das relações sociais que atinge a vida cotidiana dos *jovens na periferia* é a presença de um conjunto de agências de autocontrole que teoricamente impõem um recorte nos contextos em que atuam. No caso de Santo Amaro, se estabelece uma configuração ou figuração que identifica modos de inter-relações que seriam permitidos aos jovens, baseados em dicotomias como uso drogas/ distanciamento das drogas; delinquentes/não delinquentes; violência/pacificação nos moldes da figuração estabelecidos/outsiders (ELAIS: 2000). Nesta configuração um grupo de jovens, *não envolvidos com a violência*, passa a ser detentor de um *status* mais elevando identificado como os *melhores*, ao contrário de jovens *envolvidos com a violência* são depositários de um reestigmatização das agências de controle social.

Na sociologia, o papel do reforço de rótulos através das agências de controle social endereçada aos jovens pobres foi interpretado através da *teoria dos rótulos* como um processo que se desenvolve a construção do mal. Nesse sentido, FRANK

TANNEUBAUM (in: Jacob2004). De acordo com TANNENBAUM (1938) o Estado, as instituições sociais rotulam os atores sociais deixando emergir o sujeito como o “mal” a ser descrito. O indivíduo precisa ser transformado “na coisa” que é o mal para que possa ser institucionalizado e a sociedade possa adotar mecanismos contra o indivíduo. Seguindo a linha de raciocínio proposta por Taunnebaum (1938) o processo de construção do “mal” pode ser entendido como um processo dramático que envolve tensão, disputa etc. O processo dramático está envolvido na construção do “mal”. Neste sentido, tanto a reação social ao ato como a ação do indivíduo (a feitura do criminoso) é criminalizante. Tannenbaum (1938) escreveu à luz de pressupostos da interação social e propôs que não é possível localizar o “mal” (ou desvio) no indivíduo; é necessário entender a trama social em que o ator social é rotulado como desviante.

Em síntese, as formas de autocontrole contribuem para a definição de comportamentos aceitáveis ou não para os *jovens da periferia*. Assim, a categoria nativa *vida errada* está interligadas as definições dominantes do que sejam os comportamentos aceitáveis. Lembrando, de acordo com a perspectiva das *formas de autocontrole* proposta por Elias, é possível dizer que estas podem ser exercidas pelas instituições sociais como escola, agências de projetos sociais e, em parte pelo próprio indivíduo. Assim, os dados empíricos indicam que as representações (sociais) da *vida errada* estão relacionadas ao contexto situacional das periferias, atualmente marcadas pela concentração de “projetos sociais de todos os tipos” especialmente na percepção dos jovens *não envolvidos em violência*. As representações (sociais) dos jovens se construíram neste contexto situacional, que não é único em Santo Amaro, mas foi cenário identificado pela pesquisa como um espaço socialmente marcado em que emergem as percepções dos entrevistados. As representações (sociais) *vida errada* e *guerra* representam dimensões objetivas e subjetivas do fenômeno da violência urbana. Portanto, partindo dos relatos dos jovens pesquisados é possível dizer a violência só pode ser interpretada a partir de um conjunto de práticas sociais e de dinâmicas simbólicas, ou seja, a partir das características objetivas e subjetivas que compõem o fenômeno da violência urbana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação buscou ao logo desta tese apresentar uma possível leitura da SV via noção de representações (sociais) dos jovens sobre violência, a partir das categorias nativas *guerra e vida errada* e das dinâmicas sociais da vida cotidiana dos sujeitos de pesquisa que elas buscam retratar. Nestas proposições finais, buscarei refletir sobre os possíveis desdobramentos deste estudo; em que medida a SV pode ser pensada em contextos regionais, além do Rio de Janeiro, como o caso de Recife, e sintetizar o que foi construído até aqui sobre representações (sociais).

No meu entendimento abordar as representações (sociais) dos jovens enquanto forma de investigar a violência mostrou-se uma opção exitosa e enriquecedora. Exitosa, porque contei com a colaboração dos entrevistados para iluminar o percurso desta tese que chega ao fim. Foi através do estabelecimento de minha proximidade com os sujeitos pesquisados que pude circular com tranquilidade, com raríssimas exceções, entre os territórios de Santo Amaro. Sobretudo, porque na unidade pesquisada circulam diariamente diversos pesquisadores de áreas do conhecimento diversas. Todos parecem ávidos por relatos acerca da violência em Santo Amaro. Desta forma, há uma espécie de “institucionalização” dos discursos que pouco se diferenciam entre si. Inclusive, na unidade empírica quase sempre os mesmos jovens são abordados por estudiosos, pesquisadores e outros observadores externos. Durante o dia quase sempre esbarrava em um ou outro investigador o que não ocorria quando ia a campo em horários posteriores ao pôr do sol.

Foi uma experiência enriquecedora, pois ao me aproximar da temática da violência e do crime pouco antes de entrar no curso de Doutorado, logo percebi através da participação em congressos, seminários, disciplinas de Sociologia do Crime, que boa parte dos poucos estudos brasileiros acerca das representações (sociais) da violência e do crime tinha como interlocutores de pesquisa basicamente policiais e moradores de favelas cariocas. Estudos sobre as favelas nordestinas são raros, e quando se observa a realidade pernambucana ai sim são exíguos. Ou seja, foi uma experiência enriquecedora, pois esse estudo em tela soma-se a um conjunto de teses que buscam interpretar sociologicamente o fenômeno da violência, a partir do olhar, discursos dos jovens.

A violência instiga sentimentos de medo e de submissão a um sujeito dominante que podem transformar as relações sociais, por vezes limitando as interações sociais a um espaço circunscrito. No entanto, como se estabeleceriam essas limitações? A imagem que eu tinha no início do estudo era que os *jovens das periferias*, temiam poucas situações e circulavam por qualquer espaço do seu bairro e da cidade como um todo. No entanto, essa imagem idealizada dos jovens foi desconstruída durante a pesquisa à medida que avancei no campo de pesquisa fui percebendo que os entrevistados circulavam pouco entre seus territórios de moradia em Santo Amaro. Ademais, é ínfima a circulação dos investigados pela cidade como um todo. Por outro lado, as redes de relações sociais de amizade se mostraram estimulantes ao sentimento de representações positivas do bairro, percebido como um local que possuiu localização geográfica privilegiada, conforme assinalaram os relatos dos jovens: *é perto de tudo*. Os entrevistados parecem não usufruir plenamente da boa localização e de morar perto do centro da cidade, da praia e de um grande centro de compras. Inclusive, refletir acerca do estabelecimento da limitação da circulação dos jovens em Santo Amaro poderia ser um dos desdobramentos desta pesquisa. A violência, real ou imaginada, é apenas um dos mecanismos nos quais esta restrição de circulação se estabelece. Mas, quais seriam os outros? Existem outros elementos inibidores da circulação territorial dos jovens moradores que não foram detectadas por este estudo. Talvez esta seja uma questão importante a ser incluída na agenda de pesquisas futuras nas periferias do Recife.

Os resultados desta pesquisa revelam que à representação (social) de violência urbana é um dos atributos limitadores de circulação dos jovens na unidade empírica. Movimentar-se entre os territórios é algo evitado por alguns jovens em razão do medo de situações conflitivas que podem advir das interações sociais desempenhadas entre traficantes. Entretanto, os dados deste estudo revelaram que as relações sociais de amizades podem ser uma forma de rompimento dessa barreira simbólica. Algumas trajetórias de relações de amizades entre jovens *não envolvidos na violência urbana* mostram que os amigos tornam-se facilitadores de um trânsito ampliado pelos territórios do bairro. As amizades motivam também brigas de rua, que fazem parte do mundo juvenil dito masculino, mas não implicam necessariamente na restrição ao avanço de fronteiras, reais ou imaginadas. Por outro lado, os jovens *envolvidos em violência urbana* não utilizam essa estratégia de mobilidade. Simplesmente não adentram em territórios ditos rivais. Porém, o campo mostrou que existem espaços “sagrados” em que

podem circular jovens de diferentes territórios: o ponto de encontro em volta da “Santa” na João de Barros. “Sagrado” no sentido que é um espaço neutro que é permitido à presença dos moradores de outras áreas. O medo que os jovens sentem de movimentar-se geograficamente não se restringe a mobilidade, mas esse é um dos atributos da *sociabilidade violenta* que pode ser captado a partir de outras esferas das trajetórias.

Os dados revelaram que, muitas vezes, os jovens pesquisados são discriminados por conta do local de moradia, de seu vestuário, da sua cor, sua condição financeira dentre outros atributos de identidade. Some-se a isso que boa parte das políticas públicas ao privilegiar atender os *jovens de risco* reforça a criminalidade como uma característica inerente aos jovens. Com isso, não pretendo afirmar que as formas de controle possuam apenas o objetivo de criminalizar os jovens, mas apenas que os dados salientaram a existência de uma dinâmica estigmatizante já apontada na teoria dos rótulos e presente nos dias de hoje na vida cotidiana dos jovens atores. ZALUAR (1999) salientou muito bem o reforço de estigmas negativos construído nas instituições de controle social.

Outro ponto importante, que merece destaque nestas considerações finais é o envolvimento dos jovens pesquisados com a violência no período de suas relações sociais familiares durante a infância, abordado no capítulo quatro, e a emergência da violência urbana via narrativas dos entrevistados abordadas no capítulo cinco. Em relação ao primeiro elemento levantado, há que se considerar que, segundo os jovens entrevistados, o envolvimento com a violência não se estabeleceu de “uma hora para outra” ou porque a violência tornou-se atrativa para a inserção social de jovens pobres (ZALUAR: 1999). Ao contrário, as trajetórias dos rapazes e moças revelaram que o contato/ envolvimento com situações de violência ocorreu em algum momento remoto da infância. Em outras palavras, nos espaços de socialização primária os entrevistados relataram fragmentos de eventos que mostram a violência e o uso da força como um elemento legítimo e aceitável na resolução de alguns conflitos.

O que não significa, conforme afirmou boa parte da *teoria da desorganização social*, a associação direta entre famílias desestruturadas e envolvimento na violência. Importante reter, é que este envolvimento é resultado de um longo processo, especialmente em espaços de pobreza, em que os conflitos tendem a se resolver via uso da força física. A lição de que há no imaginário social uma valorização do uso da força como um recurso

válido e aceito em determinadas situações foi desde muito cedo percebida pelos jovens pesquisados.

Além da valorização aceitável ou positiva da violência (Diógenes: 2008) pode-se dizer que os entrevistados são conservadores (e, em alguns casos machistas) quando se trata das relações sociais pessoais de vida amorosa e familiar. A maior parte dos entrevistados mora com a mãe o que confirma o argumento de NOVAES (2003) que os jovens adiam o projeto de saída da casa dos pais. Por outro lado, boa parte dos entrevistados se tornaram pais, mas não residem no mesmo local que os filhos, cabendo às mães a dedicação integral aos filhos pequenos.

Em relação à emergência da violência urbana se destacam os conflitos letais envolvendo traficantes que podem incidir nas rotinas dos pesquisados. A categoria nativa *guerra* confere inteligibilidade a violência e a possibilidade de compreensão da dimensão objetiva deste fenômeno. Conforme apontei no capítulo anterior, *guerra* quase sempre está relacionada à figura de um *patrão* do tráfico de drogas e as seguintes proposições: *andar armado; tráfico de drogas; divisão territorial; violência e homicídio*. A trajetória de um dos entrevistados é ilustrativa deste fato. Um jovem entrevistado, vendedor de crack, de 19 anos, não teve dúvidas sobre quem deveria procurar quando sua mãe foi presa. Buscou auxílio com um ex-líder do tráfico na João de Barros. A questão sociológica subjacente é como se mantém (e é facilitada) a ação dos traficantes como “representantes da lei e da ordem”. Outro desdobramento possível desta pesquisa seria pensar como é possível que a ação dos traficantes se mantenha estabelecendo uma ordem social? Talvez outros estudos possam seguir esta pista e partir das trajetórias de “grandes” traficantes da área. Isto significa que diante de uma desconfiança generalizada dos jovens no acesso aos órgãos do sistema de justiça criminal podem buscar auxílio com os *patrões* do tráfico.

No entanto, diante deste contexto situacional emerge uma questão: a categoria interpretativa SV sustenta uma tese? Creio que sim. Explico. O quadro interpretativo da SV busca identificar padrões de sociabilidade alicerçados em desconfiança e inseguranças/ medo que provoca transformações sociais nas relações sociais e consequentemente o afastamento do outro. Certamente que esta interpretação da realidade social pode ser ampliada a ambientes pertencentes às classes mais favorecidas

em que pesem o contexto de insegurança (real ou imaginada) que produz medo. No entanto, pela natureza do estudo em tela, pela necessidade de recorte metodológico e em razão do tempo optei pela tentativa de pensar a SV em contextos de pobreza. Em outras palavras, esta noção serve também como uma forma de interpretar outras realidades para além do contexto das favelas. Uma vez que a SV se desenvolve por toda a cidade. Inclusive em ambientes de periferias ou de bairros nobres em que habitam indivíduos pertencentes às classes sociais mais abastadas. Quero dizer que se é possível à noção de SV para além dos ambientes de periferia, também é possível pensa-la para o contexto de Recife.

No entanto, uma das principais críticas que estudiosos do crime e da violência urbana atribuem à noção de SV se refere ao extenso quadro interpretativo, que inclusive penso que poderia ser minimizado a partir de conceitos sociológicos que a SV mobiliza: diferenciação social e processos de subjetivação (ELIAS: 2000) que estão no centro desta categoria interpretativa. Na SV, esses processos sociais se desenvolvem em parceria com a presença do Estado, conforme corroboram os dados desta pesquisa, e a desconfiança tem uma natureza institucional e pessoal. Em Santo Amaro, foi possível captar a desconfiança institucional que os sujeitos de pesquisa manifestaram em suas interações sociais, especialmente em relação à polícia. Contudo, este mecanismo de controle social geralmente é retratado nos estudos sociológicos, a partir do foco nos modos de funcionamento do aparelho repressivo. No modelo interpretativo da SV não há espaço para a *criminalização da polícia*. A proposta interpretativa da SV aponta para além da análise dos modos de funcionamento dos órgãos de controle social, com o foco direcionado para as possíveis transformações que a atuação policial pode incidir sobre as rotinas cotidianas dos jovens de Santo Amaro. A transformação das rotinas cotidianas dos jovens por conta da ação da polícia foi captada durante a pesquisa. Testemunhei certa tensão quando os policiais estavam presentes na comunidade, o que contribuiu fortemente com a quebra das interações sociais entre os moradores locais: jovens, comerciantes, crianças e adultos.

As principais formas de interações sociais dos sujeitos pesquisados podem ser sintetizadas através das ações de conversar com os amigos nas ruas do bairro, quase sempre reunidos em pequenos grupos, e jogar futebol. Presenciei algumas vezes na unidade empírica estes encontros sociais serem brutaemente interrompidas quando

policiais aproximavam-se desta área de convivência, instigando nos jovens profunda insegurança.

Nesse sentido, as representações (sociais) da violência urbana elaboradas por jovens em Santo Amaro referem-se a uma construção simbólica, onde a referência não é um comportamento isolado, mas a sua articulação com uma ordem social marcada por ações de grupos criminosos (traficantes) e do Estado (órgãos do sistema de justiça criminal). A partir do quadro interpretativo da SV, no exemplo supracitado, a presença policial é uma referência em Santo Amaro da forma como Estado está presente nessa unidade empírica, utilizando o uso da força que lhe é legalmente assegurado.

Outro atributo da noção SV é o *confinamento territorial* (MACHADO DA SILVA) alicerçado na segregação e no estigma ligado a violência. Em Santo Amaro, não diz respeito a um distanciamento entre o centro e a periferia que poderia prejudicar a logística de acesso dos jovens a bens de consumo que podem estar centralizados em um *shopping*. Nesta tese foram identificadas muitas interações sociais que se aproximam desta situação de confinamento. Seja em relação à falta de mobilidade ou à discriminação por endereço. Em síntese, é possível dizer que o modelo interpretativo da SV refere-se a processos de subjetivação que interpretam uma espécie de transformação de uma cultura, através de arranjos de linguagens que ordenam em alguma medida as ações individuais e sociais. Em Santo Amaro, os jovens pesquisados falam de um estilo, de trajetórias, de linguagens em termos de processos de socialização e de reprodução do uso da força como princípio regulador das relações sociais. Por exemplo, a trajetória de N. como participante da sociabilidade violenta, no papel de dominado, revela a dimensão da submissão aos traficantes. A sua trajetória de N, poderia ser considerado o lado mais frágil nessa interação social de submissão aos traficantes considerados como dominantes na SV.

Acredita-se que a presença do Estado em Santo Amaro, através de meios de controle social como a polícia e as agências socializadoras num polo e os grupos criminosos em outro, somados à situação de confinamento territorial a que esses jovens estão submetidos são atributos que autorizam a interpretação da realidade social referida através da noção de SV. No limite, a SV soa como uma forma de vida, mesmo ao admitir que esse padrão de sociabilidade não esteja estabelecido, contudo ele está se

desenvolvendo e se consolidando e, justamente por isso este modelo interpretativo pode ser aplicado à realidade de Recife e essa *periferia*.

Os dados provenientes das entrevistas informam que a noção de *vida errada* descreve algumas categorias principais como: *gente errada*; *coisas erradas*; *amizades erradas*; *matar por besteira* e estão associadas ao sentimento de desconfiança. Esse sentimento de insegurança ultrapassa o âmbito da desconfiança dos jovens em relação à polícia. Por exemplo, os dados desta pesquisa revelaram que os jovens desconfiam de suas reais possibilidades de exercício de atividades intelectuais. Representações (sociais) como: *não dou para o estudo*; *tenho cabeça para estudar mais nada, não* e *não penso em estudar* revelam a emergência de um conjunto de narrativas que se referem a um desinteresse pelo universo escolar. Os sujeitos pesquisados desconfiam que possam utilizar e usufruir do universo escolar e acadêmico. Vale ressaltar que mais da metade dos entrevistados não estavam estudando no momento da pesquisa. Em geral, a escolaridade dos entrevistados é extremamente baixa, apenas o ensino fundamental incompleto girando em torno de cinco, seis anos de estudo. Poucos entrevistados ultrapassaram esta faixa de escolaridade. Portanto, entre as trajetórias dos sujeitos pesquisados há uma restrição de circulação também no espaço escolar. No imaginário dos entrevistados a escola emerge como um lugar desinteressante em que é possível se aproximar da *vida errada*.

As imagens sobre *vida errada* surgem como um modo de conduta e como um estilo juvenil. No entanto, algumas expressões são comuns às categorias nativas, *guerra e vida errada*: *morte* e *tráfico*. Tais expressões podem ser entendidas como interdependentes. Os resultados da pesquisa permitem inferir que *vida errada* emerge como uma espécie de qualidade, nem sempre negativa. Em alguns casos assumir a identidade *vida errada* pode tornar-se um passaporte de acesso a políticas públicas que garante o acesso a algumas possibilidades de algum tipo de inserção social voltadas para jovens. Inclusive, durante a pesquisa de campo, alguns jovens relataram que já haviam utilizado como estratégia de identificação a identidade de *vida errada* através da composição de um falso repertório para buscar convencer agentes socializadores de que possuíam uma trajetória na *vida errada* e, por isso seriam merecedores de acessar atividades lúdicas, profissionalizantes e recursos financeiros disponibilizados por determinadas órgãos de controle social dos jovens.

Neste sentido, a violência pode emergir via categoria nativa *vida errada* como um mecanismo de acesso a recursos financeiros podendo advir de um contexto situacional de algum tipo de inserção social disponibilizado por projetos sociais (Estado) ou pelo tráfico de drogas. Assim, acredito que uma das hipóteses do estudo foi confirmada. Ou seja, no âmbito das trajetórias de vida, a referência ao mundo do consumo e tráfico de drogas, do crime e da *vida errada*, revela que o uso da violência ou o discurso de um suposto uso da violência torna-se uma forma de inserção social numa realidade marcada por condições precárias de infraestrutura e de acesso a cidadania.

Diante das diferentes categorias nativas empregadas pelos jovens, optei em concentrar em: *guerra* e *vida errada* como análogas às dimensões objetivas e subjetivas da violência. MACHADO DA SILVA (2011) trabalhou com dimensões subjetivas da violência. Neste sentido, seria interessante pensar em pontos de aproximação ou de distanciamento em relação à obra do autor e sua noção de *sociabilidade violenta* que podem ser identificadas neste estudo. Em termos de aproximação, as relações de submissão a alguns traficantes em Santo Amaro parecem guardar semelhança com o contexto carioca, salvo as particularidades do comércio de drogas carioca, mas dinâmicas de interrupção de atividades rotineiras, de luto pela morte de traficantes e de mobilidade reduzida encontram-se também no cenário da unidade pesquisada. Efetivamente, os sujeitos de pesquisa de MACHADO DA SILVA (2011) quase sempre são os moradores (não jovens) das favelas, portanto, a perspectiva do grupo é diferenciada. Neste sentido, MACHADO DA SILVA (2011) disserta sobre um silenciamento imposto aos moradores de favelas cariocas. Esses se limitariam ou evitariam a falar de violência na favela. Esse silêncio não se mostrou tão intenso, em relação aos jovens sujeitos de pesquisa em Santo Amaro. A utilização da noção *sociabilidade violenta*, como um quadro interpretativo, possibilitou um avanço no sentido de descrever e interpretar quais são os sentimentos de medo dos entrevistados e quais possíveis estratégias utilizadas por eles para lidar com esse sentimento. O sentimento de medo é uma peculiaridade da sociabilidade violenta independentemente do contexto situacional. Essa discussão esteve presente ao longo da tese.

A trajetória de homem e jovem em Santo Amaro se aproxima em alguns pontos das trajetórias de envolvimento de jovens com a violência interpretada por ZALUAR (1999)

como uma escolha pessoal vinculada a um *ethos guerreiro*. Embora, MACHADO DA SILVA (2011) discorde desse argumento, pois crê que as formas de organização social hierarquizadas como gangue ou máfia não se prestam a uma leitura a partir da SV, pois se baseiam exclusivamente em princípios de honra e lealdade, que reproduzem a ideia pacificação entre os pares reorientando as práticas violentas para o “outro” (MACHADO DA SILVA: 2011).

Na unidade empírica, por vezes, as rivalidades entre os traficantes surgem no período da infância. Em relação à dimensão do *ethos na vida errada* pode-se dizer que tem relação com uma cultura juvenil. Os entrevistados *envolvidos na violência* aderem ao estilo de roupas e de músicas que podem ser associados a uma cultura jovem. Finalmente, a noção de *guerra* para ZALUAR (1999) segue uma lógica econômica baseada no uso da força como obtenção de interesses. Já na perspectiva de MACAHADO DA SILVA (2011) esta noção assumiria um caráter de princípio organizador de práticas violentas.

Na unidade pesquisada, a representação (social) de *guerra*, relaciona-se mais à dimensão objetiva da violência no sentido de organizar práticas sociais na partir do comércio de drogas mais do que na valorização de uma lógica econômica permeada por princípios de honra que são sustentados pela dimensão cultural da valorização da arma que é uma das dimensões do *ethos guerreiro* análogo a um símbolo de masculinidade. Durante a pesquisa de campo, mesmo nas *bocas de fumo* vi poucos jovens armados. Na unidade empírica, a valorização e admiração dos jovens armados atribuídas pelas jovens mulheres não foi confirmada. As mulheres que participaram deste estudo valorizam pouco ou quase nada a figura do “jovem armado”.

No entanto, a representação (social) de *vida errada* que considero interdependente à categoria nativa de *guerra*, é, por um lado, conforme apontou ZALUAR (1999), um passaporte para inserção na sociedade do consumo seja por via legal ou ilegal e, por outro lado, uma forma de organização das práticas sociais via o uso da força. A *vida errada* pode possibilitar ao seu portador uma viagem internacional via projeto social ou uma roupa da moda adquirida através do trabalho informal no comércio de drogas ou ainda, que ele sofra algumas tentativas de homicídio. Portanto, ao contrário do que apontou MACHADO DA SILVA (2011), nesse ponto estamos falando de uma lógica econômica subjacente à SV. No entanto, a representação (social) *vida errada* se

aproxima pouco do *ethos guerreiro* de ZALUAR personalizado no jovem que percebe a arma como um símbolo de masculinidade e o exibe com orgulho, aproximando-se mais das práticas sociais organizadas via uso da força. Desta forma, na unidade empírica, a valorização da arma parece menos intensa do que apontou a autora.

Conforme ELIAS (2000) apontou o espaço social não é neutro (ELIAS: 2000). Em Santo Amaro, ele emerge como um canal permanentemente aberto para a violência, inclusive a criminalidade. No entanto, as trajetórias dos jovens pesquisados são heterogêneas e desautorizam qualquer reflexão simplificada. Em relação aos jovens, as agências de controle social desempenhariam o papel de *pacificação entre os iguais* (ELIAS: 2000) ou a mudança de comportamento de *vida errada* para outra trajetória. No entanto, na unidade empírica pesquisada, o que ocorre é o afastamento do convívio social que afeta os sujeitos desta pesquisa.

Retomando o percurso teórico, parti das representações (sociais) ou do conhecimento que os jovens possuem da violência, e busquei interpretá-las, a partir de um conjunto de autores (ELIAS: 1999; PORTO: 2008; ZALUAR: 1999; MACHADO DA SILVA: 2011) que possibilitaram compreender os relatos como um mapa de orientação simbólica e real das ações por eles desempenhadas. Um dos avanços deste estudo é evidenciar que mesmo em um local que se poderia considerar homogêneo em termos de violência, abriga diferentes trajetórias juvenis: *com envolvimento na violência, sem envolvimento na violência, com ou sem envolvimento* simultaneamente. Esta diversidade é um dos elementos asseguram a heterogeneidade e a particularidade da condição juvenil em Santo Amaro. Utilizei um recorte teórico metodológico no grupo dos sujeitos de pesquisa que classifica as trajetórias em *envolvidos* e *não envolvidos* com a violência. Este recorte se justifica, pois as representações (sociais) acerca dos jovens da periferia, tanto de natureza do senso comum quanto acadêmica, reforçadas por discursos midiáticos sugerem que há homogeneidade no grupo dos jovens moradores de periferias: todo jovem da periferia é potencialmente criminoso. Entretanto, esta máxima poderia muito bem ser válida para os jovens de classe média, porque segundo as correntes teóricas da sociologia do crime utilizadas neste estudo admitem todos os sujeitos são potencialmente criminosos. Pude verificar, através das falas dos sujeitos pesquisados e da observação de suas rotinas diárias que não há homogeneidade quando se pensa em jovens da periferia, existe a transversalidade de trajetórias que se

intercruzam mais frequentemente do que se imagina. Algumas vezes, os pesquisados podem se apresentar como envolvidos com a violência mobilizando um conjunto de códigos de identificação social: roupas, linguagem, posição corporal dentre outros que servem para construção de suas identidades sociais. Neste sentido, falar em *envolvidos e não envolvidos* na violência é apenas um recorte possível da realidade que contribui com a interpretação dos dados.

Finalmente, a heterogeneidade da condição juvenil em Santo Amaro convive com a *desorganização social* do bairro que o torna depositário de um conjunto de agências de controle social que podem contribuir para a reprodução da categoria *vida errada* como um atributo do indivíduo. No entanto, a representação (social) *vida errada* se refere às trajetórias de vida identificadas com um processo que envolve uma série de passos histórica e socialmente construídos durante as relações familiares na infância, às relações de amizade, a socialização escolar, a socialização dos “bicos”, ou seja, que podem conduzir até um caminho representado socialmente como da *vida errada*. Com isto, para os jovens pesquisados, o momento que define a escolha em ativar a identidade de *vida errada* e *guerra* pode facilitar ou inibir as suas circulações entre as diferentes manifestações de violência. Analiticamente, o jovem indica o momento de ativar essa identidade *vida errada* sempre que ele necessita definir a sua inserção em algum espaço social que ele pretenda obter vantagens, acessar oportunidades legítimas e/ou ilegítimas para atingir suas metas.

De qualquer forma, representar-se como *vida errada* parece tornar-se mais um atributo da condição juvenil para o bem ou para o mal. Portanto, a interpretação das representações (sociais) dos jovens pesquisados possibilitou acessar algumas práticas sociais alicerçadas pelo uso da força, bem como aspectos simbólicos que compõem os itinerários de passagem para a vida adulta (MACHADO PAIS: 2003). Os jovens de Santo Amaro experimentam esse período de transição entre a juventude e a vida adulta utilizando as linguagens da violência urbana através desses repertórios de ação (agir como vida errada para entrar em um projeto ou para assaltar num semáforo ou pra conseguir um emprego informal na “boca de fumo”) além das linguagens que podem ser descritas em palavras e/ou discursos e que podem ser entendidas pelos moradores do bairro e por outros sujeitos da cidade, com desconfiança, medo e insegurança.

Pode-se dizer que ser jovem neste bairro popular implica em conviver com a presença de práticas violentas como estruturação das relações sociais (PORTO: 2010), independentemente do *envolvimento ou não* com a violência. Os jovens entrevistados parecem explicar seu mundo, a partir de múltiplos sistemas valorativos que podem ser acionados dependendo do contexto situacional que estejam vivenciando: em uma situação de discriminação por endereço; em outra, de discriminação social dentro de um *shopping* ao andar por seus corredores observando os outros grupos de jovens que lá estão e até mesmo orientar as suas percepções sobre os preços dos produtos de seus interesses, os tênis das marcas da moda, os celulares com mais e novas funções.

Em síntese, os jovens pesquisados revelaram através de suas representações (sociais) sobre violência que estas não se constituem somente como um meio de obtenção de interesses relativos a valores materiais como apontou ZALUAR (1980), e podem representar um padrão de sociabilidade (MACHADO AS SILVA: 2011) juvenil que envolve o recorte teórico sobre os sujeitos pesquisados que os apresenta através de figurações como *envolvidos ou não na violência*; em uma rede de relações sociais uma estruturantes e estruturadoras que asseguram o funcionamento dessa sociabilidade juvenil permeada por desconfiança em relação à liberdade de ir e vir; aos órgãos de sistema de justiça criminal e ações de traficantes que foi evidenciada ao longo desta tese.

REFERÊNCIAS

ADORNO, S. **A criminalidade urbana violenta no Brasil: um recorte temático**. In: BIB, Rio de Janeiro, n.35, 1. semestre 1993, pp 1-15.

_____. **O adolescente e as mudanças na criminalidade urbana**. São Paulo. Perspc. [online]. 1999, vol.13, n.14, pp.62-74. ISSN 0102-8839 Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88391999000400007&script=sci_arttext

ALMEIDA, A. M. Oliveira de. **A pesquisa em representações (sociais): proposições teórico-metodológicas**. In: Diálogos com a teoria das representações (sociais). Recife: ed. UFPE, 2005.

ANDRADE, C.C. **Entre gangues e galeras: juventude, violência e sociabilidade na periferia do Distrito Federal**. 2007. 276 f. Tese de doutorado Instituto de Ciências Sociais ICS – Universidade de Ciências Sociais, Brasília-DF.

ALZAMORA, Sonia e CAMPAGNO, Liliana. **Entrevista a la Dra Denise Jodelet**. In: Educación, Lenguaje y Sociedad ISSN 1668-4753 Vol. IV N° 4 (Diciembre 2006).

BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **Segredos e Truques da Pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **"A juventude é apenas uma palavra"**. In: Questões de sociologia. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983

BERGER, P. e T. LUCKMANN. **A construção social da realidade**, Petrópolis: Vozes, 2009.

BORGES, G.A. **Crime e castigo nos modos de “fazer justiça”: um estudo sobre representações (sociais) da criminalidade urbana, punição e justiça**. 2009.119f. Programa de Pós Graduação em Sociologia, SOL, UNB, Brasília, DF.

CARDOSO, Ruth, L. **Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método.** In: A aventura antropológica. Ruth Cardoso (org). Rio de Janeiro, Paz e terra, 1986.

COHEN, A.K. “**A delinquência como subcultura**”. In: Sociologia da Juventude, vol. III. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.

CUSTÓDIO, Rosier. **Qualidade de vida e violência no bairro de Santo Amaro.** Recife: Provisual, 2012.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência - gangues, galeras e o movimento hip hop.** Fortaleza: Annablume, 2008.

_____. **Gangues e polícia: campos comuns de enfrentamento, estratégias de diferenciação.** Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:l0Sru5-vlowJ:bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs/dioge.rtf> . Acesso em ago-2010.

DUBET, F. **Sobre a violência e os jovens.** Cadernos de Ciências Humanas – Especiarias –vol.9,n.15,jan/jun, 2006,p.11-31

DURKHEIM, E. **Representações Coletivas e representações individuais.** In: Sociologia e Filosofia, São Paulo: Forense,1970.

_____. **As regras do método sociológico.** São Paulo: Martins Fontes,1999.

ELIAS, N. e SCOTSON,J.L **Os estabelecidos e os outsiders.** Rio de janeiro: Zahar,2000.

ELIAS, N. **Introdução à Sociologia.** Portugal: Edição 70, 1970.

FEIXA, C. **De Jóvens, bandas y tribus- Antropología de la juventude.** Barcelona: Ariel,1999.

_____& FERRÁNDIZ, F. (Eds) **Jóvens sin trégua. Culturas y políticas de la violencia.** Barcelona: Antrhropos,2005.

FOOTE WHYTE, William. **Sociedade de Esquina.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

GUARESHI, P. A. **Representações (sociais) e ideologia**. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis: EDUFSC, Edição especial temática, p.33-46, 2000.

GUTIÉRREZ. Franch, M. **Tempos, contratempos e passatempo: Um estudo sobre práticas e sentimentos do tempo entre jovens de grupos populares do Grande Recife**. 2008. 312f. Tese de doutorado Instituto de Filosofia e Ciências Sociais- UFRJ- Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp093599.pdf>

JODELET, Denise. **Loucuras e representações (sociais)**. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações (sociais)**. In: Sociedade e Estado, Brasília, v. 24, n. 3, p. 679-712, set./dez. 2009.

_____. **Representações (sociais): um domínio em expansão**. In: Représentations sociales: un domaine en expansion. In D. Jodelet (Ed.) **Les représentations sociales**. Paris: PUF, 1989, pp. 31-61. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves-Mazzotti. UFRJ- Faculdade de Educação, dez. 1993. Disponível em: <http://portaladm.estacio.br/media/3432753/jodelet-drs-um-dominio-em-expansao.pdf>

LONGHI, Reis, M. **Viajando em seu cenário: reconhecimento e consideração a partir de trajetórias de grupos populares do Recife**. 2008. 256f. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, CFCH, UFPE, Recife-PE.

MISSE, Michel. **Crime Urbano, SV e Ordem Legítima. Comentários sobre as hipóteses de Machado da Silva**. Disponível em: www.necvu.ifcs.ufrj.br/

MARTINS, Regina e TELAROLLI, Teresa. **Experiências de violência: gangues e armas**. RBSE, v.3, n.7 pp.62-89, João Pessoa, GREM, abril de 2004.

MATZA, David. **“As tradições ocultas da juventude”**. In: BRITO, S. (org.) Sociologia da juventude. Rio de Janeiro, Zahar, 1968, vol. III.

MINAYO, M.C.S O conceito de representações (sociais) dentro da sociologia clássica. In: Jovchlovitch,S e GUARESCHI,P (ORGS), *Textos em representações (sociais)*. Petrópolis, Vozes.

MOSCOVICI, S. **A máquina de fazer deuses**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. **Representações (sociais)-Investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2005.

MILLER, Walter B. **Lower class culture as a generating milieu of gang delinquency**. In: JACOBY (org) Classics of criminology. Illinois: Waveland press, 2004.

NOVAES, R. **Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias**. In: Almeida &Eugenio (orgs). Culturas Juvenis- novos mapas do afeto. Rio de janeiro, Zahar, 2006.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Portugal, Imprensa Nacional, 2003.

PARSONS, Talcott. "A Classe como Sistema Social". In: Brito, S. (org.). Sociologia da Juventude. Rio de Janeiro, Zahar, 1968, vol. III.

PORTO, M.S.G. **Sociologia da Violência-Do conceito às representações (sociais)**. Brasília: Francis,2010.

_____. **Mídia, Segurança Pública e Representações (sociais)**. In: Tempo Social, Rev. Sociol. USP,S. Paulo, v.21,n.2,pp211-233,2009.

_____. **A violência entre a inclusão e a exclusão social**. In: Tempo Social, Rev. Sociol.USP,S.Paulo,12:187-200, 2000.

_____. **Crenças, valores e representações (sociais) da violência**. In: Sociologias, Porto Alegre, n.16,pp250-273,2006.

_____. **Da violência e de suas representações como respostas possíveis à impunidade**. In: R. CEJ, Brasília,n.15,p.35-50,set/dez.2001

_____. **Impunidade: avesso da reciprocidade**. In: Sociedade e Estado, Brasília - DF, v. XVI, n.1-2, p. 336-349, 2002.

PERRUSI, A. **Imagens da loucura- Representação Social da doença mental na psiquiatria**. Recife: Editora Universitária, 1995.

PINHEIRO FILHO, F. A. **A noção de representação em Durkheim**. Revista Lua Nova, n.61, São Paulo, 2004,p.139-154

SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações (sociais)**. Rio de Janeiro: ed Uerj,1998.

SANTOS, M. F. S.&ALMEIDA, A.M.O &MOTA,V.L. &MEDEIROS,I. **Representação social de adolescentes sobre violência e suas práticas preventivas**. In: Temas em Psicologia-vol.18, n1,191-203,2010.

SILVA, Luiz Antonio Machado da. **SV: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano**. *Soc. estado*. [online]. 2004, vol.19, n.1, pp. 53-84. ISSN 0102-6992. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922004000100004>

_____. **A política na favela**. Dilemas: Revista de estudos de conflito e controle social-vol.4-out/nov/dez2011-pp699-716.

_____. Entrevista com **Luiz Antônio Machado da Silva**. Revista habitus-IFCS/UFRJ-vol.8-N.2-2010. Disponível em: www.habitus.ufrj.br

_____.**Circulação e fronteiras no Rio de Janeiro: a experiência urbana de jovens moradores de favelas em contextos de “pacificação”**. In: Sobre periferias, novos conflitos no Brasil contemporâneo. (org) Feltran & Cunha- I edição-Rio de Janeiro: Lamparina &Faperj,2013.

SCHUTZ, Alfred. Bases da fenomenologia. In: WAGNER, H. (Org). (1979) **Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schutz**. Rio de janeiro: Zahar, 1979.

SILVA, R.O. **Violência e juventude: um estudo de representações (sociais) em Urbelândia**. 2007.184f. Programa de Pós Graduação em Sociologia, SOL, Brasília,DF.

THRASHER, F. M. **The Gang**. Chicago :University of Chicago, 1927.

VELHO, Gilberto. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In:

WASELFISZ, Julio Jacobo (2004). *Mapa da violência IV: os jovens do Brasil*. Brasília, UNESCO / Instituto Ayrton Senna/ Secretaria Especial de Direitos Humanos,2004. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001351/135104porb.pdf>. Acesso em 20 de janeiro 2008.

_____(2008). *Mapa da violência dos municípios brasileiros*. Brasília, São Paulo, RITLA/ Instituto Sangari/ Ministério da Saúde/Ministério da Justiça, 2008. Disponível em: <http://www.ritla.net.br/> Acesso em: 15 de janeiro 2009.

WARR, Mark. **Organization and instigation in delinquent groups**. Criminology. Vol 34 n 1, 1996 pp 11-37.

ZALUAR, Alba. **Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. **A máquina e a revolta**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

_____. **Pesquisando no perigo: etnografias voluntárias e não acidentais**. Mana 15(2): 557-584, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v15n2/a09v15n2.pdf> Acesso em ago 2010.

_____. **Teoria da eficácia coletiva e violência..** Novos estudos - CEBRAP, São Paulo, n. 84, 2009, Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002009000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 Setembro, 2010.

APÊNDICE

Breve resumo do perfil dos entrevistados:

Nome-Sexo	Idade	Breve descrição dos informantes	Escolaridade	Atividade Exercida	Casamento-filhos	Território	Infância
T. (M)	33	Alguns moradores o rotularam como <i>"presidente noiado"</i> , por conta do período que usou crack.	Ensino Fundamental Incompleto	Líder da comunidade João de Barros.	Solteiro, tem filho.	João de Barros	Normal e Tranquila
R. (F)	26	Gostaria de cursar pedagogia. Mora com os pais.	Ensino Médio Completo	Auxiliar de merendeira em uma escola no Campo Do Onze	Solteira, não tem filhos.	Ilha de SantaTeresinha	Teve uma breve infância, diz ter trabalhado muito neste período.
I. (M)	22	Disse que a coisa mais importante da vida dele é a sua folha, embora passe pouco tempo em casa com ela. Já foi preso algumas vezes por roubo.	Parou na 5 série do Ensino Fundamental.	No período da tarde frequentar o Centro da Juventude, mas passa boa parte do tempo em uma das praças do bairro.	Mora com sua companheira e tem uma filha.	Ilha de Santa Teresinha.	Tranquila
G.(M)	20	Mora com a mãe no bairro Dois Unidos. Ele mora lá há 3 anos, mas é nascido e criado na JB. Mesmo morando em outro bairro vai todos os dias a JB por causa das amizades. Gutemberg tem as sobancelhas recortadas, como muitos jovens da comunidade, seu cabelo	Ensino Fundamental Incompleto.	No momento não trabalha nem estuda. Jogador de um time da JB	Tem um filho de um ano.	João de Barros.	Muito boa, dá muita importância para a

		é um pouco loiro no topo da cabeça, usa uma corrente prateada grossa no pescoço.					família.
E.(M)	17	Construi uma história que era um ladrão de piscina para conseguir uma vaga no CJ.	Ensino Fundamental Incompleto	Frequenta o Centro da Juventude, mas passa boa parte do tempo nas esquinas do bairro.	Solteiro, não tem filhos.	João de Barros.	Lembra-se de brigas por conta do tráfico desde que tinha 5 anos.
M.(M)	23	. Organizava bondes para ir aos bailes funks, ex pichador. Preciso morar na Bahia por alguns meses por conta de rixas com policiais.	Ensino Fundamental mães incompleto	Trabalha em um sinal. Não estuda, nem trabalha.	Mora com sua companheira, não tem filhos.	Santo Amaro	Brincando , empinando o pipa. Diz que nesse período se evoluiu com a vida errada.
L. (M)	20	É músico. Já viajou para fora do país por conta do grupo Pé no Chão. Diz que o irmão é da vida errada.	Cursando o ensino médio.	É estudante	Não tem filhos.	Já morou na Ilha de Santa Teresinha e hoje está no Campo do 11	Fala em brincadeira de criança e que foi ótima.
C. (M)	23	É dançarino.	Ensino médio incompleto	Dá aula de dança.	Não tem filhos.	Campo do 11.	Morava na rua.
V. (M)	23	Está cumprindo pena por roubo, ou como ele diz “está assinando”. A morte do irmão em um conflito com a DI marcou muito a vida	Ensino Fundamental incompleto	Faz alguns bicos em obras, entregando	Não tem filhos	Santo Amaro	Sempre junto com o irmão.

		dele.		água etc.			
S. (M)	22	Já esteve preso por quase 2 anos no AB. Em investidas de rotina policial na JB, Sassá costuma a ser levado para a delegacia e solto no outro dia. A primeira vez que caiu foi quando era de “menor” . Disse que se envolveu com o tráfico por falta de oportunidade. Saiu e depois voltou para o tráfico.	Ensino Fundamental incompleto	Não trabalha , nem estuda, frequenta a praça da JB quase todas as noites.	Tem dois filhos e uma esposa	João de Barros	Era tranquilo o bairro.
L. (M)	23	Disse que as amizades forma muito importantes na vida dele.	Ensino Fundamental incompleto	Disse que está procurando emprego.	Não tem filhos	Cresceu na Ilha do Joaneiro e diz que por problemas da vida encontra-se em Santo Amaro.	Tem 7 irmãos.
N. (M)	23	Foi criado pelos avós. Seu pai mora em São Paulo. Ex pichador. Já esteve preso e participou da rebelião de 2007 no presídio Anibal Bruno. Vestia uma camiseta do time Arsenal, corrente prateada com uma medalha grande, boné, bermuda larga, tênis e o tempo todo com o celular nas mãos. Me disse: “a gente é bandido mas nas coisas do coração...”	Até a 8 série	Vende crack	Tem 2 filhos, uma menina e um menino.	João de Barros	Começou a se envolver em coisas erradas com 12 anos.
D. (F)	26	Faz bicos como manicure e cabelereira. Disse “que briga mesmo pelas melhorias do					

		ambiente em que vive". Coordena um grupo de mulheres e desenvolve algumas atividades no espaço Cultural de Santo Amaro. Disse ter um primo que andava armado e invadiu a favela utilizando um caminhão de lixo. Disse que as "eras" dos "patrões da comunidade" são fugazes. Já teve a era do Osnir, Osmar etc.	Ensino médio completo	Líder comunitária (mais jovem entre as lideranças de Santo Amaro) Sítio do Céu	Não tem filhos, é casada.	Sítio do Céu	Muito boa.
B. (M)	29	Ex pichador, disse que criou a marca JB.	Ens Fundamental incompleto	Trabalha como auxiliar de limpeza na UPE.	Solteiro, um filho de 10 anos.	João de Barros	Lembra-se de participar de projetos na infância
MB. (M)	19	Diz que sempre foi brigão. Durante a entrevista relatou algumas brigas em que saiu "na mão". Faz funk de galera e funk de paz. Frequenta o projeto Pé no Chão e falou sobre os "Apolo" que seria uma dissidência da gangue Demônios da Ilha. Indicou Lata para eu entrevistar. Lata é como um irmão pra ele. Cresceram juntos. Cantou algumas rimas de Santo Amaro em oposição a outros bairros e aos comédia.	Ensino médio incompleto	É MC	Tem uma noiva, não tem filhos.	Se identifica como morador da DI	Muito brigão.
B. (M)		Nascido e criado na JB. Filho de mãe que vendia	Parou na				

	19	crack. Viu a mãe ser presa. Diz que entrou no crime por ele mesmo.	segunda série do ensino fundamental	Vende crack.	Não tem filhos	João de Barros	Lembra-se que viu a mãe sendo presa por tráfico em sua casa.
L. (M)	19	Parceiro de MC Boggy.	Ensino médio incompleto	Está estudando e faz rimas.	Não tem filhos.	Santa Teresinha	Fez muitas amizades nesta época.
SC. (M)	29	É conhecido na comunidade por ser representado como um jovem que era da vida errada e através dos estudos mudou sua trajetória de vida.	Ensino superior incompleto	Estuda e faz estágio em um Caps.	Não tem filhos	Santa Teresinha	Disse que curtiu muito, e também se envolveu em coisas erradas.

BALANÇO TEÓRICO DAS CONCEPÇÕES DE REPRESENTAÇÕES (SOCIAIS)

	Principais proposições teóricas
Durkheim	<i>Há toda uma parte da sociologia que deveria pesquisar as leis da idealização coletiva e que está ainda inteiramente por ser feita (DURKHEIM: 1970,p.42).</i>
	O fundamento de um crime não reside no indivíduo, mas nas reações que determinados atos provocariam na representação coletiva.
	É importante a análise sociológica considerar o fato que as percepções sociais são produzidas também através de características morais como hábitos contraiídos e preconceitos.
	As representações coletivas são um dos pontos de partida para a TRS.
Moscovici	Uma das funções das representações sociais é a adaptação ao coletivo.
	As representações sociais são entendidas como um conjunto de crenças partilhadas que não podem ser definidas independentemente de seu contexto social.
	As representações sociais são compostas pela natureza <i>convencional e prescritiva</i> .
	As representações sociais conferem identidade ao grupo.
	Ressalta as características principais das dinâmicas internas das representações.
	Importância das experiências vividas.
Jodelet	Dá continuidade à discussão das representações coletivas
	Propõe um modelo interpretativo que envolve três esferas de categorização. referentes à formação das representações sociais: <i>subjetividade, intersubjetividade e transubjetividade</i>
	Representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada. com o objetivo prático e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social
	A representação é, pois, a representação mental do objeto que o constitui simbolicamente.
	Trata-se também do ato concreto do pensar.
	As representações carregam as marcas do sujeito e de sua alteridade.
	Toda representação está vinculada a um sujeito e a um objeto.
Elias	Ressalta a importância do processo relacional na composição das representações sociais.
	Ênfase nos contexto situacionais nos quais emergem as representações sociais.
	Preocupação com uma imagem negativa e contraditória dos jovens construídas a partir da figuração estabelecidos /outsiders.
	Refere-se a teia de relações de indivíduos interdependentes que estão ligados entre si por vários níveis e diversas maneiras.
	As representações carregam as marcas do sujeito e de sua alteridade.
	Toda representação está vinculada a um sujeito e a um objeto.
Machado da Silva	Ênfase na identificação de práticas e modos de conduta em espaços de pobreza
	Identifica um descompasso entre a abordagem acadêmica e política da violência urbana e o senso comum.
	A violência enquanto representação social refere-se a uma categoria do senso comum coletivamente construída para dar conta dos fatos que fazem parte da vida cotidiana, ou seja, um complexo de práticas na qual a força é um elemento aglutinador.
	Ressalta a flexibilidade da linguagem ordinária.
	A noção de espaço social não está associada a uma mera separação geográfica.
Porto	Violência dos jovens pobres estaria mais associada a uma expressão do individualismo.
	Importância da exclusão/inclusão social na constituição das representações sociais.
	Ressalta a importância de interrogarmos a realidade partir do que se diz sobre ela, pois embora resultado da experiência individual são condicionadas pelo tipo de interação social. que as produzem (PORTO:2008,p.216).
	Uma das possibilidades provisórias de definição da violência é identificar os momentos em que a alteridade do sujeito é negada ou esquecida.

OLHARES SOCIOLÓGICOS SOBRE JOVENS

	Principais proposições teóricas
E. CHICAGO	Boa parte desse argumento foi construída com base em dados do sistema de justiça criminal e instituições sociais que buscavam “ <i>recuperar</i> ” os jovens.
	A questão que fica é como é que os jovens passam por cima das normas que interiorizam?
	A resposta a esta questão sugestionada por David Matza(1957) seria através de <i>técnicas de neutralização</i> da culpa. Foco na estrutura social.
NOVAES	Aborda a noção de jovens a partir da perspectiva que existem as <i>juventudes desiguais</i> , <i>apesar dos jovens possuírem idades iguais</i> .
	Categoria de análise: jovens da periferia . Refere-se a padrões de sociabilidade alicerçados especilamente no sentimento de medo que pode ser ilustrado através do medo de sobrar; medo de morrer, medo da discriminação por endereço.
	Como os jovens reagem as atribuições de rotulações em que os tornam portadores de um destino provável?
	Até que ponto espaços de socialização de jovens oferecem reais contribuições para supressão de certas marcas de exclusão.
Elias	A sociedade não oferecia possibilidades de papéis claramente definidos aos jovens.
	A <i>figuração estabelecidos/outsiders</i> enquanto ferramenta analítica para abordar a categoria juventude.
	Preocupação com as implicações de uma imagem negativa e contraditória construída sobre os jovens que implicam nas representações.
	Para o autor, inexistente uma clara linha divisória entre os jovens delinquentes e os não delinquentes.
	As representações sociais carregam as marcas do sujeito e de sua alteridade.
Ab. interacionista	Toda representação está vinculada a um sujeito e a um objeto.
	A atribuição de papéis e significados é um dos principais pilares para o entendimento da categoria jovens.
	FOOTE WHYTE (2005) reconheceu que a natureza do elemento de coesão que sustentava a adesão à vida coletiva juvenil estava permeada por laços de amizade, lealdade estabelecidas nas atividades cotidianas.
	Ou seja, a subjetividade dos jovens nestes termos estava recortada por um complexo de relações sociais
	FOOTE WHYTE identificou uma ordem social que se sustenta através grupos informais e formais, conflitos e alianças nas quais os jovens da localidade estavam mergulhados
M. PAIS	Unidade e diversidade (MACHADO PAIS: 2013) caracterizam a categoria juventude.
	Os jovens devem ser olhados em torno de dois eixos temáticos: unidade (fase da vida /caráter objetivo) e diversidade (subjetividade dos jovens) resultado da experiência individual são condicionadas pelo tipo de interação social.

GLOSSÁRIO

A

Abusar- Perturbar, incomodar os outros.

Adiantar os negócios- Vender crack, cobrar rendimentos financeiros provenientes da venda de droga.

B

Barulho- Confusão, briga.

Baratinou a mente- Algo que geralmente marca o envolvimento com a vida errada e força o jovem a mudar o rumo de suas ações. Pode ser a morte de um amigo, parente.

Bonde- Gangue ou galera. Grupo de rapazes geralmente vinculados á base territorial de moradia que se reúnem para interagir em eventos conflitivos ou não. Sendo que os primeiros podem acabar em homicídio.

Boyzinha- namorada, menina.

Buruçu- briga

Burra- bicicleta.

C

Cabeça de área- líder de um bonde, galera.

Cabeça de camarão- Alguém que não entende as coisas que acontecem na dinâmica do mundo do crime e, portanto a qualquer momento poderá vacilar.

Cagueta É aquela pessoa inventa que vê o que não vê.

Castelo- Mente.

Chefão ou patrão- Pessoa que organiza o comércio de drogas e interfere nas relações de sociabilidades na vizinhança e entre possíveis conflitos entre moradores.

Comédia- Jovem que não é considerado por outros jovens na favela. Não tem disposição para brigar.

Corda- Corrente prateada geralmente com um pingente geralmente refere-se à letra inicial do nome de quem usa ou algum símbolo como cifrão de dinheiro, animais etc.

D

Dando sapeca- Fumando crack.

Dá uma bola- Fumar maconha

Drogueiro- Usuário de drogas.

E

Embaçar- Incomodar ou atrapalhar alguma ação.

Era da cena- Participava de assaltos, roubos e comercio de crack.

Embrasado- Chapado por conta do uso de drogas.

F

Forjado- Papelote de crack ou maconha que um policial coloca junto ao corpo do jovem, geralmente em abordagens de rotina, na intenção de forjar um flagrante.

G

Gerando na favela- Vendendo crack.

I

Ideia- Pode ser uma conversa, um conselho ou uma orientação em relação a uma determinada ação.

L

Lavraram: Pessoas que desapareceram da favela.

M

Maloqueiro- Cheira cola, quem mora na rua. Pode ser considerado um jovem de menos valor pelos pares.

Mão nervosa- Sujeito que só pensa em adquirir dinheiro e no lucro.

Morgou- Algo que terminou ou acabou.

N

Novinha- Mulheres, menores de idade, cobiçadas especialmente em baladas, bares e espaços de lazer que os entrevistados frequentam.

Não cola mais- Não andam mais juntos.

O

Os Cobaia- Polícia.

Os cara toram- Os caras matam.

P

Paredão- Muro para pichar.

Pirraia- Denominação utilizada para se referir a rapazes e moças de pouca idade (geralmente os menores de idade). Esta expressão também pode ser utilizada para se referir a um parceiro, camarada ou um colega.

T

Tá guardado- Alguém que está preso ou foi apreendido (se for menor de idade).

Tá suave- A situação na favela está tranquila.